

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
STRICTO SENSU EM CULTURA, ESCOLA E ENSINO

Mestrado

GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL E
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC):
REFLETINDO SOBRE O CURRÍCULO.

Autor: Paulo Negri Filho

Orientadora: Dr^a Gláucia da Silva Brito



CURITIBA

2008

**GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL E
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC):
REFLETINDO SOBRE O CURRÍCULO.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Cultura, Escola e Ensino

GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL E
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC):
REFLETINDO SOBRE O CURRÍCULO.

PAULO NEGRI FILHO

Orientadora: Dr^a Gláucia da Silva Brito

CURITIBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Cultura, Escola e Ensino

GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL E
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC):
Refletindo sobre o currículo.

PAULO NEGRI FILHO

Orientadora: Dr^a Gláucia da Silva Brito

Dissertação para obtenção do título de MESTRE em Educação – área de concentração
Cultura, Escola e Ensino – defendida e aprovada em 28 de fevereiro de 2008.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente:

Gláucia da Silva Brito, doutora
UFPR

Examinadores:

Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt, doutora
UFPR

Mônica Cristine Fort, doutora
PUC-PR

CURITIBA
2008

Dedico esta dissertação sobretudo a Deus,
por permitir e fazer possível tudo
que tenho vivido até aqui.
Mas também a dedico aos meus colegas
Comunicólogos Sociais, incansáveis na luta
pela melhora do curso de Comunicação
Social em cada região do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de, em primeiro lugar, agradecer a Deus, que me presenteou com a vida e não apenas isso, com capacidade e todas as condições necessárias, tanto materiais quanto imateriais, para o sucesso em mais esta etapa da minha caminhada. A Ele, meu Amigo sempre presente, sorrindo comigo nos momentos de alegria e me carregando no colo nos momentos de adversidade. Não posso viver sem o Senhor!

Impossível me esquecer de minha família, pertinho de mim todos os dias no meu coração, apesar dos 500 km de distância física, em especial meus pais Paulo e Teresinha, meu irmão Rodrigo e sua esposa Fernanda, minha avó Rosa e minha bisavó Maria, pessoas essenciais na minha vida, incentivadores natos e incansáveis. E agora, no meio do percurso, sou presenteado com uma preciosidade, meu sobrinho Pietro, que todos os dias me deixou inquieto em Curitiba, desesperado para ir até Assis abraçá-lo, pegá-lo no colo.

Obrigado pai, por me apoiar em meus estudos e jamais se negar a me estender a mão nas horas que precisei, quero ser um orgulho pra você sempre. Mãe, só eu sei o quanto você é importante na minha vida, nem você imagina o quanto suas orações e seu amor me ajudaram nos momentos que me sentia incapaz. Amo muito vocês, jamais alcançaria meus objetivos sem minha família!

Um agradecimento todo especial e cheio de carinho também à minha orientadora Prof^a Dr^a Gláucia da Silva Brito, ou melhor, apenas Gláucia, a amiga que mesmo em meio a muitas orientações e compromissos junto à UFPR, sempre me atendeu bem, sempre esquentou a cabeça junto comigo com as questões desta dissertação. Muito obrigado Gláucia, agora só temos que comemorar o resultado desses 24 meses de tanto esforço e dedicação!

Agradeço também a cada professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná que de alguma forma deu sua contribuição para a construção desta dissertação, assim como à banca de qualificação e de defesa, importantíssimas para a construção com sucesso do objeto de estudo aqui apresentado.

Agradeço a meus familiares, difícil até mesmo citar os nomes de todos, pois sei que cada um, à sua maneira, esteve torcendo por mim, também um agradecimento carinhoso aos meus amigos: Leda Lima, Evandro Zatti, Mirian Saar, Max Santos, Marta Teixeira, amigos inesquecíveis, amigos para rir muito, para crescer juntos, para receber apoio e motivação. Esses amigos que estiveram sempre presentes na falta da família, numa cidade estranha, que por fim se tornou meu lar. Amo vocês!

SUMÁRIO

Resumo	viii
Abstract	ix
Résumé	x
Lista de abreviaturas e siglas.....	xi
Lista de ilustrações	xii
INTRODUÇÃO	14
1. CULTURA E TECNOLOGIA: ESTABELECENDO UMA REDE.....	18
1.1. <i>Cultura e tecnologia</i>	19
1.2. <i>Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)</i>	27
1.3. <i>Cibercultura</i>	33
2. GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL NO BRASIL	42
3. CURRÍCULO E GRADUAÇÃO	52
3.1. <i>Entendendo o Currículo</i>	52
3.1.1. <i>Uma idéia de ‘disciplina escolar’</i>	59
3.2. <i>O Currículo de Comunicação Social</i>	61
4. ESTABELECENDO RELAÇÕES: A PESQUISA	65
4.1. <i>Estudo de unidades de registro</i>	71
4.1.1. <i>Concluindo o estudo: delimitação da disciplina e da instituição</i>	81
4.2. <i>Relações em cinco fases</i>	81
4.2.1. <i>Primeira fase – entrevista com graduandos (pesquisa-piloto)</i>	82
4.2.1.1. <i>Análise das respostas da primeira fase</i>	86
4.2.1.2. <i>Concluindo a primeira fase</i>	91
4.2.2. <i>Segunda fase – entrevista com graduandos concluintes do curso</i>	93
4.2.2.1. <i>Relacionando as respostas da segunda fase</i>	94
4.2.2.2. <i>Concluindo a segunda fase</i>	103
4.2.3. <i>Terceira fase – entrevista com coordenadora do curso</i>	104
4.2.4. <i>Quarta fase – entrevista com professoras</i>	107
4.2.4.1. <i>Relacionando as respostas da quarta fase</i>	109
4.2.5. <i>Quinta fase – o documento</i>	111
4.2.5.1. <i>A análise documental</i>	112
4.3. <i>Aproximando as cinco fases</i>	115
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
5.1. <i>Reconsiderando</i>	125
Apêndice	127
Lista de Anexos	128
Anexos.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	209

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de apresentar a correlação entre Comunicação e Tecnologia, sendo campos tão próximos que muitas vezes se confundem. As Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação brasileiro prevêem o estudo tecnológico na graduação de Comunicação Social, mas estas mesmas Diretrizes não estabelecem os parâmetros para a abordagem da temática privilegiada. Dessa forma, surgiu a questão norteadora da pesquisa: quais seriam os elementos curriculares básicos necessários a uma disciplina específica que adentra ao campo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para uma melhor e mais abrangente formação teórico-prática do comunicador social em qualquer uma de suas habilitações? No intuito de responder esta questão, a pesquisa foi realizada em cinco fases distintas: entrevistas semi-estruturadas com estudantes (em grupo), logo após, o mesmo método de entrevista com três formandos do curso (Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda), e então, com professores e coordenação da graduação em Comunicação Social da instituição selecionada na cidade de Curitiba-PR, assim como, análise documental do Plano de Ensino da disciplina 'Comunicação e Tecnologia', de caráter obrigatório e comum a todas as habilitações do curso da mesma Instituição de Ensino Superior, deram subsídios para as conclusões. Ao final das pesquisas e revisão teórica, foi possível chegar aos elementos que devem ser privilegiados pela disciplina que se propõe a adentrar ao campo das TICs na graduação de Comunicação Social, sendo eles: Interdisciplinaridade; Didática estruturada; Metodologia plural; Projetos integrados. Contudo, antes da disciplina ou do conteúdo do curso, o fator mais importante é o Projeto Pedagógico, pensado conjuntamente para garantir que todos os elementos fundamentais para a formação do graduando sejam garantidos, uma formação que não se restrinja à Comunicação, contemplando um patamar mais alto, a Comunicação Social.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino Superior; Comunicação Social; Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC); Currículo; Projeto Pedagógico.

ABSTRACT

This paper has the objective to present the correlation between Communication and Technology, which are so close fields that often get confused. Diretrizes Curriculares (Curricular Directives) from Brazilian Education Ministry foresee technologic study on Social Communication under-graduation course, but these Directives do not establish the parameters for this study. Thinking of this it comes up the primary question for this research: which would be the basic curricular elements necessary in a specific discipline to get into the field of Information and Communication Technologies (ICTs) to have a better and more extensive theoretical practice of the social communicator in any of its habilitations? For the purpose of answering this question, the research was made in five distinct steps: semi-structured interviews with students (grouped); right after the same interviewing method with three senior students from the course (Journalism, Public Relations, Publicity and Advertising), and then, with teachers and the coordinator of the under graduation in Social Communication from a selected university in Curitiba-PR, such as the documental analysis of the Teaching Plan of the discipline 'Communication and Technology', a compulsory discipline and common to all habilitations of the course from the same University, granted these conclusions. At the end of the researches and theoretical revision, it was possible to get to the elements that must be privileged by the discipline that intend to get into the field of ICTs in the Social Communication course, which might be: Interdisciplinarity; Structured didactic; Plural methodology; Integrated projects. However, before the discipline or the contents of the course, the most important factor is the Pedagogic Project, thinking together to guarantee that all of the fundamental elements for the formation of the under-graduating student are granted, a formation that is not restricted to Communication, regarding a higher level, the Social Communication.

KEYWORDS

Higher Education; Social Communication; Information and Communication Technology (ICT); Curriculum; Pedagogic Project.

RÉSUMÉ

Cette étude cherche à présenter la correspondance entre deux domaines toujours proches: la Communication et la Technologie. Les Normes du Ministère de l'Éducation Brésilien considère l'étude technologique dans le programme du cours supérieur de Communication Sociale, mais ces Normes n'établissent pas les directives à cette étude. Ainsi, surgit la question de cette recherche: quels seraient les éléments de base nécessaires à une discipline précise qui traite des Technologies de l'Information et de la Communication (TIC) pour une meilleure et plus ample formation théorique et pratique du professionnel de Communication Sociale? Les données ont été recueillies en cinq phases distinctes: entrevues semi-structurées avec des étudiants (en groupe); la même procédure avec trois étudiants en fin de cours (Journalisme, Relations Publiques, Publicité et Propagande); entrevues avec des professeurs et avec le responsable de la coordination du cours supérieur de Communication Sociale de l'institution sélectionnée à Curitiba-PR et analyse documentaire du Plan d'Enseignement de la discipline 'Communication et Technologie', de caractéristiques obligatoires et communes à toutes les habilitations du cours de la même Institution d'Enseignement Supérieur. On conclut avec quatre éléments qui doivent être privilégiés dans la discipline des Technologies de l'Information et de la Communication (TIC) du cours supérieur de Communication Sociale: Interdisciplinarité; Didactique Structurée; Méthodologie Plurale et Projets Intégrés. Toutefois, le facteur le plus important est le Projet Pédagogique, qui doit être élaboré en équipe pour que tous les éléments fondamentaux soient garantis, y compris une formation qui ne se borne pas à la simple communication, mais qui englobe aussi la Communication Sociale.

MOTS-CLÉ

Enseignement Supérieur; Communication Sociale; Technologie de l'information et de la Communication (TIC); Programme; Projet Pédagogique.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação (Brasil)
P&D.....	Pesquisa e Desenvolvimento
PC	<i>Personal computer</i> – computador pessoal
PIB.....	Produto interno bruto
TCC	Trabalho de conclusão de curso
TIC.....	Tecnologia da Informação e Comunicação

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dispêndios nacionais em P&D (iniciativa privada)	29
Figura 2 – Dispêndios nacionais em P&D (total)	30
Figura 3 – Celulares com recepção de TV digital	39
Figura 4 – Oferta de cursos/habilitações por região	44
Figura 5 – Habilitações da grad. em Comunicação Social na cidade de Curitiba-PR	46
Figura 6 – Número de vagas ofertadas por habilitação	46
Figura 7 – Esquema representativo do processo de elaboração de um currículo	55
Figura 8 – Cone de aprendizagem	123

Para aprender a sabedoria e o ensino;
para entender as palavras de inteligência;
para obter o ensino do bom proceder,
a justiça, o juízo e a equidade;
para dar aos simples prudência;
e aos jovens, conhecimento e bom siso.
Ouça o sábio e cresça em prudência;
e o instruído adquira habilidade
para entender provérbios e parábolas,
as palavras e enigmas dos sábios.
O temor do Senhor é o princípio do saber,
mas os loucos desprezam
a sabedoria e o ensino.
(PROVÉRBIOS 1:2-7)

INTRODUÇÃO

Conforme Löwy, o Historicismo aparece sobretudo na Alemanha no fim do século XVIII e início do XIX, visando “legitimar as instituições econômicas, sociais e políticas existentes na Alemanha, na Prússia [...]” (LÖWY, 1985, p.70), sendo conservador, condenando as revoluções e, especialmente, a Revolução Francesa. Por outro lado condenando também o capitalismo nascente, que estava em oposição a essas instituições, traz três idéias essenciais que podem ser resumidas nas seguintes proposições:

1. Todo fenômeno cultural, social ou político é histórico e 'não pode ser compreendido senão através de e na sua historicidade'.
2. Existem diferenças fundamentais entre os fatos naturais e os fatos históricos e, conseqüentemente, entre as ciências que os estudam.
3. Não somente o objeto da pesquisa está imerso no fluxo da história, mas também o sujeito, o próprio pesquisador, sua perspectiva, seu método, seu ponto de vista. (LÖWY, 1994, p. 65)

Com o devido cuidado, essas idéias podem ser apropriadas ainda hoje como essenciais para se entender que não é possível olhar uma mesma temática sob todos os ângulos pelos quais ela pode ser vista. Por mais esforço que seja feito, as possibilidades dificilmente são mensuráveis.

Sabe-se, ainda, que o objeto de pesquisa está inserido em um momento histórico específico, assim como o pesquisador, seus métodos e a própria pesquisa, conforme citação de Löwy (1994), e este recorte histórico deve ser levado em conta ao se olhar para tal objeto. Cabe então, ressaltar que é sábio afunilar o objeto pesquisado para que este, ainda que em parte, seja estudado em integridade, salvo redundância aparente.

A partir de vivência enquanto graduando em Comunicação Social e de impressões deixadas pelas disciplinas que se propunham a adentrar o campo do ensino das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), o tema para esta dissertação surge com a correlação entre as TICs e o curso de Comunicação Social, em suas diversas habilitações (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Editoração, Radialismo, Cinema), já que todas

possuem um núcleo comum em seus currículos. Não é mais possível desvincular a tecnologia e a comunicação uma da outra, sendo ambas muitas vezes confundidas pela proximidade que mantêm.

Conforme Triviños (1987, p. 93), do ponto de vista prático é recomendável que o foco de pesquisa do pós-graduando esteja essencialmente vinculado a dois aspectos fundamentais: “1º.) O tópico da pesquisa deve cair diretamente no âmbito cultural de sua graduação (secundariamente no da especialização); 2º.) O assunto deve surgir da prática cotidiana que o pesquisador realiza como profissional”.

Por isso, ao cursar a graduação em Comunicação Social entre os anos 2000 a 2004, o pesquisador percebeu uma forte tendência das disciplinas que abordavam TICs, ou aquelas ministradas nos laboratórios de Informática, de terem caráter essencialmente instrumental, ou seja, as aulas se propunham apenas ao ensino do uso dos *software* (caráter fundamental de curso técnico), conforme o que seria necessário para inserção no mercado de trabalho, a capacitação técnica.

Com relação ao mercado de trabalho, o curso de Comunicação Social necessita ser periodicamente atualizado e aperfeiçoado para oferecer aos graduandos uma formação condizente com as exigências externas, como o conhecimento teórico e prático da profissão, já que o domínio de *software* específicos da área é fundamental para a carreira. A Comunicação, em especial, por estar muito próxima das mídias e tecnologias diversas, bem como pela forte concorrência entre as grandes agências e empresas de comunicação, necessita de profissionais cientes das novidades tecnológicas, novidades estas que surgem com grande velocidade, e nessa mesma velocidade ficam obsoletas. Dessa forma, as ementas das disciplinas referentes ao campo de estudo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no curso deveriam ser constantemente revistas, para que o curso pudesse proporcionar uma formação atualizada e, principalmente, reflexiva aos futuros comunicólogos que estarão convivendo com o surgimento de novos aparatos tecnológicos durante toda sua vida profissional.

Sendo o estudo das TICs fundamental para a formação dos futuros profissionais de Comunicação Social, um dos problemas levantados é o fato de não haver um consenso na criação, estruturação, desenvolvimento e ensino das disciplinas de TICs, na estrutura curricular, nos diversos cursos das instituições pesquisadas na capital paranaense que ofertam a graduação em questão, nem mesmo com relação ao nome da disciplina nesses currículos.

Quais seriam os elementos curriculares básicos necessários à disciplina específica que trata de Tecnologia da Informação e Comunicação para uma melhor e mais abrangente formação do comunicador social, prático-reflexiva, em qualquer uma de suas habilitações?

Dessa forma, o objetivo geral desta dissertação é propor elementos de uma disciplina que aborde as TICs no núcleo comum do currículo de Comunicação Social, tornando-o mais plural, melhor estruturado, levando-se em consideração as necessidades de conhecimento exigidas para o profissional de Comunicação, assim como a opinião dos professores e estudantes a respeito desses elementos.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- a) analisar ementas existentes das disciplinas que privilegiam as TICs no curso de Comunicação Social, mapeando os conteúdos em comum; e
- b) aprofundar a análise do que tem sido sugerido e praticado nas disciplinas, por meio da reflexão do que é experienciado por discentes e docentes do curso.

Para tais objetivos, faz-se necessária uma pesquisa exploratória em instituições que ofertam o curso, assim como delimitação de uma das instituições para análise documental e do conteúdo curricular e entrevistas com coordenação, professores e estudantes. Dessa forma, o universo delimitado é o das treze instituições de ensino superior da cidade de Curitiba, capital do Paraná, Brasil, que ofertam a graduação em Comunicação Social em qualquer uma das suas habilitações, sendo que a análise documental e entrevistas serão direcionadas para apenas uma das instituições.

Para a construção teórica do trabalho buscou-se autores que auxiliaram nas diversas questões envolvidas para que fosse construído o referencial necessário, como: Terry Eagleton e Raymond Williams, com seus conceitos de cultura; Lundgren e Goodson, autores da temática curricular, assim como Saviani; Sancho, com o conceito de tecnologia e suas categorizações, inclusive as aplicações no campo educacional; já no campo da comunicação: Wolton e Aparici; Jacquinot, Pierre Lévy e Lúcia Santaella, estudiosos das Tecnologias da Informação e Comunicação e da cibercultura; Paulo Freire e seu legado na educação; e Ivonélia Purificação, Natália Bueno e Gláucia Brito com pesquisas empíricas e experiências práticas na área.

No primeiro capítulo, procura-se delimitar como cultura e tecnologia se aproximam. O capítulo dois traça a distribuição dos cursos de Comunicação Social pelo Brasil e estabelece relações entre as Tecnologias e a Comunicação Social. O terceiro capítulo inicia a discussão curricular, adentrando na graduação em Comunicação Social e em como as TICs estão presentes no curso, a partir de pesquisas realizadas por Bueno & Brito.

A metodologia, descrita no quarto capítulo, privilegiada nesta dissertação é a Análise Documental, com suporte das pesquisas qualitativas e Análise do Conteúdo. Quando se levanta a questão curricular nesta dissertação tem-se como justificativa a pequena quantidade de pesquisas e estudos apoiados na temática tecnológica realizados no Ensino Superior, já que os estudos mais abundantes têm se dado nos Ensinos Básico, Fundamental e Médio. Pouca atenção é dada aos cursos de graduação, especificamente no curso de Comunicação Social, que têm tanta proximidade com as questões tecnológicas.

O capítulo cinco apresenta as Considerações Finais com discussões sobre os resultados obtidos, encerrando o estudo e propondo nova colaboração não só à questão curricular da graduação em Comunicação Social, mas à forma com que têm sido inseridas as TICs no curso, assim como as limitações do trabalho e possíveis estudos futuros.

O apêndice traz entrevista realizada com docente que, por meio de sua experiência, ajuda a esclarecer como o ensino prático de tecnologia pode acontecer sem a utilização de equipamentos tecnológicos.

Em anexo, encontram-se os documentos governamentais que trazem as diretrizes curriculares para o funcionamento dos cursos de graduação em Comunicação Social, a lista de Instituições de Ensino Superior que ofertam a graduação em Comunicação Social na cidade de Curitiba, assim como grades curriculares e ementas de disciplinas analisadas que privilegiam as TICs.

Ao final, têm-se as referências bibliográficas utilizadas, organizadas em ordem alfabética.

1. CULTURA E TECNOLOGIA: ESTABELECENDO UMA REDE

Este capítulo faz uma aproximação possível entre cultura e tecnologia, dando atenção especial à realidade brasileira, sendo que tanto a sociedade quanto a educação acabam se fazendo presentes na mesma discussão aproximativa.

Alfred Bernard Nobel pouco antes de sua morte escreveu:

Todo o resto da fortuna por mim deixada ao morrer será empregado da seguinte maneira: o capital, colocado por meus executores testamentários em valores móveis seguros, constituirá um fundo, cuja renda será distribuída, cada ano, a título de recompensa, às pessoas que, no decorrer do ano precedente, tenham prestado os maiores serviços à humanidade [...] Desejo, expressamente, que os prêmios sejam conferidos sem qualquer consideração de nacionalidade, de modo a serem atribuídos aos mais dignos, sejam ou não escandinavos. Paris, 27 de novembro de 1895. Assinado, Alfred Bernard Nobel. (*apud*: FÉDER, 1982, s/p.)

Nobel, em seu leito de morte, mostra uma consciência de que poderia fazer diferença em sua época, e ainda mais, até os dias atuais, mesmo sem um diploma, já que nunca frequentou uma universidade, pôde provocar em outros a consciência de que sempre há tempo, indiferentemente das circunstâncias, para que algo seja feito em favor da comunidade.

Os que pela Universidade transitam têm mais do que os demais cidadãos o dever de cumprir com seus deveres sociais e científicos. Já para os profissionais e estudiosos da área de Comunicação, o peso é ainda maior, como diz Féder:

A Comunicação deposita em nossas mãos uma soma de poderes que não é dada a nenhuma outra profissão. A medicina pode perder ou salvar uma vida; a engenharia pode provocar ou evitar uma catástrofe; a advocacia pode eliminar ou garantir um direito; o magistério pode orientar, para o bem ou para o mal, um grupo de pessoas. O nosso poder multiplica-se por esses todos. A comunicação social pode causar uma morte ou salvar a vida de multidões; pode provocar ou evitar catástrofes, simultaneamente, em diferentes lugares; pode eliminar ou defender o direito de todos os povos e pode orientar, para o bem ou para o mal, não apenas um grupo de pessoas mas, praticamente, toda a humanidade. (FÉDER, 1982, s/p)

A preocupação de Féder é legítima ainda no início do século XXI ao se olhar para a influência e frequência dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas no Brasil e no mundo, seja em metrópoles, vilarejos, áreas rurais ou nos mais inóspitos locais em que esteja

presente a vida humana. A influência das mídias sobre as pessoas, seu comportamento e opinião é pouco discutível, já que é possível presenciar o poder que alguns desses meios têm de influenciar as decisões, a moda, a cultura e a economia.

Essas mídias, tão presentes no dia-a-dia das pessoas, estão inseridas em um campo maior, elas são parte das TICs, assim como a comunicação multimídia, o Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), as redes de computadores, o *software* livre, a educação a distância. Da mesma forma, as TICs também fazem parte de um campo maior, o campo tecnológico.

O acesso ao campo das TICs, assim como seu uso, vem implicando em novas possibilidades de acesso à informação e criação de conhecimento, o que repercute amplamente na sociedade. "Estamos vivenciando um momento de transição social que se reflete em mudanças significativas na forma de pensar e de fazer educação" (KENSKI, 2003, p. 91).

Kenski afirma que a presença das TICs na sociedade explicita que o mesmo acontece no meio educacional, quando a pesquisadora coloca que a transição social reflete mudanças na forma de se pensar e fazer educação, acompanhando as mudanças da própria sociedade. A repercussão que as TICs estão provocando no âmbito da sociedade não se limita a mudar a forma de se fazer e pensar a educação, mas se estende a outras facetas da sociedade. Uma dessas facetas é a cultural, indissociável da presença humana, que será mais bem tratada no próximo tópico.

1.1. Cultura e tecnologia

Eagleton (2005, p. 9) destaca que o conceito de cultura é tão complexo quanto a complexidade da própria palavra 'cultura', que só é menos polêmica que a palavra 'natureza'. Por isso, faz-se necessário a busca teórica em diversos autores para que seja possível a construção de um conceito de 'cultura' que supra as necessidades deste estudo. Desta forma, justifica-se a escolha por abordar a temática cultural pelo olhar contemporâneo de Eagleton, já que o autor recorre aos estudos mais tradicionais, analisando-os e inter cruzando-os, estudos de intelectuais como Raymond Williams, Stuart Hall, T. S. Eliot, L. Althusser, F. Nietzsche, J. Frow.

Eagleton inicia sua teorização de cultura pela dualidade ‘natural’ *versus* ‘inatural’ que o ser humano possui inerente a si.

Nós nos assemelhamos à natureza, visto que, como ela, temos de ser moldados à força, mas diferimos dela uma vez que podemos fazer isso a nós mesmos, introduzindo assim no mundo um grau de auto-reflexidade a que o resto da natureza não pode aspirar [...]

Mas a própria necessidade de cultura sugere que há algo faltando na natureza – que a nossa capacidade de ascender a alturas além daquelas de nossos pares na natureza, os outros animais, é necessária porque nossa condição natural é também bastante mais “inatural” do que a deles. Se existe uma história e uma política ocultas na palavra “cultura”, há também uma teologia. (EAGLETON, 2005, pp. 15-16)

Conforme Eagleton, o ser humano tem um caráter natural, ligado à natureza, mas ao mesmo tempo, impulsos ‘inaturais’, impulsos que nos levam a criar e produzir cultura. Essa cultura os difere dos outros animais, estando diretamente ligada à capacidade, e mais, necessidade, tanto de manter quanto de contar a história. Assim como o ser político que é o ser humano, defensor de seus ideais e crenças, um ser que necessita desenvolver questões afetivas, emotivas, éticas, religiosas. Para o autor, “a natureza humana é naturalmente antinatural, extrapolando as medidas simplesmente em virtude do que é. É isso que distingue os humanos das ‘feras’, cujas vidas são rigorosamente determinadas por suas necessidades de espécie.” (*op. cit.*, p. 145)

Esta característica humana, colocada por Eagleton, o ser ‘inatural’, não é algo puro, sem interferências de outros seres humanos, do meio e de autoridades sociais que tentam, e por vezes conseguem, inculcar ideologias diversas nos seres particulares.

Eagleton, baseado em estudos realizados por Willians¹, destaca que a palavra cultura nessa época, na Inglaterra, poderia ser equiparada à palavra *gentleman*, relacionando-se tanto à polidez quanto à ética. Da mesma forma, a co-relação cultura-civilização enobrecia a sociedade francesa, por ter, reconhecidamente, o caráter mais civilizado da época, destacando-se a política, economia e técnica. “Ao passo que a ‘cultura’ germânica tinha uma referência mais estreitamente religiosa, artística e intelectual.” (EAGLETON, 2005, p. 20)

Com base em suas raízes etimológicas no trabalho rural, a palavra primeiro significa algo como “civildade”; depois, no século XVIII, torna-se mais ou menos sinônima de “civilização”, no sentido de um processo geral de progresso intelectual, espiritual e material. (*op. cit.*, p. 19)

Embora as palavras “civilização” e “cultura” continuem sendo usadas de modo intercambiável, em especial por antropólogos, cultura é agora também quase o oposto de civildade. Ela é mais tribal do que cosmopolita, uma realidade vivida em um nível instintivo muito mais profundo do que a mente e, assim, fechada para a crítica racional. Ironicamente, ela é agora mais um modo de descrever as formas de vida “selvagens” do que um termo para os civilizados. Numa inversão curiosa, os selvagens agora são cultos, mas os civilizados, não. (*op. cit.*, p. 25)

¹¹ Raymond Willians, ver *Keywords, Culture and Society, The Long Revolution e The Idea of Culture*.

O autor indica o percurso que o conceito de cultura fez pela história, apoiando-se nos estudos de Willians. Mas a cultura continua seu percurso, modificando e sendo modificada, interferindo no pensar e no agir dos seres humanos, e sendo tocada, moldada e desenvolvida, uma parte indissociável da vida humana. Eagleton já afirma que “à medida que a cultura como civilização é rigorosamente discriminativa, a cultura como forma de vida não o é [...] Ser simplesmente uma cultura de algum tipo já era um valor em si; mas não faria mais sentido elevar uma cultura acima de outra do que afirmar que a gramática do catalão era superior à do árabe.” (*op. cit.*, pp. 26-27)

Todas as culturas devem incluir práticas tais como a criação de crianças, educação, assistência social, comunicação, e apoio mútuo; em caso contrário, elas seriam incapazes de se reproduzir e, assim, incapazes, entre outras coisas, de engajar-se em práticas exploradoras. É óbvio que a criação de crianças pode ser sádica, a comunicação, deturpada e a educação, brutalmente autocrática. Mas nenhuma cultura pode ser inteiramente negativa, já que só para atingir seus fins perversos ela tem de promover capacidades que sempre implicam usos virtuosos. A tortura exige aquela espécie de capacidade de juízo, iniciativa e inteligência que pode também ser usada para aboli-la. Nesse sentido, todas as culturas são autocontraditórias. Mas isso não é só de cinismo, mas também de esperança, já que significa que elas próprias engendram as forças que devem transformá-las. (*op. cit.*, pp. 39-40)

Esta aparente generalização do termo não é surpreendente, já que, como visto em Eagleton, cultura é uma palavra que permeia a história da humanidade, estando presente desde a cultura de lavoura para a alimentação. Atualmente, tem assumido os mais diversos significados, como o antropológico, que abrange tudo, “desde estilos de penteado e hábitos de bebida até como dirigir a palavra ao primo em segundo grau de seu marido, ao passo que o sentido estético da palavra inclui Igor Stravinsky, mas não a ficção científica.” (*op. cit.*, p. 51). Por sua vez, a ficção científica pode ser incluída na cultura popular, ou como muito se dissemina em Comunicação, cultura de “massa”.

E se cultura significa tudo que é humanamente construído ao invés de naturalmente dado, então isso deveria logicamente incluir a indústria assim como a mídia, formas de fazer patos de borracha assim como maneiras de fazer amor ou se divertir. Talvez práticas como a manufatura de canos de esgoto deixem de ser culturais porque não são práticas *significativas*, uma definição semiótica de cultura que foi efemeramente popular nos anos 70. Clifford Geertz, por exemplo, vê a cultura como as redes de significação nas quais está suspensa a humanidade². Raymond Willians escreve sobre a cultura como “o sistema significante através do qual [...] uma ordem social é comunicada, reproduzida, experienciada e explorada”.³ (*op. cit.*, p. 53)

No próprio Willians percebem-se as várias tentativas, muitas vezes paradoxais, de definição de cultura. Dentre eles, padrão de perfeição, disposição mental, artes, desenvolvimento intelectual, modo de vida total, sistema significante, estrutura de sentimento,

² GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures*. London: 1975, p.5.

³ WILLIANS, R. *Culture*. Glasgow: 1981, p. 13.

inter-relação de elementos de uma forma de vida, produção econômica, família, instituições políticas (*op. cit.*, p. 58).

Assim como Willians, Eagleton também faz esforços no entendimento do desenvolvimento do termo ao longo da história, assim como de uma definição que alcance a extensão do termo:

De maneira alternativa, pode-se tentar definir cultura funcionalmente em vez de substantivamente, como tudo o que for supérfluo com relação às exigências materiais de uma sociedade. Segundo essa teoria, a comida não é cultural, mas tomates secos são; o trabalho não é cultural, mas usar sapatos ferrados ao trabalhar é. Na maioria dos climas, usar roupas é uma questão de necessidade física, mas que tipos de roupas se usa não é. Há algo positivo nessa idéia de cultura como supérfluo, a qual não está longe do coeficiente de Willians entre significação e necessidade, mas o problema de distinguir o que é do que não é supérfluo é decididamente desanimador. Pode bem ser que as pessoas se revoltem mais facilmente por causa de tabaco ou taoísmo do que o fariam por causa de assuntos materialmente mais urgentes. E, uma vez que a produção cultural tenha se tornado parte da produção de mercadorias em geral, fica mais difícil do que nunca dizer onde termina o reino da necessidade e começa o reino da liberdade. Na verdade, como a cultura no sentido mais restrito tem sido comumente usada para legitimar o poder – isto é, usada como ideologia –, isso, de algum modo, sempre foi assim. (*ibid.*)

Eagleton chama a atenção para o fato de a noção de cultura já ter sido rarefeita demais, e, atualmente, flácida ao ponto de deixar pouca coisa de fora. Dessa forma, faz-se um paralelo com o autor quando ele afirma que “a arte recria as coisas individuais na forma de suas essências universais, e ao fazê-lo torna-as inimitavelmente elas próprias”, quando se observa que os recursos tecnológicos são o prolongamento do corpo humano, como o microcomputador pode ser o cérebro, um cérebro que só funciona com outro cérebro por trás dele, o humano.

Sobre isto já escreveu suficientemente em Comunicação, Marshall McLuhan⁴, ainda assim, Eagleton não deixa de tocar no assunto em seu estudo sobre cultura, afirmando que, “por se moverem dentro de um meio simbólico e por serem de certo tipo material, nossos próprios corpos têm a capacidade de se estender para muito além dos seus limites sensíveis, naquilo que conhecemos como cultura, sociedade ou tecnologia” (EAGLETON, 2005, p. 140).

Eagleton destaca que a indústria cultural foi responsável por colocar a cultura de forma mais proeminente na sociedade contemporânea, já que por esta indústria, a cultura ficou integrada ao processo geral de produção de mercadoria.

Como o terreno bruto da própria linguagem, as culturas ‘funcionam’ exatamente porque são porosas, de margens imprecisas, indeterminadas, intrinsecamente

⁴ Ver: **Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo : Cutrix, 2005. Ver, também, BAITELLO Jr., Norval. **A Mídia antes da Máquina**. In: JB On-line, Caderno Idéias. Sábado, 16 de outubro de 1999.

inconscientes, nunca inteiramente idênticas a si mesmas, seus limites transformando-se continuamente em horizontes. (*op. cit.*, p. 139)

Contudo, opta-se por não afirmar precocemente que a tecnologia já faz parte da cultura, mas conhecendo-se a realidade da sociedade brasileira, por exemplo, pode-se refletir sobre como as diversas formas de tecnologia têm estado presentes na vida social.

Compreender as particularidades, complexidades ou mesmo a essência do fenômeno técnico, bem como seu papel na história da humanidade, não é um exercício fácil. Hoje, talvez mais que em outras épocas, a influência da tecnologia nas sociedades ocidentais tem um lugar capital dentre as questões que emergem como prioritárias na contemporaneidade. (LEMOS, 2002, p. 27)

Lemos evidencia o papel influenciador da tecnologia nas sociedades ocidentais, sendo para ele uma das questões prioritárias da contemporaneidade, mas também explicita a complexidade de se entender o fenômeno técnico, assim como seu papel na história da humanidade.

Por isso não pode haver distanciamento da discussão dessa influência da tecnologia na sociedade no meio acadêmico, em especial, nos cursos em que os profissionais deixarão a universidade para o mercado de trabalho com a responsabilidade de conhecer e manipular tais tecnologias presentes na sociedade, como é o caso do comunicador social. Lemos traz, também, o termo “fenômeno técnico” e, então, escreve sobre a influência da “tecnologia” nas sociedades ocidentais, por isso, é necessário fazer distinção entre esses dois termos interligados: técnica e tecnologia.

Técnica vem do grego *tekhnè*, que pode ser traduzido por arte. A técnica está inserida na *poièsis*⁵ dos gregos e é oposta ao conceito de *physis*, que é o princípio de geração das coisas naturais. Tanto a *tekhnè* quanto a *physis* fazem parte do processo de vir a ser, de passagem da ausência à presença. No entanto, a primeira é um conceito filosófico que visa descrever as artes práticas, o saber humano (LEMOS, 2002, pp. 28-29). Então, tudo que procede da ação do ser humano é *technè*, assim, “a dança é *tekhnè*, as boas maneiras são *tekhnè*, a cozinha é *tekhnè*.” (STIEGLER, 1994, p. 106).

Já a tecnologia é um conceito mais moderno, precedido pelo de técnica,

A tecnologia moderna vai se caracterizar pela instauração de máquinas e sistemas maquínicos que vão, pouco a pouco, afastando o homem do que até então caracterizava a relação homem-técnica: a manipulação de instrumentos e ferramentas. (LEMOS, 2002, p. 32)

⁵ Heidegger mostra, a partir das premissas de Platão e Aristóteles, que *poièsis* é um processo de produção: uma flor que nasce revela um processo poético, da mesma forma em que a construção de uma mesa. No entanto, esta exige a presença de uma inteligência externa, de um demiurgo que imite aquilo que a natureza faz por ela mesma. (LEMOS, 2002, p. 58)

Quando uma pessoa se interessa e faz uma pesquisa do termo em dicionários simples⁶, encontra tecnologia como um substantivo feminino, datado de 1783, e que se refere à “teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana (p.ex., indústria, ciência etc.)”, ele deriva por metonímia da “técnica ou conjunto de técnicas de um domínio particular” e por extensão de sentido de “qualquer técnica moderna e complexa” (HOUAISS, 2000).

Contudo, o termo tecnologia surge nos gregos e é muito confundido com *techné*, conforme visto anteriormente. Apenas no século XVII é que o termo surge como se entende tecnologia hoje. Vargas (1994, p. 20) esclarece: “[...] só a partir de 1600, com a Ciência Moderna é que aparece a tecnologia como é entendida hoje; isto é, um saber fazer baseado em teoria e experimentação científica”.

Nos séculos seguintes, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial são responsáveis por fazer emergir várias instituições de caráter tecnológico como a *Academie de Sciences*, a *École Polytechnique*, que serviam de modelos para outros países. Há expansão das ciências e, com isso, a valorização das técnicas como entendimento científico, o que aponta como sendo o desenvolvimento da tecnologia.

Para apoiar o entendimento do conceito de tecnologia, pode-se, por meio de Gama, descrever o que não seria tecnologia:

- a tecnologia não é um conjunto de técnicas ou de todas as técnicas, e nem é uma sofisticação da técnica. A passagem da técnica para a tecnologia (e esta não exclui a primeira) não é a questão da gradação ou desenvolvimento interno ao campo das técnicas: é a questão que se refere à formação sócio-econômica em que se realiza.
- a tecnologia não é a "maneira como os homens fazem as coisas" porque, em primeiro lugar, não se distingue desse modo técnica de tecnologia e, em segundo lugar, há muitas coisas que os homens fazem que não são técnicas.
- a tecnologia não é o conjunto de ferramentas, máquinas, aparelhos ou dispositivos quer mecânicos, quer eletrônicos, quer manuais, quer automáticos.
- a tecnologia não é o conjunto de invenções ou qualquer uma delas individualmente. O avião não é uma tecnologia, como não é o rádio, o radar ou a televisão, muito embora seja esta a acepção mais difundida em marketing. (GAMA, 1986, p. 205)

A citação corrobora com o entendimento do conceito de tecnologia ao trazer as comuns confusões sobre o que seria tecnologia, mas não o é. Assim, ao se fazer a distinção entre técnica e tecnologia no início deste tópico, concorda-se com Gama, quando este apontando as diferenças entre os termos, destacado por ele que a tecnologia não é um

⁶ Apesar de não ser considerado um método científico de pesquisa, os dicionários, assim como as enciclopédias, fazem parte do material impresso de mais fácil acesso à população em geral. Atualmente a *Internet* também entrou no *hall* de fonte de pesquisa popular. Wolton em sua obra **Pensar a Comunicação** (Ed. UnB: Brasília, 2004, p. 29) se utiliza da consulta em dicionários e enciclopédias para apoiá-lo na reflexão para a definição das palavras ‘informação’ e ‘comunicação’.

conjunto de técnicas, por exemplo. Outro ponto abordado pelo pesquisador é o fato de a tecnologia não ser a maneira como os homens fazem as coisas, já que isto poderia ser tido como técnica, e mesmo assim, nem tudo o que é feito pelo homem é técnica.

A tecnologia não se confunde, portanto, com os produtos que ajuda a fabricar. Ela é mais abstrata (ou menos palpável) e incorpora a arte, a cultura, os conhecimentos e as técnicas do país que investiu muito tempo e dinheiro para chegar a um determinado estágio de desenvolvimento intelectual e material. Para adquirir tecnologia não basta, portanto, ir até o shopping mais próximo – mesmo que seja americano ou japonês – e escolher o objeto desejado. Mesmo porque certas tecnologias, consideradas política ou militarmente estratégicas, sequer são negociadas. (MEDEIROS & MEDEIROS, 1993, pp. 32-33)

Grande confusão é gerada pelo senso comum ao reduzir tecnologia aos aparatos tecnológicos, como bem explicitaram Medeiros & Medeiros ao elucidar que a tecnologia não é comprável como um simples bem que tem um valor de mercado, mas que muitas vezes a mesma nem é negociada. Assim como esses autores, Gama se preocupa em definir que, exatamente as máquinas, ferramentas, aparelhos, dispositivos, sejam mecânicos, eletrônicos, manuais ou automáticos, não são em si tecnologia. A explicação continua no último tópico da citação de Gama (1986, p. 205) ao apontar que o conjunto de invenções ou cada uma delas individualmente não é tecnologia, apesar de o senso comum ter essa idéia cristalizada.

De outro modo, Vargas (1994, p. 225) propõe um conceito para tecnologia:

Gostaria de propor, agora, um significado do termo tecnologia que a incluiria dentro da cultura ocidental, da qual a nossa é um ramo. Esse seria o de entender tecnologia como aplicação de teorias, métodos e processos científicos e técnicos [...] a técnica é tão antiga quanto o homem; mas a ciência, pelo menos no significado atual da palavra, é recente. Portanto, tecnologia, como aplicação científica, é característica da sociedade contemporânea. É um saber aplicado integrante da nossa cultura.

Do mesmo modo que Gama (1986), Vargas (1994) entende tecnologia não como o instrumental físico, mas como a aplicação de teorias, métodos e processos científicos e técnicos, que levam, também, à produção dos aparatos materiais. Mas Vargas vai além, o autor afirma que tecnologia é “um saber aplicado integrante da nossa cultura”. Mais uma vez, tem-se a tecnologia inserida na cultura, integrante desta.

A tecnologia é, para a pesquisadora Bueno, “um processo contínuo através do qual a humanidade molda, modifica e gere a sua qualidade de vida”. E mais, ela acrescenta que

Há uma constante necessidade do ser humano de criar, a sua capacidade de interagir com a natureza, produzindo instrumentos desde os mais primitivos até os mais modernos, utilizando-se de um conhecimento científico para aplicar a técnica e modificar, melhorar, aprimorar os produtos oriundos do processo de interação deste com a natureza e com os demais seres humanos. (BUENO, 1999, p. 87)

É necessário, assim, evidenciar que “técnica e tecnologia” são dependentes do ser humano, que nem técnica, nem tecnologia podem ser dissociadas da ação do homem ou da

mulher, conforme Lévy ao afirmar que “as técnicas não determinam nada. Resultam de longas cadeias inter cruzadas de interpretações e requerem, elas mesmas, que sejam interpretadas, conduzidas para novos devires pela subjetividade em atos dos grupos ou dos indivíduos que tomam posse dela [...]” (LÉVY, 1993, p. 186).

Os professores que afirmam que o uso do computador desumaniza o ensino, sem se dar conta de que os instrumentos que utilizam (do livro ao quadro de giz), as tecnologias simbólicas que medeiam a sua comunicação com os alunos ou fazem parte da mesma (linguagem, representações icônicas, o próprio conteúdo do currículo) e as tecnologias organizadoras (gestão e controle de aprendizagem, disciplina...) estão configurando a sua própria visão e relação com o mundo e seus estudantes. A pergunta que poucas vezes é feita é se a tecnologia mais adequada para responder aos problemas atuais do ensino é a escola. (SANCHO, 1998, p. 23)

Para Sancho, é a “falta de conhecimento sobre os aspectos sociais, políticos e econômicos da tecnologia” que provoca o medo. Esse tipo de crença generalizada de que o uso do computador desumaniza levando ao pensamento de “que a melhor forma de lutar contra a tecnologia é não usar computadores e outros instrumentos que são novidade e que provocam medo” (*ibid.*).

Para explicar que as tecnologias não se resumem ao uso de máquinas e que as tecnologias estão presentes mesmo quando o microcomputador não se faz presente, Sancho (1998, pp. 23 e 25) apresenta três categorias de tecnologia, as “tecnologias físicas”, as “tecnologias organizadoras” e as “tecnologias simbólicas”.

Essa categorização de tecnologias também faz parte dos conceitos discutidos por Bueno & Brito ao apresentarem o tema junto à Comunicação Social:

- *Tecnologias físicas*: são as inovações de instrumentais físicos, tais como: caneta esferográfica, livro, telefone, aparelho celular, satélites, computadores. Estão relacionadas com a Física, Química, Biologia, etc. (equipamentos);
- *Tecnologias organizadoras*: são formas de como nos relacionamos com o mundo; como os diversos sistemas produtivos estão organizados. As modernas técnicas de gestão pela Qualidade Total é um exemplo de tecnologia organizadora. (relações com o mundo);
- *Tecnologias simbólicas*: estão relacionadas com a forma de comunicação entre as pessoas, desde a iniciação dos idiomas escritos e falados à forma de como as pessoas se comunicam. São os símbolos de comunicação. (interfaces da comunicação). (BUENO & BRITO, 2005, p. 3)

Quando se fala em tecnologia nesta pesquisa, seu conceito deve ser somado às três categorias de SANCHO (1998, pp. 23 e 25), que ajudam definir o alcance do termo. Contudo, o campo tecnológico possui ramificações, dentre as quais se encontram as TICs, conforme discussão do próximo tópico.

1.2. Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)

As tecnologias vêm recebendo destaque e ganhando espaço em todo mundo, seja nas pesquisas de educadores, comunicadores, técnicos ou outros profissionais ligados à produção cultural. Revistas especializadas são lançadas e os jornais mantêm cadernos especiais para tratar do assunto, atualizando os leitores e oferecendo os novos lançamentos. Soares faz citação de uma coletânea da Unesco (1992) intitulada *The State of the Art and Beyond*, especificamente de trecho do segundo capítulo, ‘*Basic strategies for introducing and using informatics in education*’, de Bernard Levrat, em que são levantados pontos fundamentais na reflexão das tecnologias nas escolas:

- A inovação tecnológica é uma realidade que preocupa a todos: empresas, indústrias e universidades; portanto não é um problema exclusivo do sistema educacional;
- Os computadores devem chegar a professores e alunos, com treinamento e infraestrutura adequada;
- É imprescindível a promoção de projetos-piloto.

Segundo o documento editado pela UNESCO, como a educação é um processo, ao se introduzir a tecnologia na relação professor/aluno, uma série de novos problemas aparecem, como a tensão, a expectativa, os medos de rejeição e de inadaptação. Então, “por que utilizar essas novas tecnologias?”, pergunta-se o autor, respondendo, em seguida: *Primeiro, porque o imenso desenvolvimento dessa área e suas aplicações na sociedade não mais permitem à educação ignorá-la. Além disso, com a informática, vem uma infinidade de promessas para a solução dos problemas que a educação enfrenta.* (SOARES, 1999, p. 35, grifo original)

A tecnologia não é algo simplesmente independente, com existência e finalidades próprias, pelo contrário, existe pelo e para o ser humano. Os três tópicos apresentados por Soares exemplificam a idéia de que a tecnologia se faz presente em todas as esferas da humanidade, seja em empresas, indústrias, universidades ou em qualquer parte do planeta em que a presença do homem se faça. Na segunda parte da citação, o documento da Unesco destaca que “o imenso desenvolvimento dessa área e suas aplicações na sociedade não mais permitem à educação ignorá-la.”

Mas para dar continuidade à discussão do par ‘tecnologia-educação’, é necessário buscar um conceito de tecnologia que corrobore com a reflexão iniciada no capítulo um, como a idéia inicial do tema trazida por Medeiros & Medeiros:

[...] tecnologia é o conhecimento utilizado na criação ou aperfeiçoamento de produtos e serviços, podemos imaginar como é amplo o universo que vamos explorar. Seus limites contêm praticamente todas as atividades humanas. Das mais simples, como a introdução do pão de fôrma nos hábitos cotidianos, às mais complexas, como a fabricação de satélites artificiais [...] Ampliando a idéia inicial, diremos que a tecnologia é o conjunto de conhecimentos, práticos ou científicos, aplicados à obtenção, distribuição e comercialização de bens e serviços. (MEDEIROS & MEDEIROS, 1993, pp. 7-8)

Não é pode-se ter uma visão romantizada do campo, nem é este tipo de conceito que os autores apresentam, já que admitem que “se não for convenientemente usada e dominada, a tecnologia pode, também, gerar desemprego, poluição e danos ao meio ambiente” (*ibid.*). Mas o indiscutível é que a tecnologia associa o saber ao fazer, dessa forma, como apresenta Medeiros & Medeiros (1993, p. 11), “o desenvolvimento científico acabou, assim, associando-se ao desenvolvimento tecnológico.”

Por todo este cenário, os países hoje considerados tecnologicamente mais evoluídos são justamente aqueles que estão na “fronteira do conhecimento”, como Japão, Estados Unidos, França e Alemanha, pois desenvolvem uma intensa atividade científica, têm laboratórios com equipamentos de ponta e treinam tanto pesquisadores quanto professores, mantendo-os atualizados (*op. cit.*, p. 18).

Medeiros & Medeiros trazem dados preocupantes da situação tecnológica no Brasil no início da década de 1990, quando a participação do setor privado nos investimentos totais em ciência e tecnologia foram inferiores a 10% no país, alcançando, porém, 30% na Itália, e superando os 70% no Japão.

Apesar dos dados se referirem à década de 1990, eles possibilitam estabelecer um histórico dos investimentos em ciência e tecnologia feitos pelo governo brasileiro. Outros dados importantes sobre a diferença de recursos destinados à pesquisa científica e tecnológica no início dos anos de 1990 também são apresentados.

“Os mais desenvolvidos aplicaram, no início dos anos 90, de 2% a 3% de seu PIB (Produto Interno Bruto, indicador que reflete o volume anual da produção de um país). No Brasil essa taxa é inferior a 1% e, o que é pior, está caindo. Em 1988 foram investidos 0,60%; e em 1991, apenas 0,37% do PIB em pesquisa científica e tecnológica” (*op. cit.*, p. 29).

Essas pesquisas da década passada subsidiaram o desenvolvimento tecnológico e científico do país, sendo os recursos despendidos pouco significativos se comparados aos países desenvolvidos. Esses mesmos dados permanecem ainda hoje como os mais atuais, já que o Ministério da Ciência e Tecnologia não disponibilizou novas pesquisas realizadas em anos mais recentes.

Com base nesses dados, pode levantar uma hipótese: se o governo brasileiro mudasse a ótica e passasse a ver esses gastos com pesquisa e desenvolvimento como investimentos e não como um simples *déficit* orçamentário, a porcentagem referente aos recursos despendidos

para pesquisa científica e tecnológica mudaria dos 0,58%⁷ investidos no ano 2000 para uma taxa percentual mais significativa atualmente.

Somado a isto, o governo brasileiro não apresentava histórico de apoio significativo relativo à iniciativa privada no ano de 2001, quando era investido apenas 0,42%, conforme gráfico⁸:

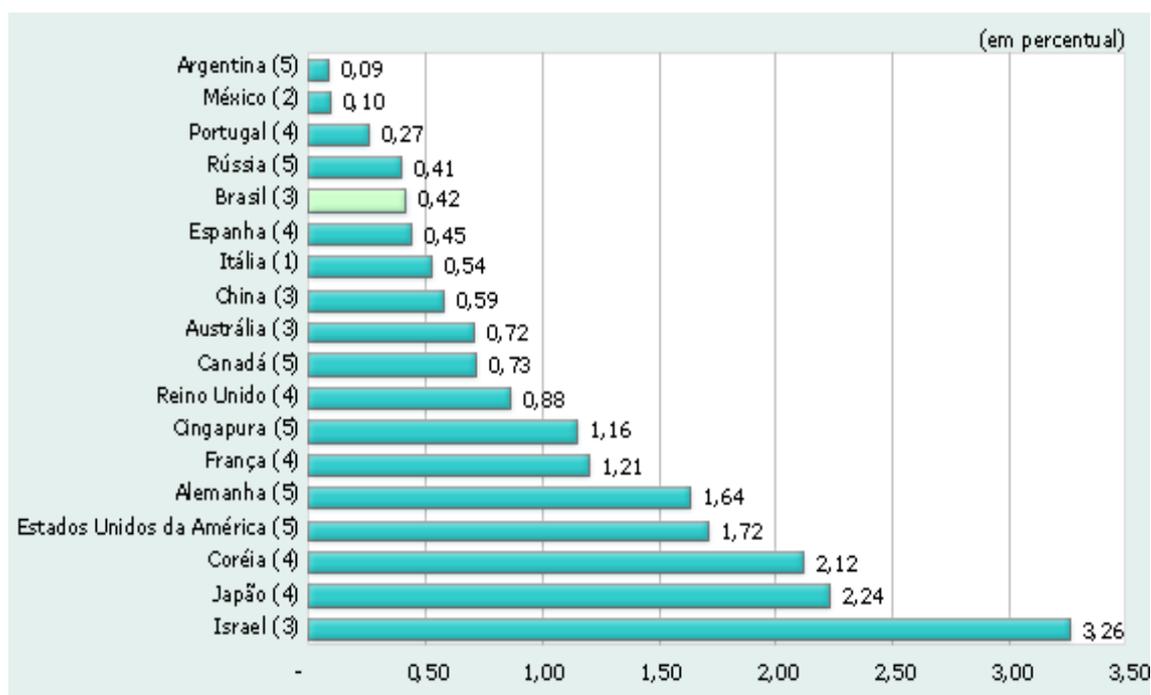


Figura 1 - Dispêndios nacionais em pesquisa e desenvolvimento (P&D) financiados pelas empresas em relação ao produto interno bruto (PIB) em anos mais recentes disponíveis

Fonte: Organisation for Economic Co-operation and Development, Main Science and Technology Indicators, November 2003 e Brasil: Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal (Siafi). Extração especial realizada pelo Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro) e Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica (Pintec) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - 2000. The World Development Indicators (WDI). **Elaboração:** Coordenação-Geral de Indicadores - Ministério da Ciência e Tecnologia.

Notas: 1) 1999; 2) 2000; 3) 2001 e 4) 2002.

Do total de investimentos, somados os percentuais do governo aos da iniciativa privada, em comparações internacionais, o Brasil mantinha uma participação tímida da relação entre o que é gasto em pesquisa e desenvolvimento (P&D), com relação ao produto interno bruto (PIB), como apresenta o gráfico a seguir⁹:

⁷ Dado disponibilizado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia do Governo Federal Brasileiro, referente ao ano de 2000, o mais recente. Disponível em: [http://ftp.mct.gov.br/estat/ascavpp/portugues/9_Comparacoes/graficos/graf9_1_3a.htm], última consulta em 16/01/2008.

⁸ Endereço eletrônico: [http://ftp.mct.gov.br/estat/ascavpp/portugues/9_Comparacoes/graficos/graf9_1_3b.htm], consultado em 16/01/2008.

⁹ Endereço eletrônico: [http://ftp.mct.gov.br/estat/ascavpp/portugues/9_Comparacoes/graficos/graf9_1_1a.htm], consultado em 14/01/2008.

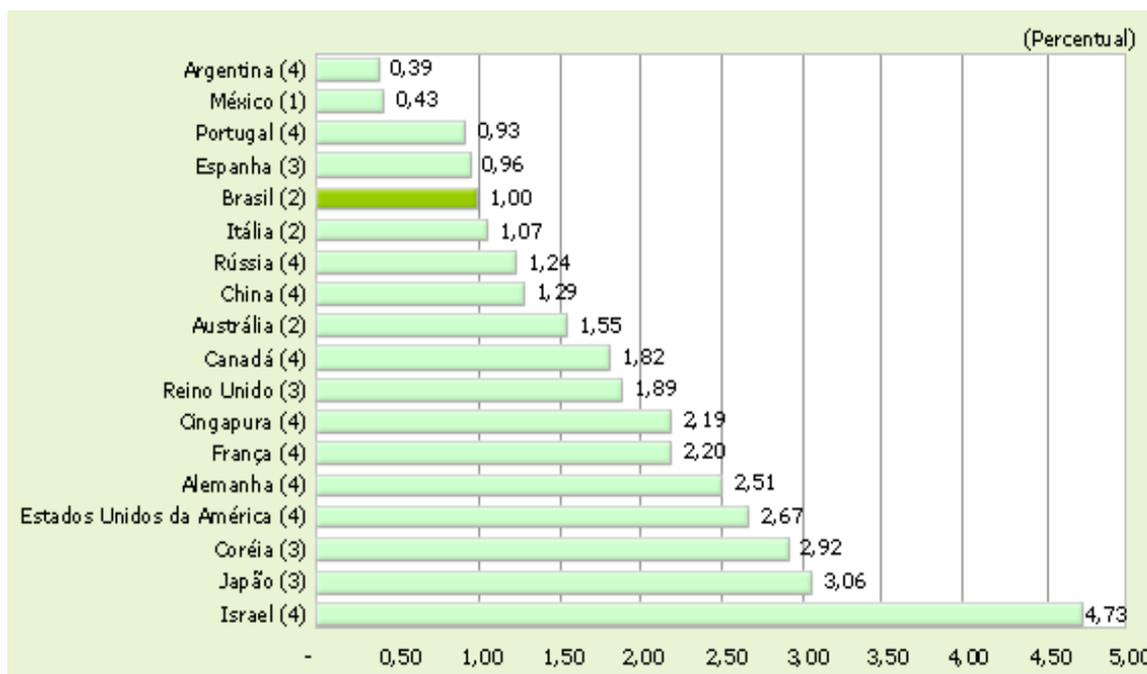


Figura 2 - Dispêndios nacionais em pesquisa e desenvolvimento (P&D), em relação ao produto interno bruto (PIB), países selecionados, em anos mais recentes disponíveis

Fonte: Organisation for Economic Co-operation and Development, Main Science and Technology Indicators, November 2003 e Brasil: Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal (Siafi). Extração especial realizada pelo Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro); Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica (Pintec) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - 2000 e para população residente: [www2.ibge.gov.br/pub/Estimativas_Projecoes_Populacao/Estimativas_1980_2010/Estimativas_e_taxas_1980_2010.zip], extraído em 13/04/2004. The World Development Indicators (WDI). **Elaboração:** Coordenação-Geral de Indicadores - Ministério da Ciência e Tecnologia.

Notas: 1) 1999; 2) 2000; 3) 2001 e 4) 2002.

Além dos investimentos financeiros, outro fator fundamental para o desenvolvimento científico e tecnológico é a educação, “do primeiro grau à universidade, dos cursos técnicos aos de treinamento, é o conhecimento que sustenta a evolução de uma sociedade” (MEDEIROS & MEDEIROS, 1993, p. 46). Foi exatamente esta mentalidade e compromisso que elevaram países da Europa, Estados Unidos e, recentemente, os países asiáticos, à potências mundiais.

Os cientistas e professores são os responsáveis pela educação das futuras gerações, preparando inclusive os bons profissionais da área tecnológica. Isto é, pessoas capazes não só de projetar e fabricar produtos, mas também de, amparadas numa sólida base teórica, negociar e comprar tecnologias de forma mais vantajosa [...] A autonomia tecnológica é finalmente alcançada quando um país desenvolve competência para produzir internamente o que lhe convém; competência para comprar (bem) do exterior; e competência para avaliar os efeitos sociais e ambientais causados pelas inovações. (*op. cit.*, pp. 50-51)

A partir dos conceitos de tecnologia, da importância de investimentos nesse campo para o desenvolvimento do país, pode-se adentrar especificamente ao campo das TICs, que

estão inseridas no conceito maior de Tecnologia. Pode-se iniciar a reflexão de Tecnologias da Informação e Comunicação pela definição desenvolvida por Henri Dieuzeide¹⁰, como sendo:

[...] o conjunto das “tecnologias portáteis” que reúnem instrumentos de apresentação visual e sonora e a micro-informática capaz de promover o desenvolvimento de novas relações com as fontes do saber, caracterizadas pela interatividade. As novas tecnologias associadas às telecomunicações estariam abrindo ao educador um novo universo de possibilidades. O conceito de “novo” reside na possibilidade de constante renovação que certas tecnologias engendram, unidas à grande capacidade de armazenamento de dados e à possibilidade de manipulação imediata. (*apud*: SOARES, 1999, p. 37)

Percebe-se no fragmento que, para Dieuzeide, as TICs estão atreladas às questões sensoriais humanas, ou seja, são capazes de proporcionar experiências sinestésicas (visual, sonora, tátil, auditiva, olfativa), caracterizadas pela interatividade, comum nesse novo espaço de sensações, o que Lévy caracteriza por ciberespaço.

Dieuzeide (*apud*: SOARES, 1999, p. 38) já desenvolve o tema interligando-o com a educação, reconhecendo a importância das TICs para a educação, e mais, destacando o papel fundamental dos mestres nesse processo inter-relacional, que para ele, seriam os “mediadores reconhecidos do saber”. Soares (*ibid.*) acrescenta que prefere chamar estes ‘educadores-mediadores’ de ‘educadores’, já que, “qualquer uso das NTIC¹¹ se situa justamente no cruzamento da ‘pedagogia’ (racionalização e otimização dos processos de aprendizagem) e da ‘didática’ (que assegura a transmissão dos conhecimentos definidos pelos objetivos de cada disciplina)” (*ibid.*).

Para Dieuzeide, a informação simplesmente não é ‘conhecimento’, e ainda, que conhecimento não é ‘saber’. Para o autor, “o que importa para atingir o saber é o desenvolvimento da capacidade de seleção interpretativa, possível, apenas, graças à Comunicação, por ele entendida não simples transmissão passiva de dados mensuráveis, mas como a informação em movimento, manipulada, difundida e, especialmente, compartilhada” (*apud*: SOARES, 1999, p. 38).

Dando continuidade à conceituação de TICs, cita-se a pesquisadora francesa Jacquinet, com as quatro principais características das ‘NTICs’ (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação) destacadas por ela:

- a velocidade e a potência do registro, do arquivo e da restituição das informações textuais, visuais ou sonoras;

¹⁰ Ver: DIEUZEIDE, Henri. *Le Nouvelles Technologies, outils d'enseignement*, Paris, Nathan Pédagogie – UNESCO, 1994.

¹¹ NTIC: Novas Tecnologias da Comunicação e Informação. Como se pode perceber, os termos variam conforme os autores. Alguns utilizam Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), outros, Tecnologias “de” Informação e Comunicação (TICs), ou ainda, Tecnologias da Comunicação e Informação (TCIs) ou Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs). No entanto, todas as denominações referem-se ao mesmo campo, e conceitos bastante próximos.

- o acesso, a mistura e a manipulação direta (em tempo real), por combinação, distorção, alteração de dados arquivados na memória (do computador): todo mundo conhece o exemplo do célebre quadro da Gioconda, refeito à imagem de cada internauta! Ou, mais próximo de nós ainda, essas diversas caricaturas dos políticos fazendo com que se fale deles no mundo!
- a transportabilidade dos dados numéricos ou analógicos numeralizados, por diferentes canais de difusão (cabo, satélite, rede hertziana, fibra ótica...) e a conexão entre todas as redes;
- a criação de “mundos virtuais” ou de “realidades artificiais” obtidas por modelização das formas do mundo real ou imaginário e combináveis com os personagens e cenários reais como no caso dos imaginários ditos “híbridos” tudo isso tornando acessível, para o utilizador, via interfaces mecanizadas, suportes de interatividade. (JACQUINOT, no prelo)

Além dos elementos para a construção do conceito de TICs colocados por Dieuzeide, como os instrumentos sinestésicos, a interatividade, a inter-relação com a educação e a possibilidade de renovação constante, armazenamento de dados e manipulação imediata, somam-se os elementos dados por Jacquinot, sendo que, o primeiro vai ao encontro do colocado por Dieuzeide, mas também, outros, como o de acesso e intervenção sobre dados, a interconexão de redes por diversos meios, e, como diria Lévy, o ciberespaço, um híbrido, segundo Jacquinot, do real com o imaginário.

Jacquinot acrescenta que “esses novos meios não são nem canais/tubos, nem instrumentos mas sim ‘tecnologias intelectuais’ nas quais geram e são gerados condições de funcionamento de processos cognitivos: são máquinas que não trabalham mais a matéria bruta ou a energia, mas as informações e os conhecimentos e seus processos de apropriação” (no prelo).

Apesar da complexidade da conceituação das TICs, e não seria diferente, já que o campo da tecnologia tem a teorização densa, os autores citados dão subsídios para que o termo comece a ficar mais claro e seja possível pensar a questão das TICs vinculada à Comunicação Social. Jacquinot prossegue:

As tecnologias da informação e da comunicação, como nós explicitamos rapidamente sua gênese, nos obrigam a mudar essa perspectiva, a não mais limitar o olhar à aparência do mundo, e o conhecimento aos traços da informação: os novos modos de ver e de pensar o real e as novas modalidades de comunicação aparecem e em consequência, novos modos de acesso e de apropriação de saberes – sob certas condições sobre as quais nós vamos insistir em seguida, enfatizando as diferentes características dessas ‘verdadeiras novas tecnologias’. (*ibid.*)

Assim como Jacquinot, pesquisadora contemporânea, Freire também trouxe uma contribuição consistente ao associar os campos da Educação e da Comunicação, disseminando a idéia de que o educador deve ser um problematizador dos conteúdos, estabelecendo uma relação dialógica com os educandos.

Seja em Jacquinot, seja em Freire, “os novos modos de ver e de pensar o real e as novas modalidades de comunicação aparecem e em conseqüência, novos modos de acesso e de apropriação de saberes” (JACQUINOT, no prelo), então, “que o povo desenvolva o seu espírito crítico para que, ao ler jornais ou ao ouvir o noticiário das emissoras de rádio, o faça não como um mero paciente, como objeto dos comunicados que lhes prescrevem, mas como uma consciência que precisa libertar-se” (FREIRE, 1994, p. 68).

Um dos “novos modos de ver e de pensar o real” está ligado à interação virtual, o ciberespaço, presente em um contexto maior, a cibercultura, temas mais detalhados no tópico a seguir.

1.3. Cibercultura

A ação humana de criação, reflexão sobre, manutenção e utilização das técnicas e tecnologias está cada vez mais evidente, como já citado em Lemos (2002), ao referir-se sobre a influência da tecnologia nas sociedades ocidentais como tendo lugar capital dentre as questões que emergem como prioritárias na contemporaneidade, embora,

A máquina, segundo Simondon, será a responsável pela sensação contemporânea de que a tecnologia não faz parte da cultura humana (ou é sua inimiga). Essa separação seria uma espécie de defesa contra a posição que ocupa a máquina na civilização industrial. Como o homem não manipula mais instrumentos, o fenômeno técnico em geral não teria lugar dentre as áreas nobres da cultura. Assim, se a *tekhnè* grega era a técnica na cultura, a técnica moderna seria a cultura sem técnica, ou melhor, contra a técnica. (LEMOS, 2002, p. 33)

Mas esta sensação de tecnologia *versus* cultura apontada por Simondon, para Lemos é uma visão errônea de separação entre técnica e cultura, sendo que a verdadeira “tecno-logia” (um *logos* da *tekhnè*) em Lemos é uma filosofia dos mecanismos (*ibid.*). O autor ainda destaca que os objetos são dependentes da ação inventiva do ser humano e que a partir da formação do córtex, os objetos técnicos passam a seguir uma lógica interna, a tecnicidade, que tem o humano como operador de um conjunto maquínico que evolui segundo a tecnicidade. A espécie humana é fruto desse movimento perpétuo e infundável, sendo a primeira natureza a técnica, e responsável pela criação da segunda natureza: a cultura.

A cultura moderna estaria, segundo Simondon, desequilibrada ao considerar a máquina como estrangeira à cultura. Esse desequilíbrio aparece quando a cultura moderna reconhece o objeto estético (arte) no mundo das significações, mas recusa e afasta os objetos técnicos para um mundo à parte, como um sistema autônomo [...] completamente fechado, sem estrutura ou significações. [...] Para Bergson: “se nossos órgãos são instrumentos naturais, nossos instrumentos são órgãos artificiais.

O instrumento do operário continua seu braço; o ferramental da humanidade é, assim, um prolongamento de seu corpo”. (*op. cit.*, p. 34)

Assim, pela citação, pode-se entender que a técnica se torna parte da cotidianidade, não sendo substituída do ser humano, mas passando a ser prolongamento dele mesmo, conforme Bergson, e segundo o pensador da Comunicação, Marshall McLuhan, com a idéia de que a tecnologia é extensão do próprio homem:

Estamos nos aproximando rapidamente da fase final das extensões do homem: a simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana, tal como já se fez com nossos sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos. (McLUHAN, 2005, p. 17)

O desequilíbrio apontado por Simondon não está ainda resolvido, continua sendo questionado se técnica e tecnologia são ou não estrangeiras à cultura, embora a consciência de que tanto a técnica quanto a tecnologia, sem o humano por detrás delas, não são nada, e por isso, ao contrário de Simondon, pode-se compreender a tecnologia como parte da cultura contemporânea, e não fora dela.

Schmidt¹² aponta com mais clareza a idéia de que tecnologia está inserida como um dos elementos da cultura quando em comunicação pessoal afirma¹³:

[...] tecnologia é um produto da cultura e tem dois aspectos:
 - objetividade (existe/material);
 - subjetividade (trabalho do homem).
 No aspecto subjetivo temos:
 - os significados compartilhados em relação àquela técnica;
 - mediações simbólicas;
 - significados para as pessoas (compartilhados entre elas);
 - resistência;
 - mediação.

A pesquisadora afirma que “tecnologia é um produto da cultura”, ou seja, assim como o “objeto estético” em Lemos, o “objeto técnico” passa também a ser considerado produto da cultura para Schmidt. Quando atenta para os aspectos da objetividade e subjetividade, Schmidt está reconhecendo que a tecnologia não tem caráter estritamente material, não se limitando às máquinas ou aparatos maquínicos, comumente colocados como tecnologia em si. Da mesma forma, para Lévy, pode-se “pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (LÉVY, 2005, p. 22).

¹² Maria Auxiliadora Schmidt é professora do Departamento de Teoria e Prática do Ensino da UFPR, possui doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (1997) e pós-doutorado em Didática da História pela Universidade Nova de Lisboa-Portugal (2001). [<http://lattes.cnpq.br/1253046260139699>]

¹³ Comunicação pessoal ao autor em 12 de abril de 2006.

Pode-se interpretar, ainda, que a tecnologia é produto da cultura para Eagleton (2005, p. 12), porque “se a natureza é sempre de alguma forma cultural, então as culturas são construídas com base no incessante tráfego com a natureza que chamamos de trabalho.”

Este tráfego natural chamado trabalho, do qual resultam as culturas, está intimamente ligado à ação humana, sua intervenção na natureza, dentre vários motivos, para diminuir esforço físico e tempo despendido na realização de suas tarefas. Para Lévy, esta “busca sistemática de ganhos de produtividade por meio de várias formas de uso de aparelhos eletrônicos, computadores e redes de comunicação de dados”, tem sua intensificação por volta da década de 1970, com o “desenvolvimento e comercialização do microprocessador (unidade de cálculo aritmético e lógico localizada em um pequeno chip eletrônico)” (LÉVY, 2005, p. 31).

Por outro lado, um verdadeiro movimento social nascido na Califórnia na efervescência da “contracultura” apossou-se das novas possibilidades técnicas e inventou o computador pessoal. Desde então, o computador iria escapar progressivamente dos serviços de processamento de dados das grandes empresas e dos programadores profissionais para tornar-se um instrumento de criação (de textos, de imagens, de música), de organização (bancos de dados, planilhas), de simulação (planilhas, ferramentas de apoio à decisão, programas para pesquisa) e de diversão (jogos) nas mãos de uma proporção crescente da população dos países desenvolvidos.

Os anos 80 viram o prenúncio do horizonte contemporâneo da multimídia. A informática perdeu, pouco a pouco, seu status de técnica e de setor industrial particular para começar a fundir-se com as telecomunicações, a editoração, o cinema e a televisão. (*op. cit.*, pp. 31-32)

Essa expansão e popularização tecnológica, mais especificamente, do microcomputador pessoal (PC), assim como sua integração com diferentes linguagens (telecomunicações, editoração, cinema, televisão), seria apenas o prenúncio do que estava por vir por volta do início de 1990, com a inter-conexão dos PCs, um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (*op. cit.*, p. 92), o ciberespaço.

Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecno-econômico. As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. (*op. cit.*, p. 32)

O ciberespaço é, para Lévy, um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, ou seja, ele cria uma nova modalidade de contato social, extrapolando os limites naturais, de espaço e tempo, com os quais até então a humanidade estava acostumada. Esta nova forma de sociabilidade permitiu e estimulou o advento de novas formas de cultura, como a cibercultura. Este termo, atualmente bastante disseminado, não tem uma conceituação simples, assim como o conceito de “cultura”, a complexidade da cibercultura permanece sendo objeto de estudos.

Faz-se, então, um paralelo entre os termos ‘cibercultura’ e ‘cultura’, já que, a palavra cultura tem sido utilizada indiscriminadamente e com grande flexibilidade de usos. O termo ‘cibercultura’, da mesma forma, passou a ser encontrado em vários locais e discursos.

Outro ponto que pode ser colocado é o fato da cibercultura ter emergido a partir do uso de microcomputadores interconectados, possibilitando assim, a comunicação, relação, troca, enfim, o contato social entre os usuários. Este contato dificilmente pode ser medido, já que aparece de inúmeras formas, desde comunidades virtuais com interesses em comum (LÉVY, 2005, p. 130) até os crimes virtuais.

*Thus cyberculture is an ambiguous, confusing, unclear term describing a set of issues. It can be used in a descriptive, analytical or ideological sense. It has a multiplicity of meanings and thus everyone willingly uses at least one of them. You can hardly make a mistake when you use it as the word cyberculture is one of the most significant paratextual characteristics of ICTs theory that will let the reader know that he is right in the realm of chip-mythology.*¹⁴ (MACEK, 2005)

Macek confirma a ambigüidade, confusão e obscuridade do termo cibercultura, que, segundo ele, pode ser usado tanto no sentido descritivo quanto analítico ou ideológico. Contudo, Macek destaca que o termo é bastante significativo no campo das TICs e, ao utilizá-lo, esta relação com o campo fica bastante evidente.

Lévy tem contribuído nesse sentido, e por meio de seu trabalho de reflexão e levantamento de hipóteses pode-se dar continuidade ao raciocínio para a compreensão da cibercultura:

Nas sociedades orais, as mensagens discursivas são sempre recebidas no mesmo contexto em que são produzidas. Mas, após o surgimento da escrita, os textos se separam do contexto vivo em que foram produzidos [...] A hipótese que levanto é que a cibercultura leva a co-presença das mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente. A nova universalidade não depende mais da auto-suficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente. (LÉVY, 2005, p. 15)

Lévy faz uma analogia entre as sociedades orais com suas mensagens produzidas e recebidas no mesmo contexto e a sociedade atual, que ao inserir-se na cibercultura, passa a ter o mesmo recurso de produção e recepção de mensagens, porém, como o próprio autor explicita, “em outra escala, em uma órbita completamente diferente”. Esta nova escala não se limita mais às barreiras espaço-físico-temporais, já que para estabelecer um contato com

¹⁴ “Conseqüentemente cibercultura é um termo ambíguo, confuso e obscuro que descreve uma série de questões. Pode ser usado em um sentido descritivo, analítico ou ideológico. Tem uma variedade de significados e conseqüentemente todo mundo deliberadamente utiliza pelo menos um deles. Você dificilmente pode cometer um engano ao utilizá-lo, assim como a palavra cibercultura é uma das mais significantes características paratextuais da teoria das TICs que irá permitir ao leitor saber que ele está justamente no reino da mitologia-chip.” (MACEK, 2005) – Tradução do inglês para o português de Evandro Alberto Zatti.

outrem, por exemplo, com a utilização dos ciberespaços, não é mais obrigatório estar fisicamente em um mesmo local e no mesmo tempo.

Com relação ao surgimento da cibercultura, Santaella destaca que desde meados dos anos de 1990 a sociedade passou a conviver com uma “revolução da informática e da comunicação cada vez mais onipresente que vem sendo chamada de revolução digital” (SANTAELLA, 2003, p. 59). Esta revolução enfatizou a possibilidade de converter qualquer tipo de informação, seja textual, audiovisual, pictórica, em uma mesma linguagem.

Esta conversão de linguagens é chamada pela pesquisadora de “convergência midiática”. Para facilitar a compreensão de como e em que momento a cibercultura surge, Santaella distingue seis eras (2003, p. 77):

- oral;
- escrita;
- impressa;
- de massas;
- das mídias; e
- digital.

Para esta autora, o contexto que se insere entre a “era das mídias” e a “era digital”, denominado “cultura midiática”, representa o momento do advento da cibercultura (*ibid.*).

Apesar da divisão histórica em seis eras, Santaella acredita que as mesmas “coexistem, convivem simultaneamente na nossa contemporaneidade” (*op. cit.*, p. 78). Essa afirmação é baseada na teoria de que ao surgir uma nova era, a anterior sofre reajustes em seu papel social, mas não desaparece, Santaella escreve sobre o “imbricamento” de uma na outra.

A “era de massas” só se consolidou com o advento da televisão, em que o único *feedback* possível era feito por meio de pesquisas de mercado, de padrões de compra, que detectam os comportamentos de massa. Contudo, a partir das décadas de 1960 e 1970, a televisão passa a sofrer com a concorrência de novos aparatos que surgem, assim como, a segmentação de mercado, uma nova tendência, que dá início à “era das mídias” (*op. cit.*, p. 80). Embora a época de “início” não possa ser dada como certa, já que “não há uma linearidade na passagem de uma era cultural para a outra, pois elas se sobrepõem, misturam-se, criando tecidos culturais híbridos e cada vez mais densos. Essa densidade estava fadada a intensificar-se com a chegada da cultura digital” (*op. cit.*, p. 81).

Além de espectadores, as pessoas começam a ser, também, usuárias, com a chegada dos microcomputadores pessoais na década de 1980. A relação de recepção em sentido único com o televisor começa a se tornar bidirecional com o microcomputador, um modo interativo.

Algumas das características dos meios de massa são a centralização, a sincronização e a padronização, e estas características com os meios digitais são invertidas. Há descentralização, diacronia e despadronização com os meios digitais, como a TV digital, por exemplo, em que é possível fazer compras, transações bancárias, comunicar-se com outras pessoas, pausar ou gravar a programação, dentre outras possibilidades.

A indústria da informática deverá convergir com a indústria da televisão no mesmo sentido em que o automóvel convergiu com o cavalo, a TV convergiu com o jukebox, o programa de processamento de textos convergiu com a máquina de escrever, o programa de CAD convergiu com a prancheta e a editoração eletrônica convergiu com o linotipo e a composição gráfica. Assim como a TV, outrora uma exótica ferramenta das elites, tornou-se ainda mais onipresente do que o telefone e o automóvel, o telecomputador também deverá se tornar indispensável. (op. cit., pp. 112-113)

Para Santaella, a “convergência das mídias” é o processo em que

Foram assim fundidas, em um único setor do todo digital, as quatro formas principais da comunicação humana: o documento escrito (imprensa, magazine, livro); o áudio-visual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone, satélites, cabo) e a informática (computadores, programas informáticos). (op. cit., p. 84)

Essa fusão midiática, ou convergência das mídias, gera dados híbridos, no formato digital, que “podem ser sintetizados em qualquer lugar e em qualquer tempo, para gerar produtos com idênticas cores e sons. Desse modo, os dados independem do lugar e tempo de sua emissão original ou de uma destinação determinada, pois são realizáveis em qualquer tempo e espaço” (*ibid.*). Esses dados híbridos passaram a ser trocados entre indivíduos por redes interconectadas, dentre elas, a *Internet*. Essas redes tiveram, então, interfaces projetadas para a interação humano-máquina, humano-máquina-humano, com a possibilidade de interfaces que simulam ambientes dentro dos quais os humanos podem interagir (op. cit., p. 99).

A esse espaço de interação humano, de realidade virtual, dá-se o nome de ciberespaço, conceito que tem três variantes, conforme Featherstone & Burrows (1996, *apud*: SANTAELLA, 2003, p. 100):

- a) a primeira se refere às redes de computadores internacionais existentes;
- b) formas mais avançadas de ciberespaço tentam simular as interações mais vividamente pelo uso de sistemas multimídia coordenados;
- c) no seu nível mais sofisticado, o ciberespaço equivale à realidade virtual, um sistema que fornece um sentido realista de imersão em um ambiente. Trata-se de uma experiência multimídia visual, audível e tátil gerada computacionalmente.

Santaella assim define as novas possibilidades proporcionadas pelo ciberespaço: “nenhuma tecnologia anterior havia penetrado em nós com tanta intimidade” (2003, p. 101). Quando estão interconectadas por meio das redes, as pessoas podem trocar todo tipo de mensagens, podem participar de conferências eletrônicas sobre milhares de temas diferentes, podem ter acesso à informações públicas dos computadores que participam da rede, podem construir mundos virtuais com as mais diversas finalidades, esses indivíduos têm e são verdadeiras enciclopédias vivas, dentre outras ações que podem e ocorrem nesse espaço.

Surge daí uma cultura, que para Santaella é heterogênea (*op. cit.*, p. 103). É heterogênea na medida em que coloca em contato pessoas que pertencem a grupos extremamente diferentes, nacionalidades diferentes, idiomas diferentes, culturas diferentes.

Esse tipo de tecnologia tem feito a mediação entre as relações sociais, e quando se discute ciberespaço ou cibercultura, os termos não ficam limitados ao microcomputador, já que outros meios de estar “conectado” às redes têm se popularizado, como os telefones celulares, os notebooks, a televisão digital interativa, dentre outras “formas eletrônicas de extensão humana” (*op. cit.*, p. 105) que se tornaram parte da vida em sociedade e são fundamentais para a manutenção da cibercultura.



Figura 3: Celulares com recepção de TV digital
Fonte: o autor

A **figura 3** ilustra como as redes, a interação, a *Internet*, o ciberespaço e a cibercultura estão se expandindo para além dos PCs, não se limitando mais a cabos ou tamanho inconveniente, como é o caso das novas gerações de celulares que disponibilizam acesso à *Internet*, troca de *e-mails*, sintonização de rádios e TV.

Num universo de tecnologias voláteis, informações em excesso, sem barreiras, fronteiras ou críticas, um novo paradigma de formação educacional emerge pela necessidade de reeducar o pensamento humano, potencializar formas de raciocínio multidisciplinar e dialético coerente com as múltiplas realidades expostas pelos meios eletrônicos multimidiáticos e as relações que estabelecem e objetivam o ciberespaço. (SOARES, 2006, p. 90)

Para Soares, todo esse contexto sugere novas abordagens que confrontam o atual sistema tradicional de ensino e aprendizagem, que tem como característica a transmissão de conteúdos, condicionados a grandes disciplinas (*ibid.*).

Sociedade, cultura e, também, educação passam a dispor de novas possibilidades, pois ao “se moverem dentro de um meio simbólico e por serem de certo tipo material, nossos próprios corpos têm a capacidade de se estender para muito além dos seus limites sensíveis, naquilo que conhecemos como cultura, sociedade ou tecnologia” (EAGLETON, 2005, p. 140).

Dessa forma, a cultura ganha novos produtos, como conclui Lévy em sua obra **Cibercultura:**

Longe de ser uma subcultura dos fanáticos pela rede, a cibercultura expressa uma mutação fundamental da própria essência da cultura. De acordo com a tese que desenvolvi neste estudo, a chave da cultura do futuro é o conceito de universal sem totalidade. Nessa proposição, “o universal” significa *a presença virtual da humanidade para si mesma*. O universal abriga o aqui e agora da espécie, seu ponto de encontro, um aqui e agora paradoxal, sem lugar nem tempo claramente definíveis. (2005, p. 247, grifo original)

O conceito de que a essência da cibercultura é “o universal sem totalidade” é concentradamente desenvolvido por Lévy (2005, p. 111) em todo um capítulo de seu livro já citado. Este “universal (extenso, interconectado, interativo)” (*op. cit.*, p. 120) seria a presença da própria sociedade (humanidade) no ciberespaço, não necessariamente de forma geográfica, ainda que de forma virtual (*op. cit.*, p. 121), já o “sem totalidade” diz respeito a uma falta de “unidade estabilizada do sentido de uma diversidade” (*op. cit.*, p. 247), assim, a essência da cibercultura conforme Lévy seria a presença da humanidade, com computadores e, assim, novas pessoas a cada dia se integrando e interconectando à rede, ampliando o ciberespaço (*op. cit.*, p. 111) e também a “heterogeneidade, novas fontes de informação, novas linhas de fuga” (*op. cit.*, p. 120) que atualizam constantemente o universal, tornando-o cada vez menos totalizável (*ibid.*).

Portanto, com esta abertura de um novo espaço de comunicação, cabe aos pesquisadores da área, explorar as potencialidades mais positivas deste, tanto nos planos econômico, quanto político, cultural ou humano. É necessário reconhecer as mudanças qualitativas neste novo ambiente que resulta da extensão das redes de comunicação para a

vida social e cultural, pois só assim será possível que estas tecnologias sejam desenvolvidas dentro de uma perspectiva humanista.

Neste momento cabe iniciar a discussão sobre a Comunicação Social, responsável por preparar um dos profissionais habilitados a trabalhar as tecnologias dentro dessa perspectiva humanista.

2. GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL NO BRASIL

Talvez por ser um fenômeno tão natural e universal como a respiração, a comunicação não foi considerada objeto específico de estudo científico até muito recentemente. Só nos últimos 30 anos é que ela emergiu como uma nova ciência social, embora se tenha que admitir que a maior parte de suas teorias e pesquisas foram resultantes de outras ciências já consolidadas como a Psicologia, a Sociologia, a Psicologia Social, a Antropologia e a Ciência Política.

A ciência da comunicação é, pois, filha de muitas mães e, talvez, por isso, a sua vocação tenha registrado diversas mudanças de orientação, que corresponderam não só aos interesses e necessidades das épocas históricas respectivas mas também aos diversos pontos de vista das ciências-mães ou de seus mais destacados expoentes. (BORDENAVE, 1983, pp. 107-108)

Bordenave (*op. cit.*, pp. 108-118) aponta para as diversas orientações que o estudo da Comunicação sofreu, enquanto evolução de nova ciência. O autor adverte, porém, que as orientações por vezes coexistem, sem necessariamente excluírem-se, por vezes completando-se:

- Orientação para os conteúdos;
- Orientação para os códigos;
- Orientação para os meios e seus efeitos;
- Orientação para a difusão de inovações;
- Orientação para a transmissão de informação;
- Orientação para as funções da comunicação;
- Orientação para a estrutura social; e
- Orientação para a mudança social.

O ensino de Comunicação como um campo de atividade profissional (ou seja, um conjunto de profissões) se dá formalmente em três níveis: técnico, graduação e pós-graduação. No primeiro, em escolas de formação técnica, ensinam-se as técnicas operacionais para execução de produtos de comunicação e o uso de equipamentos necessários à produção destes. No segundo, formam-se profissionais habilitados ao exercício de profissões de

Comunicação, tanto com treinamento prático quanto com embasamento teórico. Já no terceiro, em *lato* ou *stricto sensu*, desenvolve-se a reflexão analítica ou teórica sobre a prática ou ensino da Comunicação, temas correlatos ao campo e as relações comunicacionais no mundo (MELO, 2001, pp. 55-61).

A graduação em Comunicação Social no Brasil é oferecida por instituições de Ensino Superior (faculdades e universidades) e está regulamentada nos cursos de bacharelado em Comunicação Social (neologismo criado para evitar o termo "de Massa"), divididos nas seguintes habilitações¹⁵ (assim como outras que possam ser criadas):

- Jornalismo;
- Relações Públicas;
- Radialismo;
- Publicidade e Propaganda;
- Editoração; e
- Cinema.

Os cursos de Comunicação Social, em suas diversas habilitações, vêm sofrendo mudanças efetivas ao longo dos anos nas estruturas curriculares, com a redução da dicotomia entre teoria e prática e o papel das novas Diretrizes Curriculares. Tem-se aumentado a preocupação com a relação das escolas de comunicação e o mercado de trabalho (MELO, 2001, pp. 62-63).

Houve crescimento exponencial dos cursos de Comunicação Social no Brasil, de 85 cursos em 1994, para 525, em 2001, o que gera preocupação entre os estudiosos com relação à qualidade dos cursos ofertados, não só na área de Comunicação, mas no Ensino Superior em geral. (CALDAS, 2003)

Atualmente, conforme informações disponíveis no Portal do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação¹⁶), no Brasil existem 619 cursos/habilitações de Comunicação Social ofertados tanto em instituições públicas quanto privadas, nas diversas habilitações. Detalhando o recorte por regiões, ao se pesquisar os cursos de Comunicação Social no Brasil tanto em instituições públicas quanto privadas, tem-se:

¹⁵ Conforme regulamentação da Lei de Diretrizes Curriculares para a graduação em Comunicação Social, CES 492/2001, pp. 17-19.

¹⁶ Endereço eletrônico: [http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_cursos.asp], consultado em 14/01/2008.

Região Norte – 37 cursos/habilitações ofertadas;
 Região Nordeste – 109 cursos/habilitações ofertadas;
 Região Centro-Oeste – 60 cursos/habilitações ofertadas;
 Região Sudeste – 308 cursos/habilitações ofertadas; e
 Região Sul – 105 cursos/habilitações ofertadas.

Para melhor visualização, os dados foram organizados em forma de gráfico do tipo “pizza”, apresentado a seguir:

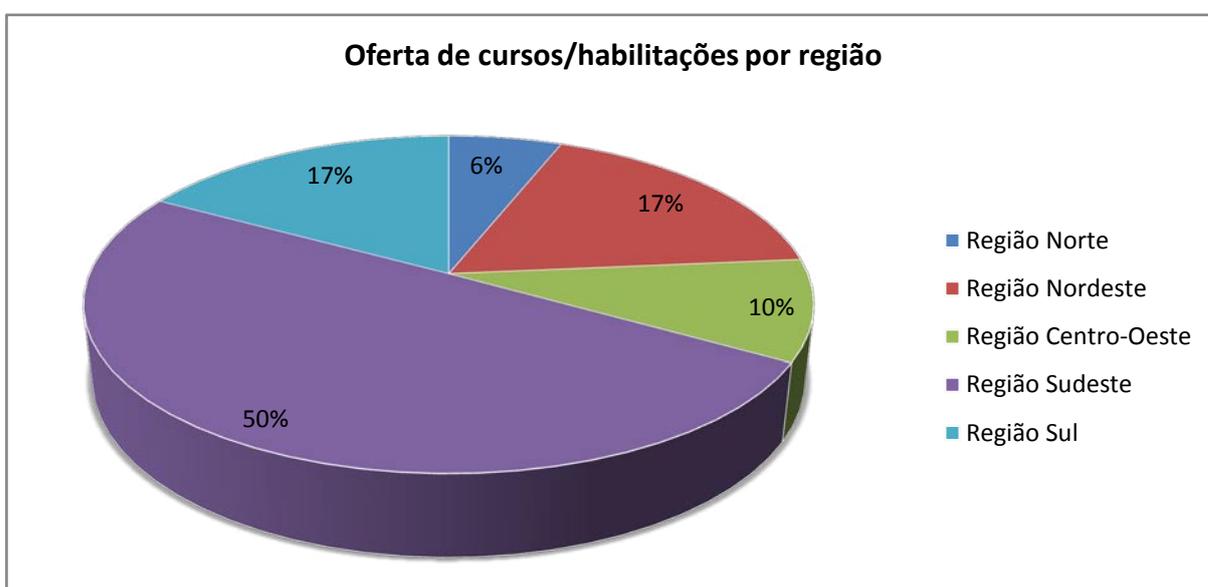


Figura 4 – Oferta de cursos/habilitação por região
Fonte: Inep

No gráfico apresentado, percebe-se em valores percentuais a divisão do número de cursos de Comunicação Social ofertados por regiões brasileiras, sendo que a maior concentração se dá nos estados da região Sudeste do país.

Não há necessidade de ser feita divisão entre cursos públicos e privados, já que os objetivos desta dissertação não prevêm o estudo embasado em tal distinção, e mesmo as Diretrizes Curriculares do MEC (Ministério da Educação) não fazem diferença entre tais cursos.

Ainda que a metade do total nacional dos cursos/habilitações seja ofertada na região Sudeste, e apenas 17% na região Sul, seguindo o recorte da pesquisa proposta, tem-se que no estado do Paraná existem 44 cursos/habilitações¹⁷ de Comunicação Social ofertadas pelo total

¹⁷ Os dados on-line do MEC são apresentados de forma mesclada entre cursos e habilitações, não significando o total real de habilitações ofertadas.

das instituições de Ensino Superior, conforme o MEC, sendo que desse total, 33 habilitações¹⁸ são ofertadas na capital do estado, a cidade de Curitiba.

São doze instituições privadas de Ensino Superior na cidade de Curitiba que ofertam a graduação em Comunicação Social em suas diversas habilitações e apenas uma instituição pública Federal, ofertante das habilitações de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda.

As instituições com suas respectivas habilitações, modalidade, data de início de funcionamento do curso, duração do curso, carga horária, regime letivo e vagas autorizadas a serem ofertadas na cidade de Curitiba encontram-se no ANEXO 4.

De acordo com os dados do Inep, percebe-se que os cursos mantêm no total uma média de 2950 horas/aula, sendo que a Universidade Federal do Paraná possui a menor quantidade de horas/aula, na habilitação de Publicidade e Propaganda, com 2700 horas/aula e, as maiores quantidades de horas/aulas, 3200, constam nas grades das habilitações de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas das Faculdades Integradas do Brasil (Unibrasil) e de Publicidade e Propaganda do Instituto de Ensino e Cultura do Paraná (Fapar).

Das treze instituições da cidade, onze possuem cursos de Comunicação Social relativamente jovens, com data de início de funcionamento a partir de 1994 até 2007. Os cursos mais antigos são encontrados na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), sendo assim datados:

Jornalismo – 1956 (PUCPR) e 1969 (UFPR);

Publicidade e Propaganda – 1977 (UFPR) e 1989 (PUCPR); e

Relações Públicas – 1977 (UFPR) e 1995 (PUCPR).

Considerando os dados levantados, as habilitações do curso de Comunicação Social na cidade de Curitiba apresentam a distribuição do gráfico a seguir:

¹⁸ O MEC apresenta os dados de Curitiba-PR como: 18 habilitações/cursos de Comunicação Social, sendo que o total real de habilitações ofertadas é de 33, somando-se as 13 instituições de Ensino Superior presentes na cidade.

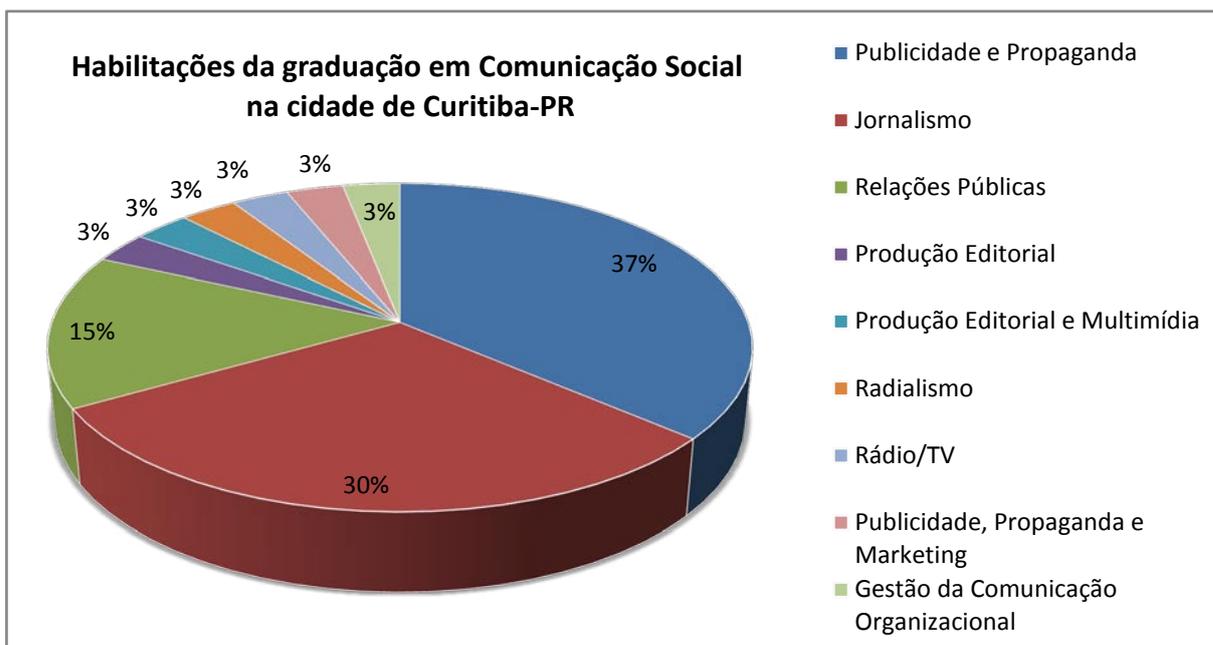


Figura 5 – Habilitações da graduação em Comunicação Social na cidade de Curitiba-PR
Fonte: Inep

Com relação ao número de vagas ofertadas em cada habilitação da graduação em Comunicação Social na cidade de Curitiba, Publicidade e Propaganda é a habilitação com maior número de vagas abertas anualmente: 1942. A habilitação de Jornalismo oferta 1692 vagas anualmente e a habilitação de Relações Públicas, 550. As outras habilitações, apesar de um número inferior, também apresentam significativas ofertas de vagas. Conforme gráfico a seguir:

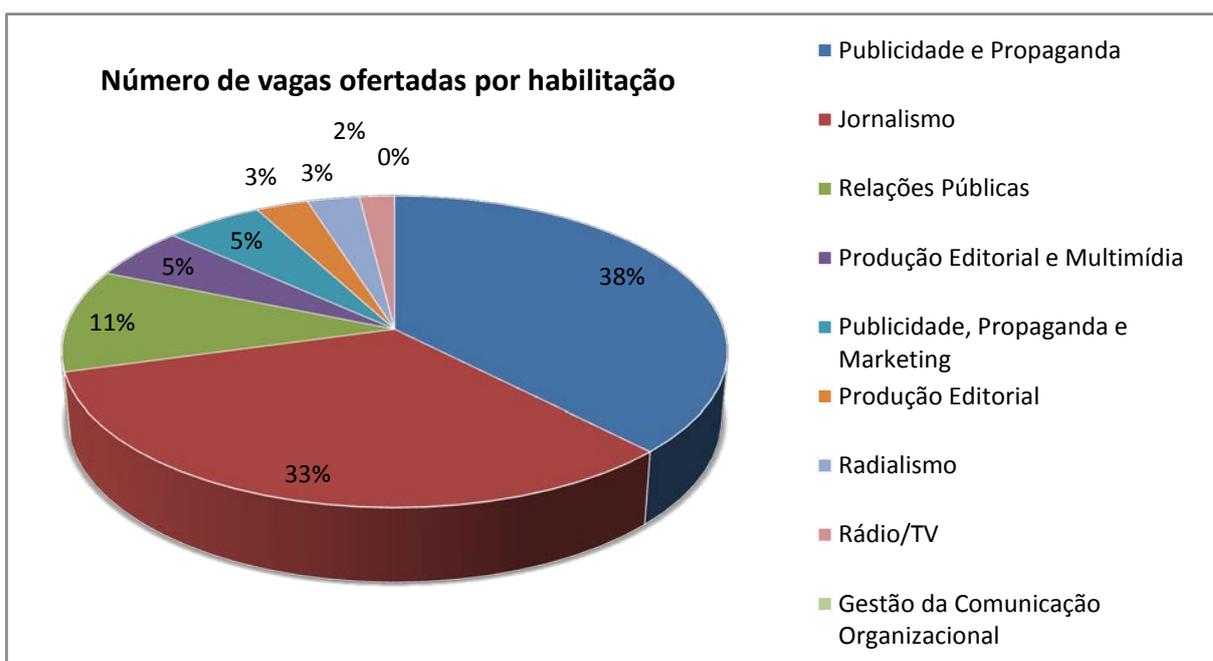


Figura 6 – Número de vagas ofertadas por habilitação
Fonte: Inep

Apesar das diferentes habilitações, a Comunicação Social é um curso que mantém um núcleo curricular comum, além de objetivos colocados pelas Diretrizes Curriculares compartilhados por todas as habilitações. Os formandos devem sair do curso com um perfil de formação geral que independe da habilitação, conforme o Parecer CES 492/2001 (p. 16) do MEC. Isto garante a identidade do curso.

O egresso de Curso de Graduação em Comunicação, em qualquer de suas habilitações, caracteriza-se por:

1. sua capacidade de criação, produção, distribuição, recepção, e análise crítica referentes às mídias, às práticas profissionais e sociais relacionadas com estas, e a suas inserções culturais, políticas e econômicas;
2. sua habilidade em refletir a variedade e mutabilidade de demandas sociais e profissionais na área, adequando-se à complexidade e velocidade do mundo contemporâneo;
3. sua visão integradora e horizontalizada - genérica e ao mesmo tempo especializada de seu campo de trabalho possibilitando o entendimento da dinâmica das diversas modalidades comunicacionais e das suas relações com os processos sociais que as originam e que destas decorrem.
4. utilizar criticamente o instrumental teórico-prático oferecido em seu curso, sendo portanto competente para posicionar-se de um ponto de vista ético-político sobre o exercício do poder na comunicação, sobre os constrangimentos a que a comunicação pode ser submetida, sobre as repercussões sociais que enseja e ainda sobre as necessidades da sociedade contemporânea em relação à comunicação social. (Parecer CES 492/2001, p. 16)

No primeiro tópico, o Parecer ressalta as capacidades relacionadas às mídias, fundamentais na profissão do comunicador social. Já no segundo tópico, a qualidade do formando ressaltada é a habilidade de reflexão com relação à mutabilidade, complexidade e velocidade do mundo contemporâneo.

O MEC ainda privilegia nos tópicos 3 e 4, que o formando tenha uma visão comunicacional ampla e especializada das relações com os processos sociais e que saiba utilizar criticamente o instrumental teórico-crítico da Comunicação Social.

Existem, ainda, competências e habilidades apontadas pelo Ministério da Educação como sendo fundamentais na formação dos comunicadores sociais:

As competências e habilidades gerais para os diferentes perfis são as seguintes:

1. assimilar criticamente conceitos que permitam a apreensão de teorias;
2. usar tais conceitos e teorias em análises críticas da realidade;
3. posicionar-se de modo ético-político;
4. dominar as linguagens habitualmente usadas nos processos de comunicação, nas dimensões de criação, de produção, de interpretação e da técnica;
5. experimentar e inovar no uso destas linguagens;
6. refletir criticamente sobre as práticas profissionais no campo da Comunicação;
7. ter competência no uso da língua nacional para escrita e interpretação de textos gerais e especializados na área. (Parecer CES 492/2001, pp. 19-20)

Essas competências e habilidades são bases para uma formação consistente, em que o formando em Comunicação Social terá condições de assimilar conceitos de forma crítica,

permitindo a apreensão de teorias; colocar em prática tais conceitos e teorias para que sejam feitas análises críticas da realidade, com posicionamento ético-político; dominar as linguagens comunicacionais, em todas as suas dimensões, fazendo a experimentação e podendo inovar no uso de tais linguagens; refletir criticamente sobre as práticas profissionais da Comunicação e sendo competente no uso da língua nacional nas diversas situações exigidas pela profissão.

Outro ponto presente no documento do MEC é o dos Conteúdos Curriculares, os quais são diferenciados entre Básicos e Específicos, sendo que “os conteúdos básicos são aqueles relacionados tanto à parte comum do curso quanto às diferentes habilitações” e “os conteúdos específicos são aqueles que cada instituição, livremente, deve eleger para organizar seu currículo pleno, tendo como referência os objetivos e os perfis comum e específicos anteriormente definidos” (*op. cit.*, p. 23).

Embora ambos os conteúdos tenham importância para a graduação, destacam-se os conteúdos Básicos:

Os conteúdos básicos são caracterizadores da formação geral da área, devendo atravessar a formação dos graduandos de todas as habilitações. Envolvem tanto conhecimentos teóricos como práticos, reflexões e aplicações relacionadas ao campo da Comunicação e à área configurada pela habilitação específica. Estes conhecimentos são assim categorizados: conteúdos teórico-conceituais; conteúdos analíticos e informativos sobre a atualidade; **conteúdos de linguagens, técnicas e tecnologias midiáticas**, conteúdos ético-políticos. (*ibid.*, grifo nosso).

Esse tipo de conteúdo é comum às diversas habilitações da Comunicação Social, conforme definido pelo MEC. Cada categoria apresentada deve estar presente nas discussões do núcleo comum do curso, sendo:

- conteúdos teórico-conceituais;
- conteúdos analíticos e informativos sobre a atualidade;
- conteúdos de linguagens, técnicas e tecnologias midiáticas; e
- conteúdos ético-políticos.

A ‘categoria dos conteúdos de linguagens, técnicas e tecnologias midiáticas’ é a que dá subsídios para que os cursos de Comunicação Social brasileiros adentrem à questão tecnológica da comunicação. Apesar de serem pontos fundamentais no estudo da comunicação e no desenvolvimento pleno do comunicador social, as Diretrizes Curriculares não são claras nos elementos que devem compor essas categorias, ficando a cargo das instituições a composição do currículo da forma que julguem melhor estruturado para a formação de seus estudantes.

Ou seja, as Diretrizes Curriculares do MEC aos cursos de Comunicação Social, embora privilegiem a inclusão dos conteúdos relacionados às TICs, não explicitam a forma, a nomenclatura ou a periodização para o estudo dessa temática nos currículos acadêmicos.

Dessa forma, a Comunicação deve ser pensada e discutida entre professores e estudantes para que o currículo seja moldado da melhor maneira possível, pois formar profissionais de Comunicação Social é focar no fato de que os mesmos atuarão junto à sociedade e que isto pede uma consciência de responsabilidade altamente desenvolvida. Além de se tornarem responsáveis pela comunicação, divulgação de notícias, eventos, anúncios, propagandas, publicidades, sejam para empresas públicas ou privadas, seja como empregados ou empregadores, se tornarão, também, responsáveis pela forma como comunicam e pelo objeto que comunicam para uma sociedade toda ou parte dela. Os estudantes de Comunicação Social não se formam simplesmente comunicadores, mas, comunicadores sociais, e isto gera novas implicações nesta formação.

“Ninguém é exterior à comunicação, ninguém está distante dela. Somos todos parte integrante da comunicação; ela nunca é um objeto neutro, exterior a si mesma” (WOLTON, 2004, pp. 28-29).

Wolton destaca sobre comunicação que

A literatura a respeito desse tema é considerada proporcional à diversidade das tradições, das práticas e das doutrinas que, da teologia até a filosofia, da antropologia à sociologia, da lingüística à psicologia, da ciência política ao direito, marcaram definições e teorias da comunicação. (*op. cit.*, p. 29)

Ou seja, pensar a comunicação não é algo simples, o próprio Wolton apresenta três sentidos principais que a relação entre comunicação e sociedade assume em seu trabalho: “a comunicação direta, a comunicação técnica e a comunicação social” (*ibid.*). O pesquisador discorre sobre cada um dos níveis de comunicação (pp. 30-31) apresentados por ele da seguinte forma:

a) comunicação direta: seria a experiência antropológica fundamental, ou seja, o compartilhar com o outro, já que não existe vida individual ou coletiva sem comunicação. “O ato banal de comunicação condensa em realidade a história de uma cultura e de uma sociedade” (*ibid.*);

b) comunicação técnica: aquela que quebrou as condições da comunicação direta, substituída pela comunicação à distância. Este tipo de comunicação é mediatizado pela tecnologia (telefone, televisão, rádio, *Internet...*);

c) comunicação social: a partir do modelo internacional de abertura (comércio, câmbio, diplomacia...), “a ‘comunicação mundial’ não tem mais grande coisa a ver com o horizonte nem com o sentido na escala dos indivíduos e dos pequenos grupos” (*ibid.*).

Mas para Wolton existe um ponto de intersecção, comum aos três níveis de comunicação: a ‘interação’. Já que, para o autor, é a interação que define a comunicação. Essa interação acontece entre indivíduos reflexivos, e daí surge uma das hipóteses do trabalho do pesquisador:

Por isso, a hipótese do meu trabalho, ou seja, a possibilidade para os indivíduos, os grupos, as coletividades, de driblar as falsas promessas da comunicação, está relacionada ao paradigma democrático que supõe a capacidade crítica do cidadão. Se este é suficientemente inteligente para ter lucidez com relação ao discurso político, por que não lhe atribuir a mesma inteligência para ter lucidez perante as promessas de comunicação? (WOLTON, 2004, p. 35)

Dessa forma, Wolton toma o partido de que uma sociedade da informação e da comunicação não é urgente, já que com a comunicação pode haver ‘dominação’. Para o autor, esta ‘dominação’ não seria o mesmo que ‘alienação’, já que, a alienação subtrairia dos indivíduos o livre-arbítrio, enquanto a dominação, impossibilitada de não ser criticada, estabeleceria uma relação de poder, ou violência, nas relações particulares ou sociais.

O certo é que os indivíduos têm capacidade de pensar, refletir e criticar, tanto que uma das preocupações de Paulo Freire foi desenvolver nos educandos o senso crítico, a possibilitar a essas pessoas a capacidade de fazer uma leitura crítica dos meios de comunicação, da vida. Melo, em sua obra **A Comunicação na Pedagogia de Paulo Freire**, conclui que “o homem integrado no seu mundo *faz cultura*” (1998, p. 259, grifo original). O autor busca em Freire subsídios para afirmar que “a partir das relações do homem com a realidade, resultante de estar *com* ela e de estar *nela*, pois atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo” (*ibid.*, grifo original). De forma oposta, tem-se o homem massificado, que, ainda em contato com a realidade, não está integrado a ela. Freire em **Educação como Prática da Liberdade** acrescenta, este homem é “denominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada” e “vem renunciando cada vez mais, sem o saber, à sua capacidade de decidir” (*apud*: MELO, 1998, p. 259).

As sociedades a quem se nega o diálogo – comunicação – e, em seu lugar, se lhes oferecem *comunicados*, resultantes de compulsão ou *doação*, se fazem preponderantemente *mudas*. O mutismo não é propriamente inexistência da resposta. É a resposta a que falta teor marcadamente crítico [...] Entre nós [...] o que predominou foi o mutismo. Foi a sua não-participação na solução dos problemas comuns. Faltou-nos, na verdade [...], vivência comunitária. (FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, pp. 69-70, *apud*: MELO, 1998, pp. 263-264, grifos originais).

Para Melo a cultura do silêncio é um fenômeno comum aos povos colonizados, fenômeno que Freire chama de “mutismo” do homem brasileiro, de uma sociedade caracteristicamente fechada, “colonial, escravocrata, sem povo, reflexa, antidemocrática” (MELO, 1998, p. 263). Esse “mutismo” foi, posteriormente, denominado por Freire de “cultura do silêncio” (*op. cit.*, p. 265), característica de todos os povos colonizados, com raízes na prática secular da “incomunicação” (*ibid.*). Por isso Freire apresenta ao mundo uma “Pedagogia do Oprimido”, já que o homem “colonizado é silencioso, é alguém que não tem voz própria, que fala pela fala do opressor” (*ibid.*).

A ‘Pedagogia do Oprimido’, além de ser uma ‘Pedagogia da Comunicação’, que, “implicando na comunhão do educador e do educando, afigura-se como uma pedagogia aberta, em permanente reelaboração. Quando mais intensa a comunicação, mais rica a interação entre os participantes” (*op. cit.*, p. 266), é, também, uma pedagogia libertadora, pela comunicação, alcança-se a libertação.

Melo acrescenta que “a comunicação só se faz autenticamente com liberdade. Por sua vez, a liberdade só se conquista com comunicação” (*ibid.*). E a comunicação, para Nestor Canclini, assumiu destaque especial na sociedade contemporânea, em que as grandes massas “podem viver sem a Escola, porém já não vivem sem a Comunicação. É da Comunicação que alimentam seu imaginário, constroem suas representações, encontrando a síntese para a complexidade da vida moderna” (*apud*: SOARES, 1999, p. 52).

A comunicação eficiente, para Freire, é o ‘modo dialógico de interação’, para ele “ser dialógico é vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam” (FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: 1976, p. 26. *apud*: SOARES, 1999, p. 55).

No mesmo sentido, para Bordenave a comunicação é

um processo natural, uma arte, uma tecnologia, um sistema e uma ciência social. Ela pode ser um instrumento de legitimação de estruturas sociais e de governos como também a força que os contesta e os transforma. Ela pode ser veículo de auto-expressão e de relacionamento entre as pessoas, mas também pode ser sutil recurso de opressão psicológica e moral. Através da comunicação a humanidade luta, sonha, cria beleza, chora e ama. (1983, p. 119)

Este fragmento de Bordenave dá uma idéia resumida do que a Comunicação representa na sociedade. Por tudo isto, faz-se necessário o estudo não só da Comunicação, mas de como os profissionais deste campo estão sendo formados.

3. CURRÍCULO E GRADUAÇÃO

Para que se possa compreender e aprofundar-se no estudo do currículo de Comunicação Social e como as Tecnologias da Informação e Comunicação adentram o curso, é necessário entender o currículo e como este pode ser fundamental na construção do conhecimento dos graduandos, assim como a estruturação e função do código disciplinar.

Bueno & Brito (2005, p. 5) destacam que “a discussão curricular implica uma postura pedagógica que por sua natureza é política também [...] discutir currículo é questionar que tipo de sociedade desejamos; assim não é um assunto unicamente técnico, mas fundamentalmente pedagógico e social.”

E a preocupação nesta dissertação diz respeito exatamente à formação dos comunicadores sociais e à sua ação junto da sociedade, ou seja, quais os elementos curriculares básicos seriam necessários no caso de uma única disciplina, especificamente a que trata de TICs, para suprir as necessidades de formação na área, seja prática, seja reflexiva, satisfatória em qualquer de suas habilitações.

3.1. Entendendo o Currículo

“A palavra currículo vem da palavra latina *Scurrere*, correr, e refere-se a curso (ou carro de corrida). As implicações etimológicas são que, com isso, o currículo é definido como um curso a ser seguido, ou, mais especificamente, apresentado.” (GOODSON, 1995, p. 31)

Logo no Prefácio do livro *Teoría del Curriculum y Escolarización*, Ulf P. Lundgren traz algumas frases que sintetizam a idéia de Currículo desenvolvida ao longo de sua obra:

[...] el concepto de curriculum nunca se puede alcanzar sin un entendimiento de la interacción entre el texto y el contexto [...] El estudio del concepto de curriculum

implica una investigación, no sólo de cómo se organiza el conocimiento para su transmisión – para la educación – sino también de los fines que subyacen detrás de la transmisión del conocimiento. (LUNDGREN, 1997, pp. 10-11)¹⁹

Neste trecho de Lundgren, percebe-se a importância dada pelo autor à correlação ‘texto-contexto’ em que o currículo é produzido, desenvolvido, ou seja, não se pode desprezar os fatores sociais, os fatores menos formais da cultura.

Nem só a disciplina ou o conteúdo são fatores decisivos na construção do currículo, como coloca Silva, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no prefácio da obra de Goodson:

O processo de fabricação do currículo não é um processo lógico, mas um processo social, no qual convivem lado a lado com fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, determinantes sociais menos “nobres” e menos “formais”, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades de legitimação e de controle, propósitos de dominação dirigidos por fatores ligados à classe, à raça, ao gênero. A fabricação do currículo não é apenas o resultado de propósitos “puros” de conhecimento, se é que se pode utilizar tal expressão depois de Foucault. O currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos. (GOODSON, 1995, p. 8 – Prefácio de SILVA, Tomaz Tadeu da.)

Goodson (*op. cit.*, p. 18) busca em Maxine Greene (1971) dois conceitos contrapostos para ajudar no entendimento da distinção entre uma definição ‘pré-ativa’ de currículo e sua realização ‘interativa’: “uma estrutura de conhecimento socialmente apresentado, externo ao conhecedor, a ser por ele dominado” e “uma possibilidade que o discente tem como pessoa existente, sobretudo interessada em dar sentido ao mundo em que de fato vive”, respectivamente.

Todas essas citações demonstram a complexidade da construção, ou fabricação, como coloca Silva, do currículo, sendo assim, a definição de um conceito aplicável e aceitável para o termo torna-se bastante distante. Lundgren (1997, p. 12) traz esta questão bem clara em apenas duas frases: “*Tampoco la teoria curricular puede definirse, ha de hallarse. Una teoria curricular es un método de investigación.*”²⁰

Sobre a construção curricular, o autor especifica que as diversas teorias curriculares devem se basear em pressupostos filosóficos relativos a como se forma o conhecimento, pressupostos de ordem sócio-histórico no qual tem seu significado uma organização

¹⁹ “[...] o conceito de currículo não pode ser alcançado sem um entendimento da interação entre o texto e o contexto. [...] O estudo do conceito de currículo implica uma investigação, não só de como se organiza o conhecimento para sua transmissão – para a educação – senão também dos fins que permanecem por trás da transmissão do conhecimento.” Tradução do espanhol para o português de Paulo Negri Filho.

²⁰ “Tão pouco a teoria curricular pode definir-se, tem que encontrar-se. Uma teoria é um método de investigação.” Tradução do espanhol para o português de Paulo Negri Filho.

específica do conhecimento em um contexto social, e os pressupostos psicológicos a respeito de como se adquire e processa o conhecimento.

Lundgren (1997, p. 20) destaca que o termo ‘currículo’ pode aparecer em diversas situações, já que ele pode ser utilizado para designar o documento com o plano detalhado do ano escolar, e esta era a concepção nos primeiros escritos e até hoje em alguns países europeus.

O termo também pode ser apropriado para um amplo “Guia de professores” ou para significar todas as experiências que um estudante tem conforme o curso escolar. *“Pero básicamente, el concepto de curriculum cubre los textos producidos para solucionar el problema de la representación” (ibid.)*²¹. E esta parece ser a principal função do currículo, representar o plano de ensino elaborado por outrem para aqueles inseridos em determinado curso, dispostos a tomar ciência de conhecimentos diversos.

Esquemáticamente, Lundgren (*ibid.*) traz o currículo como:

1. *Una selección de contenidos y fines para la reproducción social, o sea, una selección de qué conocimiento y qué destrezas han de ser transmitidos por la educación.*
2. *Una organización del conocimiento y las destrezas.*
3. *Una indicación de métodos relativos a cómo han de enseñarse los contenidos seleccionados; por ejemplo, su secuenciación y control.*²²

O pesquisador sugere que por detrás do currículo deve haver um conjunto de princípios segundo os quais surgirão a seleção, a organização e os métodos de transmissão. Para Lundgren, o conjunto destes princípios é denominado “código curricular” (1997, p. 21).

Destaca-se, ainda em Lundgren, um esquema representativo do processo para se elaborar um currículo, dividindo-se o “contexto de formulação” do “contexto de realização”:

²¹ “Mas basicamente, o conceito de currículo abrange os textos produzidos para solucionar o problema da representação.” Tradução do espanhol para o português de Paulo Negri Filho.

²² “1. Uma seleção de conteúdos e fins para a produção social, ou seja, uma seleção de qual conhecimento e quais habilidades serão transmitidos pela educação./ 2. Uma organização do conhecimento e das habilidades./ 3. Uma indicação dos métodos relativos a como se ensinar os conteúdos selecionados, por exemplo, sua seqüenciação e controle.” Tradução do espanhol para o português de Paulo Negri Filho.

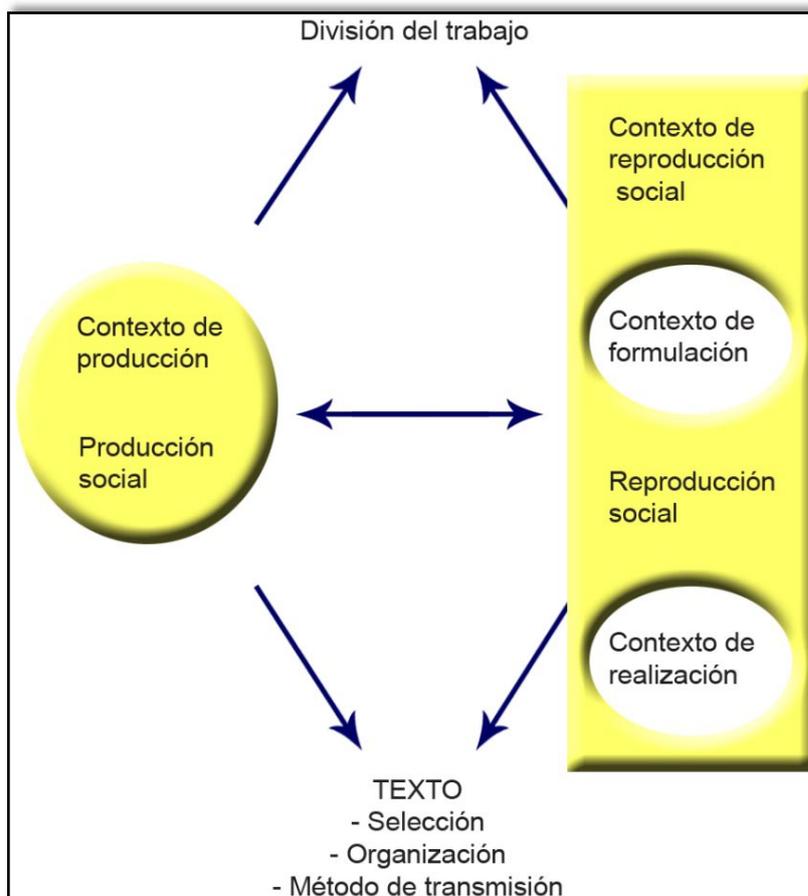


Figura 7 – Esquema representativo do processo de elaboração de um currículo
 Fonte: LUNDGREN, 1997, p. 21

No esquema, Lundgren faz a distinção do Contexto de produção social (à esquerda) do Contexto de reprodução social (à direita), mostrando que na intersecção de ambos se encontra o Texto, que detém a Seleção, a Organização e o Método de Transmissão, ou seja, o currículo enquanto documento formalizado.

Ainda inseridos no Contexto de reprodução social, identifica-se dois outros contextos, o da Formulação e o da Realização. Na mesma região direita do esquema se encontra o lugar onde o currículo é pensado, discutido, aprovado para, finalmente, ser colocado em prática.

Mas apesar da dificuldade de definição do termo “currículo”, e mesmo com o esquema simplificado do processo complexo de construção do currículo, Lundgren soma nova tentativa ao que define “*el curriculum como la ‘solución necesaria al problema de la representación’, y el problema de la representación como el ‘objeto del discurso pedagógico’.*” (1997, p. 22)²³

Segundo o próprio autor (*op. cit.*, p. 32), para que se possa entender este problema de representação, em primeiro lugar, é importante tomar como referência o conceito de

²³ “o currículo como a ‘solução necessária ao problema da representação’, e o problema da representação como o ‘objeto do discurso pedagógico’.” Tradução do espanhol para o português de Paulo Negri Filho.

escolarização, enquanto instituição, o de estabelecimento de ensino por meio de textos, entendendo-se os textos pedagógicos como o vínculo entre os contextos de produção e de reprodução.

Para Lundgren (*ibid.*), os textos pedagógicos representam a solução ao problema da reprodução, que é uma consequência da criação de instituições específicas educativas: o estabelecimento da escolarização. E esta análise, como o próprio autor salienta, não diz respeito a fatores históricos pontuais, mas a três outras situações: as transformações da sociedade que vão mudando lentamente a estrutura e os modos de produção; as condições que regulam os diversos contextos sociais; e a criação de textos pedagógicos, que o autor denomina de “*curricula*”.

Os currículos, assim como a sociedade, são ativos e se modificam, ou melhor, são modificados, conforme forças que os impelem a serem transformados. Lundgren destaca a última grande modificação geral que ocorreu na primeira década do século XX, sendo que a “*definición de curriculum empezó a centrarse en el desarrollo del niño y no en la reproducción de la sociedad*”²⁴, conforme o estudo trazido por Dewey em 1916 (*apud*: LUDGREN, 1997, p. 73).

O parâmetro descrito por Lundgren tomar-se-á como um dos principais da análise curricular, o desenvolvimento do estudante enquanto centro da definição de currículo, e não mais a reprodução da sociedade, já que o graduando é o sujeito que atuará no mercado e na sociedade, colocando em prática todo o conhecimento adquirido e a capacidade de reflexão desenvolvida na instituição na qual esteve por alguns anos, associado a outras experiências pessoais.

Mas ao mesmo tempo Goodson (1995, p. 17) busca em Raymond Williams um alerta ao iniciar sua teorização sobre currículo, ao dizer que “como qualquer outra reprodução social, ele constitui o campo de toda sorte de estratégias, interesses e relações de dominação”. Esta última citação trazida mostra como a questão curricular é ampla e vai se tornando mais complexa na medida em que a discussão é aprofundada, adentrando em campos não só sociais como políticos e econômicos, o que estaria fora do alcance desta dissertação. No mesmo caminho, Saviani resume que

O currículo – incluindo o conjunto das matérias de ensino, sua distribuição pelos níveis escolares, seu valor relativo quanto à carga horária e recursos, e respectivos programas – produto de uma seleção realizada no seio da cultura. Enquanto tal, constituem uma conversão da cultura da sociedade global, uma espécie de “*reinvenção da cultura*”, que resulta num tipo peculiar de saber, o **saber**

²⁴ “definição de currículo começou a centrar-se no desenvolvimento da criança e não na reprodução da sociedade”. Tradução do espanhol para o português de Paulo Negri Filho.

escolar. Isto desmistifica a idéia de que a escola transpõe, didaticamente, para a sala de aula, os saberes tais como foram produzidos em outros locais. E dá a dimensão do problema vivido pelas disciplinas escolares na busca (inglória) de caminhar lado a lado com os saberes de referência. (SAVIANI, 1994, pp. 60-61, grifos originais)

Para Saviani, a noção de currículo liga-se às idéias de: “controle do processo pedagógico; estabelecimento de prioridades segundo as finalidades da educação [...]; ordenação, seqüenciação e dosagem dos conteúdos de ensino” (*ibid.*). E da mesma forma, a noção de disciplina escolar também está ligada às mesmas idéias. A autora ainda destaca que a elaboração do currículo se dá “em meio a contradições e conflitos, que redundam em soluções **negociadas**” (*ibid.*, grifo original).

Saviani adentra, ainda, na discussão da ‘interdisciplinaridade’ ao demonstrar que esta permite a “passagem de um saber setorizado a um conhecimento integrado” (*op. cit.*, p. 69), passagem realizada por meio de um trabalho em comum, que tenha em vista a interação das diferentes disciplinas, seus conceitos, suas metodologias, seus procedimentos, seus dados e sua organização de ensino.

A interdisciplinaridade acaba se tornando uma forma de superar a visão de currículo fragmentado, superando, também, a “tendência à hierarquização das disciplinas segundo sua suposta maior ou menor importância” (*op. cit.*, p. 70). Para Saviani, a interdisciplinaridade deve ser abordada como *atitude*, o que supõe que a mesma exige e permite:

- a superação de visões fragmentadas que colocam barreiras entre as disciplinas;
- a disposição de romper barreiras entre as pessoas, nas suas diferentes funções;
- a modificação de hábitos estabelecidos;
- o engajamento pessoal;
- a aceitação dos limites do próprio saber e a abertura para acolher contribuições;
- a convergência para objetivos mútuos;
- a disposição de romper com o monólogo em favor de uma prática dialógica;
- o exercício da dúvida, o cultivo da curiosidade, o desejo da descoberta;
- a valorização das experiências do cotidiano;
- a preocupação com a visão de totalidade do homem como um “ser no mundo”. (*op. cit.*, p. 71)

Por essas razões, a autora afirma que interdisciplinaridade não é algo que se aprende ou ensina, mas algo que “apenas **vive-se, exerce-se**” (*op. cit.*, p. 72, grifos originais).

E por esse mesmo motivo, é tão complicado estender a interdisciplinaridade a todos os docentes. Então, a solução encontra-se em conseguir que a interdisciplinaridade seja feita pelos estudantes, por meio da integração dos conteúdos das disciplinas do currículo por eles mesmos. Para isto, Saviani (*ibid.*) recorre a Bochniak, testemunha de que “projetos específicos podem ser desenvolvidos, com ou sem alteração da organização curricular estabelecida”.

Saviani considera a necessidade de se superar o isolamento e a concorrência entre as disciplinas por meio de uma reestruturação do ensino das disciplinas científicas, que

passa pela “*integração*” das disciplinas do currículo; exige o “*aprofundamento de estudos, de relações entre os conteúdos no cotidiano*”; e requer uma mudança de atitude em relação ao conhecimento, ao ensino e ao estudo, “*um novo discurso pedagógico*”, uma “*auto renovação*” que inclui a “*cooperação e coordenação crescente entre as disciplinas*” (SAVIANI, 1994, pp. 143-144, grifos originais).

Para Martino, a Comunicação é uma disciplina que permanece tão vasta e diversificada “quanto as problemáticas que compõem as ciências do homem” (MARTINO *et al.*, 2001, p. 28), e que acaba sendo interdisciplinar e de difícil caracterização de seu objeto de estudo.

Martino (*ibid.*) evoca Schramm ao afirmar que “a Comunicação é uma espécie de encruzilhada pela qual muitos passam e onde poucos permanecem”, já que a natureza dos estudos de Humanidades têm no homem um ser essencialmente comunicativo, fazendo com que “a análise dos processos comunicativos seja um ponto de passagem quase que obrigatório” (*ibid.*).

Martino acrescenta que uma visão retrospectiva do campo revelaria “a oscilação do objeto da Comunicação entre os meios de comunicação e a cultura de massa” (*ibid.*). Contudo, o autor afirma que “os meios de comunicação e cultura de massa não se opõem, nem podem ser reduzidos um ao outro, ao contrário, eles exigem uma relação de reciprocidade e complementação” (*ibid.*).

Ele apresenta as duas organizações coletivas em que os meios de comunicação passam a ter papel relevante:

- 1) Seja no tocante à representação da totalidade social, fundando assim o incessante trabalho de atualização das relações coletivas no espaço virtual aberto pela atividade dos meios de comunicação. De onde a fórmula “espaço público complexo, ou espaço social igual a espaço virtual (médias);
- 2) Seja no tocante às estratégias de engajamento do indivíduo, que tem no meio de comunicação um auxílio imprescindível, um poderoso instrumento de sondagem de uma realidade que inevitavelmente escapa a seu aparato sensorial sujeito às limitações tempo/espaciais da experiência imediata: são os médias [sic] que alargam os horizontes da percepção corporal, sempre presa à territorialidade das relações comunitárias. (MARTINO *et al.*, 2001, p. 34)

Martino acredita que por meio do estudo da Sociedade se faz possível entender a necessidade de comunicação do ser humano, assim como a presença crescente dos meios de comunicação na sociedade.

Outro termo importante que surge ao se levantar a questão curricular é ‘disciplina escolar’, por vezes chamada de ‘matéria’, tema aprofundado a seguir.

3.1.1. Uma idéia de ‘disciplina escolar’

Chervel alerta para o fato de que as disciplinas escolares no geral não têm sido objeto de estudo de pesquisadores, nem mesmo de uma reflexão mais aprofundada, salvo alguns casos pontuais. “Demasiado vagas²⁵ ou demasiado restritas²⁶, as definições que dela são dadas de fato não estão de acordo a não ser sobre a necessidade de encobrir o uso banal do termo, o qual não é distinguido de seus ‘sinônimos’, como ‘matérias’ ou ‘conteúdos’ de ensino. A disciplina é aquilo que se ensina e ponto final.” (CHERVEL, 1990, p. 177)

O uso do termo ‘disciplina’ aparece antes de tudo, até o fim do século XIX, como sinônimo de vigilância dos estabelecimentos, de repressão às condutas prejudiciais, à boa ordem, a parte da educação dos estudantes que contribui para isso. Só nas primeiras décadas do século XX é que o termo começa a assumir as características atuais. (*op. cit.*, p. 178)

Num primeiro momento, ela passa do geral ao particular, e passa a significar uma “matéria de ensino suscetível de servir de exercício intelectual”. Parece que essa evolução não se produz antes dos primeiros anos do século XX. Pode-se falar doravante, no plural, de diferentes disciplinas [...] Logo após a I Guerra Mundial, enfim, o termo “disciplina” vai perder a força que o caracterizava até então. Torna-se uma pura e simples rubrica que classifica as matérias de ensino, fora de qualquer referência às exigências da formação do espírito. (*op. cit.*, pp. 179-180)

Para Chervel, dificilmente o termo ‘disciplina’ vai se dissociar de seu verbo: disciplinar, o qual comumente remete a alguma forma de imposição, idéia compartilhada por Fernández (1997, p. 18), ao aproximar ‘disciplina’ do termo espanhol ‘*azotar*’, que seria o mesmo que ‘fustigar’, em português, ou seja, ‘açoitar’.

No entanto, Chervel admite que a disciplina escolar não comporta tão-somente as práticas docentes da aula, “mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação de massa que ela determina” (*op. cit.*, p. 184), desempenhando um papel importante na história cultural.

E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel o qual não se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global. (*ibid.*)

A formação do indivíduo e, ao mesmo tempo, da cultura social, dos quais o sistema escolar é um dos responsáveis, é estendida também ao Ensino Superior, mas com algumas particularidades, já que

²⁵ “Conjunto específico de conhecimentos que tem suas características próprias, sobre o plano do ensino, da formação, dos mecanismos, dos métodos e das matérias.” Guy Palamade: *Interdisciplinarité et idéologie*. Paris, Anthropos, 1977, p. 22.

²⁶ “A disciplina é uma unidade metodológica: ela é a ‘regra’ (*disciplina*) comum a um conjunto de matérias agrupadas para fins de ensino (*discere*).” J.-P. Resweber: *La Méthode interdisciplinaire*. Paris, P.U.F., 1982, p. 46.

O que caracteriza o ensino de nível superior, é que ele transmite diretamente o saber. Suas práticas coincidem amplamente com suas finalidades. Nenhum hiato entre os objetivos distantes e os conteúdos de ensino. O mestre ignora aqui a necessidade de adaptar a seu público os conteúdos de acesso difícil, e de modificar esses conteúdos em função das variações de seu público: nessa relação pedagógica, o conteúdo é uma invariante. Todos os seus problemas de ensino se remetem aos problemas de comunicação: eles são, quando muito, de ordem retórica. E tudo que se solicita ao aluno é “estudar” esta matéria para dominá-la e assimilá-la: é um “estudante”. Alcançada a idade adulta, ele não reivindica didática particular à sua idade. (*op. cit.*, p. 185)

Fernandéz (1997, pp. 17-18) busca em Foucault subsídios para desenvolver sua idéia de disciplina, quando afirma que “*las disciplinas escolares son saberes-poderes, esto es, campos de conocimiento ‘cuyos cuerpos visibles no están constituidos por el discurso teórico o científico [...], sino por la práctica cotidiana y reglamentada’*.”²⁷

Para Fernandéz (*op. cit.*, p. 10), a formação da disciplina escolar se dá, como criação histórica, pela prática de diversos agentes sociais, dos quais os fundamentais são professores e alunos que, por meio de sua ação, criam e transformam ao longo do tempo uma tradição social.

O autor destaca, ainda, que essas disciplinas escolares “nascem” no contexto institucional dos sistemas educativos, não podendo ser construídas à margem de certas “marcas” e interesses sociais. Seriam, para Fernandéz, “invenções sociais”, que não surgem de repente, nem para sempre, mas que são construídas e reconstruídas no decorrer do tempo (*op. cit.*, p. 18).

Os ‘conteúdos explícitos’ constituem o eixo central da disciplina, conforme Chervel (1990, p. 204). No entanto, para o autor, os ‘exercícios’ são a “contrapartida quase indispensável”, pois, “o sucesso das disciplinas depende fundamentalmente da qualidade dos exercícios aos quais elas podem se prestar”.

Para Chervel, os exercícios são a parte da atividade realizada pelo estudante, observável pelo mestre. Sendo assim, o autor aponta quatro pontos fundamentais, constituintes do núcleo de uma disciplina (*op. cit.*, p. 205):

- conteúdos explícitos;
- baterias de exercícios;
- práticas de motivação; e
- aparelho docimológico (avaliação).

²⁷ “as disciplinas escolares são *saberes-poderes*, isto é, campos de conhecimento ‘cujos corpos visíveis não estão constituídos pelo discurso teórico ou científico [...], senão pela prática cotidiana e regulamentada’.” Tradução do espanhol para o português pelo autor, grifo original.

A disciplina escolar é então constituída por uma combinação, em proporções variáveis, conforme o caso, de vários constituintes: um ensino de exposição, os exercícios, as práticas de incitação e de motivação e um aparelho docimológico, os quais, em cada estado da disciplina, funcionam evidentemente em estreita colaboração, do mesmo modo que cada um deles está, à sua maneira, em ligação direta com as finalidades. (op. cit., p. 207)

No entanto, além do conceito de “disciplina escolar”, Fernandéz colabora com o conceito de ‘código disciplinar’. Conceito que para o autor, pode ser definido como

una tradición social, configurada históricamente y compuesta de un conjunto de ideas, valores, suposiciones y rutinas, que legitiman la función educativa atribuida a la Historia y que regulan el orden de la práctica de su enseñanza [...] En suma, el código disciplinar integra discursos, contenidos y prácticas que interaccionan y se transforman impelidos por los usos sociales característicos de las instituciones escolares en sus diversas fases. (FERNANDÉZ, 1997, p. 20, grifo original)²⁸

Cabe ressaltar que Fernandéz conceitua “código disciplinar” a partir da disciplina de História, objeto de estudo de sua obra aqui citada, no entanto, esses conceitos colaboram com este projeto, indo ao encontro da construção necessária à resposta da questão norteadora, que diz respeito a uma disciplina escolar, no caso, disciplina do Ensino Superior que trata da temática das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Para encerrar a ‘idéia’ estabelecida para este tópico, adentrando especificamente à discussão do currículo de Comunicação Social, cita-se Fernandéz ao afirmar que “*todo curriculum implica una selección cultural. Las disciplinas escolares son cuerpos simbólicos que nacen o se asientan en el sistema educativo como consecuencia de decisiones administrativas*” (1997, pp. 107-108)²⁹.

3.2. O Currículo de Comunicação Social

Estudos feitos por Bueno & Brito (2005) ajudam na construção da relação entre os campos da Comunicação Social e das TICs no currículo de Comunicação Social. Os estudos foram realizados na graduação do curso, o que vai diretamente ao encontro dos objetivos dessa dissertação.

²⁸ “uma tradição social, configurada historicamente e composta de um conjunto de idéias, valores, suposições e rotinas, que legitimam a função educativa atribuída à História e que regulam a ordem da prática de seu ensino [...] Em suma, o *código disciplinar* integra discursos, conteúdos e práticas que interagem e se transformam impelidos pelos usos sociais característicos das instituições escolares em suas diversas fases.” Tradução do espanhol para o português pelo autor.

²⁹ “todo currículo implica uma seleção cultural. As disciplinas escolares são corpos simbólicos que nascem ou se assentam no sistema educativo como consequência de decisões administrativas.” Tradução do espanhol para o português pelo autor.

Para iniciar, as pesquisadoras afirmam que

[...] não há sociedade sem tecnologia porque estamos afirmando que a base da tecnologia é a construção do ser humano, da troca de conhecimento científico, da comunicação como fator determinante para o processo tecnológico e não unicamente o produto, pois este último é resultado do primeiro que somente pode existir num ambiente social. Caminhando nesta linha é preciso que, tanto educandos quanto educadores, desmistifiquem a tecnologia como um processo de construção humana que envolve comunicação e neste sentido necessita de diálogo, docente-discente, e substancialmente de currículo-universidade e sociedade. (BUENO & BRITO, 2005, p.6)

As autoras se preocupam em deixar clara a co-relação ‘ser-humano/tecnologia’, já que para elas, não há tecnologia sem ambiente social e, a comunicação é “fator determinante para o processo tecnológico”. Há ainda, na opinião das pesquisadoras, a necessidade de desmistificar a tecnologia, construção humana que envolve comunicação, necessitando de diálogo entre educadores e educandos, e mais, currículo-universidade e sociedade.

O currículo é o documento comprobatório daquilo que o estudante deve tomar conhecimento durante sua formação, “uma estrutura de conhecimento socialmente apresentado, externo ao conhecedor, a ser por ele dominado” (Maxine Greene, 1971, *apud*: GOODSON, 1995, p. 18), incluindo “*un conjunto de principios sobre cómo deben seleccionarse, organizarse y transmitirse el conocimiento y las destrezas*” (LUNDGREN, 1997, p. 20)³⁰. Mas em um mesmo curso, como o de Comunicação Social, existem vários currículos, com variações significativas, em especial quando o ponto em questão é uma disciplina que se propõe a “ensinar” uma temática nova, ainda em movimento.

[...] el “*currículum*” es uno de los conceptos claves en la educación y constituye una de las áreas más importantes de la investigación educativa. Desde este punto de vista, sería de esperar que el campo de la teoría curricular estuviera bien desarrollado, pero incluso un simple repaso a la literatura curricular revela que esto no es así. (*op. cit.*, p. 71)³¹

Esta citação indica a pequena quantidade de bibliografia e dificuldade no desenvolvimento da teoria curricular, possivelmente pela sua complexidade e diversas facetas que conjuntamente formam este importante elemento da educação. Ao mesmo tempo a afirmativa também apóia a justificativa do estudo a que se propõe esta dissertação. E, embora haja outros motivos tão concretos quanto o do estudo do currículo propriamente dito, é necessário analisar este documento na graduação de Comunicação Social, já que a preocupação colocada já nos objetivos apontados logo no início do texto, mais

³⁰ “um conjunto de princípios sobre como devem selecionar-se, organizar-se e transmitir-se o conhecimento e as habilidades.” Tradução do espanhol para o português pelo autor.

³¹ “[...] o ‘currículo’ é um dos conceitos chaves na educação e constitui uma das áreas mais importantes da investigação educativa. Desse ponto de vista, seria de se esperar que o campo da teoria curricular estivesse bem desenvolvido, mas uma simples repassada pela literatura curricular revela que não é assim.” Tradução do espanhol para o português pelo autor.

especificamente, é o da inserção das TICs enquanto disciplina e seu código disciplinar no curso de Comunicação Social, e assim, de que forma o currículo pode trazer esta temática à realidade dessa graduação.

As discussões sobre o futuro da comunicação e as novas tecnologias são fundamentais, pois existe uma complexidade para se mensurar aonde tudo “isso” vai parar, principalmente quando pensamos na formação dos profissionais de comunicação, ou seja, aqueles que freqüentam os cursos de graduação em Relações Públicas, Jornalismo e Propaganda. Esse assunto às vezes é tratado na disciplina de Comunicação e Tecnologia, que faz parte do currículo destas três habilitações, ora como disciplina obrigatória ora como disciplina optativa, apresentando ementas e conteúdos variados. (BUENO & BRITO, 2005, p. 1)

Bueno & Brito entendem que a estruturação desta disciplina pode ser uma inovação necessária nos currículos do curso de comunicação, especialmente se forem consideradas as necessidades atuais, inclusive da sociedade. Ao encontro desta questão pode ser citado um documento do MEC, que diz respeito aos Conteúdos Curriculares, os quais são diferenciados entre Básicos e Específicos.

Entre os conteúdos básicos se encontram as seguintes categorias:

Envolvem tanto conhecimentos teóricos como práticos, reflexões e aplicações relacionadas ao campo da Comunicação e à área configurada pela habilitação específica. Estes conhecimentos são assim categorizados: conteúdos teórico-conceituais; conteúdos analíticos e informativos sobre a atualidade; **conteúdos de linguagens, técnicas e tecnologias midiáticas**, conteúdos ético-políticos. (Parecer CES 492/2001, p. 23, grifo nosso).

Das quatro categorias de conteúdos Básicos, uma pode ser destacada por representar a questão a que se propõe este estudo: a ‘categoria dos conteúdos de linguagens, técnicas e tecnologias midiáticas’. Apesar de serem pontos fundamentais no estudo da comunicação e no desenvolvimento pleno do comunicador social, as Diretrizes Curriculares não são claras nos elementos que devem compor essas categorias, ficando a cargo das instituições a composição do currículo da forma que julguem melhor estruturado para a formação de seus estudantes.

A estruturação se faz necessária por que “não é possível pensar numa disciplina que limite a tecnologia à condição de objeto, recurso, técnica, matéria. É fundamental ampliá-la, para que alunos tenham a possibilidade de, diante de um mercado embora competitivo, entender que podem optar” (BUENO & BRITO, 2005, p. 5).

Bueno & Brito apontam que ao iniciar a investigação com graduandos de Comunicação Social sobre a temática da tecnologia, houve a necessidade de tornar o tema mais próximo da realidade profissional, já que há uma mitificação da tecnologia quando não há entendimento amplo do aluno a respeito de seus impactos sociais e ambientais, fruto de um currículo que tende a tratar a tecnologia exclusivamente como uma subserviente do mercado capitalista.

Segundo as pesquisadoras (*op. cit.*, pp. 4-5), alguns estudantes começaram a perceber um círculo construtivo em que se correlacionam arte-técnica-tecnologia, num processo comunicativo. Há ainda, uma discussão sobre a ‘tecnologia social’, em que foram levados para a sala de aula exemplos para que a discussão fosse iniciada: a relação comunicação social e tecnologia. Por exemplo: projetos realizados no nordeste do Brasil, na amenização da seca pela construção de iniciativas populares para coletar água da chuva e utilizando-se de conhecimentos tácito e científico envolvidos; além de exemplos de comunicação popular como rádios comunitárias, TV de rua, material impresso, todos produzidos por comunidades de base, já que o processo de divulgação, de democratização do conhecimento, de troca de experiências a partir de um conteúdo técnico é, antes de qualquer coisa, uma ação comunicativa e assim, social.

Trabalhando na investigação-ação por todo um semestre em sala de aula, Bueno & Brito acreditam que o objetivo foi alcançado, já que nos trabalhos finais os estudantes deixaram clara a concepção de tecnologia como processo contínuo e comunicativo entrando na discussão filosófica e social dos impactos tecnológicos na humanidade, seja na escolha da tecnologia como fator determinante da desigualdade, seja como fator de uma sociedade mais democrática e igualitária.

“Tecnologia Social compreende produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas a interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação social” (*op. cit.*, p. 6), por isso faz-se necessário desvincular o entendimento do termo tecnologia de objeto. E elas destacam que

Se não houver uma desvinculação continuaremos a ter nos currículos dos cursos de comunicação uma disciplina que tratará apenas da manipulação das diversas tecnologias da comunicação, dos mais simples aos mais sofisticados, e não uma disciplina que considere uma intensa discussão que incluiria eixos norteadores que abrangem a configuração das tecnologias da informação e da comunicação atual, a interação humano-máquina e as conseqüências disto tudo na formação do indivíduo.
(*ibid.*)

E essa formação ficou evidente nas primeiras discussões que as pesquisadoras realizaram sobre o tema da tecnologia em sala de aula no curso de Comunicação Social. Elas destacam que “houve necessidade de tornar o tema o mais próximo da realidade profissional” (*op. cit.*, p. 4).

Dessa forma, além da análise do currículo de Comunicação Social, faz-se necessário conhecer as necessidades dos estudantes e, também, a opinião prática dos professores que estão inseridos nesse contexto da docência dessas disciplinas que contemplam as TICs na graduação.

4. ESTABELECENDO RELAÇÕES: A PESQUISA

A partir deste capítulo pretende-se explicitar os caminhos teóricos e práticos percorridos no estudo na tentativa de que seja alcançada resposta para a questão norteadora da pesquisa colocada: quais seriam os elementos curriculares básicos necessários a disciplina específica de Tecnologia da Informação e Comunicação para uma formação prático-reflexiva do comunicador social em qualquer uma de suas habilitações?

A metodologia adotada é a Pesquisa Qualitativa, já que “estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 12). Por meio deste tipo de pesquisa, pretende-se explorar o currículo de Comunicação Social, sob a luz do dinamismo interno que a pesquisa qualitativa proporciona. Apoiado na importância da fundamentação teórica geral do que se está estudando, o trabalho do pesquisador, conforme Triviños (1987, pp. 131-132), “se realiza no processo de desenvolvimento do estudo. A necessidade de teoria surgirá em face das interrogativas que se apresentarão”. Assim, a pesquisa qualitativa será construída ao longo do percurso de estudo do campo, reflexão da temática, coleta de dados, sua análise e novas possibilidades que estas ações possam apresentar.

É importante salientar, uma vez mais, que o pesquisador, orientado pelo enfoque qualitativo, tem ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo. Os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições da exigência de um trabalho científico. Este, repetimos, deve ter uma estrutura coerente, consistente, originalidade e nível de objetivação capazes de merecer a aprovação dos cientistas num processo intersubjetivo de apreciação. (TRIVIÑOS, 1987, p. 133)

Com essa liberdade apontada por Triviños, somada à perspectiva de um estudo coerente, que sane as expectativas geradas no campo pesquisado, respondendo a questão norteadora, apresentam-se as explorações realizadas até o momento nesta metodologia.

A partir de uma abordagem qualitativa estrutura-se a pesquisa em cinco fases distintas:

‘Primeira fase’: aproximação do campo por meio de estágio de docência e observação sistemática com entrevista em grupo, perguntas semi-estruturadas (VIEGAS, 2007, p. 110-114), realizada com estudantes do curso de Comunicação Social da “Instituição U”;

‘Segunda fase’: entrevista com perguntas semi-estruturadas, agora, realizada com um graduando de cada habilitação de Comunicação Social, concluintes do curso, sendo três formandos entrevistados da mesma instituição;

‘Terceira fase’: entrevista semi-estruturada feita com a coordenadora do curso de Comunicação Social da “Instituição U”;

‘Quarta fase’: entrevista com professoras da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ da “Instituição U”, presente na formação básica de Comunicação Social e obrigatória a todas as habilitações; e

‘Quinta fase’: análise documental (BARDIN, 2004, p. 39-41) realizada com o Plano de Ensino da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ da referida instituição.

A justificativa de cada fase se dará ao longo do capítulo, sendo que mantêm relação entre si, sendo interdependentes para esta pesquisa. Contudo, antes de iniciar a discussão de cada fase individualmente, é necessário explicitar a metodologia adotada para as quatro primeiras fases, a utilização de entrevistas semi-estruturadas.

A entrevista semi-estruturada adotada na ‘Primeira’, ‘Segunda’, ‘Terceira’ e ‘Quarta’ fases, de acordo com Triviños (1987, p. 145), é um importante meio para realizar a coleta de dados, pois, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigado, possibilita que o informante alcance a espontaneidade, enriquecendo a investigação.

Lüdke & André (1986, p. 36) complementam sobre a necessidade de o pesquisador ficar atento não somente ao roteiro já estabelecido, mas às expressões, entonações de voz, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo — ou seja, toda comunicação não-verbal é fundamental para compreender e validar a fala dos pesquisados. Em função do caráter qualitativo que esta investigação apresenta, a coleta desses dados nas quatro primeiras fases foi realizada de forma flexível, respeitando a individualidade de cada entrevistado. As perguntas formuladas para as entrevistas refletem as questões teóricas dos principais interesses nesta dissertação.

Segundo Patton (1990, p. 169), um dos itens que diferencia uma pesquisa qualitativa de uma quantitativa é a abordagem da amostra, pois, no caso da qualitativa, os participantes são escolhidos propositadamente, visando a selecionar casos específicos cujo estudo iluminará as questões investigadas. Casos específicos - *information-rich cases* - são aqueles pelos quais se pode aprender muito sobre um assunto que seja de importância central para o propósito da pesquisa, por isso o termo “amostra intencional” ou, como escreve Patton (*ibid.*), *purposeful sampling*.

Explicado o método de seleção da amostragem, vale ressaltar que além das anotações feitas durante as entrevistas, todas as questões e respostas foram gravadas por meio de áudio digital, para possível aproveitamento de pontos não anotados, e mesmo, para transcrição fidedigna das respostas dadas pelos entrevistados.

Em seguida, com os roteiros das entrevistas elaborados, as mesmas foram realizadas. Tais procedimentos estão de acordo com o desenho de uma pesquisa qualitativa, pois envolvem segundo Lüdke & André (1986, p. 15), três etapas: exploração, decisão e descoberta.

A primeira etapa, a exploração, segundo Lüdke & André (1986, p. 15), “envolve a seleção e definição de problemas, a escolha do local onde será feito o estudo e o estabelecimento de contatos para a entrada em campo”. Nesse momento, é importante que o pesquisador possua um esquema conceitual, construído através da revisão bibliográfica, a partir do qual possa levantar algumas questões relevantes para seu estudo. “Essas primeiras indagações orientam o processo de coleta de informação e permitem a formulação de uma série de hipóteses que podem ser modificadas à medida que novos dados vão sendo coletados”, conforme definição de pesquisa qualitativa (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 16).

A segunda etapa, chamada de decisão, é o estágio da pesquisa no qual ocorre uma “busca sistemática daqueles dados que o pesquisador selecionou como os mais importantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 16). É nessa fase que ocorre o trabalho de campo propriamente dito, sendo este o momento “para fazer as mediações entre a teoria e a experiência vivida em campo, de dialogar com os referenciais de apoio, de rever princípios e procedimentos e fazer os ajustes necessários” (ANDRÉ, 1999, p. 16).

A terceira etapa, da descoberta, está relacionada à sistematização dos dados coletados e à elaboração das conclusões finais da pesquisa. É nesse momento que ocorre a “explicação da realidade, isto é, a tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e situar as várias descobertas num contexto mais amplo” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 16). É o momento em que o pesquisador desenvolve teorias a partir da interação entre os dados observados e suas explicações teóricas.

Vale ressaltar que nesta terceira etapa, da descoberta, as respostas coletadas por meio das entrevistas foram analisadas sob a luz da Análise de Conteúdo, sendo uma estratégia de pesquisa que possibilita uma leitura singular das visões fornecidas pelos sujeitos do estudo. Na medida em que do trabalho de campo resulta um conjunto de declarações, um conteúdo

que solicita uma leitura considerando diversos níveis de significados, optou-se por recorrer a um método de Análise de Conteúdo encontrado em Bardin (2004) que a define como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2004, p. 37).

De acordo com Triviños (1987, p. 160), ao realizar este tipo de análise, ocorre uma interação entre os materiais, não devendo o pesquisador restringir sua interpretação ao conteúdo manifestado. Deve-se, ainda, tentar aprofundar a análise e desvendar seu conteúdo latente, de modo a revelar as características do tema em estudo - no caso deste trabalho, o da inserção das TICs na graduação em Comunicação Social.

A Análise de Conteúdo, então, refere-se a um conjunto de técnicas que objetiva a compreensão não só da fala explícita dos entrevistados, mas também do conteúdo latente, aquele que está subentendido nas mensagens que os entrevistados transmitem inclusive através de reações físicas. Triviños (1987, p. 160), ao interpretar o texto de Bardin sobre Análise de Conteúdo, considera esse método um caminho para estudar a comunicação entre os homens, enfatizando o conteúdo das mensagens.

Bardin (2004, p. 89) menciona as três fases que configuram a organização da Análise de Conteúdo: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados — esses últimos consistem na inferência e na interpretação.

Segundo a autora, a pré-análise “é a fase de organização propriamente dita”, o momento de se ter intuições (BARDIN, 2004, p. 89). Ela tem como objetivo operacionalizar e sistematizar as idéias iniciais, conduzindo-as a um esquema de desenvolvimento das operações contínuas, o qual segue um plano de análise. Essa fase corresponde a um programa preciso, que consiste em três missões, como a escolha dos textos das respostas, a formulação de hipóteses e de objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. Para Bardin, a partir da pré-análise é preciso determinar operações como o recorte do texto em unidades, para a categorização e codificação dos dados.

A segunda etapa, a exploração do material, compreende a administração sistemática das decisões tomadas e das operações de codificação e categorização (*op. cit.*, p. 95). A codificação abrange uma transformação, de acordo com as regras precisas dos dados brutos extraídos do texto, através do recorte, da agregação e da enumeração, o que permite ao pesquisador atingir a representação do conteúdo textual (*op. cit.*, p. 97).

A organização da codificação considera unidade de registro a significação a ser codificada, compreendendo a natureza e as dimensões variáveis, tais como a palavra (palavras-chave, palavras-tema, palavras-plenas ou vazias ou ainda categoria de palavras) e o tema (unidade de significação muito utilizada em análise temática, que se liberta naturalmente do texto analisado).

Já na escolha das regras de contagem, é necessário observar alguns critérios, por exemplo: a presença, a ausência ou a frequência de surgimento de cada elemento, com a sua intensidade, com a direção dos pólos direcionais - que pode ser favorável, desfavorável ou neutra - e, ainda, com a ordem de surgimento das unidades de registro e a co-ocorrência, que é a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro numa unidade de contexto (*op. cit.*, pp. 101-105).

A categorização, que é parte dos procedimentos de análise, para Bardin (2004, p. 111), “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos”. Esse procedimento possibilita uma condensação e uma representação que simplificam os dados brutos obtidos nas entrevistas. Segundo Franco (2005, p. 59), as categorias surgem do discurso das respostas, o que reflete certa frequência de ida e volta do material de análise em direção à teoria.

Para Bardin, as categorias devem dispor das seguintes características para serem consideradas boas:

a exclusão mútua, na qual cada elemento só pode existir em uma categoria; a homogeneidade, em que um único princípio de classificação deve orientar sua organização e diferentes níveis de análise devem ser separados em outras análises sucessivas; a pertinência, que se encontra adaptada ao material de análise escolhido e ao quadro teórico que foi definido; e finalmente a produtividade, que abrange a produção de resultados férteis em inferências, hipóteses novas e dados exatos (BARDIN, 2004, pp. 112-113).

O terceiro passo da Análise de Conteúdo, o tratamento dos resultados, envolve a inferência e a interpretação das categorias produzidas por meio do uso daquele método. Conforme Franco (2005, p. 26), a inferência é um procedimento intermediário que permite a passagem explícita e controlada da descrição à interpretação. Para essa autora, “os resultados da Análise de Conteúdo devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas” (*op. cit.*, pp. 24-25).

Após os estudos das etapas do método da Análise de Conteúdo e conclusão das entrevistas das quatro primeiras fases, iniciou-se o processo de aplicação desse método ao presente trabalho, respeitando as fases de Bardin (2004, pp. 89-113), citadas anteriormente,

que correspondem a esse tipo de análise, como a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. Assim, nas fases ‘Primeira’, ‘Segunda’, ‘Terceira’ e ‘Quarta’, serão apresentadas as falas pertinentes extraídas do geral de respostas dadas a fim de se compreender como os entrevistados selecionados representam a inserção dos conteúdos de TICs ao longo do curso de Comunicação Social.

Vale destacar que, “no processo de decodificação das mensagens o receptor utiliza não só o conhecimento formal, lógico, mas também um conhecimento experimental onde estão envolvidas sensações, percepções, impressões e intuições” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 41).

A ‘Quinta fase’ da pesquisa, diferentemente das anteriores, privilegia o método de Análise Documental, já que, para Chaumier³² este tipo de análise pode ser definida como “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior a sua consulta e referência” (*apud*: BARDIN, 2004, p. 40). Assim, por meio de procedimentos de transformação, a Análise Documental permite o acesso sistematizado ao conteúdo primário (em bruto) disponível, agora em forma de documento secundário (representação do primeiro) que permite a consulta conforme a classificação feita para futuras análises e interpretações.

O propósito que esta transformação visa atingir, segundo Bardin (2004, p. 40) é “o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo)”.

Para facilitar o acesso às informações, Guinchat e Aubret³³ sugerem a divisão destas em classes para constituir as “categorias de uma classificação, na qual estão agrupados os documentos que apresentam alguns critérios comuns, ou que possuem analogias no seu conteúdo” (*apud*: BARDIN, 2004, p. 40). Com essas categorias, a informação sistematizada pode ser agrupada para facilitar o trabalho daquele que a consulta, já que as mesmas ficam dispostas de forma previamente classificada.

Bardin traz em sua obra um estudo da Análise de Conteúdo e, ao longo de seu texto, faz apontamentos de diferenciação entre esta e a Análise Documental. A autora permite, dessa forma, que se compreenda o que é Análise de Conteúdo, e o que a diferencia da Análise Documental:

- A documentação trabalha com documentos; a análise de conteúdo com mensagens (comunicação).

³² CHAUMIER, J. *Les techniques documentaires*. PUF, 2ª ed., 1974.

³³ GUINCHAT, G. e AUBRET, P. *La documentation au service de l'action*. Presses de l'Île-de-France, 1968.

- A análise documental faz-se, principalmente, por classificação-indexação; a análise categorial temática é, entre outras, uma das técnicas da análise de conteúdo.
- O objectivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenagem; o da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem. (*op. cit.*, p.41)

Segundo Lüdke & André (1986, p. 38), a análise documental é uma técnica de abordagem de dados qualitativos que é valiosa por completar as informações obtidas com outras técnicas, ou seja, ela complementa os dados levantados anteriormente, já que “quando duas ou mais abordagens do mesmo problema produzem resultados similares, nossa confiança em que os resultados reflitam mais o fenômeno em que estamos interessados do que os métodos que usamos aumenta” (HOLSTI, 1969, p. 17).

O tipo de documento apresentado na ‘Quinta fase’ desta pesquisa pode ser caracterizado como oficial, sendo o Plano de Ensino da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ aprovado de acordo com as normas do MEC pelo setor responsável dentro da instituição selecionada para a pesquisa. Estando a metodologia detalhada, pode-se apresentar a pesquisa, iniciando-se por esclarecer os passos para a delimitação da instituição selecionada para sua realização.

4.1. Estudo de unidades de registro

Este estudo tem a finalidade de delimitar a instituição e disciplina que comporão as cinco fases principais da pesquisa qualitativa. Sobre a ‘unidade de registro’ enquanto método, Bardin afirma ser “a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial [sic]” (2004, p. 98).

Dentre as unidades de registro mais utilizadas, Bardin destaca ‘o documento’ que “por vezes serve de unidade de registro, desde que possa ser caracterizado globalmente e no caso de análise rápida” (*op. cit.*, p. 100), já que “a unidade de registro existe no ponto de intersecção de unidades perceptíveis [...] e de unidades semânticas” (*ibid.*), como a palavra, a frase, os temas.

Neste caso, para este estudo delimitador, seleciona-se o tema como suporte metodológico da unidade de registro trazida por Bardin. Para esta autora, “fazer uma análise

temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência [sic] de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (*op. cit.*, p. 99).

Contudo, o estudo de unidades de registro foi realizado a partir da comparação textual temática dos nomes das disciplinas integrantes dos cursos de Comunicação Social das treze instituições de ensino superior de Curitiba que ofertam a graduação discutida. Por meio desta análise simples (*op. cit.*, p. 100), foi possível perceber a falta de parâmetros comuns na forma como a grade curricular é estruturada, já que as disciplinas de TICs não compartilham nem mesmo nomenclatura comum, então, a abordagem dada também pode ser muito variável. Assim, constata-se que apesar de privilegiado pelas Diretrizes Curriculares do MEC, o estudo das TICs assume diferentes características em cada instituição.

O método de classificação para agrupar as disciplinas foi temático, relacionando primeiramente àquelas que apresentavam em sua nomenclatura referências ao estudo tecnológico. Neste momento não foi levado em conta a habilitação a qual pertenciam as disciplinas, já que o propósito é identificar uma disciplina comum a todas as habilitações para realização da pesquisa qualitativa posterior.

As grades curriculares foram consultadas entre os meses de setembro de 2007 e janeiro de 2008, a partir das informações disponíveis no site de cada instituição, sendo que das treze consultadas, quatro não dispunham de todas as informações *on-line*. Para preencher as lacunas deixadas pela falta de ementas disponíveis nos sites das instituições, foram enviados correios eletrônicos (*e-mail*) aos coordenadores de cada curso, pedindo colaboração com a pesquisa, de forma que fossem encaminhadas as ementas não disponíveis das disciplinas constantes no quadro, conforme ANEXO 5. No entanto, apenas uma instituição respondeu ao pedido, disponibilizando as ementas em aberto.

No ANEXO 5 segue o quadro de disciplinas que adentram ao campo das TICs nas nove instituições que disponibilizam as informações de grade curricular, sendo que em alguns casos não há compatibilidade na atualização das informações *on-line* com as que estão sendo aplicadas nas instituições, ou existem mais de um currículo em vigor no mesmo curso, na mesma instituição, dependendo das atualizações feitas a cada semestre ou ano. Essa desatualização acontece embora seja sabido que a consulta aos sites dos cursos é feita por grande parte dos interessados em estudar nas instituições, procurando respostas às dúvidas, e mesmo, comparando instituições e estruturas curriculares de cada uma delas.

Das mais de trezentas disciplinas apresentadas no ANEXO 5, que remetem ao ensino de ‘tecnologias’ de forma geral, tendo como critério de seleção tão somente a comparação

temática da nomenclatura das mesmas, sem a análise das ementas, já que não são disponibilizadas pela maioria das instituições, apenas 27 disciplinas (cerca de 9%) tiveram nomes comuns ou próximos o suficiente para serem categorizadas, sendo as mesmas de instituições distintas.

Nesta análise, não são consideradas disciplinas específicas de algum meio de comunicação e que não contemplem a tecnologia como um todo, como é o caso das disciplinas que tratam de:

- Telejornalismo;
- Radiojornalismo;
- Produção gráfica e impressa;
- Mídia ou Novas mídias;
- Fotografia, Fotografia institucional, Fotografia publicitária ou Fotorjornalismo; e
- Disciplinas laboratoriais e de produção em TV, rádio ou cinema.

Após a análise e seleção das 27 disciplinas comuns pela nomenclatura, apresenta-se a seguir a divisão das mesmas em oito categorias:

- 1 - Computação gráfica;
- 2 - Comunicação e tecnologia;
- 3 - Criação e produção digital;
- 4 - Criação e produção multimídia;
- 5 - Negócios e comércio eletrônico;
- 6 - Informática;
- 7 - Jornalismo e TICs; e
- 8 - *Web*.

Conforme as tabelas e suas respectivas análises a seguir:

CATEGORIA 1: Computação Gráfica

Disciplina	Instituição	Habilitação	Ementa
Computação gráfica	Instituição X	Publicidade e Propaganda	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Computação gráfica	Instituição XII	Publicidade e Propaganda	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Criação em computação gráfica I e II	Instituição VI	Rádio e TV	Não disponibiliza <i>on-line</i> .

Embora nenhuma das instituições disponibilize as ementas das disciplinas da ‘Categoria 1’, sabe-se que a Computação Gráfica é a área da computação destinada à geração de imagens em geral — em forma de representação de dados e informação, ou em forma de recriação do mundo real. Ela pode possuir uma infinidade de aplicações para diversas áreas. Desde a própria Informática ao produzir interfaces gráficas para *software*, sistemas operacionais e *sites* na *Internet*, quanto para produzir animações e jogos.

As aplicações são diversas, a computação gráfica intervém em várias áreas, tais como: Artes (para expressão artística utilizando os ambientes gráfico-computacionais como meio ou fim, tais como gravura digital, arte digital, *web-art*); Arquitetura e Design de Produto (desenvolvimento gráfico dos projetos em forma visual e com a aplicação dos cálculos matemáticos para os testes dos projetos quanto a resistência, a variação de luz, ambientes); Jogos (maior aplicação da computação gráfica, e a grande motivação para seu desenvolvimento); Cinema (produção de efeitos especiais, retoques nas imagens do filme, e filmes de animação); Engenharia (simulação de diversas as espécies de eventos físicos, químicos dos materiais envolvidos nos projetos em elaboração); Geoprocessamento (geração de dados relacionados a cidades, regiões e países); Medicina (para análise de exames como tomografia, radiografia, e mais recentemente o ultra-som 3D); Design Visual (desenvolvimento de mídias visuais, desde a impressa, ao auxílio cinematográfico, até os comerciais televisivos).

Dessa forma, a disciplina de Computação Gráfica pode ser inserida no curso de Comunicação Social das mais diversas formas, mas sempre enfatizando a criação, produção e finalização da imagem, em qualquer um de seus suportes. Um ponto importante nessa categoria é o fato da disciplina estar presente somente nas habilitações de ‘Publicidade e Propaganda’ e ‘Rádio e TV’, deixando à parte as outras habilitações, que de alguma forma também necessitam de produção de imagens, mesmo que de forma menos eminente.

Essa questão é determinante, já que aponta para o fato de a disciplina não fazer parte do núcleo comum da graduação, ou seja, a disciplina apresenta uma função mais específica para a habilitação tanto de ‘Publicidade e Propaganda’ quanto a de ‘Rádio e TV’, não sendo, dessa forma, adequada para levantar a discussão das TICs de forma ampla na Comunicação.

CATEGORIA 2: Comunicação e tecnologia

Disciplina	Instituição	Habilitação	Ementa
Comunicação e as Novas Tecnologias	Instituição XI	Jornalismo; Produção Editorial e	Não disponibiliza <i>on-line</i> .

		Multimídia e; Publicidade, Propaganda e Marketing	
Comunicação e tecnologia	Instituição IV	Jornalismo; Publicidade e Propaganda e; Relações Públicas	Globalização na comunicação e seus novos paradigmas de análise. A relação entre tecnologia e comunicação social.

A ‘Categoria 2’ se mostra mais abrangente que a anterior, já que todas as habilitações das instituições que ofertam a disciplina estão presentes no quadro.

A disciplina, então, faz parte do núcleo comum da graduação em Comunicação Social em ambas as instituições, podendo ser analisada como uma disciplina que tem como possibilidade a discussão das TICs de forma ampla na Comunicação, independentemente da habilitação.

Neste caso, das nove instituições que disponibilizam a grade curricular, apenas as instituições “XI” e “IV” trazem uma disciplina com essas características. Com o acesso à ementa da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ da “Instituição IV”, assim como seus objetivos, programa e bibliografia, opta-se por analisar mais profundamente a mesma, a partir da quinta fase desta dissertação.

CATEGORIA 3: Criação e produção digital

Disciplina	Instituição	Habilitação	Ementa
Criação e produção digital	Instituição X	Publicidade e Propaganda	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Criação e produção digital	Instituição VI	Rádio e TV	Não disponibiliza <i>on-line</i> .

Mais uma categoria em que apenas duas instituições e duas habilitações são privilegiadas e, apesar de não trazer as ementas, é possível perceber o caráter técnico da disciplina pela nomenclatura, ao carregar no nome o termo “produção”.

CATEGORIA 4: Criação e produção multimídia

Disciplina	Instituição	Habilitação	Ementa
Criação e produção em multimídia I e II	Instituição V	Publicidade e Propaganda	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Criação e produção	Instituição VIII	Publicidade e Propaganda	Convergência das Mídias e Interatividade. Conceituação,

multimídia I e II		e; Relações Públicas	Estratégias e Criação para diferentes mídias interativas. Análise dos conceitos de Internet, Intranet, Multimídia, Web, Legislação, Conexões e e-mail. Som e Imagem. Estruturação e criação de sites.
-------------------	--	----------------------	---

A ‘Categoria 4’, assim como a ‘Categoria 3’, é de disciplina ofertada em apenas duas instituições, estando a mesma presente em duas habilitações, ‘Publicidade e Propaganda’ e ‘Relações Públicas’.

Conforme a ementa disponibilizada pela “Instituição VIII”, a disciplina ‘Criação e produção multimídia I e II’ prevê a discussão sobre a convergência das mídias e interatividade, também a conceituação, estratégias e criação para as diferentes mídias interativas. Faz parte da ementa da disciplina, a análise dos conceitos de *Internet*, intranet, multimídia, *web*, legislação, conexões, *e-mail*, som e imagem, assim como a estruturação e criação de sites.

A disciplina aborda, conforme a ementa, pontos fundamentais do estudo de TICs, embora permaneçam pontuais e pouco abrangentes, já que são elementos pertencentes da temática de TICs, mas parciais.

Essa disciplina perde sua importância neste estudo na medida em que está inserida em apenas duas habilitações, não se estendendo às outras, que também necessitam da discussão de TICs incorporadas ao seu currículo.

CATEGORIA 5: Negócios e comércio eletrônico

Disciplina	Instituição	Habilitação	Ementa
E-business	Instituição X	Publicidade e Propaganda	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
E-commerce	Instituição XI	Publicidade, Propaganda e Marketing	Não disponibiliza <i>on-line</i> .

Outra categoria em que ambas as disciplinas se fazem presentes em apenas uma das habilitações. Conforme o tema das disciplinas percebe-se a característica específica, voltada para os negócios e comércio eletrônico. Mais uma vez, por estar presente no currículo de uma mesma habilitação, a disciplina não privilegia a discussão de TICs de forma abrangente no curso de Comunicação Social.

CATEGORIA 6: Informática

Disciplina	Instituição	Habilitação	Ementa
Informática básica	Instituição VIII	Publicidade e Propaganda e; Relações Públicas	Introdução aos softwares gráficos mais utilizados em Publicidade. Conceitos gerais sobre criação e utilização de imagens na Publicidade. Introdução aos softwares gráficos mais utilizados em Relações Públicas. Conceitos gerais sobre criação e utilização de imagens nas Relações Públicas.
Informática e multimídia	Instituição X	Publicidade e Propaganda	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Informática na comunicação I e II	Instituição VI	Jornalismo; Publicidade e Propaganda e; Rádio e TV	A tecnologia computacional e as aplicações na Comunicação Social. Recursos da Internet no tratamento da informação. Computação gráfica e o processamento de imagem. Editoração eletrônica. O computador como ferramenta do processo criativo. Estudos dos softwares aplicados na Comunicação.
Informática	Instituição XII	Jornalismo e; Publicidade e Propaganda	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Tecnologia digital: informática básica	Instituição I	Publicidade e Propaganda; Jornalismo; Relações Públicas; Editoração – mídia digital e; Radialismo – rádio e TV	Introdução à informática: Noções de hardware (funções e formas de operação), uso de sistema operacional através de interface gráfica, sistemas de workgroup (configuração e uso de correio eletrônico, navegação e pesquisa em internet/intranet, transferência de arquivos). Ferramentas de produtividade: Uso dos programas da plataforma OpenOffice (Writer – processador de textos; Calc – desenvolvimento de planilhas; Impress – desenvolvimento de apresentações; Draw – desenvolvimento de desenhos vetoriais).

Assim como já trazem em seu nome algumas disciplinas, a ‘Categoria 6’ se caracteriza pelo estudo da Informática básica, conforme o que pode ser visto nas ementas apresentadas. Embora as disciplinas se pré-disponham a adentrar ao campo da Informática, ainda de forma básica, a categoria se apresenta como sendo essencialmente técnica. Um ponto bastante

favorável ao estudo proposto é o fato de que as disciplinas estão presentes em praticamente todas as habilitações de forma geral, embora, analisando-se as instituições individualmente, pode-se perceber que algumas das habilitações não se fazem presentes, como é o caso do Jornalismo na “instituição VIII”, as ‘Relações Públicas’ na “instituição VI”.

CATEGORIA 7: Jornalismo e TICs

Disciplina	Instituição	Habilitação	Ementa
Jornalismo Digital	Instituição XII	Jornalismo	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Jornalismo e novas mídias I e II	Instituição V	Jornalismo	I: Características do jornalismo on line; recursos utilizados no desenvolvimento dos produtos on line; formas específicas de veiculação do jornalismo digital. Mídias digitais e novas tecnologias em comunicação. Tendências das novas mídias. Confronto, interação, integração e convergência entre novas mídias e mídias tradicionais. II: O impacto das tecnologias digitais no consumo das mídias. Desenvolvimento de linguagens e produtos para novos suportes tecnológicos. O impacto da internet na comunicação. O cotidiano mediado por computadores. O uso das novas mídias em jornalismo.
Novas tecnologias em jornalismo	Instituição IX	Jornalismo	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Jornalismo <i>on line</i> I e II	Instituição VI	Jornalismo	Internet: uma breve história. A World Wide Web. Abordagem histórica e analítica dos sites noticiosos. Da revolução à evolução do jornalismo digital. Novas práticas e formatos jornalísticos. Blogs e outros sistemas emergentes.
Jornalismo <i>On-line</i>	Instituição XI	Jornalismo	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Webjornalismo	Instituição VII	Jornalismo	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Produção jornalística: online	Instituição I	Jornalismo	O novo cenário digital: A realidade do ciberjornalismo. Características do jornalismo online: os gêneros jornalísticos, a estrutura da notícia no ambiente digital. A especificidade da escrita, formatos e conteúdos para

			WEB: regras. As várias linguagens da multimídia e arquitetura da informação, design de conteúdos.
--	--	--	---

Como os nomes das disciplinas já indicam, a ‘Categoria 7’ está fundamentalmente presente na habilitação de ‘Jornalismo’. Por este fator já poderia ser excluída como uma possibilidade de disciplina integrante da graduação no campo das TICs de forma ampla.

Vale destacar que apesar de todas as disciplinas pertencerem ao ‘Jornalismo’, os nomes dados vão em direções diferentes. Uma das disciplinas privilegia o jornalismo digital, que pode trazer elementos diversos no contexto digital, outra disciplina se caracteriza pela relação ‘jornalismo-novas mídias’. Há ainda, a disciplina de novas tecnologias em jornalismo, o que, de forma alguma adentra necessariamente as questões da disciplina anterior. As disciplinas ‘Jornalismo *on line* I e II’ e ‘Jornalismo *on line*’, abordam as novas possibilidades do jornalismo com a rede mundial de computadores, com a *Internet*, os sites de notícias, a própria evolução do jornalismo nesse novo contexto, os *blogs*, dentre outros elementos.

No caso das disciplinas voltadas para a *Web*, não se justifica estarem presentes somente em ‘Jornalismo’, já que as outras habilitações também necessitam se apropriar das inovações que a rede mundial trouxe. Para exemplificar, pode-se fazer um paralelo com a disciplina ‘Produção jornalística: online’, que poderia ser ‘Produção publicitária: *on-line*’. E mesmo a ementa, poderia adaptar-se a outras habilitações, como no caso da ‘Publicidade e Propaganda’ que poderia ter como ementa a paráfrase:

“O novo cenário digital: A realidade da “ciberpublicidade”. Características da publicidade e da propaganda *on-line*: os gêneros e a estrutura no ambiente digital. A especificidade da escrita, formatos e conteúdos para WEB: regras. As várias linguagens da multimídia e arquitetura da informação, design de conteúdos.”

Dessa forma, a disciplina poderia adaptar-se às outras habilitações para tratar dos assuntos relacionados à *Web* que são tão importantes para o Jornalismo, quanto para a Publicidade, as Relações Públicas, naturalmente, com os conteúdos adaptados às devidas habilitações.

CATEGORIA 8: *Web*

Disciplina	Instituição	Habilitação	Ementa
Programação de websites	Instituição I	Editoração – mídia digital	Noções de algoritmos; Introdução às linguagens da Web; Linguagens de marcação: HTML, DHTML e XML; Scripts: Java e PHP; Linguagem de

			estilo – CSS; Transferência de dados na Web.
Desenho e produção de websites	Instituição I	Editoração – mídia digital	História do design e da World Wide Web; categorias de websites; planejamento e organização funcional de Websites; usabilidade e acessibilidade; definição de cores e formas; componentes de interatividade; imagens estáticas e em movimento; efeitos visuais e sonoros.
Programação Visual Web	Instituição XI	Publicidade, Propaganda e Marketing	Não disponibiliza <i>on-line</i> .
Web I e II	Instituição X	Publicidade e Propaganda	Não disponibiliza <i>on-line</i> .

A categoria de *Web*, como o nome já diz, trata da temática da *World Wide Web*, que significa "rede de alcance mundial", em inglês; também conhecida como *Web* e *WWW*.

A *Web*³⁴ é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na *Internet*. Os documentos podem estar na forma de vídeos, sons, hipertextos e figuras. Para visualizar a informação, pode-se usar um programa de computador chamado navegador para descarregar informações (chamadas "documentos" ou "páginas") de servidores *web* (ou "sítios") e mostrá-los na tela do microcomputador do usuário.

Este usuário pode, então, seguir as hiperligações na página para outros documentos, ou mesmo enviar informações de volta para o servidor para interagir com ele. O ato de seguir hiperligações é comumente chamado de "navegar" ou "sufar" na *Web*.

A *Web* (substantivo próprio) é diferente de *web* (substantivo comum), já que a *Web* engloba toda a *Internet* e outras *webs* existem em redes privadas (restritas) que podem ou não fazer parte da *Internet*. Embora esta categoria possa ser discutida em todas as habilitações, por sua abrangência, as disciplinas elencadas apontam para apenas duas habilitações: 'Editoração – mídia digital' e 'Publicidade' de forma geral.

Nas ementas descritas nos quadros, percebe-se a característica técnica bastante saliente, assim como a restrição da abordagem a elementos computacionais, como a programação e as linguagens da *Web* na primeira ementa e, elementos mais teóricos na segunda ementa. Apesar de comporem o currículo da mesma instituição, as ementas divergem no sentido da abordagem, mas convergem no sentido de que se mostram complementares.

³⁴ "A *World Wide Web*, ou simplesmente *Web*, é o lado gráfico da *Internet*. A *Internet* é a rede, enquanto a *WWW* é a parte visível dela, que podemos acessar e com a qual podemos interagir." (ver: SILVA, Luiz Cesar Kreps da. **O uso da Internet como auxílio na prática docente**. Florianópolis, 2003, p. 52. Dissertação, Universidade Federal de Santa Catarina.)

4.1.1. Concluindo o estudo: delimitação da disciplina e da instituição

Este estudo de unidades de registro, com análise temática dos nomes das disciplinas e suas ementas, quando disponíveis, explicita o quanto as grades curriculares do curso de Comunicação Social das instituições pesquisadas diferem, especialmente no que diz respeito ao ensino de TICs, sendo que, ofertando a mesma graduação, ainda não possuem parâmetros comuns para a estruturação deste campo.

As disciplinas que adentram ao campo das TICs, conforme visto no estudo, geralmente se restringem a habilitações específicas, como pode ser visto na maioria das categorias apresentadas, com exceção das categorias ‘2’ e ‘6’, já que estas abrangem todas as habilitações, ou a maior parte delas. Este parâmetro é importante para a definição não só da disciplina, mas dos elementos integrantes da mesma para uma melhor estruturação do estudo das TICs em Comunicação Social.

O estudo mostra, também, que a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, da ‘Categoria 2’, é a de caráter mais próximo ao que se propõe este trabalho, sendo disciplina presente no núcleo comum das habilitações de Comunicação Social do curso da instituição investigada, disponibilizando sua ementa e mais, seu Plano de Ensino, conforme ANEXO 6, fator determinante para sua escolha como disciplina de estudo, já que ‘Comunicação e Novas Tecnologias’, da mesma categoria, não disponibilizou nem mesmo sua ementa.

Dessa forma, foi selecionada para as próximas pesquisas a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ e, conseqüentemente, a “Instituição U”, ofertante da mesma. Justifica-se, ainda, a opção por esta instituição de Ensino Superior, por ser uma das que possui maior tempo de funcionamento do curso na cidade de Curitiba, com cerca de 30 anos. Outro fator foi a abertura da instituição para a pesquisa, possibilitando contato com graduandos, professores, coordenação e, mesmo, documentação e currículos referentes ao curso.

4.2. Relações em cinco fases

As pesquisas qualitativas podem usar várias formas para obter dados, inclusive somando maneiras diferentes para investigar um mesmo ponto, fazendo uma forma de triangulação (ALVES-MOZZOTTI *et al.*, 1999, p. 173). Neste trabalho, optou-se por realizar a triangulação de fontes e métodos (*ibid.*), entrevistando estudantes, professores e

coordenação, mas também, fazendo análise documental do Plano de Ensino da disciplina selecionada.

Como já apresentado, as cinco fases se completam, sendo interdependentes. Assim, por meio dessas fases, pretende-se cercar o objeto de estudo a fim de responder a questão norteadora da forma mais fidedigna e crível possíveis cientificamente.

4.2.1. Primeira fase – entrevista com graduandos (pesquisa-piloto)

Provocada por consultas às bibliografias referentes ao tema, em que se observa muitas pesquisas e estudos realizados nesta área nos níveis de Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio, mas ainda com pouca atenção ao Ensino Superior, esta fase teve como objetivo a aproximação com o campo na prática, não só por meio de teorias e bibliografias, mas em contato com os estudantes e a forma como as TICs chegam a eles no Ensino Superior. Outro objetivo importante buscado com esta primeira fase é definir as lacunas curriculares na abordagem de TICs apontadas pelos estudantes.

Para tanto, foi realizado estágio de docência de 11 de setembro a 9 de novembro de 2006 em duas turmas de graduação em Comunicação Social, ambas de 6º período e compostas por estudantes de três habilitações da Comunicação Social (Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda), totalizando 94 horas em sala de aula. O curso é ofertado por universidade pública, sendo a graduação ofertada desde 1969.

O estágio de docência é uma atividade curricular para estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, sendo definida como a participação do aluno em atividades de ensino na instituição, sob a supervisão de seu orientador. A regulamentação desta disciplina é feita pela resolução 005/2001 do CONSUN, de 25/04/2001, sendo recomendado aos mestrandos e obrigatório aos estudantes de doutorado. Algumas das atividades que podem ser desenvolvidas nesse tipo de estágio são:

- Auxiliar o professor efetivo na preparação de material didático para uso em disciplina da graduação. O uso desse material pelos graduandos pode ser avaliado pelo estagiário de pós-graduação;
- Participar de uma disciplina, assumindo a preparação, apresentação e avaliação de um tema da disciplina (o estagiário não poderá assumir inteiramente a disciplina);
- Elaborar um curso livre sobre tema relacionado à sua área de pesquisa, aberto gratuitamente aos alunos de graduação e pós-graduação.

A docência não se limita simplesmente a ministrar aulas,

Envolve planejamento de curso, observação participante, elaboração de material didático, orientação dos estudantes, organização e desenvolvimento de seminários, registro/documentação das aulas e atividades, elaboração de relatórios dos cursos desenvolvidos, bem como sua análise, interpretação e divulgação de textos escritos e apresentação em congressos. (JC, 1999)

A disciplina acompanhada neste caso, ‘Comunicação, Sociedade e Cultura’, está localizada no sexto período do curso e tem caráter estritamente teórico, estando a tecnologia presente nas discussões de comunicação, sociedade e cultura. Sua carga horária é de sessenta horas/aula.

A escolha dessa disciplina para o estágio de docência e pesquisa piloto se dá, apesar de não apenas abordar elementos do campo das TICs, por fazê-lo no último tópico do Conteúdo Programático com discussões aprofundadas do tema. Outro fator importante a acrescentar é que a disciplina faz parte do núcleo comum da graduação em Comunicação Social, sendo obrigatória e concentrando na mesma turma estudantes das três habilitações ofertadas, no sexto período, estudantes que já têm a possibilidade de analisar a maior parte de sua trajetória na graduação.

A ementa é transcrita a seguir:

Comunicação de massa e cultura. Os estudos culturalistas. Comunicação, ideologia e poder. Economia política e o desequilíbrio nos fluxos de informação. O imperialismo cultural. A pesquisa em Comunicação na América Latina e a contribuição de Gramsci. As mediações culturais.

O Conteúdo Programático:

1. Revisão da trajetória das teorias da comunicação. Diferentes perspectivas, autores, métodos, conceitos e temas.
2. A Escola de Chicago e a pesquisa qualitativa. Da Ecologia Humana de Robert Park ao seu resgate contemporâneo pela sociologia compreensiva.
3. O Interacionismo simbólico. A comunicação como fundamento da sociedade e da cultura.
4. Os Estudos Culturais – de Bermingham até hoje. Análise das mídias na produção cultural.
5. Estudos de recepção na América Latina. A leitura dos estudos culturais no contexto latino-americano. Hibridismo cultural e teórico.
6. O discurso da modernidade e a cultura brasileira. Mitos fundadores e sociedade autoritária.
7. A cibercultura. Debates sobre o papel das tecnologias de informação e comunicação na transformação da cultura.

A metodologia adotada:

A disciplina será ministrada por meio de seminários. A cada aula duas ou três equipes se responsabilizam pela condução do debate, baseados nos textos propostos. No decorrer da discussão, a professora interfere para fazer esclarecimentos e explicações necessários. Os seminários serão intercalados por aulas expositivas, as quais cumprirão a função de síntese dos conteúdos. A avaliação dar-se-á, portanto, pela apresentação e participação dos/nos seminários e pela prova final. Todos os

textos devem ser previamente lidos por todos os alunos. Portanto, todos os dias são dias de avaliação. Cabe aos grupos do dia entregar uma síntese por escrito.

Embora a disciplina seja de caráter estritamente teórico, abordando diversos conteúdos dentro da temática tanto de Comunicação, quanto de Sociedade e de Cultura, traz em seu último tópico textos e discussões em método de seminário exposto pelos estudantes, referentes ao campo das TICs, fazendo-se momento pertinente para aplicação da entrevista semi-estruturada que ajudará a construir o objeto de estudo desta dissertação.

A professora desenvolveu a disciplina basicamente em forma de seminários, em que os estudantes tinham acesso a textos referentes às temáticas apontadas na ementa da disciplina, seminários apresentados por grupos de três estudantes, em média. No decorrer da discussão, a professora responsável pela disciplina interferia para fazer esclarecimentos e explicações necessários.

Ao término dos seminários os colegas eram provocados pelos palestrantes com perguntas referentes à apresentação realizada e uma discussão era aberta a toda a turma, assim, todos os textos deveriam ser lidos previamente por todos os alunos, para que a discussão relativa ao seminário fosse generalizada e tivesse as mais diversas contribuições pessoais desenvolvidas pela reflexão a respeito dos temas.

Os seminários foram intercalados por aulas expositivas, as quais cumpriram a função de síntese dos conteúdos. A avaliação deu-se pela apresentação e participação dos/nos seminários, por resenhas referentes aos textos e por prova final. O último tópico da disciplina ‘Comunicação, Sociedade e Cultura’ foi “A cibercultura. Debates sobre o papel das tecnologias de informação e comunicação na transformação da cultura”, em que os estudantes tiveram acesso a textos sobre o tema³⁵, apresentando-os em forma de seminário durante as aulas e levantando discussões referentes a esta temática. Este tópico teve atenção especial por tratar justamente do campo das TICs, abrindo a possibilidade para o pesquisador aplicar a pesquisa piloto proposta nesta fase. Como já colocado, a aplicação dessa pesquisa se deu pela necessidade de reaproximação com o campo, para reaver as questões e hipóteses prévias.

Para este fim, a última aula do semestre foi ministrada pelo estagiário-pesquisador, iniciando-se pela aplicação da pesquisa em forma de entrevista em grupo com perguntas semi-estruturadas para os alunos sobre a relação das Tecnologias da Informação e Comunicação com a Comunicação Social e, logo após, foram iniciados os seminários com as devidas interferências para complementações e explicações, conforme metodologia adotada pela

³⁵ “Cultura midiática”, “Uma visão heterotópica das mídias digitais” e “Substratos da cibercultura”, todos *in*: SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo, Paulus, 2003. pp. 51-113.

professora titular da disciplina. Findo processo de exposição dos seminários, foi feita uma síntese geral dos três textos do dia, com provocações para que os alunos participassem com opiniões, impressões e reflexões.

Foi utilizada no desenvolvimento da pesquisa uma entrevista em grupo com perguntas abertas (VIEGAS, 2007, PP. 110-114), principalmente pelas vantagens que essa técnica possibilita aos estudos qualitativos. A pesquisa foi aplicada junto à turma de sexto período de Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas) noturno, e esta seleção de amostra foi intencional, o que é compatível com uma pesquisa do tipo qualitativa.

A entrevista durou cerca de trinta minutos, com a participação aberta em grupo de todos os graduandos que desejassem se manifestar, sendo a transcrição das respostas gravadas por meio de áudio digital. O questionário foi estruturado apoiando-se nos estudos realizados pelas pesquisadoras Bueno & Brito (2005) na graduação em Comunicação Social da mesma instituição.

Para a estruturação do questionário foram realizadas leituras a respeito da temática tecnológica, assim como sua presença nas questões que dizem respeito à Comunicação Social. Também foram levados em conta os aspectos profissionais e conceituais exigidos na formação do comunicador social.

Para dar continuidade à reflexão proposta na pesquisa, o próximo ponto é a análise qualitativa das respostas dos graduandos, começando pelo questionário com as questões orientadoras da entrevista:

ROTEIRO PARA ENTREVISTA EM GRUPO

1. O que é tecnologia?
2. Qual sua diferença para Novas Tecnologias?
3. Por que discutir Tecnologia/Novas Tecnologias em Comunicação Social?
4. O que vocês entendem por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)?
5. Existem diferenças no modo de ver as TICs nas diferentes habilitações de Comunicação Social?
6. Existem diferenças no seu uso nas diferentes habilitações?
7. O ensino de TICs de forma instrumental capacita profissionais de Comunicação Social?
8. Vocês propõem alguma alteração curricular nas disciplinas que se propõem a tratar de TICs?
9. Vocês consideram que o aprendizado de TICs foi reflexivo-crítico?
10. O que ficou do aprendizado de TICs?

4.2.1.1. Análise das respostas da primeira fase

Com a pesquisa-piloto algumas hipóteses prévias caíram, como a de que haveria excesso de disciplinas práticas, deixando em aberto a criticidade e análises teóricas da produção em Comunicação, mas a realidade explicitada pelos graduandos do curso de Comunicação Social pesquisado é a de que há grande preocupação com o ensino teórico e reflexivo, em detrimento do ensino prático de Tecnologias da Informação e Comunicação até este momento do curso (sexto período). Há, então, na opinião dos estudantes, uma necessidade iminente de atualização curricular do curso.

Outra questão detectada na pesquisa piloto é a falta de clareza na conceituação e diferenciação dos termos ‘Tecnologias’, ‘Novas Tecnologias’ e ‘Tecnologias da Informação e Comunicação’, tão constantes na área, que poderiam já ter sido abordados de forma mais concreta anteriormente, já que a entrevista foi realizada com alunos do sexto período do curso, a apenas um ano da conclusão.

As respostas foram dadas pelos estudantes de forma bastante espontânea, já que não conheciam previamente as perguntas que seriam feitas e no momento da entrevista a professora titular da disciplina não estava presente, para que os mesmos não se mostrassem constrangidos de expressar suas idéias mais abertamente.

Após os estudos das etapas do método da Análise de Conteúdo, iniciou-se o seu processo de aplicação ao presente trabalho, respeitando as fases de Bardin (2004, pp. 89-113), citadas anteriormente, que correspondem a esse tipo de análise, como a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação.

Dessa forma, a seguir, serão apresentadas as falas pertinentes extraídas do geral de respostas dadas a fim de se compreender como os estudantes de Comunicação Social representam a inserção dos conteúdos de TICs ao longo de sua vida acadêmica no curso.

As perguntas de número 1 e 2 (1. O que é tecnologia? e; 2. Qual sua diferença para Novas Tecnologias?) foram colocadas justamente para evidenciar a clareza ou falta dela no que se refere aos conceitos de Tecnologia e Novas Tecnologias, assim como suas diferenças fundamentais, do ponto de vista dos próprios estudantes.

Percebeu-se, contudo, que são terminologias que se confundem e que trazem carga de senso comum para os mesmos. Não havendo problema com essa falta de definição dos conceitos se os entrevistados não fossem necessariamente graduandos de Comunicação Social, cursando justamente um dos últimos períodos do curso, em que já deveriam ter condições de responder perguntas referentes a este campo do conhecimento com uma visão teórica mais clara e objetiva.

Espera-se, contudo, que no sétimo período, com a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ a turma venha esclarecer esses conceitos e compreender suas diferenças.

Para exemplificar esta análise, citam-se algumas frases dos próprios estudantes, como:

- “Quando se fala em tecnologias, me vêm à cabeça coisas modernas”;
- “O aprimoramento que o homem pode dar”;
- “Novas Tecnologias é, como, coisas que a gente já tem incorporada no nosso dia-a-dia, revistas, entendeu? Pra ficar mais fácil do que já é; facilitar ainda mais”; e
- “Eu acho que as Novas Tecnologias, tipo, ainda não foram assimiladas ainda como um todo (por todos)”.

Com essas afirmações conclui-se que o conceito é bastante vago, não tendo sido ainda apropriado pelos estudantes de maneira ampla, já que não conseguem definir um conceito de Tecnologia que satisfaça as questões comunicacionais, ficando restritos às questões materiais como: “coisas modernas” ou “coisas que a gente já tem incorporada”.

A terceira questão (Por que discutir Tecnologia/Novas Tecnologias em Comunicação Social?) volta a tocar a temática das Tecnologias e Novas Tecnologias, relacionando-as com sua presença no curso de graduação em Comunicação Social para que os alunos possam demonstrar como entendem essa relação e sua finalidade.

Percebe-se que as respostas apontam para a compreensão de que a Comunicação está bastante próxima das Tecnologias, sendo interdependentes. Surge, neste ponto, um termo novo no contexto da entrevista e não colocado pelo pesquisador, mas indissociável da Comunicação: as mídias. No entanto, cabe ressaltar que para os estudantes é mais um conceito confuso, apesar de estar claramente encravado na discussão de Comunicação e Tecnologias.

Não se pode afirmar que as mídias não têm ligação com as Tecnologias, mas não são objetos necessariamente próximos, já que, como descreve Norval Baitello Júnior (1999), a primeira mídia conhecida é o próprio corpo humano.

Percebendo a importância e proximidade dos conceitos colocados na questão três, os estudantes se expressam:

- “Porque a Comunicação tem que se adequar às Novas Tecnologias, porque estas são as ferramentas, a linguagem[...]”;
- “Porque a Comunicação permeia[...] as Novas Tecnologias. Hoje a gente tem a *Internet*, por exemplo, e o que é a *Internet*? Ela tem várias formas diferentes de Comunicação numa coisa só, num pacote só, lá você pode ver TV, ouvir rádio, você tem o texto escrito [...] E aí é que ta

a importância pro curso de Comunicação Social, é justamente dessa influência que essas mídias vão ter no nosso dia-a-dia[...]; e

- “Mas porque a mídia é o nosso instrumento, por isso que a gente vai trabalhar com, muito mais, pois absorve o que vem na mídia, mas também a gente constrói o que vem na mídia, em Comunicação; tão logo a gente tem que dominar essas ferramentas que estão disponíveis, né?”.

Apesar de algumas mídias comporem Tecnologias, nem todas o são. As respostas deixam claro que o conceito de mídias e tecnologias para os estudantes é bastante técnico, mesmo material, reconhecendo ambos como aparelhos, suportes físicos.

Quando a questão quatro (O que vocês entendem por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)?) traz à tona o termo Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), a confusão conceitual parece aumentar, tanto que as respostas não surgem, ficando restritas a dois exemplos: “A TV digital[...] a *Internet* (não foi totalmente explorada)”.

TIC é um termo que adentra o campo da Comunicação, devendo ser tratado ao longo de praticamente toda a formação dos futuros comunicólogos sociais, porém, nota-se a dificuldade de clareza neste campo pelos estudantes entrevistados, apesar de entenderem TV digital e *Internet* como TICs, exemplos corretos, mas com confusões conceituais ainda muito próximas do senso comum, como quando afirmam que “quando se fala em tecnologias, me vêm à cabeça coisas modernas”.

As questões cinco e seis (5. Existem diferenças no modo de ver as TICs nas diferentes habilitações de Comunicação Social? e; 6. Existem diferenças no seu uso nas diferentes habilitações?) se fundem em respostas próximas, por isso há como analisá-las conjuntamente, já que ambas se referem ao modo de ver e utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação nas três diferentes habilitações da Comunicação Social ofertadas.

Embora os entrevistados apontem que existem diferenças no uso das TICs em cada uma das habilitações, nas respostas dadas percebe-se mais uma vez a mistura dos termos propostos (TICs) com o termo “mídia”, já que os estudantes dão exemplos das diferenças de visão e utilização das TICs discursando sobre as diferentes visões e utilizações das mídias.

- “Por exemplo, se eu for falar do profissional de RP, depende da forma como ele vai atuar, entende? O próprio profissional de Relações Públicas, como que ele vai lidar com esses meios para promover um debate público? Por exemplo, sabe, eu acho que depende do interesse da empresa para qual ele trabalha, depende da organização, da pertinência do assunto e do meio, se o meio vai atingir o público esperado ou não”. Esta fala de um dos alunos mostra a consciência do graduando ao destacar que as Tecnologias da Informação e Comunicação

presentes mais freqüentemente na vida de um Relações Públicas vai depender de sua forma de atuação, do interesse da empresa em que trabalha, da organização, assim como da pertinência do assunto e do meio que ele utilizará para alcançar seu público-alvo. Porém, na seqüência, o mesmo aluno tem um discurso míope em relação à outra habilitação: “[...] de repente o jornalista vai trabalhar só com jornalismo, por exemplo, sabe?, seja ele impresso, seja ele com televisão [...]” Esta última frase acaba provocando risos dos colegas pela forma como foi colocada.

Sobre a atuação, uma das alunas põe uma nova questão, enquanto outra a complementa em seguida: “Depende da direção que você quer dar (para a carreira), um pesquisador que vai pra um lugar saber as teorias, não precisa saber que botão apertar” (referindo-se ao aprendizado prático das TICs), “mas eu acho que mesmo quem vai para o mercado tem que saber refletir sobre o que está fazendo”.

Nesta última frase toca-se em um ponto-chave da entrevista, havendo aparente concordância de todos os colegas com a afirmação feita. Quando a estudante diz que há a necessidade de reflexão mesmo para os profissionais que têm uma função mais ‘técnica’, implicitamente ela está levantando a questão da formação múltipla, não unicamente teórica ou exclusivamente prática, mas privilegiando ambas. Esta discussão se prolongará até o fim da entrevista, por isso, pode-se prosseguir com a análise das respostas.

A questão de número sete (O ensino de TICs de forma instrumental capacita profissionais de Comunicação Social?) provocou grande excitação entre os estudantes. Vale ressaltar que, em princípio, ao fazer esta pergunta, esperava-se outra resposta, por hipóteses levantadas anteriormente, como a de que o ensino estaria voltado essencialmente para o caráter instrumental do uso das TICs.

Contudo, quando questionados se o ensino de TICs de forma instrumental capacitaria profissionais de Comunicação Social, a resposta foi rápida: “Sim!”. Por alguns segundos a resposta deixou o ambiente em silêncio, mas dando continuidade às explanações, pôde-se perceber que o “sim” tão rápido foi influenciado, de certa forma, pelo descontentamento com a falta de disciplinas tecnológicas/midiáticas práticas no curso, segundo os estudantes.

Em seguida, os entrevistados deixaram bastante claro que sentem falta de disciplinas técnicas, mais práticas, embora estando as mesmas sempre conectadas com disciplinas teóricas que garantiriam uma prática reflexiva.

Na questão oito, foi aberta a possibilidade de propostas de alteração curricular feitas pelos próprios estudantes, e, novamente, uma algazarra generalizada tomou conta da sala. As respostas foram iniciadas por afirmativas de que o sistema de optativas da universidade não

tem funcionado da forma como está estruturado: “Não deveríamos poder fazer balé, ou coral só para poder cumprir os créditos das disciplinas optativas.” E, voltando à crítica pelo curso privilegiar disciplinas teóricas: “Não temos disciplinas práticas (de tecnologia)”. Os estudantes acrescentam que a disciplina de Comunicação e Tecnologia (sétimo período) “é só teórica, depois, disciplinas práticas, só mesmo TV e, Relações públicas e *Internet*.”

Neste caso, para os graduandos, disciplinas teóricas dizem respeito àquelas de caráter estritamente reflexivo, normalmente baseada em textos diversos sobre um mesmo tema. Enquanto disciplinas práticas são mais voltadas para o fazer da profissão, associadas ao manuseio de instrumentos, como *software* e *hardware*.

Embora haja consenso de que falta um cunho mais prático ao ensino do curso, eles não negam a importância das disciplinas teóricas e em nenhum momento descartam a oferta das mesmas. A opinião dos estudantes é unânime ao afirmar que o ideal para a formação seria a associação teórica e prática em medidas uniformes, ou conforme expectativa dos próprios estudantes, poder desenvolver projetos de TV, rádio e *Internet* e ter incentivo à pesquisa com orientação docente.

Quanto à questão das disciplinas optativas, em entrevista realizada com a coordenadora do curso, foram colocadas as questões de forma bastante esclarecedoras com relação ao que tem sido eficiente e aquilo que ainda é deficiente nessa estrutura curricular, o que será apresentado na terceira fase.

Na nona questão (Vocês consideram que o aprendizado de TICs foi reflexivo-crítico?) a discussão anterior acaba sendo retomada. Ao serem questionados se até agora o aprendizado de Tecnologias da Informação e Comunicação foi reflexivo-crítico, eles são enfáticos ao afirmar que “foi bem teórico”. Um dos estudantes destaca que “[...] quando a gente for trabalhar e a gente for ouvir uma peça de rádio pra aprovar, a gente tem que saber como é o processo de produção disso, como é que é feito [...]”, ou seja, eles reconhecem a necessidade de analisarem criticamente um material, mas também reconhecer todos os processos pelos quais este passa até que se torne o produto final.

A décima e última questão torna-se uma síntese de tudo o que foi comentado anteriormente. A questão colocada é: “O que ficou do aprendizado de Tecnologias da Informação e Comunicação?”. Dentre outras respostas, os estudantes colocam que o aprendizado somente teórico não é eficiente, que eles gostariam de desenvolver projetos de TV, rádio ou *Internet*, pelo menos e ter mais incentivo à pesquisa, com orientação dos professores. Eles lembraram que um professor quis dar aula de *software* como *Photoshop* e

CorelDraw, mas que queria cobrar, o que seria um absurdo para uma instituição pública, segundo eles.

Os alunos sugerem mais matérias técnicas optativas, pois, conforme afirmam, há problema na grade, já que “o tempo disponível não é aproveitado, ficam janelas”.

4.2.1.2. Concluindo a primeira fase

Algumas hipóteses prévias caíram durante a entrevista, como a de que haveria excesso de disciplinas práticas, deixando em aberto a criticidade e análises teóricas da produção em Comunicação, mas a realidade explicitada pelos graduandos do curso de Comunicação Social desta instituição é a de que há grande preocupação com o ensino teórico e reflexivo. Já com relação ao ensino prático de Tecnologias da Informação e Comunicação existem deficiências. Há, então, na opinião dos estudantes, uma necessidade iminente de atualização curricular do curso.

Melo (2001, p. 56) aponta para o fato de os primeiros docentes de Comunicação terem sido recrutados por sua competência ocupacional no mercado de trabalho, por isso a primeira característica do curso foi o da atuação como formação profissional, que reproduzia os “paradigmas vigentes na indústria.” Assim,

Só mais tarde a pesquisa dos fenômenos comunicacionais ocuparia espaço nas atividades universitárias, ensejando equilíbrio entre prática e teoria. Tais estudos assumem a tendência do experimentalismo ou da pesquisa aplicada (BALLE, 1997: 22) – testando em laboratórios ou submetendo a observações empíricas os modelos oriundos do mercado, para melhorá-los, atualizá-los, renová-los. (*ibid.*)

Outra questão detectada na entrevista é a falta de clareza na conceituação e diferenciação dos termos ‘Tecnologia’, ‘Nova Tecnologia’ e ‘Tecnologia da Informação e Comunicação’, tão presentes na área, que poderiam já ter sido abordados de forma mais objetiva anteriormente, já que a entrevista foi realizada com alunos do sexto período do curso, a apenas um ano da conclusão. Assim é evidenciada a necessidade de melhor estruturação da disciplina ou disciplinas de TIC no curso, para que os alunos tenham tanto os conceitos (teórico) quanto os usos (prático) das tecnologias de forma mais concreta em sua formação.

O curso de Comunicação Social onde foi realizado o estágio de docência está em plena discussão sobre a grade curricular, para atualizá-la e melhorá-la, segundo as tendências atuais da carreira, assim como as necessidades colocadas pelos alunos. Tanto que, no dia 22 de novembro de 2006, deu-se início a um debate com o título: ‘1ª Discussão sobre a reforma

curricular do curso de Comunicação Social’, com a presença do Vice-presidente da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), professor do Programa de pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), editor da Revista Comunicação e Sociedade do programa de pós-graduação em Comunicação da Umesp e organizador nacional do Politicom (Conferência Brasileira de Marketing Político), Adolpho Queiroz.

O debate junto à turma do sexto período do curso em 2006 faz-se, então, extremamente pertinente, reconhecendo as prioridades de mudanças, pontos fortes e deficiências da grade curricular a partir da análise dos próprios estudantes, assim como, provocando nestes a reflexão a respeito do tema, a exposição de suas idéias e a participação dos discentes na atualização curricular.

O palestrante, professor Queiroz, deu exemplos de experiências com projetos integrados que são eficientes tanto na fundamentação teórica quanto prática da Comunicação Social. Esse tipo de projeto, segundo Queiroz, tem êxito a partir do momento em que todas as disciplinas dialogam.

Na experiência de Queiroz, os projetos-integrados devem estar presentes em todos os semestres, totalizando oito projetos-integrados ao longo dos quatro anos de curso. A avaliação desses projetos é feita por meio de apresentação pública dos mesmos e equivale a 40% do total da nota semestral.

Esse tipo de experiência com projetos-integrados vai ao encontro daquilo colocado pelos estudantes em diversas partes da pesquisa-piloto. Esses graduandos conseguem avaliar sua trajetória acadêmica, percebendo as deficiências, os pontos positivos e as possíveis soluções para melhorias da graduação em Comunicação Social no qual estão inseridos.

Outros pontos pertinentes colocados por Adolpho Queiroz são:

- a falta de apoio à pesquisa científica e extensão nas instituições que ofertam a graduação em Comunicação Social;

- a falta de incentivo para que os estudantes se tornem empreendedores, afinal, são mais de cinquenta mil graduandos de ‘Publicidade e Propaganda’ no Brasil, segundo Queiroz, que questiona: como empregar todas essas pessoas?;

- que tipo de profissional/cidadão os cursos estão formando? Para causas ideológicas? Para causas comerciais?;

- os profissionais não devem ser só “apertadores de botões”, mas cada vez mais cultos (com bagagem de Filosofia, Sociologia, Antropologia, etc);

- os professores estão distantes do mercado (*Internet*, TV digital, mídias eletrônicas, etc), é necessário atualização; e

- os professores com formação em Ciências Puras (Estatística, Filosofia, etc) devem se inteirar da Comunicação Social para poderem ser docentes do curso.

Todos os pontos colocados pelo professor Queiroz dizem respeito à sua experiência e visão geral do ensino de Comunicação Social no Brasil, mas valem como suportes para a análise da graduação em questão, na “Instituição U”.

A ‘Segunda fase’ dá continuidade às questões.

4.2.2. Segunda fase – entrevista com graduandos concluintes do curso

A entrevista com os graduandos concluintes do curso de Comunicação Social se fez necessária pelo fato desses estudantes já terem cumprido todo o percurso da graduação, tendo cursando tanto as disciplinas obrigatórias quanto as optativas, necessárias ao fechamento dos créditos acadêmicos.

Para uma visão mais homogênea, optou-se por entrevistar individualmente três estudantes concluintes do curso, sendo cada formando de uma das três habilitações.

Basicamente, o roteiro para a entrevista semi-estruturada aplicada foi composto de perguntas que pudessem evidenciar as questões colocadas como primordiais para a formação em TICs dos comunicadores na pesquisa-piloto realizada com quase sessenta estudantes das diversas habilitações na ‘Primeira fase’ já apresentada.

Abaixo, roteiro norteador para a entrevista semi-estruturada realizada com os três formandos da graduação em Comunicação Social da “Instituição U”:

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM GRADUANDOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:

1. Após cursar a disciplina Comunicação e Tecnologia, no 7º período do curso de Comunicação Social, o conceito de “tecnologia” se tornou mais claro? Se sim, por quê?
2. Como você definiria “tecnologia” hoje?
3. O que você entende por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)?
4. Quais elementos das TICs você se recorda como os mais marcantes no curso?
5. Você se recorda de outra(s) disciplina(s) que abordou(ram) a temática de TICs de forma marcante no decorrer do curso? Se sim, qual(is)?
6. Você proporia alguma alteração curricular na disciplina Comunicação e Tecnologia? Por quê? Se sim, qual?
7. Por que discutir TICs em Comunicação Social?
8. Pouco antes da conclusão do curso, analisando toda a trajetória da graduação em Comunicação Social, como você considera o aprendizado de TICs?

4.2.2.1. Relacionando as respostas da segunda fase

Para se referir ao formando de ‘Publicidade e Propaganda’ será usada a letra “R”, ao formando de ‘Relações Públicas’, a letra “D” e ao formando da habilitação de ‘Jornalismo’, a letra “F”.

Ao início de cada entrevista, os estudantes foram situados sobre a finalidade da pesquisa, e em cada questão colocada puderam expressar sua opinião de forma espontânea, refletindo sobre sua formação, sobre o trajeto acadêmico, podendo, ainda, acrescentar novas questões não abordadas no roteiro apresentado.

A primeira questão retoma um ponto dado como deficiente nas respostas da ‘Primeira fase’, em que os estudantes não tinham o conceito de tecnologia bem definido. Esta questão procura, então, analisar a conceituação deste termo, tomando como hipótese, o fato de que no sexto período de Comunicação Social da “Instituição U” os graduandos não haviam cursado a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, que teria como premissa, esclarecer o campo tecnológico, assim como fazer sua ligação com o campo da comunicação.

No entanto, as respostas revelaram que pouca coisa mudou em relação à conceituação da tecnologia. O formando “R” foi enfático ao afirmar que o conceito não se tornou mais claro, que a disciplina não contribuiu, já que cada grupo de estudantes pôde, na ocasião, pesquisar os temas tecnológicos que achassem pertinentes.

O formando “D” foi mais brando ao afirmar “acho que sim”, que o conceito de tecnologia se tornou mais claro, que a percepção foi ampliada em relação ao tema. Ele acrescenta que a dupla ‘técnica-tecnologia’ foi bem abordada, de forma que essa relação ficou bem esclarecida.

Já o formando “F” relata que a disciplina obscureceu ainda mais o conceito de tecnologia que o mesmo tinha como certo. Ele afirma: “depois que eu fiz a disciplina, eu passei a ter um conceito pouco claro, mas muito mais correto”. Assim, apesar de não conseguir definir tecnologia com segurança, “F” acredita poder refletir mais sobre o campo, com uma análise menos ingênua. Apesar de não conseguirem determinar um conceito coerente, todos compartilham a idéia de que deixaram de pensar tecnologia somente como produtos, aparatos, máquinas. A idéia de tecnologia deixou de lado o objeto e passou a ser mais abrangente.

A questão número dois pedia aos formandos que definissem tecnologia, conforme partes das respostas transcritas a seguir:

Formando “R”: “Tecnologia para mim está muito associada a este conceito, o que é moderno, o que surge agora, é tecnologia [...] Mas eu não sei até que ponto o conceito de tecnologia está atrelado ao que é novo. Eu não sei se é essa a definição ou não.”

A resposta dada por “R” tem argumento com pouco embasamento teórico, já que as tecnologias não se limitam ao que é novo, conforme Sancho:

Os professores que afirmam que o uso do computador desumaniza o ensino, sem se dar conta de que os instrumentos que utilizam (do livro ao quadro de giz), as tecnologias simbólicas que medeiam a sua comunicação com os alunos ou fazem parte da mesma (linguagem, representações icônicas, o próprio conteúdo do currículo) e as tecnologias organizadoras (gestão e controle de aprendizagem, disciplina...) estão configurando a sua própria visão e relação com o mundo e seus estudantes. A pergunta que poucas vezes é feita é se a tecnologia mais adequada para responder aos problemas atuais do ensino é a escola. (SANCHO, 1998, p. 23)

Formando “D”: “Tecnologia é dominar as técnicas que já existem e conseguir pegar essa técnica e transformar através de abordagens inovadoras para trazer novas abordagens para determinado assunto.”

“D” dá uma definição parcial de uma forma mais abrangente de como Gama (1986) e Vargas (1994) entendem tecnologia, não como o instrumental físico, mas como a aplicação de teorias, métodos e processos científicos e técnicos, que podem levar, também, à produção dos aparatos materiais.

Formando “F”: “[...] não tem como você desconectar a questão tecnologia da parte física, da parte prática da coisa. Mas eu passei a ver a tecnologia também como uma questão organizacional. Então, para mim hoje, tecnologia seria a aplicação da modernidade dentro da sua realidade cotidiana.”

O formando “F” colocou a tecnologia organizacional, uma das categorias de Sancho adotadas nesta pesquisa para a melhor compreensão da temática tecnológica e sua abrangência: a ‘tecnologia organizacional’.

Todos os estudantes, de alguma forma, justificaram não terem condições plenas de definição do conceito de tecnologia, talvez por isso, pela pressão da questão colocada, as respostas foram tão parciais.

Comparando-se as respostas dadas nesta fase com a fase anterior, realizada com estudantes que ainda não haviam cursado a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, percebe-se o retorno à conceituação generalizada.

Certamente se o conceito de tecnologia não se faz claro, ao afunilar a questão, perguntando sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), seria ainda mais difícil chegar a uma definição que não de senso comum³⁶.

Na questão três, “R” ao definir TICs, basicamente tentou exemplificar a forma como manipula as informações em seu trabalho. O formando focou o conceito na recepção de informações, assim como sua seleção e futuro aproveitamento.

O formando “D” iniciou sua conceituação de maneira apropriada ao descrever as TICs como “o domínio e o desenvolvimento de tecnologias que permitam e facilitem a comunicação entre as pessoas e a transmissão de informações.” Mas em seguida faz confusão ao tentar finalizar seu conceito: “Acho que o objetivo é muito mais facilitar a comunicação do que a simples transmissão de informação, porque é preciso uma transmissão de informação, que é o primeiro ponto, para acontecer uma comunicação.”

“F” resumiu sua resposta ao dizer que “o jornalismo acaba ficando muito preso à questão da tecnologia enquanto parte física, enquanto pedaço de material tecnológico mesmo.” Mesmo as TICs estando presentes de forma consistente em todas as habilitações, para “F”, o jornalismo tem contato significativo apenas com a parte material das TICs.

Retomando a discussão de TICs do **tópico 1.2** desta dissertação, pode-se estruturar um conceito baseando-se em autores tais como:

- Dieuzeide: “[...] o conjunto das “tecnologias portáteis” que reúnem instrumentos de apresentação visual e sonora e a micro-informática capaz de promover o desenvolvimento de novas relações com as fontes do saber, caracterizadas pela interatividade.” (*apud*: SOARES, 1999, p. 37); e

- Jacquinet (no prelo): a) velocidade e potência do registro, arquivo e restituição das informações sensoriais;

b) acesso e manipulação de dados arquivados;

c) transportabilidade de dados por diferentes canais, assim como a conexão entre todas as redes;

d) interatividade em mundos virtuais, o ciberespaço.

Para Jacquinet (*ibid.*), as TICs deixaram de ser simplesmente tecnologias-canais, deixando de lado a matéria bruta e a energia para se transformarem em “tecnologias

³⁶Chauí explicita características do senso comum como: subjetivos; qualitativos; heterogêneos; individualizadores; generalizadores; estabelecem relações de causa e efeito entre as coisas e entre os fatos; não se surpreendem e nem se admiram com a regularidade, constância, repetição e diferença das coisas; identificam ciência com magia. In: CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. Ed. Ática, São Paulo, 2000. (Unidade 7: As ciências / Capítulo 1: A atitude científica)

intelectuais”, nas quais geram e são geradas as condições de funcionamento de processos cognitivos (trabalham a informação e os conhecimentos, assim como os processos de apropriação). Jacquinet (*ibid.*) afirma que as TICs alteram o modo de ver e pensar o real e, dessa forma, também se alteram os modos de acesso e a apropriação de saberes.

A questão quatro da pesquisa realizada com os três estudantes procurava identificar no curso aqueles elementos das TICs necessários a uma formação sólida e que devem estar presentes na disciplina que adentra esse campo. A disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ é um elemento marcante no curso para “R”, apesar de, segundo ele, a mesma não ter sido tão expressiva.

Para “D”, o elemento mais marcante foi a discussão sobre convergência midiática, assunto do seminário apresentado por ele na disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’. Já para “F”, os elementos mais marcantes foram as técnicas básicas de TV, em que o estudante pôde perceber a diferença entre o jornalismo impresso e o jornalismo televisivo, além da técnica da comunicação aproximativa, estudada ao cursar disciplina da habilitação de Relações Públicas.

Embora os formandos “R” e “D” tenham citado a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ ou algum elemento da mesma, “F” apresentou elementos mais técnicos em sua fala, como as técnicas básicas de TV e a técnica de comunicação aproximativa, ambos não relacionados diretamente com a disciplina citada pelo outros dois entrevistados.

Essas respostas podem demonstrar que ao buscar na memória elementos marcantes, os que são mais evidentes são aqueles relacionados à prática da profissão, mais técnicos, que exigiram, de alguma forma, a manipulação de conceitos ativamente.

Na questão cinco, os entrevistados citaram disciplinas que adentraram na discussão de TICs no decorrer do curso, mesmo que indiretamente. Fundamentalmente, os exemplos se restringiram à disciplina ‘Comunicação, Sociedade e Cultura’, a mesma na qual foi realizada a pesquisa-piloto já discutida na primeira fase. O único a apresentar outros exemplos foi “F”, ao lembrar que trataram do assunto de TICs também as disciplinas ‘Comunicação e Linguagem’ e ‘História Social dos Meios de Comunicação’.

Apesar de ser um questionamento complexo, a questão seis acrescentou muito à reflexão sobre a disciplina pesquisada nesta dissertação. Os entrevistados foram incitados a pensar a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ e propor alguma alteração que julgassem importante para o melhor desenvolvimento da mesma.

As respostas previram, principalmente, mudanças metodológicas. Para “R”, “não dá para ficar somente com o que está no livro”, é necessário a ‘experimentação’, por meio de projetos. Para o estudante, há a necessidade de se rever os textos das disciplinas que, segundo

ele, se repetem em várias outras e acabam tirando o interesse pela nova, já que acaba trazendo os textos já vistos anteriormente.

Quando “R” fala de experimentação, ele justifica: “[...] fazer eles (estudantes) experimentarem, participarem ou construir alguma coisa. Não que esse projeto ou alguma coisa que os alunos venham a construir seja significativo, mas esse caminho que eles vão fazer para construir alguma coisa vai fazer os alunos pensarem no que já existe, no que isso significa.”

“R” acrescenta que a disciplina foi desenvolvida de forma tradicional: “num primeiro momento os alunos lêem os textos, a professora expõe algumas coisas. Num segundo momento cada aluno se aprofunda em algumas coisas e daí cada um apresenta, apresenta mais para o professor do que para os alunos, porque vai chegando nas últimas, os alunos não vão, justamente porque é uma coisa assim, eu foquei naquele assunto, me interessei por ele e vou apresentar aquele assunto”.

“D” sente necessidade de mudança na didática. Ele acredita que se os recursos audiovisuais fossem mais utilizados, haveria uma proximidade maior dos conteúdos com os graduandos, pois estes recursos, para ele, possibilitam que cada um aprenda da forma que é mais eficiente particularmente: “cada aluno tem uma forma diferente de aprender e isso a escola não leva em conta. Tem alunos que são visuais, tem alunos que são auditivos, tem alunos que são sinestésicos, e é aí justamente que nós temos que aproveitar os recursos audiovisuais para poder fazer com que todos esses alunos consigam aprender de uma forma bacana”.

O entrevistado “F” apontou as necessidades de mudança mais detalhadamente, conforme sua perspectiva: “começaria pela questão do professor, passaria pela forma de condução da disciplina (questão dos seminários). E na questão do conteúdo, eu achei assim: ela (a disciplina) abordou vários assuntos relacionados à tecnologia, mas sem seguir uma corrente [...] como era o primeiro contato que a gente estava tendo com uma disciplina que era específica para isso, é interessante você falar ‘vamos seguir uma linha de raciocínio, essa aqui’.”

“F” fala da importância de se desenvolver projetos ao longo do curso, já que com projetos “você começa se preocupar com coisas, detalhes que só o dia-a-dia da rotina de um jornalista te traz. [...] Eles (mercado de trabalho) não vão querer ensinar o cara, tem que chegar sabendo. [...] Então se fosse feito um projeto durante a faculdade, da grandeza que foi nosso TCC, um programa de quase trinta minutos, com uma produção intensa de jornalismo

em cima, é outra história [...] vai poder juntar um grupo de dez pessoas para produzir um programa, aí sim você simula uma redação de uma emissora”.

Tanto o formando “R”, quanto o formando “F” discorreram sobre a importância e necessidade de se desenvolver projetos dentro das disciplinas, o que foi trazido, da mesma forma, pelo professor Adolpho Queiroz, na ‘Primeira fase’. “R” acrescentou a esta questão dos projetos ao relembrar sua experiência em uma instituição de Ensino Superior norte-americana que desenvolve o ensino com base nessa metodologia:

“Eu pude visitar uma universidade lá em Boston, que é uma universidade de Comunicação e Artes, ela se chama Emerson College (www.emerson.edu). Lá a gente fez um *tour* por dentro da universidade, a gente visitou todos os laboratórios, ficamos conhecendo o sistema curricular deles, e era muito interessante porque os alunos não têm uma matéria chamada ‘Radiojornalismo’, eles têm uma matéria chamada ‘*Radio Pop News*’, ou seja, os alunos não sentam em carteiras e discutem sobre rádio, eles fazem isso dentro de uma emissora de rádio, produzindo programas de rádio para essa emissora. E assim como acontece no caso de rádio, isso acontece em todos casos, em todas as disciplinas. Então, por exemplo, se você tem uma disciplina lá de ‘Teoria da Comunicação’, claro, eles vão ter toda uma fundamentação teórica, afinal, eles têm salas de aula, mas chega um momento na disciplina que eles partem para a ‘observação da recepção da comunicação em um grupo fechado de pessoas’. Claro, eles têm uma super estrutura, numa universidade paga, então eles têm ‘n’ laboratórios, têm estúdios de jornalismo com câmeras que se mexem sozinhas. Isso em alguns momentos para cá poderia ser adaptado, por exemplo, os estudos de recepção que se fala tanto lá, isso a gente falou tanto de estudos de recepção na matéria ‘Comunicação, Sociedade e Cultura’, por exemplo, mas no fundo eu não consegui sentir, sabe?! Eu falava sobre isso mas não conseguia sentir sobre isso, só reproduzir as coisas. E lá não, lá eles chamam pessoas, colocam dentro de salas e fazem estudos com essas pessoas, [...] então eles vão treinando, eles fazem os alunos sentirem.”

O entrevistado destaca que na instituição norte-americana visitada por ele as disciplinas não são tradicionais, em que os estudantes sentam-se e assistem o professor fazer a exposição do conteúdo, mas que os graduandos participam de projetos nos quais esses conteúdos são contemplados na teoria e ao mesmo tempo na sua aplicação prática.

Não é o objetivo deste estudo uma crítica ao método de ensino, se o ensino de forma tradicional fica aquém do ensino com projetos ou o contrário, mas o intuito é apresentar uma experiência significativa para o entrevistado. Experiência que poderia ser válida como possibilidade para se repensar o ensino de Comunicação Social no Brasil.

“R” continua: “[...] os alunos de Marketing e Publicidade, eles têm clientes, [...] então as matérias na verdade não são matérias, não são disciplinas, são projetos. Então o aluno se forma participando de ‘n’ projetos, pelo menos ele percebe assim, o aluno não pensa ‘eu vou lá para ter aula’, ele vai para a aula achando: ‘hoje eu vou para lá cumprir mais uma parte do meu projeto’. E por isso, ‘eu vou ter que estudar, vou ter que ler, vou ter que fazer todo aquele percurso de sala de aula’. Naturalmente você cria essa necessidade no aluno, pelo menos foi o que eu percebi visitando essa universidade, é o que eles fazem lá, essa é a metodologia deles.”

Para “R” esse tipo de projeto poderia ser somado às disciplinas da “Instituição U”, na qual ele está concluindo a graduação, de forma positiva. O entrevistado relembra casos em que o contato com a aplicação da teoria foi benéfico em sua formação, dentre eles, a “Fábrica de Comunicação”³⁷, agência júnior fundada em 1995 que dá oportunidade de experimentação do mercado de trabalho a estudantes de Comunicação Social.

“[...] na nossa faculdade isso dá certo em alguns momentos, por exemplo, na disciplina de ‘Laboratório de Rádio’, na disciplina de ‘Laboratório de Televisão’, na disciplina de ‘Laboratório de Meios Impressos’, ou ‘Jornalismo Impresso’[...] Lá na ‘Fábrica de Comunicação’ o pessoal tem clientes, precisa ver as necessidades dos clientes. Não é igual aqui, que a gente acha que um anúncio certo é esse. Lá eles produzem prevendo e quando o cliente não gosta eles têm que fazer de novo, e assim eles vão estudando. Eu fiz parte da ‘Fábrica de Comunicação’ também e eu lembro que ali foi onde eu mais li livrinhos, daqueles básicos de todas as espécies. Nem todas as disciplinas você pensa a construção de alguma coisa, faz os alunos se envolverem em algum projeto. Muitas disciplinas, a maioria delas são muito teóricas, então isso cria um distanciamento.”

“R” acredita que o contato com a realidade da Comunicação Social, fora da sala de aula pode ser um exercício importante para a formação do comunicador social, o entrevistado fala de sua experiência na participação da agência júnior da instituição e a contribuição dessa participação em sua formação acadêmica e profissional. No entanto, conforme ele afirma, nem todos os graduandos têm a mesma oportunidade, já que a agência não comporta um número grande de estudantes:

“Na ‘Fábrica’ são alunos de primeiro ano, na verdade é um processo de extensão, então são doze alunos. Tem um processo de seleção, já que a estrutura que eles têm não comporta quem quer estar ali, então eles fazem um processo de seleção, doze alunos entram e cada aluno fica responsável por uma modalidade. Eu, quando entrei lá, fui gerente de

³⁷ Pode ser visitada virtualmente por meio de seu endereço eletrônico: [<http://fabricadecomunicacao.com>].

marketing. É um cargo que você fica durante um ano, responsável por aquilo. Mas claro, como é um projeto de extensão, você participa de tudo. Afinal, são só doze alunos ali e não tem ninguém mandando, ninguém embaixo, ninguém em cima, então tem que participar. E lá foi que eu passei a me interessar mais sobre marketing, na aula que eu tive de marketing aqui eu não me preocupava em abrir um livro e ler o que era marketing. Agora, ali na 'Fábrica', como eu era responsável por um projeto, e eu ia ter que dar satisfação no final, eu ia ter que mostrar aquilo que eu fiz para as outras pessoas, mostrar para os clientes. Ou eu estudava sobre a coisa, ia atrás, ou então eu tinha que sair. Então você se vê obrigado, mas não é aquela obrigação de quem vai ter prova depois, não, é uma obrigação de: poxa, eu estou construindo uma coisa! Depende de mim tal coisa acontecer! Então lá é interessante, lá eu corria atrás dos professores, lá eu pegava livrinho de literatura básica, 'O que é Marketing?'. Para o meu primeiro ano foi essencial, assim como agora, no último ano, eu comecei a fazer estágio também. Assim como no último ano de Jornalismo é essencial você ter um Laboratório de 'Radiojornalismo', porque daí você pode colocar tudo na prática aquilo que você fez no site da *Internet*, onde todo mundo pôde ver. A gente vê lá nos 'acessos' que teve gente até dos Estados Unidos que entra no nosso site. Ou eu aprendo a mexer na câmera e a fazer um bom texto, ou o cara que está lá nos Estados Unidos vai ver e achar tudo amador."

O entrevistado apresentou as experiências que julgava importantes na sua formação, a participação em projetos, na agência júnior e no estágio que fez no site de jornalismo da instituição. Ele acredita que por meio dessa experimentação ele desenvolveu mais interesse pelas teorias que dão suporte à prática da profissão.

A sétima questão leva os estudantes a pensarem sobre os motivos de adentrar na discussão de TICs na graduação em Comunicação Social, havendo concordância em que a necessidade vem da própria realidade mundial, da qual o comunicador não pode estar distante.

"R" acrescenta que a principal causa é a das mudanças, especialmente as mudanças das pessoas, dos consumidores, apesar de que, para ele, essas mudanças não são discutidas explicitamente no curso.

Para "D", a discussão de TICs ajuda a entender o mundo atual e o papel do comunicador diante disso. Para ele, a discussão leva a responder as perguntas: "O que eu posso fazer? Como posso contribuir?", enquanto profissional de comunicação inserido nessa realidade.

Essa preocupação aparece em Féder, no primeiro capítulo desta dissertação em que ele declara: "A Comunicação deposita em nossas mãos uma soma de poderes que não é dada a nenhuma outra profissão" (1982, s/p), e Lemos completa: "Hoje, talvez mais que em outras

épocas, a influência da tecnologia nas sociedades ocidentais tem um lugar capital dentre as questões que emergem como prioritárias na contemporaneidade” (2002, p. 27).

“F” responde a questão fazendo uma crítica ao desenvolvimento do curso, pois para ele, “na Comunicação a gente carece muito de prática durante a faculdade [...] Se você aplicasse a tecnologia de comunicação dentro da própria grade, coisas como essa não aconteceriam”. Para “F” a aplicação das TICs seria fundamental para que os conteúdos fossem efetivamente aprendidos. A deficiência do caráter prático do curso não aparece pela primeira vez, mas poderá ser mais bem compreendido na ‘Terceira fase’ da pesquisa.

A pergunta oito é uma síntese de tudo que foi discutido pelos entrevistados até então. Sobre o aprendizado de TICs no decorrer da graduação “R” enfatiza que “como a gente fica talvez lendo textos que são um pouco mais antigos e, quando se pensa no que está acontecendo a gente procura assuntos específicos para falar disso tudo, então isso cria uma distância, minimiza um pouco a percepção do todo, a gente não tem uma percepção do todo”.

O entrevistado volta a tocar na questão da experimentação, marcante para ele talvez, por sua experiência na *Emerson College*, instituição de ensino superior da cidade de Boston, em que os estudantes desenvolvem o aprendizado por meio de grandes projetos. “R” trouxe uma percepção positiva em relação a essa experiência, que para ele, é possível de ser parcialmente aplicada aqui, embora necessite de ajustes, reconhecendo que as realidades brasileira e norte-americana são bastante diferentes.

“D” acredita chegar à conclusão do curso com uma percepção muito rasa do campo das TICs, ele percebe que muito do aprendido sobre TICs foi por iniciativa própria, pois desenvolveu trabalhos na disciplina de ‘Estatística’, por exemplo, em que pesquisou o *Orkut*, ou no desenvolvimento de um *paper* com o tema ‘Comunicação pública na *Internet*’.

O entrevistado “F” faz uma análise mais crítica quantitativamente ao afirmar que “apenas cinco por cento do curso foi dedicado a isso (TICs). Meu diagnóstico: contato pequeno, absorção pequena, reprodução de conhecimento [...] Minha produção de TICs foi mínima porque o que eu recebi foi mínimo também”.

Mais uma vez as respostas demonstram que as experiências de produção, associadas à reflexão, são as que mais se consolidaram como positivas na percepção dos estudantes. E tudo isto vai ao encontro do PARECER CES 492/2001 (p.16) do MEC em que no ponto quatro é colocado que o egresso do curso de Comunicação Social, em qualquer de suas habilitações, caracteriza-se por:

4. utilizar criticamente o instrumental teórico-prático oferecido em seu curso, sendo portanto competente para posicionar-se de um ponto de vista ético-político sobre o exercício do poder na comunicação, sobre os constrangimentos a que a comunicação

pode ser submetida, sobre as repercussões sociais que enseja e ainda sobre as necessidades da sociedade contemporânea em relação à comunicação social.

4.2.2.2. Concluindo a segunda fase

A entrevista ajudou a derrubar a hipótese levantada na ‘Primeira fase’, de que ao cursar a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ os conceitos tecnológicos se fundamentariam na sua relação com a Comunicação para os estudantes. As respostas demonstram, ainda, certo descontentamento com a abordagem feita ao campo pela disciplina.

Os estudantes não demonstram segurança para definir o conceito de tecnologia, resumindo-se a respostas de que a tecnologia está ligada à modernidade e ao aperfeiçoamento de técnicas. Essas respostas apontam para as respostas dadas na fase anterior, com grupo de estudantes que ainda não haviam cursado a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’.

Quando se delimita o campo, especificando as TICs, há uma tentativa de explicar o termo por meio de sua estrutura semântica, caindo, na maioria dos casos, em conceitos de senso comum³⁸.

Os elementos apresentados como os mais marcantes no decorrer do curso são muito pontuais e tão poucos que se poderia crer, a partir do contexto externo, que o curso não contempla o estudo das TICs, apesar de ter disciplina específica para a discussão do tema.

Um dos exemplos de elementos de TICs foi a própria disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, os outros foram a “convergência midiática”, tema de um dos seminários da mesma disciplina e “técnicas básicas de TV” e “técnica de comunicação aproximativa”, assuntos abordados em outros momentos do curso.

Para os entrevistados, pouquíssimas disciplinas adentraram ao campo das TICs, ficando os exemplos restritos à disciplina ‘Comunicação, Sociedade e Cultura’ e ‘Comunicação e Linguagem’.

Com relação a propostas de alteração na disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, as sugestões foram bastante consistentes, relacionadas, principalmente com a inserção de projetos, mudanças metodológicas e didáticas.

Pela coerência dessas propostas, é necessário pontuá-las:

³⁸ ver: CHAÚÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo : Ática, 2000. Unidade 7, capítulo 1.

- ‘Experimentação’: desenvolvimento de projetos que possibilitem aos estudantes a criação, a participação na construção de algo, que não tenha o foco na finalidade, mas sim no processo, nas etapas;
- ‘Recursos audiovisuais’: apropriação pelo professor dos recursos tecnológicos disponíveis, que possibilitem experiências sinestésicas aos estudantes, tornando o acesso ao conhecimento mais democrático;
- ‘Efetivação docente’: cadeira da disciplina assumida por professor titular, já que isso possibilitaria o “amadurecimento”³⁹ da disciplina ao longo dos anos;
- ‘Metodologia’: o formato de seminário tem o risco de cada grupo só se dedicar ao próprio assunto. Buscar maneiras de estimular os estudantes a se envolverem com todos os temas; e
- ‘Estrutura disciplinar’: os elementos não tinham ligação, foram discutidos de forma aleatória na disciplina, o que não estabeleceu relações construtivas entre os temas.

Cada um dos pontos colocados pelos entrevistados ajuda a repensar a disciplina em questão e, também, o ensino de TICs e a forma como está inserido na graduação de Comunicação Social. Os estudantes não conseguiram identificar muitas ocasiões em que tiveram contato com o ensino das TICs ao longo da graduação, esse fato pode se dar pela falta de consciência da abrangência do campo em que eles reconhecem ter uma percepção ainda rasa.

4.2.3. Terceira fase – entrevista com coordenadora do curso

A entrevista com a coordenadora do curso se justifica pelo fato de a coordenação possuir proximidade com o currículo e ementas, sendo capaz de responder as questões necessárias ao esclarecimento dos objetivos colocados.

O roteiro para a entrevista semi-estruturada (VIEGAS, 2007, pp. 110-114) foi elaborado a partir das discussões realizadas na pesquisa-piloto, o estágio de docência, além daquelas questões levantadas na *segunda fase* pelos concluintes do curso.

³⁹ Termo cunhado pelo autor desta dissertação com o sentido de que uma disciplina sob a responsabilidade do mesmo docente durante um período de tempo significativo possibilitaria o desenvolvimento da mesma em diversos sentidos, tanto na seleção de conteúdos mais significativos à proposta disciplinar, quanto na melhora da metodologia com fins de facilitar a aproximação dos estudantes com o tal conteúdo.

Segue o roteiro norteador da entrevista semi-estruturada realizada com a professora coordenadora do curso de Comunicação Social da “Instituição U”:

**ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A COORDENADORA
DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:**

1. Como a senhora percebe no curso a relação entre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a Comunicação Social?
2. Quais disciplinas da grade curricular do curso estão diretamente relacionadas às TICs?
3. ‘Comunicação e Tecnologia’: esta disciplina tem caráter mais teórico, mais prático ou misto? Por quê?
4. Por que integrar à grade de Comunicação Social uma disciplina específica do campo de Tecnologia?
5. Por que a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ está inserida no 7º semestre do curso? Esta não daria base para discussões posteriores dos graduandos em outras disciplinas se estivesse privilegiada anteriormente na grade curricular?
6. Existem disciplinas anteriores à de ‘Comunicação e Tecnologia’ que adentram no campo das TICs?
7. Em um semestre a disciplina de ‘Comunicação e Tecnologia’ é suficiente para que os estudantes alcancem os objetivos de aprendizado do campo necessários à profissão?
8. Por que apesar da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ compor a Formação Geral de Comunicação Social, comum a todas as habilitações, sendo de caráter obrigatório, ainda não é ministrada por professor efetivo (a disciplina é ministrada por professores substitutos)?
9. E no elenco de Formação Complementar, das disciplinas Optativas/Eletivas, quais são as que estão relacionadas às TICs?
10. Os graduandos, em entrevista realizada anteriormente, questionam o fato de ter havido um professor no curso que se ofereceu a ministrar um curso de *Photoshop*, *CorelDraw* e *PageMaker*, porém que o curso seria cobrado dos estudantes. A grade do curso não comporta o ensino de software específico das habilitações?
11. No dia 22 de novembro de 2006, deu-se início à 1ª Discussão sobre a Reforma Curricular do Curso de Comunicação Social com a presença do vice-presidente da Intercom, organizador nacional do Politicom e professor do programa de pós-graduação da UMESP, Adolpho Queiroz. Como estão as discussões iniciadas naquele dia?
12. Naquela ocasião foram dados alguns exemplos de êxito de outras instituições, como Projetos Integrados entre as diferentes disciplinas, que comporiam partes teóricas e práticas da Comunicação Social. Como a coordenação do curso tem avaliado esse tipo de projeto? Existe a possibilidade de inserção desse tipo de projeto no curso?

Ao se referir sobre a relação das TICs com a Comunicação Social, a professora coordenadora acredita que a “própria discussão da comunicação incorpora a questão da tecnologia. Faz parte da própria história da Comunicação. A importância dela é justamente estar e estimular os avanços que temos na área de Comunicação”. Ela aponta a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ como estando diretamente ligada ao estudo do campo das TICs. A coordenadora analisa a disciplina como sendo de cunho teórico, acrescenta que a prática fica a cargo das disciplinas mais voltadas para os laboratórios.

Sobre a localização da disciplina no sétimo período do curso (questão cinco), a professora afirma que o currículo do curso está sendo revisto e, que de alguma forma, outras disciplinas em momentos diferentes do curso também abordam a discussão tecnológica. A

coordenadora apresenta dois pontos divergentes sobre a relação da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ em momentos diversos do curso:

- a) Que a disciplina poderia abrir a discussão do tema no início do curso; e
- b) Que a disciplina no sétimo período é interessante, já que neste momento os estudantes já estão mais amadurecidos, podendo aprofundar as discussões.

A disciplina, atualmente, é ofertada por apenas um semestre, tempo que não seria suficiente para o estudo do campo das TICs, conforme opinião da coordenadora. Além desse fator, faltam aparatos tecnológicos atualizados, outra fragilidade do curso. Contudo, um ponto positivo destacado pela coordenadora é o fato da abordagem ao tema ser mais científica, característica da instituição.

Ela destaca a dificuldade de atualização de equipamentos tecnológicos, já que as mudanças acontecem muito rapidamente e acaba se tornando impossível ter laboratórios totalmente atualizados. Além da escassez e burocracia para liberação de recursos financeiros com esse fim.

Um problema apontado pelos entrevistados da fase anterior indicava a dificuldade de amadurecimento da disciplina por falta de professor efetivo que assumisse a cadeira. Contudo, a professora coordenadora afirma que já está em processo o concurso público para professor efetivo da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’.

Outras disciplinas adentram o campo das TICs no decorrer do curso, conforme informa a entrevistada e, apesar da falta de atualização dos aparatos tecnológicos, o aprendizado básico está garantido com equipamentos um pouco mais antigos, mas que dão conta dos elementos gerais das TICs.

Para a coordenadora, “esse aperfeiçoamento técnico também, eles (estudantes) podem conseguir em vários outros cursos profissionalizantes que são ofertados no mercado. A universidade, me parece, não deve se preocupar tanto com essa questão. Eu ainda entendo que a abordagem teórica é mais importante que essa abordagem técnica a respeito da tecnologia.” A abordagem teórica deve sim, ser priorizada, já que a universidade deve formar cidadãos reflexivos e com consciência crítica. Porém, por todos os pontos levantados até aqui, seja impossível menosprezar a necessidade de prática que as TICs assumem na formação de Comunicação Social, conforme o colocado pelas Diretrizes Curriculares do MEC no PARECER CES 492/2001, em que não são priorizados nem os conhecimentos teóricos nem os práticos, mas ambos como complementares:

Os conteúdos básicos são caracterizados da formação geral da área, devendo atravessar a formação dos graduandos de todas as habilitações. Envolvem tanto conhecimentos teóricos como práticos, reflexões e aplicações relacionadas ao campo

da Comunicação e à área configurada pela habilitação específica. Estes conhecimentos são assim categorizados: conteúdos teórico-conceituais; conteúdos analíticos e informativos sobre a atualidade; conteúdos de linguagem técnicas e tecnologias midiáticas, conteúdos ético-políticos. (p. 23)

Os recursos tecnológicos disponíveis não podem ser ignorados, já que, como a coordenadora coloca, uma universidade pública tem diversas dificuldades de atualização nesses termos, embora, conforme entrevista feita com o professor “E” demonstre a possibilidade de se trabalhar questões práticas sem, necessariamente, estar de posse dos aparatos aos quais a prática se refere. A transcrição da entrevista com o professor “E” faz parte do APÊNDICE 1 e a discussão da mesma se encontra no tópico **4.3. Aproximando as cinco fases** desta dissertação.

A questão de número dez traz a mesma problemática, já que alguns professores necessitam de *software* específico, importantes ao ensino da Comunicação Social e a instituição não pode disponibilizar todos estes programas por falta de recursos. Assim, a entrevista com o professor “E” (APÊNDICE 1) ajuda a esclarecer também esta questão.

Segundo a coordenadora entrevistada, as discussões para uma reforma curricular no curso estão em andamento, sendo que, no mês de março de 2008, serão iniciadas novas discussões no Setor de Comunicação, momento em que serão avaliados os resultados obtidos na formação dos estudantes que tiveram sua formação fundamentada no currículo que entrou em vigor no ano de 2000 e foi estruturado muito rapidamente.

Sobre as experiências com projetos-integrados, citados pelo professor Adolpho Queiroz e também pelos formandos entrevistados, a coordenadora declara que algumas experiências têm sido feitas, com disciplinas integradas. Ela percebe os resultados como positivos e acredita que com as discussões da reforma curricular, os projetos serão algo decorrente, na medida em que os professores forem se encontrando e discutindo as questões.

Na próxima fase foram entrevistadas as duas últimas professoras substitutas que ministraram a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’.

4.2.4. Quarta fase – entrevista com professoras

As professoras convidadas a fazer parte deste estudo foram selecionadas por terem sido responsáveis pela disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, selecionada no ‘estudo de

unidades de registro' como fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Da mesma forma que na 'Terceira fase' com a coordenação do curso, a entrevista com as professoras é necessária por possuírem proximidade com o Plano de Ensino e prática da disciplina, sendo capazes de responder as questões que ajudarão na resposta da questão norteadora da pesquisa.

Foram selecionadas duas professoras para participar das entrevistas que foram realizadas individualmente. O critério de seleção foi definido pelos objetivos da pesquisa. Assim, seria necessário entrevistar professoras que têm ou já tivessem tido contato com a disciplina 'Comunicação e Tecnologia', única no campo das TICs comum a todas as habilitações de Comunicação Social na "Instituição U".

Essas professoras poderiam compartilhar para o desenvolvimento deste estudo, o contato com a disciplina, e mesmo, a relação dos graduandos com a disciplina, assim como os elementos que julgassem importantes para a estruturação curricular. Ambas as professoras foram contratadas como substitutas e ministraram a mesma disciplina por quatro semestres, sendo que o contato da professora "N" se deu no biênio 2004-2005 e da professora "J" nos anos de 2006-2007.

As perguntas foram elaboradas a partir das respostas dadas pelos graduandos da 'Segunda fase', o que possibilitou aperfeiçoar a entrevista com as professoras, focando nos tópicos evidenciados pelos estudantes, sem deixar de lado as questões a que se propõe esta dissertação.

O método adotado foi o de entrevista semi-estruturada e conversas, diálogos (VIEGAS, 2007, pp. 110-114). Este método permite liberdade de expressão ao entrevistado, mantendo o foco das perguntas e respostas nos objetivos especificados no trabalho. Em seguida, com os roteiros das entrevistas elaborados, as mesmas foram realizadas. Tais procedimentos estão de acordo com o desenho de uma pesquisa qualitativa, pois envolvem segundo Lüdke e André (1986, p. 15), três etapas: exploração, decisão e descoberta.

A seguir, o roteiro norteador das entrevistas:

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORAS DA DISCIPLINA 'COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA':

1. Por que integrar à grade de Comunicação Social uma disciplina específica para tratar de Tecnologia?
2. Comunicação e Tecnologia: esta disciplina tem caráter mais teórico, mais prático ou misto? Por quê?
3. A senhora acredita que as mudanças na metodologia podem contribuir para que os objetivos da disciplina sejam alcançados mais efetivamente? Que tipo de mudanças a senhora proporia?

4. Quais elementos integrantes da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ a senhora destacaria como fundamentais para a compreensão do campo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) pelos graduandos?
5. Quais elementos a senhora somaria à disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ para colaborar com um melhor desenvolvimento do tema (TIC)?
6. O que a senhora acha da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ estar inserida no 7º semestre do curso? Esta não daria base para discussões posteriores dos graduandos em outras disciplinas se inserida anteriormente?
7. Em um semestre a disciplina de ‘Comunicação e Tecnologia’ é suficiente para que os estudantes alcancem os objetivos de aprendizado do campo necessários à profissão? Por quê?
8. A senhora acredita que o desenvolvimento da disciplina é prejudicado por não ter um docente efetivo?

4.2.4.1. Relacionando as respostas da quarta fase

Há um consenso entre todos os entrevistados das fases anteriores sobre a importância da temática das TICs relacionadas à da Comunicação Social. Da mesma forma, as professoras “N” e “J” concordam que “a discussão de tecnologia é necessária porque ela vai fazer parte da vida do comunicador, não importa onde ele vá trabalhar, a tecnologia estará presente” (N), sendo necessário que “a gente, dentro de uma faculdade de Comunicação entenda o porquê do início, da entrada dessas novas tecnologias para poder saber como utilizar, como entender essas tecnologias dentro de uma sociedade” (J).

As professoras divergem quando questionadas sobre o caráter da disciplina, “J” percebendo como fundamentalmente teórica e “N” acreditando ter a disciplina um caráter misto. Contudo, pelas conversas com as professoras, pode-se identificar o motivo da disparidade.

“J” percebe a disciplina como teórica, já que, dá sua resposta respaldada pela ementa e conteúdo programático da mesma, “essa questão dela ser bem teórica é estranha, é uma ambigüidade, porque você vai trabalhar com tecnologias que são eminentemente práticas [...] o ideal seria que tivesse tanto a parte teórica quanto a parte prática, dividir essas aulas, por exemplo”.

A professora “N” tem a disciplina como mista devido à metodologia aplicada por ela nas aulas, já que para ela, essa “é uma disciplina para se pensar a prática. Esclarecer para os estudantes o que é a Comunicação de um lado e o que é a Tecnologia de outro, e como ambas se relacionam. Para isso é necessário ir a campo. Associar a teoria à prática”.

Neste caso, a disciplina foi dividida em dois bimestres, sendo que no primeiro bimestre assumiria um caráter mais teórico, com seminários, artigos, para que os estudantes

entendessem o campo, enquanto no segundo bimestre a professora “N” procurava direcionar para a área de cada um, das três habilitações, de forma mais prática, com aproximação da realidade profissional das TICs na Comunicação.

Para “N”, a questão metodológica é fundamental para o aprendizado, sendo base da prática docente. “Sem uma metodologia pensada especificamente para o assunto que será trabalhado se torna muito difícil conseguir fazer com que o conteúdo seja absorvido pelos estudantes”.

A professora “J” avalia que falta à metodologia da disciplina uma contrapartida prática, sugerindo que “essa é uma disciplina de trinta horas, poderia, por exemplo, fazer numa semana sim outra não, uma coisa mais prática”. Ela acredita ser fundamental que os estudantes manipulassem os elementos que vêm na teoria.

A questão quatro incita as professoras a destacarem os elementos da disciplina que, a seu ver, seriam fundamentais para o campo das TICs. Na experiência da professora “N”, a desmistificação tanto do conceito de Comunicação, quanto do de Tecnologia seria importante, “a Tecnologia enquanto conceito pensando que esta é um processo humano e, dessa forma, se liga à Comunicação, já que todo processo humano se dá pela Comunicação”. Outro elemento destacado como fundamental por “N” é a vivência em campo, para isto a professora “procurava criar espaços dinâmicos, para que os estudantes se envolvessem, se sentissem na obrigação de participar, tudo de acordo com a metodologia que já havia sido pensada anteriormente”.

Ao passo que a professora “J” pensa nos autores que sustentam a parte teórica da disciplina, acreditando ser “mais interessante tentar não só pegar os autores mais tradicionais dessa área”, mas também, “autores que trabalhem, por exemplo, o uso dessas novas tecnologias na Comunicação, pesquisas que estão sendo feitas em Comunicação e o uso em novas tecnologias”. Ela acha importante levar para a sala, estudos de casos, a prática da Comunicação relacionada às novas tecnologias.

“J” somaria, ainda, para melhorar a disciplina, seminários com “profissionais das diversas áreas pra comentar essa parte mais prática, profissionais que trabalhem em empresas, por exemplo”. A professora acredita ser benéfico para os estudantes o contato com profissionais, com a realidade, a aplicabilidade das TICs na Comunicação.

A professora “N” é enfática ao afirmar que “faltou interdisciplinaridade, com disciplinas específicas de cada habilitação somadas à de ‘Comunicação e Tecnologia’, e isto acontece porque na época não havia um Projeto Pedagógico que desse condições para que esse diálogo entre as disciplinas acontecesse”.

Ambas as entrevistadas concordam que a disciplina se encontra no momento adequado do curso, porque “nesta fase o estudante já passou por disciplinas básicas que vão dar suporte para as discussões levantadas em ‘Comunicação e Tecnologia’” (N). Contudo “J” ressalta que mesmo assim, os estudantes muitas vezes chegam sem o embasamento teórico necessário para o aprofundamento das questões, sendo forçada à revisão de alguns autores. Ela ainda critica o fato da disciplina estar inserida no mesmo momento em que se inicia o ‘TCC 1’⁴⁰, o que geraria uma “briga” pela atenção do estudante, já que a atenção ao projeto para a conclusão do curso acaba sendo mais contundente. Ela afirma que “eles (os estudantes) fazem (a disciplina) muitas vezes só pra cumprir, eles faltam bastante, só querem saber quando tem avaliação, quando é o seminário”.

Há concordância ao serem questionadas sobre o tempo de duração da disciplina, de um semestre, em que ambas afirmam, indo ao encontro da resposta da coordenadora do curso, que “sem dúvidas não” é suficiente para o desenvolvimento da temática com os graduandos. As professoras justificam que a disciplina tem a discussão muito densa que não é possível permanecer com os mesmos teóricos, que há necessidade de atualização. A professora “J” propõe que “poderia ter uma optativa para cada uma delas (habilitações) para ter essa questão (prática), aí sim deveria ser uma disciplina ofertada separada, mais um semestre pra cada aluno”.

A última questão coloca a problemática da falta de professor efetivo na disciplina em que as professoras apóiam a efetivação de docente para a cadeira da disciplina, mas o problema já foi discutido na fase anterior, em que a coordenadora do curso afirma estar o concurso para o cargo já em fase de seleção.

A última fase, que somada às anteriores dá subsídios para a análise da realidade da inserção das TICs no curso de Comunicação Social da “Instituição U”, é a análise documental do Plano de Ensino da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’.

4.2.5. Quinta fase – o documento

Torna-se necessário analisar o documento curricular na graduação de Comunicação Social, já que a preocupação colocada desde os objetivos apontados no início do texto, mais

⁴⁰ Primeira parte do Trabalho de Conclusão de Curso

especificamente, é o de como acontece a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no curso de Comunicação Social, assim como as disciplinas que trazem em seu programa esta temática. E esta preocupação é validada pela falta de objetividade e delimitação de quando (em que período do curso e por quanto tempo) e como (com quais finalidades e metodologias) as TICs serão inseridas na grade curricular, verificando as diferenças dentro de uma mesma cidade, neste caso, Curitiba, capital do estado do Paraná, a partir do ‘estudo de unidades de registro’ feito nos currículos de Comunicação Social das treze instituições de Ensino Superior ofertantes do curso.

Foi delimitada, no ‘estudo de unidades de registro’, a disciplina a ser estudada nesta fase, sendo importante na triangulação proposta, somando-se às entrevistas das fases anteriores esta análise documental, do Plano de Ensino da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ da “Instituição U”.

4.2.5.1. A análise documental

Metodologicamente esta fase apóia-se na Análise Documental (BARDIN, 2004, pp. 39-41), apresentada no início deste capítulo.

Na abertura do capítulo, foi o estudo das disciplinas das instituições que ofertam a graduação em questão na cidade de Curitiba, em que foram selecionadas aquelas com maior número de elementos que sustentassem os requisitos exigidos pela questão norteadora do estudo. No caso, foi selecionada a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ por estar presente em todas as habilitações, sendo integrante do núcleo comum de formação dos graduandos, não tendo caráter estritamente técnico, como seria o caso das disciplinas da ‘Categoria 6’, apresentadas anteriormente. As disciplinas desta categoria excluía algumas habilitações (Jornalismo e Relações Públicas) e, além disso, se propunham a tratar da Informática de forma bastante instrumental, com ensino de *software* e *hardware*.

Da mesma forma, a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ (“Instituição U”) foi selecionada para o estudo por disponibilizar informações necessárias desde o início do estudo, sendo que a disciplina ‘Comunicação e as Novas Tecnologias’, com as mesmas características necessárias ao estudo, não permitiu acesso a outras informações necessárias para a continuidade do estudo, como sua ementa, por exemplo.

Assim, os estudos ficaram concentrados na “Instituição U”, ofertante da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, conforme as fases anteriores apresentaram. A instituição ficou aberta ao estudo, disponibilizando, além do contato com estudantes, professores e coordenadora, o Plano de Ensino da disciplina, que é apresentado a seguir⁴¹ (cópia na íntegra no ANEXO 6):

Nome da disciplina: Comunicação e Tecnologia.

Curso: Comunicação Social – habilitação: Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda.

Pré-requisito: não tem.

Natureza: semestral.

Carga horária: aulas teóricas - 30 horas/aula
aulas práticas - 0

Objetivos: estudar a relação entre a comunicação e a tecnologia, tratando de sua influência na sociedade e nos meios a partir de discussões teóricas no campo comunicacional e seus novos paradigmas de análise.

Ementa: globalização da comunicação e seus novos paradigmas de análise. A relação entre tecnologia e comunicação social.

Programa:

- apresentação do grupo e da disciplina
- pós-modernidade, globalização e contemporaneidade
- ciência, tecnologia e sociedade
- “sociedade em rede”; “sociedade da informação e comunicação”
- comunicação e novas tecnologias
- informatização na sociedade e na comunicação
- cibercultura, cibernética e ciberespaço
- o real e o virtual
- novos suportes em comunicação
- comunicação, linguagem e novas tecnologias
- comunicação eletrônica e interativa
- convergência midiática

Procedimentos didáticos: aulas expositivas e dialogadas, leitura de textos e debates.

A disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ é parte comum do currículo de Comunicação Social da “Instituição U”, sendo obrigatória a todas as habilitações do curso. A mesma não possui pré-requisitos para ser cursada e tem a periodicidade de um semestre,

⁴¹ Representação dos pontos principais a serem analisados, cópia na íntegra no ANEXO 6.

totalizando 30 horas/aula. Embora a disciplina adentre ao campo tecnológico, as horas/aula são fundamentalmente teóricas, o que, como declara a professora “J”, entrevistada na ‘Quarta fase’ é “uma ambigüidade, porque você vai trabalhar com tecnologias que são eminentemente práticas [...] o ideal seria que tivesse tanto a parte teórica quanto a parte prática, dividir essas aulas, por exemplo”. Esta visão da professora “J” se dá pelo fato de que, segundo ela (‘Quarta fase’), o Plano de Ensino da disciplina é fundamentalmente teórico, mas como ela apresenta agora, “o ideal seria que tivesse tanto a parte teórica quanto a parte prática”.

O Programa da disciplina não apresenta nenhum tópico que trata exclusivamente da conceituação de Tecnologia, sendo aparentemente pouco ponderado o estudo da relação com a Comunicação, sem que antes tenha sido estudado o campo tecnológico mais a fundo pelos estudantes. Esta afirmação pode ser apoiada na Bibliografia Mínima⁴² apresentada no Plano de Ensino, em que não existem obras que abordem a temática tecnológica no âmbito da conceituação e historicidade.

A professora “N”, na ‘Quarta fase’, afirmou que, conforme sua experiência, seria necessário desmistificar as Tecnologias junto aos estudantes e, então, a Comunicação, para que somente depois se iniciassem as discussões relacionais entre os dois campos. A classificação trazida por Sancho (1998) anteriormente, em que são apresentadas as categorias de tecnologia, por exemplo, seria de bastante utilidade para a desmistificação do termo e sua melhor conceituação para que os estudantes, então, comecem a pensar a relação tecnologia-comunicação.

Os Procedimentos Didáticos permanecem com caráter tradicional, com uso de poucos recursos, apesar da disciplina possibilitar uma infinidade de abordagens que ajudariam os estudantes em uma aprendizagem sinestésica, que não se limitasse ao visual ou auditivo, contemplando outros sentidos importantes para a interiorização dos conteúdos abordados. Além do que, foi um dos pontos levantados pelo formando na ‘Segunda fase’ pelo estudante “D”, em que foi sugerida por ele a utilização de recursos audiovisuais para o desenvolvimento da disciplina de forma mais sinestésica, alcançando os mais diferentes perfis de aprendizado de cada estudante.

Não é feita aqui uma crítica pela abordagem didática ou metodológica da disciplina, apenas são explicitados os dados levantados para a construção da resposta da investigação estabelecida desde o início desta dissertação.

⁴² Cópia na íntegra no ANEXO 6.

A aproximação com o campo de estudo, o da relação tecnologia-comunicação, não aparece no Plano de Ensino, sendo uma das características da metodologia apresentada pela professora “N” quando afirma que “é uma disciplina para se pensar a prática. Esclarecer para os estudantes o que é a Comunicação de um lado e o que é a Tecnologia de outro, e como ambas se relacionam. Para isso é necessário ir a campo, associar a teoria à prática”.

Contudo, faz-se necessário uma aproximação dos dados de todas as fases, a fim de que a questão norteadora da pesquisa seja respondida, ou pelo menos, tenha indícios de resposta:

Quais seriam os elementos curriculares básicos necessários à disciplina específica que trata de Tecnologia da Informação e Comunicação para uma melhor e mais abrangente formação do comunicador social, que seja prática e reflexiva, em qualquer uma de suas habilitações?

4.3. Aproximando as cinco fases

Guba (1978) sugere que, quando não há mais documentos para analisar, quando a exploração de novas fontes leva à redundância de informação ou a um acréscimo muito pequeno, em vista do esforço despendido, e quando há um sentido de integração na informação já obtida, é um bom sinal para concluir o estudo. (*apud*: LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 44)

A citação explicita a tentativa de cercar o máximo de pontos possíveis para que fosse possível chegar a conclusões verdadeiras e com respaldo da cientificidade. O estudo teórico inicial, assim como as cinco fases apresentadas, tem papel fundamental nos resultados apresentados neste tópico.

Retornando a questão do currículo de Comunicação Social, vale destacar que, apesar das diversas habilitações encontradas dentro do curso, como Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Radialismo, Editoração e Cinema, entre outras possíveis, o currículo de todas possui um núcleo comum, ou seja, a base da Comunicação Social encontra-se nas diversas habilitações com disciplinas em comum, especialmente nos primeiros períodos do curso.

O currículo escrito não passa de um testemunho visível, público e sujeito a mudanças, uma lógica que se escolhe para, mediante sua retórica, legitimar uma escolarização. [...] Em síntese, o currículo escrito nos proporciona um testemunho, uma fonte documental, um mapa do terreno sujeito a modificações; constitui também um dos melhores roteiros oficiais para a estrutura institucionalizada da escolarização. (GOODSON, 1995, p. 21)

“Terreno sujeito a modificações”: esta frase esclarece muito a respeito do currículo na prática, dentro das quatro paredes da sala de aula, em que o professor, com ou sem a aprovação da instituição e de seus alunos, pode ir além ou ficar aquém do trajeto a que se dava o currículo escrito, oficial. Este, denominado “currículo oculto”, largamente estudado, que tem por definição superficial a parte do documento escolar permeado por ideologias, ocultadas nas disciplinas, nos conteúdos, nos objetivos de ensino e, mesmo, na avaliação e metodologia (SOARES, 2006, pp. 125-126).

A citação de Goodson diz respeito, ainda, à ‘vitalidade’ que este documento possui, podendo ser modificado de acordo com as necessidades que surgem, conforme a evolução das coisas e pessoas à sua volta.

Goodson atenta para a possibilidade de o currículo ser diferente para diferentes sujeitos, dependendo de fatores sociais, por exemplo:

[...] onde os ‘eleitos’ (isto é, predominantemente os que podiam pagar) eram agraciados com a perspectiva da escolarização avançada, ao passo que os demais (predominantemente os pobres da área rural) eram enquadrados num currículo mais conservador (com apreço pelo conhecimento religioso e pelas virtudes seculares)” (Hamilton, 1980).

Esta citação estabelece, para currículo, o único significado que foi desenvolvido, porquanto, logo que se constatou o seu poder para *determinar* o que devia se processar em sala de aula, descobriu-se um outro: o poder de *diferenciar*. Isto significa que até mesmo as crianças que freqüentavam a mesma escola podiam ter acesso ao que representava “mundos” diferentes através do currículo a elas destinados. (*op. cit.*, pp. 32-33)

Não é papel deste estudo ‘maquiavelizar’ o currículo, mas ao mesmo tempo, não se pode apresentar uma consciência ingênua da força que o currículo tem na sociedade e na formação das pessoas, desde as séries primárias do ensino até a pós-graduação, já que foram apresentados anteriormente fatores históricos, sociais, políticos, econômicos, de classe, de gênero, dentre outros que estão direta ou indiretamente ligados à construção e execução prática do currículo.

O curso de Comunicação Social deve se submeter às normas estabelecidas pelo MEC (ANEXOS 1, 2 e 3) para seu funcionamento, normatização que dá as diretrizes curriculares básicas para a graduação como, por exemplo, o estudo “dos conteúdos de linguagens, técnicas e tecnologias midiáticas”. Ou seja, o estudo da questão tecnológica faz parte dos conteúdos básicos na graduação em Comunicação Social, para todas as habilitações, como já foi suficientemente apontado no capítulo específico sobre a Graduação em Comunicação Social no Brasil.

Não só o documento oficial do governo privilegia o estudo da Tecnologia no curso, assim como todos os entrevistados, sejam estudantes, professores ou coordenadora de curso, e

teóricos da área reconhecem a importância dessa temática ao campo comunicacional atual. A falta de clareza do conceito pelos estudantes pode ser explicada não só pela ausência de atividades de caráter mais prático na disciplina, como eles reclamaram, mas, além disso, pelo fato de o Programa da disciplina e sua Bibliografia básica não incorporar conteúdos conceituais do campo tecnológico especificamente.

A abordagem da Tecnologia na disciplina já acontece na relação com a sociedade e, então, com a comunicação, não havendo aparentemente, espaço para a “desmistificação da Tecnologia” em separado, como explicitou a professora “N”.

Outro fator que pode colaborar com a dificuldade de clareza do tema é a falta de uma linha estrutural que permita à disciplina se desenvolver do campo mais amplo para o mais especializado. Como foi colocado pelos estudantes entrevistados, quando disseram que os seminários trazem temáticas escolhidas por eles próprios de forma aleatória, sem uma ligação de “raciocínio” (estudante “F”) entre os temas.

Os estudantes não percebem as TICs em outras disciplinas, ou percebem-na de maneira muito tímida, ou seja, a responsabilidade pela abordagem da temática recai sobre a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, apesar da coordenação do curso acreditar que a discussão tecnológica se faz presente em diversos momentos do curso, embora estas discussões não alcancem os estudantes, conforme explicitado por eles.

As professoras entrevistadas lembram que não há interdisciplinaridade, o que seria fundamental para a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, já que a mesma é curta, conforme opinião de todos os entrevistados, sendo um semestre considerado pouco tempo para todas as possibilidades oferecidas pelo campo. A falta de interdisciplinaridade pode refletir a inexistência de um Projeto Pedagógico ou sua má execução.

Contudo, as professoras destacam que é possível, e mais que isso, importante, a dupla ‘teoria-prática’ nesta disciplina, o que vai ao encontro dos anseios dos estudantes que por diversas vezes sugeriram a inserção de projetos no curso, experiência que pode ser muito bem sucedida, conforme apresentado pelo professor Adolpho Queiroz.

Neste momento, volta-se à questão da falta e precariedade dos aparatos tecnológicos disponíveis na instituição, problema descrito pela coordenadora do curso. Contudo, para o ensino prático não são, obrigatoriamente, necessários esses instrumentos, como exemplos dados pelas professoras, seja por meio da vivência em campo pelos estudantes, seja pela aproximação do campo por meio de profissionais da área, é possível um contato prático.

Outro exemplo é dado pelo professor “E”⁴³, que ministra disciplinas de caráter técnico e, nem por isso, acredita ser necessário o uso de ferramentas para que os estudantes aprendam/entendam seu uso, ele acrescenta: “Nos cursos de Computação temos disciplinas classificadas como teóricas e práticas. Entendemos por disciplinas teóricas as que baseiam-se em revisão bibliográfica, ou seja, a aquisição do conhecimento sem aplicação prática. As disciplinas práticas são as que envolvem aplicação do conceito adquirido, em algum momento fazendo uso de laboratórios. A aplicação prática dessas disciplinas normalmente não é ensinada diretamente no computador”.

Outro ponto levantado é o fato de a instituição não possuir o *software* adequado para determinadas aplicações em Comunicação, mas da mesma forma, ao ser questionado sobre o assunto, o professor “E” descarta essa necessidade para que o aprendizado necessariamente aconteça quando, tomando como exemplo o tópico de ‘Diagramação’, afirma que “o conceito de diagramação não muda, ou seja, diagramar é distribuir os elementos gráficos em um espaço delimitado. Eu posso ensinar um aluno a diagramar utilizando uma tecnologia obsoleta (papel, fazendo *paste-up*), ou posso utilizar a última tecnologia existente ensinando os conceitos de diagramação dentro desta tecnologia, sem necessariamente que o aluno tenha acesso ao recurso necessário. Posso ensinar como se faz uma diagramação eletrônica, mencionando conceitos como: *copy, paste, drag and drop, crop*, mesmo sem ter *software* ou uma ferramenta específica ou até mesmo computador disponível para isso”.

Vale ressaltar a abertura da “Instituição U” para esta pesquisa e, mesmo, as discussões que têm sido realizadas em seu interior com o objetivo de uma reforma curricular que, segundo os levantamentos desta pesquisa, se faz extremamente necessária.

⁴³ Professor procurado para esclarecer essa questão, da necessidade de aparatos para o ensino prático, resposta recebida por meio de correio eletrônico no dia 19/01/2008. Encontra-se na íntegra no APÊNDICE 1.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo que foi apresentado até aqui, pretende-se apresentar os elementos que tentam satisfazer a pergunta norteadora: Quais seriam os elementos curriculares básicos necessários à disciplina específica que trata de Tecnologia da Informação e Comunicação para uma melhor e mais abrangente formação do comunicador social, que seja prática e reflexiva, em qualquer uma de suas habilitações?

A intenção não é oferecer um modelo a ser seguido, afinal tal pretensão, mesmo que assumida, iria contra alguns princípios da educação. O que se pode oferecer são subsídios de uma pesquisa concreta que levanta as melhores possibilidades para se adentrar o campo das TICs na graduação de Comunicação Social, atentando para a formação dos comunicadores sociais. Além de que, antes de um modelo de currículo a ser seguido, um fator muitas vezes ignorado é essencial para a formação sólida dos profissionais de comunicação, o Projeto Pedagógico:

Este texto se desenvolve em torno de quatro proposições pensadas no âmbito do ensino de nível universitário de Comunicação Social no Brasil: educar é preparar o estudante para tornar-se sujeito; uso dos meios de comunicação no processo ensino-aprendizagem; superação do pseudo-dilema entre formação teórica e formação profissional; projeto pedagógico de curso em contraposição a simples currículo. (PERUZZO, 2003, Prefácio)

Peruzzo sintetiza as conclusões alcançadas por meio deste estudo ao afirmar que a função da graduação é preparar o estudante para tornar-se sujeito, utilizando-se dos meios de comunicação como facilitadores desse processo de formação, necessidade de ausência da dicotomia teoria-prática, discussão que nem foi levantada nesse estudo por ser dada como inexistente no sentido de que não deve haver tendência nem para a teoria nem para a prática, já que ambas devem estar presentes na formação do comunicador na medida em que forem necessárias, interdependentemente.

Por isso, da mesma forma que Freire, este trabalho não assume uma postura predominantemente teórica ou prática, já que “teoria, método e prática formam um todo” (*apud*: GADOTTI, 2004, p. 67).

Ao se levantar o termo ‘método’, pode-se remeter à forma que a disciplina assume, suas características como um todo e, neste caso, ao que a pesquisa indicou, a interdisciplinaridade (BARROS, 2001; SANCHO, 2006) é um dos elementos de extrema importância para o desenvolvimento da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’.

Antes de descrever esse elemento, vale ressaltar o último ponto apresentado por Peruzzo em que o Projeto Pedagógico do curso deve predominar sobre a idéia de simples currículo. A primeira sugestão apontada, então, é a preocupação e seriedade com relação ao Projeto Pedagógico do curso, no qual estarão previstos os elementos necessários à formação do graduando em Comunicação Social. Esses elementos, porém, não podem ser criados sem a ponderação e cuidados necessários a quem é responsável pelos sujeitos-profissionais que atuarão com comunicação social.

Privilegiados pelo Projeto Pedagógico, sugerem-se os seguintes elementos para estruturação da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, a partir de tudo que foi levantado neste estudo:

A. Interdisciplinaridade

Para Barros (2001, p.60), a Comunicação é um “campo vocacionado para a *interdisciplinaridade*, na medida em que seus objetos específicos são produtos cujo conteúdo está enraizado no território das demais disciplinas que constituem o universo científico”.

Sancho (2006, p. 68) completa a idéia de Barros ao afirmar que a interdisciplinaridade proporciona o trânsito entre os “compartimentos do saber contemporâneo, possibilitando um conhecimento mais abrangente, por ser mais interativo”.

A interdisciplinaridade pode ser vista como uma forma de ‘diálogo’ entre as diversas disciplinas do curso, já que todas dividem um propósito comum, neste caso, o de formar comunicólogos sociais.

Dessa forma, este elemento sugere que a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ estabeleça diálogo com outras disciplinas, possibilitando a cooperação mútua, característica que só poderá ser colocada em prática se tiver o respaldo de um Projeto Pedagógico levado à sério pela coordenação e professores.

B. Projetos integrados

Os projetos integrados foram uma possibilidade levantada pelo professor Queiroz, assim como pelos estudantes entrevistados.

Este tipo de projeto pode fortalecer a relação interdisciplinar pela troca de especialidades entre as disciplinas. Zabala apresenta um conceito próximo ao de projetos, o que ele denomina *enfoque globalizador*:

[...] segundo o qual toda unidade de intervenção deveria partir [...] de uma situação próxima à realidade do aluno, que seja interessante para ele e lhe proponha questões às quais precisa dar resposta. Se isto é assim, é possível organizar os conteúdos por disciplinas, nas quais os conteúdos de aprendizagem se entrecruzem conforme a lógica das matérias, mas que, por outro lado, em sua apresentação aos alunos, nas atividades iniciais, a justificativa dos conteúdos disciplinares não seja unicamente uma consequência da lógica disciplinar, mas o resultado de ter que dar resposta a questões ou problemas que surgem de uma situação que o aluno pode considerar próxima. (ZABALA, 1998, p. 161)

Com esta forma de enfoque, é possível que os estudantes se envolvam mais e não façam a disciplina tão somente para cumprir os créditos. Contudo, Zabala chama atenção para o fato de que ao se inclinar por um

enfoque globalizador como instrumento de ajuda para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos numa perspectiva global, que não deixa de lado nenhuma das capacidades que a educação deve atender, em nenhum caso supõe a rejeição das disciplinas e dos conteúdos escolares. Pelo contrário, segundo nossa opinião, implica atribuir-lhes seu verdadeiro e fundamental lugar no ensino, que tem que ir além dos limites estreitos do conhecimento enciclopédico, para alcançar sua característica de instrumento de análise, compreensão e participação social. Esta característica é a que os torna suscetíveis de contribuir de forma valiosa para o crescimento pessoal, já que fazem parte da bagagem que determina o que somos, o que sabemos e o que sabemos fazer. (*op. cit.*, 165)

Vale lembrar a opinião de um dos estudantes ao afirmar que a importância dos projetos não estaria nos fins, mas sim, no processo, na experimentação, em que a teoria poderia ser aplicada.

Este elemento teria a capacidade, ainda, de aproximar as diversas habilitações por meio de projetos comuns em que os conhecimentos das diversas áreas se fizessem necessários. Possibilitaria uma integração dos estudantes de diferentes habilitações e uma rica troca entre os mesmos.

C. Didática estruturada

No caso de uma disciplina que trate de duas grandes áreas, antes de qualquer coisa, devem ser delimitadas as áreas, no caso, a Tecnologia de um lado e a Comunicação de outro, para então, começar a serem estabelecidas relações entre as mesmas. A conceituação clara de cada campo em separado garantirá maior possibilidade de compreensão e mesmo de estabelecer ligações entre elas pelos estudantes.

Não se deveria iniciar a disciplina discutindo-se o impacto da chegada do sistema de TV digital sobre os consumidores, por exemplo, sem antes ter-se definido o lugar da TV

digital enquanto tecnologia e por outro lado, enquanto meio de comunicação. Este foi um dos problemas encontrados neste estudo, em que conteúdos tecnológicos foram divididos em forma de seminários no interior da disciplina, sem que fossem estabelecidas relações entre os mesmos e o campo comunicacional. O que parece melhor neste caso, é que os conteúdos sejam iniciados pelo mais geral e por etapas que sejam delimitados até os mais especializados.

Outro fator importante neste elemento é a escolha do referencial teórico da disciplina que, neste caso, não deve se limitar aos autores mais tradicionais. Por ser um campo em constante movimento, deve-se buscar em autores contemporâneos novos estudos, teorias e apontamentos para a dupla ‘tecnologia-comunicação’. Para ser eficaz o elemento didático necessita de uma metodologia que esteja de acordo com seus objetivos.

D. Metodologia plural

O elemento metodológico foi bastante citado em todas as entrevistas, a metodologia seria capaz de proporcionar à didática as condições necessárias para que os objetivos de aprendizado fossem alcançados. Um dos estudantes sugeriu a utilização de recursos audiovisuais na disciplina para facilitar a relação estudante-conteúdo, de forma que a maior parte das possibilidades de aprendizado individual fossem respeitadas.

Da mesma forma, Sancho acredita que a utilização de tecnologias pode favorecer a construção do conhecimento, sendo necessário fomentar situações como as seguintes:

- Contextos ricos em fontes e materiais de aprendizagem.
 - Cenários que favoreçam a interação social.
 - Propostas que favoreçam a transferência de aprendizagem em novos contextos.
 - Fórmulas que permitam reconceitualizar a avaliação educativa.
 - Problemas a resolver que exijam estudantes mais ativos e responsáveis.
- (SANCHO, 2006, p. 75)

Essas situações apresentadas pela pesquisadora se fizeram possíveis pela presença das Tecnologias da Informação e Comunicação que têm

a capacidade para intervir como mediadoras nos processos de aprendizagem e, inclusive, modificar a interatividade gerada, de tal maneira que, no campo educativo, a qualidade vinculada ao uso das tecnologias, na realidade, une-se à qualidade da interatividade, como fator-chave nos processos de ensino-aprendizagem. (*op. cit.*, p. 74)

A interatividade pode ser entendida como integrante da segunda escala do ‘cone de aprendizagem’, sendo o segundo maior em grau de envolvimento com o estudante, conforme representação a seguir:



Figura 8 - Cone de aprendizagem
Fonte: GIL, 2006, p. 228 [grifo nosso]

Diversos sistemas vêm sendo propostos, contudo buscou-se em Dale, uma das primeiras classificações dos recursos audiovisuais, proposta em 1946, no qual

ele abordou o cone de aprendizagem, em que os recursos foram classificados de acordo com o grau de envolvimento do estudante. Assim, quanto maior o envolvimento proporcionado, mais próximo da base aparece o recurso e, conseqüentemente, quanto menor o envolvimento, mais próximo ao topo. (GIL, 2006, p. 227)

O destaque para a categoria “experiência simulada” [grifo nosso] diz respeito à citação de Sancho, em que é destacada por ela a ‘interatividade’ enquanto recurso eficaz no processo de aprendizagem. Essa interatividade proporcionada pelas TICs simula experiências sinestésicas, que dizem respeito aos sentidos humanos. Sendo, conforme a classificação de Dale, a segunda mais eficiente no caráter de envolvimento do estudante.

Embora o cone de aprendizagem de Dale seja datado de 1946, sendo o primeiro esquema a apresentar esse tipo de classificação, outros modelos surgiram e se defasaram devido ao rápido surgimento de outras tecnologias. Dessa forma, achou-se por bem utilizar o esquema pioneiro.

O último ponto do elemento ‘Metodologia plural’ é a estimulação da vivência no campo pelo estudante, que pode ser alcançado de diversas formas, como fazer com que os estudantes entrevistem profissionais da área, por exemplo.

Outros elementos menores não categorizados são:

- a divisão da disciplina em dois semestres, passando de 30 horas/aula para 60 horas/aula, em que, possivelmente, a parte I seria responsável pela abertura da questão tecnológica na comunicação com os principais teóricos, fornecendo um embasamento para discussões mais aprofundadas futuramente e, a parte II poderia ser de aprofundamento teórico, embora em ambas pudessem estar presentes concomitantemente experiências práticas, além dos projetos integrados;
- aproximar a academia e o mercado de trabalho, levando à sala de aula profissionais que têm a relação tecnologia-comunicação em sua prática;
- os projetos integrados, sugeridos para a disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ poderiam ser estendidos ao longo de toda a formação do comunicador social, como ferramenta auxiliadora, conforme apontamentos feitos pelo professor Adolpho Queiroz; e
- incentivo à produção científica, que tem sido esquecida na graduação da instituição pesquisada.

Vale ressaltar que o Inep⁴⁴ já prevê o Projeto Pedagógico dos cursos de graduação em suas diretrizes, sendo que:

O Projeto Pedagógico do Curso deve contemplar o conjunto de diretrizes organizacionais e operacionais que expressam e orientam a prática pedagógica do curso, sua estrutura curricular, as ementas, a bibliografia, o perfil profissiográfico dos concluintes e tudo quanto se refira ao desenvolvimento do curso, obedecidas as diretrizes curriculares nacionais, estabelecidas pelo Ministério da Educação. (Obs.: O Parecer CES/CNE 146/2002, de 3/04/2002, estabelece que: “[...] as instituições de ensino superior deverão, na composição dos seus projetos pedagógicos, definir, com clareza, os elementos que lastreiam a própria concepção do curso, o seu currículo pleno e sua operacionalização, destacando-se os seguintes elementos, sem prejuízos de outros: • Objetivos gerais do curso, contextualizados em relação às suas inserções institucionais, política, geográfica e social; • Condições objetivas de oferta e a vocação do curso; • Cargas horárias das atividades didáticas e da integralização do curso; • Formas de realização da interdisciplinaridade; • Modos de integração entre teoria e prática; • Formas de avaliação do ensino e da aprendizagem; • Modos da integração entre graduação e pós-graduação, quando houver; • Cursos de pós-graduação *lato sensu*, nas modalidades especialização, integradas e/ou subseqüentes à graduação, e de aperfeiçoamento, de acordo com a evolução das ciências, das tecnologias e das efetivas demandas do desempenho profissional, observadas as peculiaridades de cada área do conhecimento e de atuação, por curso; • Incentivo à

⁴⁴ Endereço eletrônico: [http://www.inep.gov.br/superior/condicoesdeensino/perguntas_frequentes.htm], consultado em 14/01/2008.

pesquisa, como necessário prolongamento da atividade de ensino e como instrumento para a iniciação científica; • Concepção e composição das atividades de estágio, por curso: • Concepção e composição das atividades complementares; • Oferta de cursos sequenciais e de tecnologia, quando for caso.”)

Iniciou-se esta pesquisa acreditando-se que uma reforma curricular ou mesmo sua atualização seria suficiente para que os objetivos com a formação do profissional de comunicação fossem alcançados. Contudo, além dos quatro elementos sugeridos (Interdisciplinaridade; Projetos integrados; Didática estruturada e; Metodologia plural), fica registrada a necessidade de um Projeto Pedagógico pensado e discutido entre professores e coordenação dentro do curso, podendo, ainda, considerar as opiniões discentes, que se mostraram ao longo da pesquisa muito sérias e preocupadas com o desenvolvimento da graduação.

Para encerrar a discussão, cita-se Saviani, em que se pode perceber que a abordagem dos conteúdos na sua dimensão crítico-social implica:

- o reconhecimento da objetividade e universalidade do conhecimento;
- o reconhecimento do caráter de classe da produção, difusão e utilização do saber;
- o reconhecimento do caráter histórico (não estático nem definitivo) do saber;
- a consideração do saber como socialmente construído e em construção;
- a necessidade da socialização do saber sistematizado como instrumento de emancipação das classes populares;
- a necessidade da conversão do saber sistematizado em saber escolar;
- o acervo cultural como fonte do currículo escolar;
- o tratamento científico do conteúdo na organização da atividade cognoscitiva;
- **a vinculação dos conteúdos do ensino com as exigências teóricas e práticas da formação dos alunos, em função da prática social;**
- o necessário acesso ao conhecimento dominante, para apreensão de suas distorções e produção de um saber de tipo novo. (SAVIANI, 1994, pp. 80-81, grifo nosso).

Esta citação final é trazida para reforçar o compromisso que o planejamento institucional deve ter com relação à sociedade, conforme destacado no texto de Saviani, em que a abordagem dos conteúdos implica na vinculação destes com as exigências teórico-práticas da formação dos alunos, em função da prática social, ou seja, o curso de Comunicação Social, em especial, é responsável por formar não só comunicadores, mas, **comunicadores sociais.**

5.1. Reconsiderando

Ficam, no entanto, lacunas no fato de as aulas da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’ não terem sido acompanhadas, o que pode ser uma sugestão para futuras

pesquisas nesta temática. Poderiam, ainda, ter sido entrevistados outros professores da mesma instituição para que as colocações sobre os projetos integrados fossem discutidas por eles.

Outra lacuna diz respeito ao aprofundamento na questão do Projeto Pedagógico e acompanhamento de sua aplicação na prática diária da graduação em Comunicação Social. Poderia também, da mesma forma, ser objeto de estudo a disciplina ‘Comunicação e Novas Tecnologias’ da “Instituição XI”, que corresponde à mesma categoria e características da disciplina analisada neste trabalho, apontadas no ‘estudo de unidades de registro’.

Espera-se, contudo, que este trabalho contribua com as discussões sobre a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação na graduação em Comunicação Social, possibilitando horizontes mais bem definidos na relação entre os dois campos na academia, com resultados na formação dos comunicadores sociais.

Outras contribuições de natureza mais teórica deste trabalho podem ser destacadas:

- a) Os conceitos e relações entre ‘técnica’ e ‘tecnologia’;
- b) A discussão do conceito de ‘cultura’;
- c) A distinção das eras, com atenção especial as eras ‘de massa’ e ‘digital’;
- d) O surgimento e situação atual da ‘cibercultura’;
- e) A problemática e desmistificação da ‘teoria-prática’ em Comunicação Social; e
- f) A natureza epistemológica da ‘teoria-prática’ no interior da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’.

APÊNDICE 1

ENTREVISTA COM DOCENTE⁴⁵ DO ENSINO SUPERIOR QUE MINISTRA DISCIPLINAS DE CARÁTER TÉCNICO:

Questão: Como ensinar prática de tecnologia sem laboratório?

Professor “E”: “Nos cursos de Computação, temos disciplinas classificadas como teóricas e práticas. Entendemos por disciplinas teóricas as que baseiam-se em revisão bibliográfica, ou seja, a aquisição do conhecimento sem aplicação prática. As disciplinas práticas são as que envolvem aplicação do conceito adquirido, em algum momento fazendo uso de laboratório. A aplicação prática dessas disciplinas normalmente não é ensinada diretamente no computador. Primeiramente é feito um trabalho em sala de aula para posteriormente ser implementado no computador. Posso citar como exemplo a disciplina de Computação Gráfica, ministrada no Curso de Sistemas de Informação, ao se estudar o tópico ‘Traçado de Linhas’. Este tópico traz toda explicação do conceito de elipse, fazendo referência à Geometria Analítica, com apresentação de variações, ou seja, todo o estudo teórico sobre linhas. Se a disciplina não envolvesse tecnologia, o tema poderia ser encerrado aí. Mas não é o caso. Existe a necessidade de se traçar linhas no computador. Aí entra a prática, o que não necessariamente exige o computador. Então são ensinadas todas as fórmulas e teoremas que permitem o traçado de linhas. São passados os algoritmos (procedimentos lógicos) que permitem o traçado de linha em qualquer computador utilizando qualquer linguagem de programação. Então, escolhe-se uma linguagem de programação qualquer (Linguagem C, por exemplo) para se escrever o programa que irá traçar linhas. Até este momento, utilizamos a tecnologia em sua plenitude, sem ir ao laboratório. Só então é que os alunos vão ao laboratório para implementar o seu programa. E isto não depende de ferramenta específica, pois aprenderam os conceitos tecnológicos independentes de recurso específico. Inclusive os professores da área preferem que o procedimento seja ensinado sem o uso do computador, para que o aluno não utilize a ‘tentativa e erro’ em seu processo de aprendizagem. Outro exemplo interessante seria o tópico ‘Diagramação’. O conceito de diagramação não muda, ou seja, diagramar é distribuir os elementos gráficos em um espaço delimitado. Eu posso ensinar um aluno a diagramar utilizando uma tecnologia obsoleta (papel, fazendo *paste-up*), ou posso utilizar a última tecnologia existente ensinando os conceitos de diagramação dentro desta tecnologia, sem necessariamente que o aluno tenha acesso ao recurso necessário. Posso ensinar como se faz uma diagramação eletrônica, mencionando conceitos como: *copy*, *paste*, *drag and drop*, *crop*, mesmo sem ter *software* ou uma ferramenta específica ou até mesmo computador disponível para isso.”⁴⁶

⁴⁵ Possui graduação em ‘Tecnologia em Processamento de Dados’ e mestrado em ‘Engenharia de Produção’ (UFSC). Atualmente é professor de Ensino Superior e analista de sistemas do HSBC Bank Brasil. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Processamento Gráfico, atuando principalmente com Realidade Virtual.

⁴⁶ Resposta recebida por meio de correio eletrônico no dia 19 de janeiro de 2008.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – PARECER CNE/CES 492/2001 - Diretrizes Curriculares do MEC para os cursos de Comunicação Social.....	129
ANEXO 2 – PARECER CNE/CES 1.363/2001 - Retificação das Diretrizes Curriculares do MEC para os cursos de Comunicação Social.....	139
ANEXO 3 – Resolução CNE/CES16 que estabelece as Diretrizes Curriculares do MEC para os cursos de Comunicação Social	141
ANEXO 4 – Instituições de Ensino Superior de Curitiba-Pr que ofertam a graduação em Comunicação Social.....	142
ANEXO 5 – Quadro de disciplinas relacionadas com as Tecnologias da Informação e Comunicação das instituições de Ensino Superior de Curitiba	150
ANEXO 6 - Plano de Ensino da disciplina ‘Comunicação e Tecnologia’, da “Instituição U”	161
ANEXO 7 - Resolução e reajustes que fixam o funcionamento do curso de Comunicação Social - “Instituição U”	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	209

ANEXO 1:**PARECER CNE/CES 492/2001 - HOMOLOGADO**

Despacho do Ministro em 4/7/2001, publicado no Diário Oficial da União de 9/7/2001, Seção 1e, p. 50.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**

INTERESSADO: Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação **UF:** DF
ASSUNTO: Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia

RELATOR(A): Eunice Ribeiro Durham, Silke Weber e Vilma de Mendonça Figueiredo

PROCESSO(S) N.º(S): 23001.000126/2001-69

PARECER N.º: CNE/CES 492/2001 **COLEGIADO:** CES

APROVADO EM: 03/04/2001

I – RELATÓRIO

Trata o presente de diversos processos acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia remetidas pela SESu/MEC para apreciação da CES/CNE.

A Comissão constituída pelas Conselheiras Eunice Ribeiro Durham, Vilma de Mendonça Figueiredo e Silke Weber analisou as propostas provindas da SESu referentes aos cursos mencionados e procedeu a algumas alterações com o objetivo de adequá-las ao Parecer 776/97 da Câmara de Educação Superior, respeitando, no entanto, o formato adotado pelas respectivas Comissões de Especialistas que as elaboraram. A Comissão retirou, apenas de cada uma das propostas, o item relativo à duração do curso, considerando o entendimento de que o mesmo não constitui propriamente uma diretriz e será objeto de uma Resolução específica da Câmara de Educação Superior, o que foi objeto do Parecer CNE/CES 583/2001.

II – VOTO DO(A) RELATOR(A)

A Comissão recomenda a aprovação das propostas de diretrizes dos cursos mencionados na forma ora apresentada.

Brasília(DF), 03 de abril de 2001.

Conselheiro(a) Silke Weber – Relator(a)

Conselheiro(a) Eunice Ribeiro Durham

Conselheiro(a) Vilma de Mendonça Figueiredo

III – DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Educação Superior aprova por unanimidade o voto do(a) Relator(a).

Sala das Sessões, em 03 de abril de 2001.

Conselheiro Arthur Roquete de Macedo – Presidente

Conselheiro Jose Carlos Almeida da Silva – Vice-Presidente

DIRETRIZES CURRICULARES A ÁREA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E SUAS HABILITAÇÕES

Introdução

Estas Diretrizes Curriculares da Área da Comunicação foram elaboradas procurando atender a dois objetivos fundamentais:

- a) **flexibilizar** a estruturação dos cursos, tanto para atender a variedades de circunstâncias geográficas, político-sociais e acadêmicas, como para ajustar-se ao dinamismo da área, e para viabilizar o surgimento de propostas pedagógicas inovadoras e eficientes;
- b) **estabelecer** orientações para a obtenção de padrão de qualidade na formação oferecida.

O presente texto estabelece um padrão básico de referência para todas as instituições que mantenham Cursos de Graduação em Comunicação com habilitações em Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Cinema, Radialismo, Editoração, ou outras habilitações pertinentes ao campo da Comunicação que venham a ser criadas.

Diretrizes Curriculares

1. Perfil dos Formandos

PERFIL COMUM

O perfil comum do egresso corresponde a um objetivo de formação geral que deve ser atendido por todos os Cursos da área e em todas as habilitações de Comunicação, qualquer que seja sua ênfase ou especificidade. Trata-se de base que garanta a identidade do Curso como de Comunicação.

O egresso de Curso de Graduação em Comunicação, em qualquer de suas habilitações, caracteriza-se por:

1. sua capacidade de criação, produção, distribuição, recepção, e análise crítica referentes às mídias, às práticas profissionais e sociais relacionadas com estas, e a suas inserções culturais, políticas e econômicas;
2. sua habilidade em refletir a variedade e mutabilidade de demandas sociais e profissionais na área, adequando-se à complexidade e velocidade do mundo contemporâneo;
3. sua visão integradora e horizontalizada - genérica e ao mesmo tempo especializada de seu campo de trabalho possibilitando o entendimento da dinâmica das diversas modalidades comunicacionais e das suas relações com os processos sociais que as originam e que destas decorrem.
4. utilizar criticamente o instrumental teórico-prático oferecido em seu curso, sendo portanto competente para posicionar-se de um ponto de vista ético-político sobre o exercício do poder na comunicação, sobre os constrangimentos a que a comunicação pode ser submetida, sobre as repercussões sociais que enseja e ainda sobre as necessidades da sociedade contemporânea em relação à comunicação social.

PERFIS ESPECÍFICOS

Os perfis específicos resultam das habilitações diferenciadas do campo da Comunicação, que se caracteriza por uma abrangência sobre diferentes meios, linguagens e práticas profissionais e de pesquisa e, na atualidade, por envolver um acelerado dinamismo social e tecnológico.

Para assegurar o desenvolvimento histórico desta área de formação, estudos e exercício profissional, serão desenvolvidas habilitações com uma variedade de perfis específicos. Estas habilitações, definidoras dos perfis específicos, se organizam conforme as seguintes premissas:

- a) é mantida a referência básica às habilitações historicamente estabelecidas: jornalismo, relações públicas, publicidade e propaganda, radialismo, editoração, e cinema (assim como à sua denominação alternativa, cinema e vídeo);
- b) podem ser criadas ênfases específicas em cada uma destas habilitações, que serão então referidas pela denominação básica, acrescida de denominação complementar que caracterize a ênfase adotada;
- c) podem ser criadas novas habilitações pertinentes ao campo da Comunicação.

As habilitações referidas nos itens "b" e "c" acima serão reconhecidas como pertinentes ao campo da Comunicação na medida em que contemplem :

- a dimensão e a complexidade temática e de objeto de estudo;
- a existência de vinculações profissionais e conceituais com o campo da Comunicação;
- a delimitação de uma habilitação específica, que comporte linguagem e práticas profissionais próprias.

PERFIS ESPECÍFICOS POR HABILITAÇÃO

Para as habilitações já estabelecidas, além do perfil comum relacionado no item anterior, devem se objetivar os perfis a seguir explicitados:

Jornalismo

O perfil do egresso em Jornalismo se caracteriza :

1. pela produção de informações relacionadas a fatos, circunstâncias e contextos do momento presente;
2. pelo exercício da objetividade na apuração, interpretação, registro e divulgação dos fatos sociais;
3. pelo exercício da tradução e disseminação de informações de modo a qualificar o senso comum;
4. pelo exercício de relações com outras áreas sociais, culturais e econômicas com as quais o jornalismo faz interface.

Relações Públicas

O perfil do egresso em Relações Públicas se caracteriza:

1. pela administração do relacionamento das organizações com seus diversos públicos, tanto externos como internos;

2. pela elaboração de diagnósticos, prognósticos, estratégias e políticas voltadas para o aperfeiçoamento das relações entre instituições, grupos humanos organizados, setores de atividades públicas ou privadas, e a sociedade em geral;
3. pelo exercício de interlocução entre as funções típicas de relações públicas e as demais funções profissionais ou empresariais existentes na área da Comunicação.

Radialismo

O perfil do egresso em Radialismo se caracteriza:

1. pela percepção, interpretação, recriação e registro da realidade social, cultural e da natural através de som e imagem;
2. pelas formulações audiovisuais habituais, documentárias, de narração, musicais, descritivas, expositivas, ou quaisquer outras adequadas aos suportes com que trabalha;
3. pelo domínio técnico, estético e de procedimentos expressivos pertinentes a essa elaboração audiovisual;
4. pela atividade em emissoras de rádio ou televisão ou quaisquer instituições de criação, produção, desenvolvimento e interpretação de materiais audiovisuais;
5. pelo exercício de interlocução entre as funções típicas de radialismo e as demais funções profissionais ou empresariais da área da Comunicação.

Publicidade e Propaganda

O perfil do egresso em Publicidade e Propaganda se caracteriza:

1. pelo conhecimento e domínio de técnicas e instrumentos necessários para a proposição e execução de soluções de comunicação eficazes para os objetivos de mercado, de negócios de anunciantes e institucionais;
2. pela tradução em objetivos e procedimentos de comunicação apropriados os objetivos institucionais, empresariais e mercadológicos;
3. pelo planejamento, criação, produção, difusão e gestão da comunicação publicitária, de ações promocionais e de incentivo, eventos e patrocínio, atividades de marketing, venda pessoal, design de embalagens e de identidade corporativa, e de assessoria publicitária de informação.

Editoração

O perfil do egresso em Editoração se caracteriza:

1. pela gestão e produção de processos editoriais, de multiplicação, reprodução e difusão, que envolvam obras literárias, científicas, instrumentais e culturais;
2. pelo desenvolvimento de atividades relacionadas à produção de livros e impressos em geral, livros eletrônicos, CDROMs e outros produtos multimídia, vídeos, discos, páginas de Internet, e quaisquer outros suportes impressos, sonoros, audiovisuais e digitais;
3. pelo domínio dos processos editoriais, tais como planejamento de produto, seleção e edição de textos, imagens e sons, redação e preparação de originais, produção gráfica e diagramação de impressos, roteirização de produtos em diferentes suportes, gravações, montagens, bem como divulgação e comercialização de produtos editoriais.

Cinema

O perfil do egresso da habilitação em Cinema (com esta denominação ou na denominação alternativa Cinema e Vídeo) se caracteriza:

1. pela produção audiovisual nas bitolas e formatos cinematográficos, videográficos, cinevideográficos ou digitais, incluindo-se nessa produção direção geral, direção de arte, direção de fotografia, elaboração de argumentos e roteiros, montagem/edição, animação, continuidade, sonorização, finalização e demais atividades relacionadas; e ainda pela preservação e fomento da memória audiovisual da nação;
2. pela percepção, interpretação, recriação e registro cinematográfico de aspectos da realidade social, cultural, natural de modo a torná-las disponíveis à sociedade por intermédio de estruturas narrativas, documentárias, artísticas, ou experimentais;
3. pela iniciativa e pela participação na discussão pública sobre a criação cinematográfica e videográfica no país e no mundo, através de estudos críticos e interpretativos sobre produtos cinematográficos, sobre a história das artes cinematográficas, e sobre as teorias de cinema;
4. pelo desenvolvimento de atividades e especialidades de produção cinematográfica e videográfica;

2. Competência e Habilidades

Assim como os perfis dos egressos, organizados em uma parte geral comum e uma parte específica por habilitação, as competências e habilidades também comportam dois níveis, um geral para todas as profissões e formações do campo da Comunicação e um especializado por habilitação.

A) Gerais

As competências e habilidades gerais para os diferentes perfis são as seguintes:

1. assimilar criticamente conceitos que permitam a apreensão de teorias;
2. usar tais conceitos e teorias em análises críticas da realidade;
3. posicionar-se de modo ético-político;
4. dominar as linguagens habitualmente usadas nos processos de comunicação, nas dimensões de criação, de produção, de interpretação e da técnica;
5. experimentar e inovar no uso destas linguagens;
6. refletir criticamente sobre as práticas profissionais no campo da Comunicação;
7. ter competência no uso da língua nacional para escrita e interpretação de textos gerais e especializados na área.

B) Específicas por Habilitação

Além das competências e habilidades gerais acima referidas, há que se promover o desenvolvimento de competências específicas.

Jornalismo

- registrar fatos jornalísticos, apurando, interpretando, editando e transformando-os em notícias e reportagens;

- interpretar, explicar e contextualizar informações;
- investigar informações, produzir textos e mensagens jornalísticas com clareza e correção e editá-los em espaço e período de tempo limitados;
- formular pautas e planejar coberturas jornalísticas;
- formular questões e conduzir entrevistas;
- relacionar-se com fontes de informação de qualquer natureza;
- trabalhar em equipe com profissionais da área;
- compreender e saber sistematizar e organizar os processos de produção jornalística;
- desenvolver, planejar, propor, executar e avaliar projetos na área de comunicação jornalística;
- avaliar criticamente produtos, práticas e empreendimentos jornalísticos;
- compreender os processos envolvidos na recepção de mensagens jornalísticas e seus impactos sobre os diversos setores da sociedade;
- buscar a verdade jornalística, com postura ética e compromisso com a cidadania;
- dominar a língua nacional e as estruturas narrativas e expositivas aplicáveis às mensagens jornalísticas, abrangendo-se leitura, compreensão, interpretação e redação;
- dominar a linguagem jornalística apropriada aos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação;

Relações Públicas

- desenvolver pesquisas e auditorias de opinião e imagem;
- realizar diagnósticos com base em pesquisas e auditorias de opinião e imagem;
- elaborar planejamentos estratégicos de comunicação institucional;
- estabelecer programas de comunicação estratégica para criação e manutenção do relacionamento das instituições com seus públicos de interesse;
- coordenar o desenvolvimento de materiais de comunicação, em diferentes meios e suportes, voltados para a realização dos objetivos estratégicos do exercício da função de Relações Públicas;
- dominar as linguagens verbais e audiovisuais para seu uso efetivo a serviço dos programas de comunicação que desenvolve;
- identificar a responsabilidade social da profissão, mantendo os compromissos éticos estabelecidos;
- assimilar criticamente conceitos que permitam a compreensão das práticas e teorias referentes às estratégias e processos de Relações Públicas.

Radialismo

- gerar produtos audiovisuais em suas especialidades criativas, como escrever originais ou roteiros para realização de projetos audiovisuais; adaptar originais de terceiros; responder pela direção, realização e transmissão de programas audiovisuais; editar e finalizar programas analógicos ou digitais;
- saber como planejar, orçar e produzir programas para serem gravados ou transmitidos; administrar, planejar e orçar estruturas de emissoras ou produtoras;
- dominar as linguagens e gêneros relacionados às criações audiovisuais;
- conceber projetos de criação e produção audiovisual em formatos adequados a sua veiculação nos meios massivos, como rádio e televisão, em formatos de divulgação presencial, como vídeo e gravações sonoras, e em formatos típicos de inserção em sistemas eletrônicos em rede, como CDROMs e outros produtos digitais;
- compreender as incidências culturais, éticas, educacionais e emocionais da produção audiovisual mediatizada em uma sociedade de comunicação;
- assimilar criticamente conceitos que permitam a compreensão das práticas e teorias

referentes à área audiovisual.

Cinema (ou Cinema e Vídeo)

- gerar produtos cinematográficos em suas especialidades criativas, como direção geral, direção de arte, direção de fotografia, argumento e roteiro, montagem/edição, animação, continuidade, sonorização, finalização, e outras atividades relacionadas;
- promover a geração e disseminação de produtos cinematográficos em suas especialidades de gestão, como produção, distribuição, exibição, divulgação, e outras atividades relacionadas;
- dominar as diversas técnicas audiovisuais envolvidas nos processos de criação cinematográfica, em qualquer de seus suportes, e nos processos de divulgação;
- interagir com áreas vizinhas à criação e divulgação cinematográfica, como a televisão, o rádio, as artes performáticas e as novas mídias digitais;
- avaliar, quantificar, formar e influenciar o gosto público no que diz respeito ao consumo de produtos audiovisuais;
- inovar e reinventar alternativas criativas e mercadológicas para a produção de filmes e vídeos;
- interpretar, analisar, explicar e contextualizar a linguagem cinematográfica apropriada aos diferentes meios e modalidades da comunicação audiovisual;
- compreender os processos cognitivos envolvidos na produção, emissão e recepção da mensagem cinematográfica e seus impactos sobre a cultura e a sociedade;
- articular as práticas cinematográficas, em seus aspectos técnicos e conceituais, à produção científica, artística e tecnológica que caracteriza nossa cultura, e ao exercício do pensamento em seus aspectos estéticos, éticos e políticos;
- assimilar criticamente conceitos que permitam a compreensão das práticas e teorias referentes à criação, produção e circulação cultural do Cinema.

Publicidade e Propaganda

- ordenar as informações conhecidas e fazer diagnóstico da situação dos clientes;
- realizar pesquisas de consumo, de motivação, de concorrência, de argumentos etc;
- definir objetivos e estratégias de comunicação como soluções para problemas de mercado e institucionais dos anunciantes;
- conceber meios de avaliar e corrigir resultados de programas estabelecidos;
- executar e orientar o trabalho de criação e produção de campanhas de propaganda em veículos impressos, eletrônicos e digitais;
- realizar e interpretar pesquisas de criação como subsídio para a preparação de campanhas publicitárias;
- dominar linguagens e competências estéticas e técnicas para criar, orientar e julgar materiais de comunicação pertinentes a suas atividades;
- planejar, executar e administrar campanhas de comunicação com o mercado, envolvendo o uso da propaganda e de outras formas de comunicação, como a promoção de vendas, o merchandising e o marketing direto;
- identificar e analisar as rápidas mudanças econômicas e sociais em escala global e nacional que influem no ambiente empresarial;
- identificar a responsabilidade social da profissão, mantendo os compromissos éticos estabelecidos;
- assimilar criticamente conceitos que permitam a compreensão das práticas e teorias referentes à publicidade e à propaganda.

Editoração

- dominar processos de edição de texto tais como: resumos, apresentações, textos de capa de livros, textos de revistas, textos que acompanham edições sonoras, audiovisuais e de multimídia, textos para publicações digitais, tratamento de textos didáticos e paradidáticos, textos de compilação, de crítica e de criação;
- dominar a língua nacional e as estruturas de linguagem aplicáveis a obras literárias, científicas, instrumentais, culturais e de divulgação em suas diferentes formas: leitura, redação, interpretação, avaliação e crítica;
- atentar para os diferentes níveis de proficiência dos públicos a que se destinam as produções editoriais;
- ter competências de linguagem visual, como o conhecimento de produção de imagens pré-fotográficas, fotográficas e pós-fotográficas e os principais processos de design gráfico, desde tipologias até edição digital;
- ter competências de linguagem de multimídia, como o conhecimento de processos de produção de registros sonoros, videográficos e digitais, tais como CDs, vídeos, edição de páginas e outras publicações em Internet;
- desenvolver ações de planejamento, organização e sistematização dos processos editoriais, tais como o acompanhamento gráfico de produtos editoriais, seleção de originais, projetos de obras e publicações, planejamento e organização de séries e de coleções, planejamento de distribuição, veiculação e tratamento publicitário de produtos editorial;
- ter conhecimentos sobre a história do livro, a história da arte e da cultura;
- fazer avaliações críticas das produções editoriais e do mercado da cultura.
- agir no sentido de democratização da leitura e do acesso às informações e aos bens culturais.
- assimilar criticamente conceitos que permitam a compreensão das práticas e teorias referentes aos processos de Editoração.

3. *Conteúdos Curriculares*

Os conteúdos curriculares são diferenciados em Conteúdos Básicos e Conteúdos Específicos. Os conteúdos básicos são aqueles relacionados tanto à parte comum do curso quanto às diferentes habilitações. Os conteúdos específicos são aqueles que cada instituição, livremente, deve eleger para organizar seu currículo pleno, tendo como referência os objetivos e os perfis comum e específicos anteriormente definidos.

a. Conteúdos Básicos

Os conteúdos básicos são caracterizadores da formação geral da área, devendo atravessar a formação dos graduandos de todas as habilitações. Envolvem tanto conhecimentos teóricos como práticos, reflexões e aplicações relacionadas ao campo da Comunicação e à área configurada pela habilitação específica. Estes conhecimentos são assim categorizados: conteúdos teórico-conceituais; conteúdos analíticos e informativos sobre a atualidade; conteúdos de linguagens, técnicas e tecnologias midiáticas, conteúdos ético-políticos.

b. Conteúdos Específicos

Os conteúdos específicos serão definidos pelo colegiado do curso, tanto para favorecer reflexões e práticas no campo geral da Comunicação, como para incentivar reflexões e práticas da habilitação específica. Cada habilitação correspondendo a recortes dentro do campo geral da Comunicação, organiza conhecimentos e práticas profissionais, aborda questões teóricas, elabora críticas, discute a atualidade e desenvolve práticas sobre linguagens e estruturas.

4. *Estágios e Atividades Complementares*

O Estágio orientado por objetivos de formação refere-se a estudos e práticas supervisionados em atividades externas à unidade de oferecimento do Curso. As atividades complementares realizadas sob a supervisão de um docente buscam promover o relacionamento do estudante com a realidade social, econômica e cultural, e de iniciação à pesquisa e ao ensino.

Tais tipos de ação pedagógica caracterizam mecanismos de interação com o mundo do trabalho, assim como o confronto com possibilidades metodológicas visando a promoção de uma formação complexa.

Assim, além das disciplinas típicas e tradicionais da sala de aula e de práticas ditas laboratoriais, segundo o padrão de turma/docente/horas-aula semanais, podem ser previstas Atividades Complementares, com atribuição de créditos ou computação de horas para efeito de integralização do total previsto para o Curso, tais como:

- programas especiais de capacitação do estudante (tipo CAPES/PET);
- atividades de monitoria;
- outras atividades laboratoriais além das já previstas no padrão turma/horas-aula;
- atividades de extensão;
- atividades de pesquisa etc.

O que caracteriza este conjunto de atividades é a flexibilidade de carga horária semanal, com controle do tempo total de dedicação do estudante durante o semestre ou ano letivo. Esta flexibilidade horária semanal deverá permitir a:

- a) adoção de um sistema de creditação de horas baseada em decisões específicas para cada caso, projeto ou atividade específica, e em função do trabalho desenvolvido;
- b) ênfase em procedimentos de orientação e/ou supervisão pelo docente;
- c) ampliação da autonomia do estudante para organizar seus horários, objetivos e direcionamento.

O número máximo de horas dedicadas a este tipo de atividades não pode ultrapassar 20% do total do curso, não incluídas nesta porcentagem de 20% as horas dedicadas ao Trabalho de Conclusão de Curso (ou Projetos Experimentais).

5. *Estrutura do Curso*

O curso de Comunicação Social pode ser oferecido por créditos, havendo, no entanto, atenção para uma seqüência equilibrada de conteúdos curriculares e acompanhamento planejado da formação.

Na oferta seriada importa considerar, além de uma seqüência harmônica e lógica, a flexibilidade de caminhos alternativos.

Na organização modular, deverá ser esclarecido o seu modo de inserção na estrutura geral do curso.

6. Acompanhamento e Avaliação

A avaliação é periódica e se realiza em articulação com o Projeto Acadêmico do curso sob três ângulos:

- a) pertinência da estrutura do Curso, observando o fundamento de suas propostas e a adequação dos meios postos em ação para realizá-las;
- b) aplicação dos critérios definidos pelo colegiado de curso, para a sua avaliação;
- c) mecanismos de acompanhamento e avaliação externa e interna do próprio curso

ANEXO 2**PARECER CNE/CES 1.363/2001 - HOMOLOGADO**

Despacho do Ministro em 25/1/2002, publicado no Diário Oficial da União de 29/1/2002, Seção 1, p. 60.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**

INTERESSADO: Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação **UF:** DF

ASSUNTO: Retificação do Parecer CNE/CES 492/2001, que trata da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

RELATOR(A): Silke Weber

PROCESSO(S) N.º(S): 23001.000126/2001-69

PARECER N.º: CNE/CES 1363/2001 **COLEGIADO:** CES

APROVADO EM: 12/12/2001

I – RELATÓRIO E VOTO DO(A) RELATOR(A)

Com objetivo de cumprir o disposto no Inciso III do Art. 18 do Regimento Interno do Conselho Nacional de Educação, que estabelece ser a Resolução ato decorrente de Parecer, destinado a estabelecer normas a serem observadas pelos sistemas de ensino, a Câmara de Educação Superior formulou projeto de Resolução específico para as Diretrizes Curriculares de cada um dos cursos de graduação a serem por elas regidas.

Brasília(DF), 12 de dezembro de 2001.

Conselheiro(a) Silke Weber – Relator(a)

III – DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Educação Superior aprova por unanimidade o voto do(a) Relator(a).

Sala das Sessões, em 12 de dezembro de 2001.

Conselheiro Arthur Roquete de Macedo – Presidente

Conselheiro José Carlos Almeida da Silva – Vice-Presidente

Processo(s):

PROJETO DE RESOLUÇÃO ...N.º... , DE... DE DE

Estabelece as Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social e suas Habilitações

O Presidente Câmara de Educação Superior, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto na Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e ainda o Parecer CNE/CES 492, de 3 de abril de 2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 9 de julho de 2001, e o Parecer CNE/CES 1.363/2001, homologado em.....

RESOLVE:

Art. 1º As diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social e as suas habilitações, integrantes do Parecer CNE/CES 492/2001 deverão orientar a formação do projeto pedagógico do referido curso.

Art. 2º O projeto pedagógico de formação profissional na área de Comunicação Social e suas habilitações deverá explicitar:

- a) o perfil comum e os perfis específicos por habilitação;
- b) as competências e habilidades gerais e específicas por habilitação a serem desenvolvidas, durante o período de formação;
- c) os conteúdos básicos relacionados à parte comum e às diferentes habilitações e os conteúdos específicos escolhidos pela instituição para organizar seu currículo pleno;
- d) as características dos estágios;
- e) as atividades complementares e respectiva carga horária;
- f) a estrutura do curso;
- g) as formas de acompanhamento e avaliação da formação ministrada.

Art. 3º A carga horária do curso de Comunicação Social e respectivas habilitações deverá obedecer ao determinado em Resolução própria que normatiza a oferta de cursos de bacharelado.

Art. 4º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Presidente da Câmara de Educação Superior

ANEXO 3**CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR****RESOLUÇÃO CNE/CES 16, DE 13 DE MARÇO DE 2002.^(*)**

**Estabelece as Diretrizes Curriculares para a área de
Comunicação Social e suas habilitações.**

O Presidente Câmara de Educação Superior, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto na Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e ainda o Parecer CNE/CES 492/2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 9 de julho de 2001, e o Parecer CNE/CES 1.363/2001, homologado em 25 de janeiro de 2002, resolve:

Art. 1º As Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social e suas habilitações, integrantes dos Pareceres CNE/CES 492/2001 e 1.363/2001, deverão orientar a formulação do projeto pedagógico do referido curso.

Art. 2º O projeto pedagógico de formação profissional na área de Comunicação Social e suas habilitações deverá explicitar:

- a) o perfil comum e os perfis específicos por habilitação;
- b) as competências e habilidades gerais e específicas por habilitação a serem desenvolvidas, durante o período de formação;
- c) os conteúdos básicos relacionados à parte comum e às diferentes habilitações e os conteúdos específicos escolhidos pela instituição para organizar seu currículo pleno;
- d) as características dos estágios;
- e) as atividades complementares e respectiva carga horária;
- f) a estrutura do curso;
- g) as formas de acompanhamento e avaliação da formação ministrada.

Art. 3º A carga horária do curso de Comunicação Social e respectivas habilitações deverá obedecer ao determinado em Resolução própria que normatiza a oferta de cursos de bacharelado.

Art. 4º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

ARTHUR ROQUETE DE MACEDO
Presidente da Câmara de Educação Superior

^(*) CNE. Resolução CNE/CES 16/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 34.

ANEXO 4

As treze Instituições de Ensino Superior da cidade de Curitiba-PR que ofertam a graduação em Comunicação Social com suas respectivas habilitações, modalidade, data de início de funcionamento do curso, duração do curso, carga horária, regime letivo e vagas autorizadas a serem ofertadas:

I. Escola Superior de Estudos Empresariais e Informática - ESEEI

Habilitações:

Jornalismo

Modalidade: Ensino Presencial

Data de início do funcionamento do curso: 27/09/2000

Prazo para integralização do curso: 4 Anos

Carga Horária Mínima do Curso: 2880 horas/aula

Regime Letivo: SEMESTRAL

Turnos de Oferta: Matutino, Noturno

Vagas Autorizadas: Diurno: 75 e Noturno: 75

Produção Editorial

Modalidade: Ensino Presencial

Data de início do funcionamento do curso: 27/09/2000

Prazo para integralização do curso: 4 Anos

Carga Horária Mínima do Curso: 2880 horas/aula

Regime Letivo: SEMESTRAL

Turnos de Oferta: Matutino, Noturno

Vagas Autorizadas: Diurno: 75 e Noturno: 75

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial

Data de início do funcionamento do curso: 27/09/2000

Prazo para integralização do curso: 4 Anos

Carga Horária Mínima do Curso: 2880 horas/aula

Regime Letivo: SEMESTRAL

Turnos de Oferta: Matutino, Noturno

Vagas Autorizadas: Diurno: 75 e Noturno: 75

Radialismo

Modalidade: Ensino Presencial

Data de início do funcionamento do curso: 27/09/2000

Prazo para integralização do curso: 4 Anos

Carga Horária Mínima do Curso: 2880 horas/aula

Regime Letivo: SEMESTRAL

Turnos de Oferta: Matutino, Noturno

Vagas Autorizadas: Diurno: 75 e Noturno: 75

Relações Públicas

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 27/09/2000
 Prazo para integralização do curso: 4 Anos
 Carga Horária Mínima do Curso: 2880 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 75 e Noturno: 75

II. Centro Universitário Curitiba - UNICURITIBA

Habilitações:

Jornalismo

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 07/02/2008
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 3180 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 50 e Noturno: 100

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 03/08/1998
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 3180 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 50 e Noturno: 100

III. Instituto de Ensino e Cultura do Paraná - IECP (Fapar)

Habilitação:

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 06/08/2007
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 3200 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Noturno
 Vagas Autorizadas: Noturno: 100

IV. Universidade Federal do Paraná – UFPR

Habilitações:

Jornalismo

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 01/01/1969

Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 2940 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino
 Vagas Autorizadas: Diurno: 30

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 01/01/1977
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 2700 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino
 Vagas Autorizadas: Diurno: 30

Relações Públicas

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 01/01/1977
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 2940 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino
 Vagas Autorizadas: Diurno: 30

V. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR

Habilitações:

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 01/03/1989
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 2772 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 60 e Noturno: 60

Jornalismo

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 07/03/1956
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 2772 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 60 e Noturno: 60

Relações Públicas

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 02/03/1995
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres

Carga Horária Mínima do Curso: 2772 horas/aula
Regime Letivo: SEMESTRAL
Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
Vagas Autorizadas: Diurno: 60 e Noturno: 60

VI. Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

Habilitações:

Jornalismo

Modalidade: Ensino Presencial
Data de início do funcionamento do curso: 27/03/1994
Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
Carga Horária Mínima do Curso: 2880 horas/aula
Regime Letivo: SEMESTRAL
Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
Vagas Autorizadas: Diurno: 50 e Noturno: 100

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial
Data de início do funcionamento do curso: 27/03/1994
Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
Carga Horária Mínima do Curso: 3114 horas/aula
Regime Letivo: SEMESTRAL
Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
Vagas Autorizadas: Diurno: 50 e Noturno: 100

Relações Públicas

Modalidade: Ensino Presencial
Data de início do funcionamento do curso: 01/09/1997
Prazo para integralização do curso: 4 Anos
Carga Horária Mínima do Curso: 3080 horas/aula
Regime Letivo: SEMESTRAL
Turnos de Oferta: Noturno
Vagas Autorizadas: Noturno: 50

Rádio/TV

Modalidade: Ensino Presencial
Data de início do funcionamento do curso: 01/09/1997
Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
Carga Horária Mínima do Curso: 3114 horas/aula
Regime Letivo: SEMESTRAL
Turnos de Oferta: Noturno
Vagas Autorizadas: Noturno: 100

VII. Centro Universitário Campos de Andrade - Uniandrade

Habilitações:

Jornalismo

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 05/04/1999
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 2880 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 100 e Noturno: 240

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 05/04/1999
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 2930 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 100 e Noturno: 240

VIII. Faculdades Integradas do Brasil - UNIBRASIL

Habilitações:

Jornalismo

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 30/07/2001
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 3000 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 50 e Noturno: 100

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 30/07/2001
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 3200 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 100 e Noturno: 200

Relações Públicas

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 29/07/2002
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 3200 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 100 e Noturno: 100

IX. Centro Universitário Positivo - UNICENP

Habilitações:

Jornalismo

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 02/03/1999
 Prazo para integralização do curso: 4 Anos
 Carga Horária Mínima do Curso: 3040 horas/aula
 Regime Letivo: ANUAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 111 e Noturno: 111

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 02/03/1999
 Prazo para integralização do curso: 4 Anos
 Carga Horária Mínima do Curso: 3076 horas/aula
 Regime Letivo: ANUAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 111 e Noturno: 111

X. Centro Universitário Franciscano do Paraná - UNIFAE

Habilitações:

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 13/02/2006
 Prazo para integralização do curso: 4 Anos
 Carga Horária Mínima do Curso: 3144 horas/aula
 Regime Letivo: ANUAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 60 e Noturno: 120

Gestão da Comunicação Organizacional

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 13/02/2006
 Prazo para integralização do curso: 4 Anos
 Carga Horária Mínima do Curso: 3144 horas/aula
 Regime Letivo: ANUAL
 Turnos de Oferta: Noturno
 Vagas Autorizadas: Noturno: 0

XI. Faculdade Internacional de Curitiba - FACINTER

Habilitações

Jornalismo

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 14/03/2007
 Prazo para integralização do curso: 4 Anos

Carga Horária Mínima do Curso: 3020 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Vespertino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 80 e Noturno: 200

Produção Editorial e Multimídia

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 12/03/2007
 Prazo para integralização do curso: 7 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 3020 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 80 e Noturno: 200

Publicidade, Propaganda e Marketing

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 12/03/2007
 Prazo para integralização do curso: 7 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 3020 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Matutino, Noturno
 Vagas Autorizadas: Diurno: 80 e Noturno: 200

XII. Faculdade Opet - FAO

Habilitações

Jornalismo

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 12/02/2001
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 3000 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Noturno
 Vagas Autorizadas: Noturno: 100

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial
 Data de início do funcionamento do curso: 08/03/1999
 Prazo para integralização do curso: 8 Semestres
 Carga Horária Mínima do Curso: 3000 horas/aula
 Regime Letivo: SEMESTRAL
 Turnos de Oferta: Noturno
 Vagas Autorizadas: Noturno: 100

XIII. Instituto de Ensino Superior de Curitiba – IESC (Faculdade Curitibana - FAC)

Habilitação

Publicidade e Propaganda

Modalidade: Ensino Presencial

Data de início do funcionamento do curso: não disponível

Prazo para integralização do curso: não disponível

Carga Horária Mínima do Curso: não disponível

Regime Letivo: não disponível

Turnos de Oferta: Noturno

Vagas Autorizadas: Noturno: 100

Dados de Criação/Autorização: não disponível

Documento: Portaria SESu

Nº Documento: 655 de 09/07/2007

Data de publicação: 10/07/2007

Nº Parecer / Despacho: 744/2007 SESu

ANEXO 5

Quadro de disciplinas relacionadas com as TICs das instituições de Ensino Superior de Curitiba-PR

Instituição I	Habilitação: Publicidade e Propaganda	<ul style="list-style-type: none"> - Tecnologia digital: informática básica - Tecnologia digital: edição gráfica - Veículos de comunicação: mídias digitais - Criação e produção publicitária – mídia impressa - Criação e produção publicitária: televisão - Criação e produção publicitária: rádio - Comunicação e linguagens: expressão audiovisual - Criação e produção publicitária: mídia digital - Fotografia publicitária
	Habilitação: Jornalismo	<ul style="list-style-type: none"> - Tecnologia digital: informática básica - Tecnologia digital: edição gráfica - Veículos de comunicação: mídias digitais - Produção jornalística: telejornal - Produção jornalística: rádio jornal - Comunicação e linguagens: expressão audiovisual - Fotojornalismo - Produção jornalística: online - Documentário audiovisual
	Habilitação: Relações Públicas	<ul style="list-style-type: none"> - Tecnologia digital: informática básica - Tecnologia digital: edição gráfica - Veículos de comunicação: mídias digitais - Criação e produção para com. institucional – mídia impressa - Comunicação e linguagens: expressão audiovisual - Criação e produção para comunicação institucional: televisão

	<p>Habilitação: Editoração – mídia digital</p> <p>Habilitação: Radialismo – rádio e TV</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Criação e produção para comunicação institucional: rádio - Criação e produção para comunicação institucional: mídia digital - Tecnologia digital: informática básica - Tecnologia digital: edição gráfica - Veículos de comunicação: mídias digitais - Técnicas de modelagem e renderização - Imagem digital - Técnicas de produção de áudio - Técnicas de animação - Tecnologia digital: edição de áudio e vídeo - Tecnologias de mídia digital - Programação de websites - Desenho e produção de websites - Edição audiovisual - Produção de desenhos animados - Design e produção de jogos - Tecnologia digital: informática básica - Tecnologia digital: edição gráfica - Veículos de comunicação: mídias digitais - Técnicas para a produção de audiovisual - Edição de áudio - Edição audiovisual - Tecnologia digital: edição de áudio e vídeo - Técnicas de produção de áudio - Produção executiva para rádio e televisão
Instituição II	<p>Habilitação: Publicidade e Propaganda</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fotografia I - Tratamento de imagens I - Fotografia II - Produção gráfica I

	Habilitação: Jornalismo	<ul style="list-style-type: none"> - Tratamento de imagens II - Produção gráfica II - Produção publicitária em áudio I - Produção publicitária em cinema I - Produção publicitária em áudio II - Produção publicitária em cinema II <p>Não disponibiliza a grade curricular <i>on-line</i>⁴⁷.</p>
Instituição III	Habilitação: Publicidade e Propaganda	<ul style="list-style-type: none"> - Composição e projeto gráfico - Composição e projeto visual - Criação e produção audiovisual - Criação e produção em áudio - Criação e produção em cinema e vídeo - Fotografia - Produção public. em rádio, TV e cine aplicada ao PREX - Produção publicitária on-line - Projeto publicitário em rádio, TV e cine aplicado ao PREX
Instituição IV	Habilitação: Jornalismo	<ul style="list-style-type: none"> - Técnicas fotográficas - Técnicas básicas de meios impressos - Técnicas básicas de TV - Técnicas básicas de rádio - Fotojornalismo - Planejamento e produção gráfica - Laboratório de jornalismo impresso - Laboratório de radiojornalismo I - Laboratório de telejornalismo I - Comunicação e tecnologia
	Habilitação:	- Técnicas fotográficas

⁴⁷ Última consulta em 15/01/2008.

	<p>Relações Públicas</p> <p>Habilitação: Publicidade e Propaganda</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Técnicas básicas de meios impressos - Técnicas básicas de TV - Técnicas básicas de rádio - Mídias eletrônicas em relações públicas - Comunicação e tecnologia - Técnicas fotográficas - Técnicas básicas de TV - Produção publicitária em TV e cinema I - Produção publicitária em áudio I - Fotografia publicitária II - Comunicação e tecnologia
Instituição V	<p>Habilitação: Jornalismo</p> <p>Habilitação: Publicidade e Propaganda</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fotojornalismo I - Fotojornalismo II - Produção editorial – jornal laboratório I - Planejamento gráfico em jornalismo I - Telejornalismo I - Radiojornalismo I - Produção editorial – jornal laboratório II - Planejamento gráfico em jornalismo II - Telejornalismo II - Radiojornalismo II - Produção jornalística em cinema I - Jornalismo e novas mídias I - Produção e edição de revistas I - Produção jornalística em cinema II - Jornalismo e novas mídias II - Produção e edição de revistas II - Fotografia publicitária I - Fotografia publicitária II - Produção sonora em publicidade I - Produção publicitária em televisão I

	Habilitação: Relações Públicas	<ul style="list-style-type: none"> - Produção sonora em publicidade II - Produção publicitária em televisão II - Cinema publicitário I - Criação e produção em multimídia I - Cinema publicitário II - Criação e produção em multimídia II - Novas mídias I - Novas mídias II - Fotografia institucional I - Fotografia Institucional II - Produção sonora em Relações Públicas I - Produção de televisão em Relações Públicas I - Produção gráfica I - Produção gráfica II - Novas mídias I - Novas mídias II
Instituição VI	Habilitação: Jornalismo	<ul style="list-style-type: none"> - Fotojornalismo I - Informática na Comunicação I - Fotojornalismo II - Informática na Comunicação II - Jornal laboratório I - Telejornalismo I - Planejamento gráfico em jornalismo I - Jornal laboratório II - Telejornalismo II - Planejamento gráfico em jornalismo II - Jornal laboratório III - Radiojornalismo I - Telejornalismo III - Jornalismo on line I - Jornal laboratório IV - Radiojornalismo II

	<p>Habilitação: Publicidade e Propaganda</p> <p>Habilitação: Rádio e TV</p> <p>Habilitação: Relações Públicas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Telejornalismo IV - Jornalismo on line II - Informática na comunicação I - Fotografia publicitária I - Informática na comunicação II - Fotografia publicitária II - Produção gráfica I - Produção publicitária em TV e cinema I - Produção publicitária e rádio I - Produção gráfica II - Produção publicitária em TV e cinema II - Produção publicitária e rádio II - Produção publicitária em TV e cinema III - Produção publicitária em TV e cinema IV - Introdução a multimídia - Informática na comunicação - Tecnologia em rádio e TV - Fotografia e iluminação - Criação e produção digital - Produção em rádio - Produção em TV - Edição em TV - Criação em computação gráfica I - Prática laboratorial em rádio e TV - Criação em computação gráfica II <p>Não disponibiliza a grade curricular <i>on-line</i>⁴⁸.</p>
--	---	---

⁴⁸ Última consulta em 15/01/2008.

	Habilitação: Gestão da Comunicação Organizacional	<ul style="list-style-type: none"> - Produção TV I - Produção TV II - Rádio I - Rádio II - Criação e produção digital - E-business - Web 1 - Web 2 <p>Não disponibiliza a grade curricular <i>on-line</i>⁴⁹.</p>
Instituição XI	Habilitação: Jornalismo	<ul style="list-style-type: none"> - Técnicas de Produção em Internet - Técnicas de Fotografia - Comunicação e as Novas Tecnologias - Planejamento e Produção Gráfica - Jornalismo On-line - Jornalismo Impresso - Técnicas de Produção em Rádio - Técnicas de Produção em Tevê - Cinema - Radiojornalismo - Telejornalismo - Lab. Radiojornalismo - Lab. Telejornalismo - Planejamento e Produção Editorial - Veículos Especializados - Laboratório de Jornalismo Impresso
	Habilitação: Produção	<ul style="list-style-type: none"> - Técnicas de Produção em Internet - Técnicas de Fotografia

⁴⁹ Última consulta em 15/01/2008.

	<p>Editorial e Multimídia</p> <p>Habilitação:</p> <p>Publicidade, Propaganda e Marketing</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação e as Novas Tecnologias - Editoração e Artes Gráficas - Lab. Prod. Ed. Digital - Projeto do Produto Editorial Impresso - Produtos Pigitais [sic] - Técnicas de Produção em Rádio - Técnicas de Produção em Tevê - Cinema - Arquitetura da Informação - Ed. Digital de Imagens - Audiovisual Digital - Design Gráfico - Lab. Produção Editorial Impressa - Técnicas de Produção em Internet - Técnicas de Fotografia - Comunicação e as Novas Tecnologias - Programação Visual Impresso - Programação Visual Web - Criação Publicitária Impresso e Prod. Gráfica - Criação e Produção Publicitária para Internet - Técnicas de Produção em Rádio - Técnicas de Produção em Tevê - Cinema - Criação PP para Rádio - Criação PP em Tevê - Produção Publicitária para Rádio - Produção PP em Tevê - Fotografia Publicitária - E-commerce
<p>Instituição XII</p>	<p>Habilitação:</p> <p>Jornalismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução às Téc. dos Meios de Comunicação - Informática - Editoração Eletrônica

	Habilitação: Publicidade e Propaganda	<ul style="list-style-type: none"> - Planejamento e Produção Gráfica - Vídeo, Cinema e Documentário - Produção na Internet - Fotografia - Telejornalismo I e II - Radiojornalismo I e II - Jornalismo Digital - Fotojornalismo - Introdução às Téc. dos Meios de Comunicação - Informática - Editoração Eletrônica - Criação Gráfica I e II - Vídeo, Cinema e Documentário - Produção na Internet - Roteiro Audiovisual - Fotografia - Produção Publicitária em TV e Vídeo I e II - Produção Publicitária em Áudio I e II - Mídia Digital - Mídia - Computação Gráfica - Fotopublicitária
Instituição XIII	Habilitação: Publicidade e Propaganda	Não disponibiliza a grade curricular <i>on-line</i> ⁵⁰ .

⁵⁰ Última consulta em 15/01/2008.

ANEXO 6: PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA 'COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA' – "INSTITUIÇÃO U"

PLANO DE ENSINO

EMENTA (Ficha Nº 1 – parte fixa) e PROGRAMA (Ficha Nº 2 – parte variável)

Disciplina: COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA	
Código: HT 015 - Turma: A / B	
Curso: Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo, RP e PP	
Pré-requisito: Não tem	
Natureza: Semestral (X)	Anual ()
Carga horária: Aulas teóricas: 30 horas-aula Aulas práticas: -----	Total: 30 horas-aula Créditos: 02 (dois)
OBJETIVOS: Estudar a relação entre a comunicação e a tecnologia, tratando de sua influência na sociedade e nos meios a partir de discussões teóricas no campo comunicacional e seus novos paradigmas de análise.	
EMENTA: Globalização da comunicação e seus novos paradigmas de análise. A relação entre tecnologia e comunicação social.	
PROGRAMA: Apresentação do grupo e da disciplina Pós-modernidade, globalização e contemporaneidade Ciência, tecnologia e sociedade Impacto da tecnologia sobre a sociedade "Sociedade em rede"; "Sociedade da Informação e Comunicação" Comunicação e novas tecnologias Informatização na sociedade e na comunicação Cibercultura, cibernética e ciberespaço O real e o virtual Novos suportes em comunicação Comunicação, linguagem e novas tecnologias Comunicação eletrônica e interativa Convergência midiática	
PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS: Aulas expositivas e dialogadas, leitura de textos e debates.	
FORMAS DE AVALIAÇÃO: Participação em aula, trabalhos individuais ou coletivos e prova.	
BIBLIOGRAFIA MÍNIMA: BENJAMIN, Walter. <i>A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica</i> . LIMA, L. Costa (org.). <i>Teorias da cultura de massa</i> . São Paulo: Saga, 1982. CANCLINI, Néstor García. <i>Culturas Híbridas</i> . São Paulo: Edusp, 2003. CASTELLS, M. <i>A sociedade em rede: economia, sociedade e cultura na era da informação</i> . São Paulo: Paz e Terra, 1999. CLABRIÁN, J. L. <i>A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação</i> . São Paulo: Summus, 1998. DIZENDORF JR., Wilson. <i>A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. HARVEY, David. <i>Condição pós-moderna</i> . São Paulo: Loyola, 1992. KERCHKHOVEN, D. <i>A pele da cultura</i> . Lisboa: Relógio d'Água, 1997. LÉVY, Pierre. <i>As tecnologias da inteligência</i> . Rio de Janeiro: 34, 1995. _____. <i>Cibercultura</i> . Rio de Janeiro: 34, 1999. _____. <i>O que é o virtual?</i> . São Paulo: 34, 1996. LYOTARD, J. <i>A condição pós-moderna</i> . Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. MARCONDES FILHO, Ciro. <i>Pensar-pulsar. Tecnologias, cultura comunicacional, velocidade</i> . São Paulo: Edições NTC, 1997. NEGROPONTE, Nicholas. <i>A vida digital</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1995. SFÉZ, Lucien. <i>Crítica da comunicação</i> . São Paulo: Loyola, 1994.	
Validade: 1º Semestre	Ano: 2007
Professor: _____	Assinatura:
Chefe do Departamento: _____	Assinatura:

ANEXO 7

RESOLUÇÃO E REAJUSTES QUE FIXAM O FUNCIONAMENTO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – “INSTITUIÇÃO U”

RESOLUÇÃO Nº 57/04-CEPE

Aprova Ajuste Curricular no Curso de Comunicação Social, aplicável à Resolução 60/00-CEPE

F. 15
Rubr. *m*

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, órgão normativo, consultivo e deliberativo da administração superior, no uso de suas atribuições conferidas pelo Artigo 21 do Estatuto da [redacted] e consubstanciado no disposto no processo nº 18498/04-78,

RESOLVE:

- Art. 1º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Jornalismo a disciplina HT018 – Comunicação Integrada, semestral, totalizando 30 horas, 02 (duas) horas-aula teóricas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito, pela disciplina HT115 – Imprensa Segmentada, semestral, totalizando 30 horas, com 02 (duas) horas-aula teóricas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 2º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Relações Públicas a disciplina HT018 – Comunicação Integrada, semestral, totalizando 30 horas, 02 (duas) horas-aula teóricas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito, pela disciplina HT306 – Aplicações da Internet nas Relações Públicas, semestral, totalizando 30 horas, com 02 (duas) horas-aula teóricas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 3º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Publicidade e Propaganda a disciplina HT018 – Comunicação Integrada, semestral, totalizando 30 horas, 02 (duas) horas-aula teóricas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito e a disciplina HT274 – Planejamento em Comunicação, semestral, totalizando 30 horas, 02 (duas) horas-aula teóricas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito, pela disciplina HT215 – Planejamento de Comunicação, semestral, totalizando 60 horas, com 04 (quatro) horas-aula teóricas semanais, 04 (quatro) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 4º - **DETERMINAR** à Coordenação do Curso e ao Departamento de Assuntos Acadêmicos que considerem a equivalência entre:

Código	Disciplina	C.H.	Código	Disciplina	C.H.
HT018	Comunicação Integrada	30	HT115	Imprensa Segmentada	30
HT018	Comunicação Integrada	30	HT306	Aplicações da Internet nas Relações Públicas	30
HT018 +	Comunicação Integrada +	30	HT215	Planejamento de Comunicação	60
HT274	Planejamento em Comunicação	30			

- Art. 5º - Esta Resolução entra em vigor no ano letivo de 2004, revogando-se as disposições em contrário.

Sala das sessões, em 15 de junho de 2004.

Presidente



RESOLUÇÃO Nº 04/03-CEPE

Aprova Ajuste Curricular no Curso de Comunicação Social, aplicável à Resolução 60/00-CEPE.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, órgão normativo, consultivo e deliberativo da administração superior, no uso de suas atribuições conferidas pelo Artigo 21 do Estatuto da Universidade Federal do Rio de Janeiro e considerando o disposto no processo nº 19987/01-77,

RESOLVE:

- Art. 1º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Jornalismo a disciplina HT103 – Laboratório de Radiojornalismo, semestral, totalizando 60 horas, 04 (quatro) horas-aula práticas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito, pela disciplina HT191 - Laboratório de Radiojornalismo I, semestral, totalizando 120 horas, com 08 (oito) horas-aula práticas semanais, 04 (quatro) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 2º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Jornalismo a disciplina HT104 – Laboratório de Telejornalismo, semestral, totalizando 60 horas, 04 (quatro) horas-aula práticas semanais, 02 (quatro) créditos e sem pré-requisito, pela disciplina HT192 - Laboratório de Telejornalismo I, semestral, totalizando 120 horas, com 08 (oito) horas-aula práticas semanais, 04 (quatro) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 3º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Jornalismo a disciplina HT101 – Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I, semestral, totalizando 60 horas, 04 (quatro) horas-aula práticas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito, pela disciplina HT193 - Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo III, semestral, totalizando 90 horas, com 06 (seis) horas-aula práticas semanais, 03 (três) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 4º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Jornalismo a disciplina HT102 – Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo II, semestral, totalizando 60 horas, 04 (quatro) horas-aula práticas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito, pela disciplina HT194 - Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo IV, semestral, totalizando 90 horas, com 06 (seis) horas-aula práticas semanais, 03 (três) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 5º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Jornalismo a disciplina HT110 – Teoria do Jornalismo, semestral, totalizando 60 horas, 04 (quatro) horas-aula teórica semanais, 04 (quatro) créditos e sem pré-requisito, pela disciplina HT195 – Teoria do Jornalismo I, semestral, totalizando 60 horas, com 04 (quatro) horas-aula teóricas semanais, 04 (quatro) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 6º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Publicidade e Propaganda a disciplina HT291 – Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda I, semestral, totalizando 60 horas, 04 (quatro) horas-aula práticas semanais, 02 (dois) créditos e com os pré-requisitos HT270+HT271+HT272+HT261+HT283+HT281+ HT262+HT282+ HT284+HT285+ HT273+HT274+ HT286+HT263+HT260, pela disciplina HT296 - Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda III, semestral, totalizando 90 horas, com 06 (seis) horas-aula práticas semanais, 03 (três) créditos e com os pré-requisitos HT270+HT271+HT272+HT261+HT283+HT281+ HT262+HT282+ HT284+HT285+ HT273+HT274+ HT286+HT263+HT260.
- Art. 7º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Publicidade e Propaganda a disciplina HT292 – Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda II, semestral, totalizando 60 horas, 04 (quatro) horas-aula práticas semanais, 02 (dois) créditos e com o pré-requisito HT291, pela disciplina HT297 - Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda IV, semestral, totalizando 90 horas, com 06 (seis) horas-aula práticas semanais, 03 (três) créditos e com pré-requisito HT291 ou HT296.

- Art. 8º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Relações Públicas a disciplina HT301 – Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas I, semestral, totalizando 60 horas, 04 (quatro) horas-aula práticas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito, **pela disciplina HT303 - Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas III** semestral, totalizando 90 horas, com 06 (seis) horas-aula práticas semanais, 03 (três) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 9º - **SUBSTITUIR** na Habilitação Relações Públicas a disciplina HT302 – Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas II, semestral, totalizando 60 horas, 04 (quatro) horas-aula práticas semanais, 02 (dois) créditos e sem pré-requisito, **pela disciplina HT304 - Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas IV** semestral, totalizando 90 horas, com 06 (seis) horas-aula práticas semanais, 03 (três) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 10 - **SUBSTITUIR** na Habilitação Relações Públicas a disciplina HT327 – Teoria e Técnicas de Relações Públicas, semestral, totalizando 60 horas, 02 (duas) horas-aula teórica, 02 (duas) horas-aula práticas semanais, 03 (três) créditos e sem pré-requisito, **pela disciplina HT305 – Teoria e Técnicas de Relações Públicas I**, semestral, totalizando 60 horas, 02 (duas) horas-aula teórica, 02 (duas) horas-aula práticas semanais, 03 (três) créditos e sem pré-requisito.
- Art. 11º - **ALTERAR** a carga horária obrigatória exigida para Formação Complementar Optativa na Habilitação Jornalismo, de 1020 horas para 840 horas; na Habilitação Publicidade e Propaganda, de 780 horas para 720; e na Habilitação Relações Públicas, de 855 horas para 795.
- Art. 12 - **ALTERAR** o Artigo 9º da Resolução 60/00-CEPE para: "Fica estabelecido, em caráter transitório que os alunos da Habilitação Jornalismo e da **Habilitação Relações Públicas** que optarem pelo novo currículo, deverão cumprir 120 horas de atividades extracurriculares."
- Art. 13 - **INCLUIR** no Artigo 2º, da Resolução 60/00-CEPE o Departamento de Turismo e o Departamento de Design na oferta de disciplinas optativas para o Curso de Comunicação Social.
- Art. 14 - **DETERMINAR** à Coordenação do Curso e ao Departamento de Assuntos Acadêmicos que considerem a equivalência entre:

Código	Disciplina	C.H	Código	Disciplina	C.H.
HT103	Laboratório de Radiojornalismo	60	HT191	Laboratório de Radiojornalismo I	120
HT104	Laboratório de Telejornalismo	60	HT192	Laboratório de Telejornalismo I	120
HT101	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I	60	HT193	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo III	90
HT102	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo II	60	HT194	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo IV	90
HT110	Teoria do Jornalismo	60	HT195	Teoria do Jornalismo I	60
HT291	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda I	60	HT296	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda III	90
HT292	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda II	60	HT297	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda IV	90
HT301	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas I	60	HT303	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas III	90
HT302	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas II	60	HT304	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas IV	90
HT327	Teoria e Técnicas de Relações Públicas	60	HT305	Teoria e Técnicas de Relações Públicas I	60

- Art. 15 - **REDEFINIR** a periodização recomendada do curso de acordo com ANEXO I.

Art. 16 - REDEFINIR o quadro de integralização curricular do artigo 5º da Resolução 60/00-CEPE, conforme especificado abaixo.

Habilitação Jornalismo

Disciplinas	Teórica	Prática	Total
Formação Geral	570	60	630
Formação Específica	360	870	1230
Formação Complementar Optativa/eletiva	-	-	840
Atividades Acadêmicas Complementares	-	-	240
Total Geral			2940

Habilitação Relações Públicas

Disciplinas	Teórica	Prática	Total
Formação Geral	570	60	630
Formação Específica	585	510	1095
Formação Complementar Optativa/eletiva	-	-	795
Atividades Acadêmicas Complementares	-	-	240
Estágio	-	-	180
Total Geral			2940

Habilitação Publicidade e Propaganda

Disciplinas	Teórica	Prática	Total
Formação Geral	570	60	630
Formação Específica	480	450	930
Formação Complementar Optativa/eletiva	-	-	720
Atividades Acadêmicas Complementares	-	-	240
Estágio	-	-	180
Total Geral			2700

Art. 17º - Esta Resolução entra em vigor no ano letivo de 2002, aplicando-se a todos os alunos matriculados no Curso de Comunicação a partir de 2000, revogando-se as disposições em contrário.

Sala das sessões, em 04 de fevereiro de 2003.


Presidente

ANEXO I - PERIODIZAÇÃO RECOMENDADA
Habilitação Jornalismo

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.	PRÉ-REQ.
		AT	AP	EST	TOT		
1º semestre							
HH105	História Contemporânea III	04	00	00	04	04	-----
HT016	História Social dos Meios de Comunicação	04	00	00	04	04	-----
HT020	Técnicas Fotográficas	00	02	00	02	01	-----
HT021	Técnicas Básicas de Meios Impressos	00	02	00	02	01	-----
HL201	Língua Portuguesa I	04	00	00	04	04	-----
HT195	Teoria do Jornalismo I	04	00	00	04	04	-----
	Total				20		
2º semestre							
HT011	Teoria da Comunicação I	02	00	00	02	02	-----
HT018	Comunicação Integrada	02	00	00	02	02	-----
HT041	Técnicas Básicas de TV	00	02	00	02	01	-----
HF146	Filosofia para Ciências Humanas	04	00	00	04	04	-----
HT121	Redação Jornalística I	02	02	00	04	03	-----
HC060	Sociologia Geral III	04	00	00	04	04	-----
	Total				18		
3º semestre							
HT012	Teoria da Comunicação II	02	00	00	02	02	-----
HT040	Técnicas Básicas de Rádio	00	02	00	02	01	-----
HT122	Redação Jornalística II	02	02	00	04	03	-----
HT124	Planejamento e Produção Editorial	02	02	00	04	03	-----
HT400	Laboratório de Jornalismo Impresso	00	04	00	04	04	-----
	Total				16		
4º semestre							
HT120	Fotojornalismo	02	04	00	06	04	-----
HT125	Planejamento e Produção Gráfica	02	02	00	04	03	-----
HT140	Redação e Produção em Radiojornalismo	02	02	00	04	03	-----
HT400	Laboratório de Jornalismo Impresso	00	04	00	04	04	-----
HT019	Teoria do Conhecimento	02	00	00	02	02	-----
	Total				20		
5º semestre							
HT013	Comunicação e Linguagem	02	00	00	02	02	-----
HT191	Laboratório de Radiojornalismo I	00	08	00	08	04	-----
HT141	Redação e Produção em Telejornalismo	02	02	00	04	03	-----
HT017	Metodologia de Pesquisa	02	00	00	02	02	-----
	Total				16		
6º semestre							
HT014	Comunicação Sociedade e Cultura	04	00	00	04	04	-----
HT192	Laboratório de Telejornalismo I	00	08	00	08	04	-----
HT123	Redação Jornalística III	02	02	00	04	03	-----
	Total				16		
7º semestre							
HT015	Comunicação e Tecnologia	02	00	00	02	02	-----
HT193	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo III	00	06	00	06	03	-----
HT190	Ética e Legislação do Jornalismo	04	00	00	04	04	-----
	Total				12		
8º semestre							
HT194	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo IV	00	06	00	06	03	-----
	Total				06		

ANEXO I - PERIODIZAÇÃO RECOMENDADA

Habilitação Relações Públicas

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.	PRÉ-REQ.
		AT	AP	EST	TOT		
1º semestre							
HH105	História Contemporânea III	04	00	00	04	04	-----
HT016	História Social dos Meios de Comunicação	04	00	00	04	04	-----
HT020	Técnicas Fotográficas	00	02	00	02	01	-----
HT021	Técnicas Básicas de Meios Impressos	00	02	00	02	01	-----
HL201	Língua Portuguesa I	04	00	00	04	04	-----
HT310	Introdução à Relações Públicas	02	00	00	02	02	-----
	Total				18		
2º semestre							
HT011	Teoria da Comunicação I	02	00	00	02	02	-----
HT018	Comunicação Integrada	02	00	00	02	02	-----
HT041	Técnicas Básicas de TV	00	02	00	02	01	-----
HF146	Filosofia para Ciências Humanas	04	00	00	04	04	-----
HC060	Sociologia Geral III	04	00	00	04	04	-----
HT311	Teoria de Relações Públicas	04	00	00	04	04	-----
HT320	Foto Institucional I	01	02	00	03	02	-----
	Total				21		
3º semestre							
HT313	Planejamento de Comunicação Estratégica	04	00	00	04	04	-----
HT324	Planejamento Gráfico e Editorial em Relações Públicas	01	02	00	03	02	-----
HT040	Técnicas Básicas de Rádio	00	02	00	02	01	-----
HT012	Teoria da Comunicação II	02	00	00	02	02	-----
HT305	Teoria e Técnicas de Relações Públicas I	02	02	00	04	03	-----
	Total				15		
4º semestre							
HT315	Administração Aplicada às Relações Públicas	02	02	00	04	03	-----
HT317	Técnicas de Comunicação Aproximativa	03	00	00	03	03	-----
HT321	Redação Institucional I	02	02	00	04	03	-----
HT316	Teoria de Opinião Pública	04	00	00	04	04	-----
HT019	Teoria do Conhecimento	02	00	00	02	02	-----
	Total				17		
5º semestre							
HT013	Comunicação e Linguagem	02	00	00	02	02	-----
HT314	Comunicação Pública	04	00	00	04	04	-----
HT322	Redação Institucional II	02	02	00	04	03	-----
HT326	Mídias Eletrônicas em Relações Públicas	02	02	00	04	03	-----
HT017	Metodologia de Pesquisa	02	00	00	02	02	-----
	Total				16		
6º semestre							
HT014	Comunicação Sociedade e Cultura	04	00	00	04	04	-----
HT323	Redação Institucional III	02	02	00	04	03	-----
HT325	Pesquisa de Opinião Pública	00	02	00	02	02	-----
	Total				16		
7º semestre							
HT015	Comunicação e Tecnologia	02	00	00	02	02	-----
HT300	Estágio Supervisionado em Relações Públicas	00	00	12	12	04	-----
HT303	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas III	00	06	00	06	03	-----
HT390	Ética e Legislação de Relações Públicas	04	00	00	04	04	-----
	Total				24		
8º semestre							
HT304	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas IV	00	06	00	06	03	-----
	Total				06		

ANEXO I - PERIODIZAÇÃO RECOMENDADA
Habilitação Publicidade e Propaganda

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.	PRÉ-REQ.
		AT	AP	EST	TOT		
1º semestre							
HH105	História Contemporânea III	04	00	00	04	04	-----
HT016	História Social dos Meios de Comunicação	04	00	00	04	04	-----
HT270	Introdução à Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	02	-----
HL201	Língua Portuguesa I	04	00	00	04	04	-----
HT271	Psicologia do Consumidor	02	00	00	02	02	-----
HT020	Técnicas Fotográficas	00	02	00	02	01	-----
	Total				<u>18</u>		
2º semestre							
HC060	Sociologia Geral III	04	00	00	04	04	-----
HF146	Filosofia para Ciências Humanas	04	00	00	04	04	-----
HT011	Teoria da Comunicação I	02	00	00	02	02	-----
HT018	Comunicação Integrada	02	00	00	02	02	-----
HT041	Técnicas Básicas de TV	00	02	00	02	01	-----
HT272	Introdução ao Marketing	02	00	00	02	02	-----
	Total				<u>16</u>		
3º semestre							
HT012	Teoria da Comunicação II	02	00	00	02	02	-----
HT261	Criação Publicitária I	02	02	00	04	03	HT271
HT281	Redação Publicitária I	02	02	00	04	03	-----
HT283	Programação Visual I	04	00	00	04	04	-----
	Total				<u>14</u>		
4º semestre							
HT273	Elaboração de Planos de Marketing	02	00	00	02	02	HT272
HT262	Criação Publicitária II	02	02	00	04	03	HT261
HT282	Redação Publicitária II	02	02	00	04	03	HT281
HT284	Programação Visual II	02	02	00	04	03	HT283
HT285	Produção Publicitária em TV e Cinema I	02	02	00	04	03	-----
HT019	Teoria do Conhecimento	02	00	00	02	02	-----
	Total				<u>20</u>		
5º semestre							
HT013	Comunicação e Linguagem	02	00	00	02	02	-----
HT263	Técnicas de Veiculação	02	02	00	04	03	-----
HT274	Planejamento em Comunicação	02	00	00	02	02	HT273
HT286	Produção Publicitária em Áudio I	00	02	00	02	01	-----
HT267	Fotografia Publicitária II	02	02	00	04	03	-----
HT017	Metodologia de Pesquisa	02	00	00	02	02	-----
	Total				<u>16</u>		
6º semestre							
HT014	Comunicação Sociedade e Cultura	04	00	00	04	04	-----
HT200	Estágio Supervisionado em Publicidade e Propaganda	00	00	12	12	04	-----
	Total				<u>22</u>		
7º semestre							
HT015	Comunicação e Tecnologia	02	00	00	02	02	-----
HT296	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda III	00	06	00	06	03	HT270+HT271+ HT272+HT261+ HT283+HT281+ HT262+HT282+ HT284+HT285+ HT273+HT274+ HT286+HT263+ HT260
HT290	Ética e Legislação da Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	02	-----
	Total				<u>10</u>		
8º semestre							
HT297	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda IV	00	06	00	06	03	HT291/HT296
	Total				<u>06</u>		

ELENCO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS
Comum à todas as Habilitações

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.
		AT	AP	EST	TOT	
HT022	Laboratório Fotográfico I	01	02	00	03	02
HT023	Laboratório Fotográfico II	01	02	00	03	02
HT024	Laboratório Fotográfico III	01	02	00	03	02
HT031	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação I	04	00	00	04	04
HT032	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação II	04	00	00	04	04
HT033	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação III	04	00	00	04	04
HT034	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IV	04	00	00	04	04
HT035	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação V	02	00	00	02	02
HT036	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VI	02	00	00	02	02
HT037	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VII	02	00	00	02	02
HT038	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VIII	02	00	00	02	02
HT039	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IX	02	00	00	02	02
HT044	Técnicas Avançadas em Novas Mídias	02	02	00	04	03
HT045	Técnicas Avançadas de Rádio	02	02	00	04	03
HT030	Comunicação e Mercado	04	00	00	04	04
HT047	Técnicas Avançadas de Televisão	02	02	00	04	03
HT048	Comunicação e Política	02	00	00	02	02
HT049	Comunicação e Gênero	02	00	00	02	02
HT050	Tópicos Especiais em Comunicação e Tecnologia	04	00	00	04	04
HT051	Tópicos Especiais em Comunicação, Sociedade e Cultura	02	00	00	02	02
HT052	Comunicação e Cultura	04	00	00	04	04
HT053	Comunicação e Saúde	02	00	00	02	02
HT054	Comunicação e História	02	00	00	02	02
HT055	Tópicos Especiais em Comunicação e Linguagem	04	00	00	04	04
HT056	Comunicação e Educação	04	00	00	04	04
HT091	Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento I	04	00	00	04	04
HT092	Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento II	02	00	00	02	02
HT093	Comunicação Popular e Alternativa	04	00	00	04	04
HT094	Comunicação e Arte	02	00	00	02	02
HT095	Análise do Discurso	02	00	00	02	02
HT096	Teoria da Interpretação	02	00	00	02	02
HT097	História do Cinema	04	00	00	04	04
HT098	Cinema I	04	00	00	04	04
HT099	Cinema II	04	00	00	04	04
HT105	Laboratório Avançado de Radiojornalismo I	00	04	00	04	02
HT106	Laboratório Avançado de Radiojornalismo II	00	04	00	04	02
HT107	Laboratório avançado de Telejornalismo I	00	04	00	04	02
HT108	Laboratório avançado de Telejornalismo II	00	04	00	04	02
HT111	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo I	04	00	00	04	04
HT112	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo II	04	00	00	04	04
HT113	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo III	02	00	00	02	02
HT114	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo IV	02	00	00	02	02
HT126	Documentário Audiovisual I	02	02	00	04	03
HT127	Documentário Audiovisual II	02	02	00	04	03
HT128	Produção de Audiovisual	02	02	00	04	03
HT130	Administração de Empresas Jornalísticas	04	00	00	04	04
HT131	Assessoria de Imprensa I	04	00	00	04	04
HT132	Assessoria de Imprensa II	04	00	00	04	04
HT142	Telejornalismo II	02	02	00	04	03
HT143	Telejornalismo III	02	02	00	04	03
HT149	Telejornalismo I	02	02	00	04	03

HT151	Jornalismo Impresso Avançado I	04	00	00	04	04
HT152	Jornalismo Impresso Avançado II	04	00	00	04	04
HT161	Jornalismo Investigativo I	02	02	00	04	03
HT162	Jornalismo Investigativo II	02	02	00	04	03
HT163	Radiojornalismo Avançado III	02	02	00	04	03
HT164	Redação Jornalística IV	02	02	00	04	03
HT165	Redação Jornalística V	02	02	00	04	03
HT166	Redação Jornalística VI	02	02	00	04	03
HT167	Redação Jornalística VII	02	02	00	04	03
HT168	Redação Jornalística VIII	02	02	00	04	03
HT169	Radiojornalismo Avançado I	02	02	00	04	03
HT171	Jornalismo Especializado I	04	00	00	04	04
HT172	Jornalismo Especializado II	04	00	00	04	04
HT173	Jornalismo Especializado III	04	00	00	04	04
HT174	Jornalismo Especializado IV	04	00	00	04	04
HT175	Jornalismo Especializado V	02	00	00	02	02
HT176	Jornalismo Especializado VI	02	00	00	02	02
HT177	Jornalismo Especializado VII	02	00	00	02	02
HT178	Jornalismo Especializado VIII	02	00	00	02	02
HT180	Fotodocumentarismo I	02	02	00	04	03
HT181	Fotodocumentarismo II	02	02	00	04	03
HT182	Fotojornalismo II	02	02	00	04	03
HT183	Fotojornalismo III	02	02	00	04	03
HT184	Fotojornalismo IV	02	02	00	04	03
HT185	Teledocumentarismo II	02	02	00	04	03
HT186	Radiojornalismo Avançado II	02	02	00	04	03
HT264	Produção Publicitária em Áudio II	00	02	00	02	01
HT265	Produção Publicitária em TV e Cinema II	00	02	00	02	01
HT266	Pesquisa de Marketing	00	02	00	02	01
HT275	História do Desenho Gráfico	02	00	00	02	02
HT276	Publicidade e Sociedade	02	00	00	02	02
HT277	Criatividade em Planejamento	02	00	00	02	02
HT278	Promoção de Vendas e Merchandising	02	00	00	02	02
HT279	Administração em Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	02
HT287	Introdução ao Desenho de Produtos Multimídia	00	02	00	02	01
HT288	Programação de Veiculação	00	02	00	02	01
HT289	Planejamento de Marketing e Comunicação	02	00	00	02	02
HT293	Tópicos Especiais em Marketing I	02	00	00	02	02
HT294	Tópicos Especiais em Marketing II	02	00	00	02	02
HT295	Tópicos Especiais em Marketing III	02	00	00	02	02
HT318	Tópicos Especiais de Comunicação Pública	02	00	00	02	02
HT319	Tópicos Especiais em Estudos Organizacionais	04	00	00	04	04
HT330	Comunicação Empresarial	04	00	00	04	04
HT331	Comunicação e Marketing	04	00	00	04	04
HT332	Tópicos Especiais de Pragmática da Comunicação	04	00	00	04	04
HT333	Comportamento humano nas Organizações	04	00	00	04	04
HT341	Técnicas de Relações Públicas I	00	02	00	02	01
HT342	Técnicas de Relações Públicas II	00	02	00	02	01
HT343	Técnicas de Relações Públicas III	00	02	00	02	01
HT344	Técnicas de Relações Públicas IV	00	02	00	02	01
HT345	Técnicas de Relações Públicas V	02	02	00	04	03
HT346	Técnicas de Relações Públicas VI	02	02	00	04	03
HT347	Técnicas de Relações Públicas VII	02	02	00	04	03
HT348	Técnicas de Relações Públicas VIII	02	02	00	04	03
HT351	Tópicos Especiais em Relações Públicas I	04	00	00	04	04
HT352	Tópicos Especiais em Relações Públicas II	04	00	00	04	04

HT353	Tópicos Especiais em Relações Públicas III	04	00	00	04	04
HT354	Tópicos Especiais em Relações Públicas IV	04	00	00	04	04
HT355	Tópicos Especiais em Relações Públicas V	04	00	00	04	04
HT356	Tópicos Especiais em Relações Públicas VI	04	00	00	04	04
HT357	Tópicos Especiais em Relações Públicas VII	04	00	00	04	04
HT358	Tópicos Especiais em Relações Públicas VIII	04	00	00	04	04
HT401	Laboratório Avançado de Jornalismo Impresso	00	04	00	04	04
HT402	Laboratório Avançado de Fotojornalismo	00	04	00	04	04
HT477	Técnica de Mercadologia em Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	04
HH044	História do Brasil VI	04	00	00	04	04
HL435	Língua Portuguesa G	02	02	00	04	06
HC464	Sociologia da Comunicação	02	00	00	02	04
HT465	Comunicação Comparada	04	00	00	04	08
HT208	Comunicação Especializada	02	02	00	04	03
HT491	Preparação e Revisão de Textos	00	04	00	04	04
HT214	Redação Publicitária III	00	04	00	04	02
CE401	Estatística III	02	00	00	02	04
HS407	Cultura Popular e de Massa no Brasil	03	00	00	03	06
HA473	História da Arte I	02	00	00	02	04
HA508	Cinema I	01	02	00	03	04
HL429	Semiótica e Comunicação A	02	00	00	02	04
HP062	Psicologia Social III	02	02	00	04	03
HT467	Sistemas de Comunicação	04	00	00	04	08
HE049	Língua Inglesa Instrumental I	00	04	00	04	02
HE050	Língua Inglesa Instrumental II	00	04	00	04	02
HE063	Língua Italiana Instrumental I	00	04	00	04	02
HE064	Língua Italiana Instrumental II	00	04	00	04	02
HE020	Língua Espanhola Instrumental I	00	04	00	04	02
HE021	Língua Espanhola Instrumental II	00	04	00	04	02
HE007	Língua Alemã Instrumental I	00	04	00	04	02
HE008	Língua Alemã Instrumental II	00	04	00	04	02
HE036	Língua Francesa Instrumental I	00	04	00	04	02
HE037	Língua Francesa Instrumental II	00	04	00	04	02
BE047	Educação Física	00	02	00	02	01

RESOLUÇÃO Nº 60/00-CEPE

Fixa o Currículo Pleno do Curso de Comunicação Social, Habilitações em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, órgão normativo, consultivo e deliberativo da Administração Superior, no uso de suas atribuições conferidas pelo Artigo 21 do Estatuto da

RESOLVE:

Art. 1º - O Currículo Pleno do Curso de Comunicação Social, Habilitações em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, é constituído das seguintes disciplinas, práticas profissionais e atividades complementares:

A. FORMAÇÃO GERAL Comum às habilitações

Teoria da Comunicação I
Teoria da Comunicação II
Comunicação e Linguagem
Comunicação, Sociedade e Cultura
Comunicação e Tecnologia
História Social dos Meios de Comunicação
Metodologia de Pesquisa
Comunicação Integrada
Teoria do Conhecimento
Técnicas Fotográficas
Filosofia para Ciências Humanas
História Contemporânea III
Língua Portuguesa I
Sociologia Geral III
Técnicas Básicas de TV

B. FORMAÇÃO ESPECÍFICA Habilitação Jornalismo

Técnicas Básicas de Meios Impressos
Técnicas Básicas de Rádio
Ética e Legislação do Jornalismo
Teoria do Jornalismo
Planejamento e Produção Editorial
Planejamento e Produção Gráfica
Redação e Produção em Radiojornalismo
Redação e Produção em Telejornalismo
Redação Jornalística I
Redação Jornalística II
Redação Jornalística III
Fotojornalismo
Laboratório de Jornalismo Impresso
Laboratório de Radiojornalismo
Laboratório de Telejornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I
Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo II

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n° 60/00

fls. 02

C. FORMAÇÃO ESPECÍFICA
Habilitação Relações Públicas

Técnicas Básicas de Meios Impressos
 Técnicas Básicas de Rádio
 Administração Aplicada à Relações Públicas
 Comunicação Pública
 Ética e Legislação de Relações Públicas
 Introdução à Relações Públicas
 Planejamento de Comunicação Estratégica
 Teoria de Opinião Pública
 Teoria de Relações Públicas I
 Técnicas de Comunicação Aproximativa
 Foto Institucional I
 Mídias Eletrônicas em Relações Públicas
 Planejamento Gráfico e Editorial em Relações Públicas
 Redação Institucional I
 Redação Institucional II
 Redação Institucional III
 Teoria e Técnica de Relações Públicas
 Pesquisa de Opinião Pública
 Estágio Supervisionado em Relações Públicas
 Trabalho de Conclusão do Curso em Relações Públicas I
 Trabalho de Conclusão do Curso em Relações Públicas II

D. FORMAÇÃO ESPECÍFICA
Habilitação Publicidade e Propaganda

Elaboração de Planos de Marketing
 Ética e Legislação da Publicidade e Propaganda
 Introdução a Publicidade e Propaganda
 Introdução ao Marketing
 Planejamento em Comunicação
 Programação Visual I
 Psicologia do Consumidor
 Criação Publicitária I
 Criação Publicitária II
 Fotografia Publicitária
 Produção Publicitária em Áudio I
 Produção Publicitária em TV e Cinema I
 Programação Visual II
 Redação Publicitária I
 Redação Publicitária II
 Técnicas de Veiculação
 Estágio Supervisionado em Publicidade e Propaganda
 Trabalho de Conclusão do Curso em Publicidade e Propaganda I
 Trabalho de Conclusão do Curso em Publicidade e Propaganda II

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n.º 60/00

fls. 03

E. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR OPTATIVA

Comum à todas as Habilitações

Habilitação em Jornalismo 1020 horas dentre

Habilitação em Relações Públicas 855 horas dentre

Habilitação em Publicidade e Propaganda 780 dentre

Laboratório Fotográfico I
 Laboratório Fotográfico II
 Laboratório Fotográfico III
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação I
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação II
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação III
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IV
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação V
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VI
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VII
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VIII
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IX
 Técnicas Avançadas em Novas Mídias
 Técnicas Avançadas em Rádio
 Comunicação e Mercado
 Técnicas Avançadas de Televisão
 Comunicação e Política
 Comunicação e Género
 Tópicos Especiais em Comunicação e Tecnologia
 Tópicos Especiais em Comunicação, Sociedade e Cultura
 Comunicação e Cultura
 Comunicação e Saúde
 Comunicação e História
 Tópicos Especiais em Comunicação e Linguagem
 Comunicação e Educação
 Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento I
 Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento II
 Comunicação Popular e Alternativa
 Comunicação e Arte
 Análise do Discurso
 Teoria da Interpretação
 História do Cinema
 Cinema I
 Cinema II
 Laboratório Avançado de Radiojornalismo I
 Laboratório Avançado de Radiojornalismo II
 Laboratório Avançado de Telejornalismo I
 Laboratório Avançado de Telejornalismo II
 Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo I
 Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo II
 Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo III
 Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo IV
 Documentário Audiovisual I
 Documentário Audiovisual II
 Produção de Audiovisual
 Administração de Empresas Jornalísticas
 Assessoria de Imprensa I
 Assessoria de Imprensa II
 Telejornalismo II
 Telejornalismo III
 Telejornalismo I
 Jornalismo Impresso Avançado I

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Continuação da Resolução n.º 60/00

Jornalismo Impresso Avançado II
 Jornalismo Investigativo I
 Jornalismo Investigativo II
 Radiojornalismo Avançado III
 Redação Jornalística IV
 Redação Jornalística V
 Redação Jornalística VI
 Redação Jornalística VII
 Redação Jornalística VIII
 Radiojornalismo Avançado I
 Jornalismo Especializado I
 Jornalismo Especializado II
 Jornalismo Especializado III
 Jornalismo Especializado IV
 Jornalismo Especializado V
 Jornalismo Especializado VI
 Jornalismo Especializado VII
 Jornalismo Especializado VIII
 Fotodocumentarismo I
 Fotodocumentarismo II
 Fotojornalismo II
 Fotojornalismo III
 Fotojornalismo IV
 Teledocumentarismo II
 Radiojornalismo Avançado II
 Produção Publicitária em Áudio II
 Produção Publicitária em TV e Cinema II
 Pesquisa de Marketing
 História de Desenho Gráfico
 Publicidade e Sociedade
 Criatividade em Planeamento
 Promoção de Vendas e Merchandising
 Administração em Publicidade e Propaganda
 Introdução ao Desenho de Produtos Multimédia
 Programação de Veiculação
 Planeamento de Marketing e Comunicação
 Tópicos Especiais em Marketing I
 Tópicos Especiais em Marketing II
 Tópicos Especiais em Marketing III
 Tópicos Especiais de Comunicação Pública
 Tópicos Especiais em Estudos Organizacionais
 Comunicação Empresarial
 Comunicação em Marketing
 Tópicos Especiais de Pragmática da Comunicação
 Comportamento Humano nas Organizações
 Técnicas de Relações Públicas I
 Técnicas de Relações Públicas II
 Técnicas de Relações Públicas III
 Técnicas de Relações Públicas IV
 Técnicas de Relações Públicas V
 Técnicas de Relações Públicas VI
 Técnicas de Relações Públicas VII
 Técnicas de Relações Públicas VIII
 Tópicos Especiais de Relações Públicas I

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO - [REDACTED]
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n.º 60/00

fls. 05

Tópicos Especiais de Relações Públicas II
 Tópicos Especiais de Relações Públicas III
 Tópicos Especiais de Relações Públicas IV
 Tópicos Especiais de Relações Públicas V
 Tópicos Especiais de Relações Públicas VI
 Tópicos Especiais de Relações Públicas VII
 Tópicos Especiais de Relações Públicas VIII
 Técnica de Mercadologia em Publicidade e Propaganda
 Laboratório Avançado de Jornalismo Impresso
 Laboratório Avançado de Fotojornalismo
 História do Brasil VI
 Língua Portuguesa G
 Sociologia da Comunicação
 Comunicação Comparada
 Preparação e Revisão de Textos
 Comunicação Especializada
 Redação Publicitária III
 Estatística III
 Cultura Popular e de Massa no Brasil
 História da Arte I
 Cinema I
 Semiótica e Comunicação A
 Psicologia Social III
 Sistema de Comunicação
 Língua Inglesa Instrumental I
 Língua Inglesa Instrumental II
 Língua Italiana Instrumental I
 Língua Italiana Instrumental II
 Língua Espanhola Instrumental I
 Língua Espanhola Instrumental II
 Língua Alemã Instrumental I
 Língua Alemã Instrumental II
 Língua Francesa Instrumental I
 Língua Francesa Instrumental II
 Educação Física

Art. 2º - Além das disciplinas optativas listadas na presente Resolução, também serão consideradas optativas as disciplinas cursadas dentre os seguintes Departamentos:

- Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação
- Departamento de Direito Público
- Departamento de Administração Geral e Aplicada
- Departamento de Contabilidade
- Departamento de Economia
- Departamento de Artes
- Departamento de Antropologia
- Departamento de Ciências e Gestão da Informação
- Departamento de Ciências Sociais
- Departamento de Filosofia
- Departamento de História
- Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
- Departamento de Linguística Letras Clássicas e Vernáculas
- Departamento de Psicologia
- Departamento de Informática

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n.º 60/00

fls. 05

Tópicos Especiais de Relações Públicas II
 Tópicos Especiais de Relações Públicas III
 Tópicos Especiais de Relações Públicas IV
 Tópicos Especiais de Relações Públicas V
 Tópicos Especiais de Relações Públicas VI
 Tópicos Especiais de Relações Públicas VII
 Tópicos Especiais de Relações Públicas VIII
 Técnica de Mercadologia em Publicidade e Propaganda
 Laboratório Avançado de Jornalismo Impresso
 Laboratório Avançado de Fotojornalismo
 História do Brasil VI
 Língua Portuguesa G
 Sociologia da Comunicação
 Comunicação Comparada
 Preparação e Revisão de Textos
 Comunicação Especializada
 Redação Publicitária III
 Estatística III
 Cultura Popular e de Massa no Brasil
 História da Arte I
 Cinema I
 Semiótica e Comunicação A
 Psicologia Social III
 Sistema de Comunicação
 Língua Inglesa Instrumental I
 Língua Inglesa Instrumental II
 Língua Italiana Instrumental I
 Língua Italiana Instrumental II
 Língua Espanhola Instrumental I
 Língua Espanhola Instrumental II
 Língua Alemã Instrumental I
 Língua Alemã Instrumental II
 Língua Francesa Instrumental I
 Língua Francesa Instrumental II
 Educação Física

Art. 2º - Além das disciplinas optativas listadas na presente Resolução, também serão consideradas optativas as disciplinas cursadas dentre os seguintes Departamentos:

- Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação
- Departamento de Direito Público
- Departamento de Administração Geral e Aplicada
- Departamento de Contabilidade
- Departamento de Economia
- Departamento de Artes
- Departamento de Antropologia
- Departamento de Ciências e Gestão da Informação
- Departamento de Ciências Sociais
- Departamento de Filosofia
- Departamento de História
- Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
- Departamento de Linguística Letras Clássicas e Vernáculas
- Departamento de Psicologia
- Departamento de Informática

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n° 60/00

fls. 06

- Art. 3º - Para integralizar a carga horária de optativas destinada para cada Habilitação, poderá o aluno cursar disciplinas eletivas até o máximo de 240 horas.
- Art. 4º - O aluno deverá cursar, ainda, 240 horas de atividades acadêmicas complementares, conforme normatização e orientação da Coordenação do Curso.
- Art. 5º - O Currículo Pleno do Curso de Comunicação Social, Habilitações em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, não poderá ocorrer em mais de 06 (seis) anos, sendo sua duração média de 04 (quatro) anos, obedecendo as seguintes cargas horárias:

Habilitação Jornalismo

Disciplinas	Teórica	Prática	Total
Formação Geral	570	60	630
Formação Específica	360	690	1050
Formação Complementar Optativa/eletiva	-	-	1020
Atividades Acadêmicas Complementares	-	-	240
Total Geral			2940

Habilitação Relações Públicas

Disciplinas	Teórica	Prática	Total
Formação Geral	570	60	630
Formação Específica	585	450	1035
Formação Complementar Optativa/eletiva	-	-	855
Atividades Acadêmicas Complementares	-	-	240
Estágio	-	-	180
Total Geral			2940

Habilitação Publicidade e Propaganda

Disciplinas	Teórica	Prática	Total
Formação Geral	570	60	630
Formação Específica	480	390	870
Formação Complementar Optativa/eletiva	-	-	780
Atividades Acadêmicas Complementares	-	-	240
Estágio	-	-	180
Total Geral			2700

- Art. 6º - Fica instituída a figura de professor orientador acadêmico.

§1º - Todos os professores efetivos serão orientadores acadêmicos.

§ 2º - O orientador acadêmico terá como tarefa ajudar os alunos a direcionar sua formação, concentrando esforços em áreas específicas e compondo seu currículo.

§ 3º - Os orientadores serão designados pelo Colegiado do Curso.

- Art. 7º - Os alunos do Currículo Pleno anterior terão o direito de optarem pela presente Resolução desde que não ultrapassem o limite máximo de tempo para a conclusão do curso, ou seja 06 (seis) anos.

PARÁGRAFO ÚNICO: A opção pela presente Resolução dos prováveis formandos no ano de 2000, deverá ser autorizada pela Coordenação do Curso

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO - [REDACTED]
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Continuação da Resolução n.º 60/00

fls. 07

- Art. 8º - Acompanha a presente resolução a Periodização recomendada para todas as Habilitações do Curso (ANEXO I) e o Plano de Adaptação Curricular (ANEXO II).
- Art. 9º - Fica estabelecido, em caráter transitório que os alunos da Habilitação Jornalismo que optarem pelo novo currículo, deverão cumprir 120 horas de atividades extracurriculares
- Art. 10 - Esta resolução entrará em vigor no ano letivo de 2000, revogando-se as disposições em contrário

Sala das Sessões, em 07 de julho de 2000

[REDACTED]
Presidente

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Continuação da Resolução n.º 60/00.

fis. 08

ANEXO I - PERIODIZAÇÃO RECOMENDADA
Habilitação Jornalismo

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.	PRÉ-REQ
		AT	AP	EST	TOT		
1º semestre							
HH105	História Contemporânea III	04	00	00	04	04	---
HT016	História Social dos Meios de Comunicação	04	00	00	04	04	---
HT020	Técnicas Fotográficas	00	02	00	02	01	---
HT021	Técnicas Básicas de Meios Impressos	00	02	00	02	01	---
HL201	Língua Portuguesa I	04	00	00	04	04	---
HT110	Teoria do Jornalismo	04	00	00	04	04	---
	Total				20		
2º semestre							
HT011	Teoria da Comunicação I	02	00	00	02	02	---
HT018	Comunicação Integrada	02	00	00	02	02	---
HT041	Técnicas Básicas de TV	00	02	00	02	01	---
HF146	Filosofia para Ciências Humanas	04	00	00	04	04	---
HT121	Redação Jornalística I	02	02	00	04	03	---
HC060	Sociologia Geral III	04	00	00	04	04	---
	Total				18		
3º semestre							
HT012	Teoria da Comunicação II	02	00	00	02	02	---
HT040	Técnicas Básicas de Rádio	00	02	00	02	01	---
HT122	Redação Jornalística II	02	02	00	04	03	---
HT124	Planejamento e Produção Editorial	02	02	00	04	03	---
HT400	Laboratório de Jornalismo Impresso	00	04	00	04	04	---
	Total				16		
4º semestre							
HT120	Fotojornalismo	02	04	00	06	04	---
HT125	Planejamento e Produção Gráfica	02	02	00	04	03	---
HT140	Redação e Produção em Radiojornalismo	02	02	00	04	03	---
HT400	Laboratório de Jornalismo Impresso	00	04	00	04	04	---
	Total				18		
5º semestre							
HT013	Comunicação e Linguagem	02	00	00	02	02	---
HT019	Teoria do Conhecimento	02	00	00	02	02	---
HT103	Laboratório de Radiojornalismo	00	04	00	04	02	---
HT141	Redação e Produção em Telejornalismo	02	02	00	04	03	---
	Total				12		
6º semestre							
HT014	Comunicação Sociedade e Cultura	04	00	00	04	04	---
HT104	Laboratório de Telejornalismo	00	04	00	04	04	---
HT017	Metodologia de Pesquisa	02	00	00	02	02	---
HT123	Redação Jornalística III	02	02	00	04	03	---
	Total				14		
7º semestre							
HT015	Comunicação e Tecnologia	02	00	00	02	02	---
HT101	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I	00	04	00	04	02	---
	Total				06		
8º semestre							
HT102	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo II	00	04	00	04	04	---
HT190	Ética e Legislação do Jornalismo	04	00	00	04	04	---
	Total				08		

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n.º 60/00

fls. 05

ANEXO I - PERIODIZAÇÃO RECOMENDADA
 Habilitação Relações Públicas

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.	PRÉ-REQ
		AT	AP	EST	TOT		
1º semestre							
HH105	História Contemporânea III	04	00	00	04	04	-----
HT016	História Social dos Meios de Comunicação	04	00	00	04	04	-----
HT020	Técnicas Fotográficas	00	02	00	02	01	-----
HT021	Técnicas Básicas de Meios Impressos	00	02	00	02	01	-----
HL201	Língua Portuguesa I	04	00	00	04	04	-----
HT310	Introdução à Relações Públicas	02	00	00	02	02	-----
	Total				18		
2º semestre							
HT011	Teoria da Comunicação I	02	00	00	02	02	-----
HT018	Comunicação Integrada	02	00	00	02	02	-----
HT041	Técnicas Básicas de TV	00	02	00	02	01	-----
HF146	Filosofia para Ciências Humanas	04	00	00	04	04	-----
HC060	Sociologia Geral III	04	00	00	04	04	-----
HT311	Teoria de Relações Públicas	04	00	00	04	04	-----
HT320	Foto Institucional I	01	02	00	03	02	-----
	Total				21		
3º semestre							
HT313	Planejamento de Comunicação Estratégica	04	00	00	04	04	-----
HT324	Planejamento Gráfico e Editorial em Relações Públicas	01	02	00	03	02	-----
HT040	Técnicas Básicas de Rádio	00	02	00	02	01	-----
HT012	Teoria da Comunicação II	02	00	00	02	02	-----
HT327	Teoria e Técnicas de Relações Públicas	02	02	00	04	03	-----
	Total				15		
4º semestre							
HT315	Administração Aplicada às Relações Públicas	02	02	00	04	03	-----
HT317	Técnicas de Comunicação Aproximativa	03	00	00	03	03	-----
HT321	Redação Institucional I	02	02	00	04	03	-----
	Total				11		
5º semestre							
HT013	Comunicação e Linguagem	02	00	00	02	02	-----
HT019	Teoria do Conhecimento	02	00	00	02	02	-----
HT314	Comunicação Pública	04	00	00	04	04	-----
HT316	Teoria de Opinião Pública	04	00	00	04	04	-----
HT322	Redação Institucional II	02	02	00	04	03	-----
	Total				16		
6º semestre							
HT014	Comunicação Sociedade e Cultura	04	00	00	04	04	-----
HT017	Metodologia de Pesquisa	02	00	00	02	02	-----
HT323	Redação Institucional III	02	02	00	04	03	-----
HT325	Pesquisa de Opinião Pública	00	02	00	02	02	-----
HT326	Mídias Eletrônicas em Relações Públicas	02	02	00	04	03	-----
	Total				16		
7º semestre							
HT015	Comunicação e Tecnologia	02	00	00	02	02	-----
HT300	Estágio Supervisionado em Relações Públicas	00	00	12	12	04	-----
HT301	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas I	00	04	00	04	04	-----
	Total				18		
8º semestre							
HT302	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas II	00	04	00	04	02	-----
HT390	Ética e Legislação de Relações Públicas	04	00	00	04	04	-----
	Total				08		

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Continuação da Resolução n° 60/00

Fis. 10

ANEXO I - PERIODIZAÇÃO RECOMENDADA
Habilitação Publicidade e Propaganda

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.	PRÉ-REQ.
		AT	AP	EST	TOT		
1º semestre							
HH105	História Contemporânea III	04	00	00	04	04	----
HT016	História Social dos Meios de Comunicação	04	00	00	04	04	----
HT270	Introdução à Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	02	----
HL201	Língua Portuguesa I	04	00	00	04	04	----
HT271	Psicologia do Consumidor	02	00	00	02	02	----
HT020	Técnicas Fotográficas	00	02	00	02	01	----
	Total				18		
2º semestre							
HC060	Sociologia Geral III	04	00	00	04	04	----
HF146	Filosofia para Ciências Humanas	04	00	00	04	04	----
HT011	Teoria da Comunicação I	02	00	00	02	02	----
HT018	Comunicação Integrada	02	00	00	02	02	----
HT041	Técnicas Básicas de TV	00	02	00	02	01	----
HT272	Introdução ao Marketing	02	00	00	02	02	----
	Total				16		
3º semestre							
HT012	Teoria da Comunicação II	02	00	00	02	02	----
HT261	Criação Publicitária I	02	02	00	04	03	HT271
HT281	Redação Publicitária I	02	02	00	04	03	----
HT283	Programação Visual I	04	00	00	04	04	----
	Total				14		
4º semestre							
HT273	Elaboração de Planos de Marketing	02	00	00	02	02	HT272
HT262	Criação Publicitária II	02	02	00	04	03	HT261
HT282	Redação Publicitária II	02	02	00	04	03	HT281
HT284	Programação Visual II	02	02	00	04	03	HT283
HT285	Produção Publicitária em TV e Cinema I	02	02	00	04	03	----
	Total				18		
5º semestre							
HT013	Comunicação e Linguagem	02	00	00	02	02	----
HT019	Teoria do Conhecimento	02	00	00	02	02	----
HT263	Técnicas de Veiculação	02	02	00	04	03	----
HT274	Planejamento em Comunicação	02	00	00	02	02	HT273
HT286	Produção Publicitária em Áudio I	00	02	00	02	01	----
	Total				12		
6º semestre							
HT014	Comunicação Sociedade e Cultura	04	00	00	04	04	----
HT017	Metodologia de Pesquisa	02	00	00	02	02	----
HT200	Estágio Supervisionado em Publicidade e Propaganda	00	00	12	12	04	----
HT267	Fotografia Publicitária II	02	02	00	04	03	----
	Total				22		
7º semestre							
HT015	Comunicação e Tecnologia	02	00	00	02	02	----
HT291	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda I	00	04	00	04	02	HT270+HT271+ HT272+HT261+ HT283+HT281+ HT262+HT282+ HT284+HT285+ HT273+HT274+ HT286+HT263+ HT260
	Total				06		
8º semestre							
HT290	Ética e Legislação da Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	02	----
HT292	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda II	00	04	00	04	02	HT291
	Total				06		

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução nº 60/00

fls. 1

ELENCO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS
 Comum à todas as Habilitações

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.
		AT	AP	EST	TOT	
HT022	Laboratório Fotográfico I	01	02	00	03	02
HT023	Laboratório Fotográfico II	01	02	00	03	02
HT024	Laboratório Fotográfico III	01	02	00	03	02
HT031	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação I	04	00	00	04	04
HT032	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação II	04	00	00	04	04
HT033	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação III	04	00	00	04	04
HT034	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IV	04	00	00	04	04
HT035	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação V	02	00	00	02	02
HT036	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VI	02	00	00	02	02
HT037	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VII	02	00	00	02	02
HT038	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VIII	02	00	00	02	02
HT039	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IX	02	00	00	02	02
HT044	Técnicas Avançadas em Novas Mídias	02	02	00	04	03
HT045	Técnicas Avançadas de Rádio	02	02	00	04	03
HT030	Comunicação e Mercado	04	00	00	04	04
HT047	Técnicas Avançadas de Televisão	02	02	00	04	03
HT048	Comunicação e Política	02	00	00	02	02
HT049	Comunicação e Gênero	02	00	00	02	02
HT050	Tópicos Especiais em Comunicação e Tecnologia	04	00	00	04	04
HT051	Tópicos Especiais em Comunicação, Sociedade e Cultura	02	00	00	02	02
HT052	Comunicação e Cultura	04	00	00	04	04
HT053	Comunicação e Saúde	02	00	00	02	02
HT054	Comunicação e História	02	00	00	02	02
HT055	Tópicos Especiais em Comunicação e Linguagem	04	00	00	04	04
HT056	Comunicação e Educação	04	00	00	04	04
HT091	Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento I	04	00	00	04	04
HT092	Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento II	02	00	00	02	02
HT093	Comunicação Popular e Alternativa	04	00	00	04	04
HT094	Comunicação e Arte	02	00	00	02	02
HT095	Análise do Discurso	02	00	00	02	02
HT096	Teoria da Interpretação	02	00	00	02	02
HT097	História do Cinema	04	00	00	04	04
HT098	Cinema I	04	00	00	04	04
HT099	Cinema II	04	00	00	04	04
HT105	Laboratório Avançado de Radiojornalismo I	00	04	00	04	02
HT106	Laboratório Avançado de Radiojornalismo II	00	04	00	04	02
HT107	Laboratório avançado de Telejornalismo I	00	04	00	04	02
HT108	Laboratório avançado de Telejornalismo II	00	04	00	04	02
HT111	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo I	04	00	00	04	04
HT112	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo II	04	00	00	04	04
HT113	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo III	02	00	00	02	02
HT114	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo IV	02	00	00	02	02
HT126	Documentário Audiovisual I	02	02	00	04	03
HT127	Documentário Audiovisual II	02	02	00	04	03
HT128	Produção de Audiovisual	02	02	00	04	03
HT130	Administração de Empresas Jornalísticas	04	00	00	04	04
HT131	Assessoria de Imprensa I	04	00	00	04	04
HT132	Assessoria de Imprensa II	04	00	00	04	04
HT142	Telejornalismo II	02	02	00	04	03
HT143	Telejornalismo III	02	02	00	04	03
HT149	Telejornalismo I	02	02	00	04	03

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n.º 60/00

fls. 12

HT151	Jornalismo Impresso Avançado I	04	00	00	04	04
HT152	Jornalismo Impresso Avançado II	04	00	00	04	04
HT161	Jornalismo Investigativo I	02	02	00	04	03
HT162	Jornalismo Investigativo II	02	02	00	04	03
HT163	Radiojornalismo Avançado III	02	02	00	04	03
HT164	Redação Jornalística IV	02	02	00	04	03
HT165	Redação Jornalística V	02	02	00	04	03
HT166	Redação Jornalística VI	02	02	00	04	03
HT167	Redação Jornalística VII	02	02	00	04	03
HT168	Redação Jornalística VIII	02	02	00	04	03
HT169	Radiojornalismo Avançado I	02	02	00	04	03
HT171	Jornalismo Especializado I	04	00	00	04	04
HT172	Jornalismo Especializado II	04	00	00	04	04
HT173	Jornalismo Especializado III	04	00	00	04	04
HT174	Jornalismo Especializado IV	04	00	00	04	04
HT175	Jornalismo Especializado V	02	00	00	02	02
HT176	Jornalismo Especializado VI	02	00	00	02	02
HT177	Jornalismo Especializado VII	02	00	00	02	02
HT178	Jornalismo Especializado VIII	02	00	00	02	02
HT180	Fotodocumentarismo I	02	02	00	04	03
HT181	Fotodocumentarismo II	02	02	00	04	03
HT182	Fotojornalismo II	02	02	00	04	03
HT183	Fotojornalismo III	02	02	00	04	03
HT184	Fotojornalismo IV	02	02	00	04	03
HT185	Teledocumentarismo II	02	02	00	04	03
HT186	Radiojornalismo Avançado II	02	02	00	04	03
HT264	Produção Publicitária em Áudio II	00	02	00	02	01
HT265	Produção Publicitária em TV e Cinema II	00	02	00	02	01
HT266	Pesquisa de Marketing	00	02	00	02	01
HT275	História do Desenho Gráfico	02	00	00	02	02
HT276	Publicidade e Sociedade	02	00	00	02	02
HT277	Criatividade em Planejamento	02	00	00	02	02
HT278	Promoção de Vendas e Merchandising	02	00	00	02	02
HT279	Administração em Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	02
HT287	Introdução ao Desenho de Produtos Multimídia	00	02	00	02	01
HT288	Programação de Veiculação	00	02	00	02	01
HT289	Planejamento de Marketing e Comunicação	02	00	00	02	02
HT293	Tópicos Especiais em Marketing I	02	00	00	02	02
HT294	Tópicos Especiais em Marketing II	02	00	00	02	02
HT295	Tópicos Especiais em Marketing III	02	00	00	02	02
HT310	Tópicos Especiais de Comunicação Pública	02	00	00	02	02
HT319	Tópicos Especiais em Estudos Organizacionais	04	00	00	04	04
HT330	Comunicação Empresarial	04	00	00	04	04
HT331	Comunicação e Marketing	04	00	00	04	04
HT332	Tópicos Especiais de Pragmática da Comunicação	04	00	00	04	04
HT333	Comportamento humano nas Organizações	04	00	00	04	04
HT341	Técnicas de Relações Públicas I	00	02	00	02	01
HT342	Técnicas de Relações Públicas II	00	02	00	02	01
HT343	Técnicas de Relações Públicas III	00	02	00	02	01
HT344	Técnicas de Relações Públicas IV	00	02	00	02	01
HT345	Técnicas de Relações Públicas V	02	02	00	04	03
HT346	Técnicas de Relações Públicas VI	02	02	00	04	03
HT347	Técnicas de Relações Públicas VII	02	02	00	04	03
HT348	Técnicas de Relações Públicas VIII	02	02	00	04	03
HT351	Tópicos Especiais em Relações Públicas I	04	00	00	04	04
HT352	Tópicos Especiais em Relações Públicas II	04	00	00	04	04

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n.º 60/00

fls. 13

HT353	Tópicos Especiais em Relações Públicas III	04	00	00	04	04
HT354	Tópicos Especiais em Relações Públicas IV	04	00	00	04	04
HT355	Tópicos Especiais em Relações Públicas V	04	00	00	04	04
HT356	Tópicos Especiais em Relações Públicas VI	04	00	00	04	04
HT357	Tópicos Especiais em Relações Públicas VII	04	00	00	04	04
HT358	Tópicos Especiais em Relações Públicas VIII	04	00	00	04	04
HT401	Laboratório Avançado de Jornalismo Impresso	00	04	00	04	04
HT402	Laboratório Avançado de Fotojornalismo	00	04	00	04	04
HT477	Técnica de Mercadologia em Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	04
HH044	História do Brasil VI	04	00	00	04	04
HL435	Língua Portuguesa G	02	02	00	04	06
HC464	Sociologia da Comunicação	02	00	00	02	04
HT465	Comunicação Comparada	04	00	00	04	08
HT208	Comunicação Especializada	02	02	00	04	03
HT491	Preparação e Revisão de Textos	00	04	00	04	04
HT214	Redação Publicitária III	00	04	00	04	02
CE401	Estatística III	02	00	00	02	04
HS407	Cultura Popular e de Massa no Brasil	03	00	00	03	06
HA473	História da Arte I	02	00	00	02	04
HA508	Cinema I	01	02	00	03	04
HL429	Semiótica e Comunicação A	02	00	00	02	04
HP062	Psicologia Social III	02	02	00	04	03
HT467	Sistemas de Comunicação	04	00	00	04	08
HE049	Língua Inglesa Instrumental I	00	04	00	04	02
HE050	Língua Inglesa Instrumental II	00	04	00	04	02
HE063	Língua Italiana Instrumental I	00	04	00	04	02
HE064	Língua Italiana Instrumental II	00	04	00	04	02
HE020	Língua Espanhola Instrumental I	00	04	00	04	02
HE021	Língua Espanhola Instrumental II	00	04	00	04	02
HE007	Língua Alemã Instrumental I	00	04	00	04	02
HE008	Língua Alemã Instrumental II	00	04	00	04	02
HE036	Língua Francesa Instrumental I	00	04	00	04	02
HE037	Língua Francesa Instrumental II	00	04	00	04	02
BE047	Educação Física	00	02	00	02	01

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Continuação da Resolução n° 60/00

fls. 14

ANEXO II – PLANO DE ADAPTAÇÃO CURRICULAR

Cód.	Res - 32/90-CEP + 40/97-CEPE	C.H.	Cód.	Res. 04 / 2000-CEPE	C.H.
HL401	Língua Portuguesa A	120	HL201 + HT332	Língua Portuguesa I Tópicos Especiais de Pragmática da Comunicação	60 60
HC402	Sociologia	60	HC060	Sociologia Geral III	60
HT492	História da Comunicação	90	HT016 + HT035	História Social dos Meios de Comunicação Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação V	60 30
HC463	Realidade Sócio-econômica e Política Brasileira	60	HT014	Comunicação, Sociedade e Cultura	60
HT403	Teoria da Comunicação	120	HT011 + HT012 + HT013 + HT015	Teoria da Comunicação I Teoria da Comunicação II Comunicação e Linguagem Comunicação e Tecnologia	30 30 30 30
HH044	História do Brasil VI	60	HH044	História do Brasil VI	60
HL435	Língua Portuguesa G	120	HL435	Língua Portuguesa G	120
HC464	Sociologia da Comunicação	60	HC464	Sociologia da Comunicação	60
HT404	Introdução às Técnicas dos Meios de Comunicação	60	HT040 + HT041 + HT018	Técnicas Básicas de Rádio Técnicas Básicas de TV Comunicação Integrada	30 30 30
HT465	Comunicação Comparada	120	HT465	Comunicação Comparada	120
HH045	História do Brasil VII	60	HH105	História Contemporânea III	60
HT466	Teoria e Método de Pesquisa	90	HT017 + HT019 + HT092	Metodologia de Pesquisa Teoria do Conhecimento Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento II	30 30 30
HT491	Preparação e Revisão de Textos	120	HT491	Preparação e Revisão de Textos	120
HF409	Introdução à Filosofia A	60	HF146	Filosofia para Ciências Humanas	60
HT201	Redação e Expressão Oral I	60	HT121	Redação Jornalística I	60
HT202	Redação e Expressão Oral II	60	HT122	Redação Jornalística II	60
HT203	Redação e Expressão Oral III	60	HT123	Redação Jornalística III	60
HT493	Técnicas de Entrevista e Reportagem	90	HT400	Laboratório de Jornalismo Impresso	120
HT471	Produção e Edição Jornalística	120	HT124 + HT151	Planejamento e Produção Editorial Jornalismo Impresso Avançado I	60 60
HT473	Fotojornalismo	120	HT020 + HT120	Técnicas Fotográficas Fotojornalismo	30 90
HT208	Comunicação Especializada	60	HT208	Comunicação Especializada	60
HT490	Planejamento Gráfico e Diagramação	120	HT021 + HT125 + HT113	Técnicas Básicas de Meios Impressos Planejamento e Produção Gráfica Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo III	60 60 30
HT494	Ética e Legislação do Jornalismo	60	HT190	Ética e Legislação do Jornalismo	60
HT234	Telejornalismo	120	HT141 + HT104	Redação e Produção em Telejornalismo Laboratório de Telejornalismo	60 60

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Continuação da Resolução n° 60/00

fls. 15

HT235	Radiojornalismo	120	HT140	Redação e Produção em Radiojornalismo	60
			+ HT103	Laboratório de Radiojornalismo	60
HT470	Pesquisa Jornalística	60	HT110	Teoria do Jornalismo	60
HT236	Projeto Experimental em Jornalismo	90	HT101	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I	60
+ HT237	Projeto Experimental em Telejornalismo	90	+ HT102	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I	60
+ HT238	Projeto Experimental em Radiojornalismo	90	HT270	Introdução à Publicidade e Propaganda	30
HT475	Introdução à Publicidade e Propaganda	60	+ HT276	Publicidade e Sociedade	30
HT214	Redação Publicitária III	60	HT214	Redação Publicitária III	60
HT497	Criação Publicitária	120	HT261	Criação Publicitária I	60
			+ HT262	Criação Publicitária II	60
HT496	Produção Gráfica em Publicidade e Propaganda	120	HT283	Programação Visual I	60
			+ HT284	Programação Visual II	60
HT480	Planejamento de Campanha	60	HT272	Introdução ao Marketing	30
			+ HT295	Tópicos Especiais em Marketing III	30
HT212	Redação Publicitária I	60	HT281	Redação Publicitária I	60
HT213	Redação Publicitária II	60	HT282	Redação Publicitária II	60
HT239	Produção Eletrônica em Publicidade e Propaganda	90	HT285	Produção Publicitária em TV e Cinema I	60
			+ HT286	Produção Publicitária em Audio I	30
HT476	Mídia (Veiculação Publicitária)	120	HT263	Técnicas de Veiculação	60
			+ HT477	Técnica de Mercadologia em Publicidade e Propaganda	60
HT240	Fotografia Publicitária	90	HT020	Técnicas Fotográficas	30
			+ HT267	Fotografia Publicitária II	60
HT241	Estágio Supervisionado em Agências de Publicidade e Propaganda	90	HT200	Estágio Supervisionado em Publicidade e Propaganda	180
HT498	Ética e Legislação Publicitária	60	HT290	Ética e Legislação em Publicidade e Propaganda	30
HT242	Projeto Experimental em Publicidade e Propaganda I	90	HT291	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda I	60
HT243	Projeto Experimental em Publicidade e Propaganda II	90	HT292	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda II	60
CE401	Estatística III	60	CE401	Estatística III	60
HT216	Técnicas de Administração em Publicidade e Propaganda	60	HT216	Técnicas de Administração em Publicidade e Propaganda	60
HT495	Técnicas de Mercadologia em Publicidade e Propaganda	90	HT273	Elaboração de Planos de Marketing	30
			+ HT274	Planejamento e Comunicação	30
			+ HT269	Planejamento de Marketing e Comunicação	30
HT248	Treinamento Supervisionado em Instituições Públicas e Privadas	90	HT300	Estágio Supervisionado em Relações Públicas	180
HT249	Projeto Experimental em Relações Públicas I	90	HT301	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas I	60
HT250	Projeto Experimental em Relações Públicas II	90	HT302	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas II	60
HT499	Técnicas de Relações Públicas	150	HT310	Introdução a Relações Públicas	30
			+ HT311	Teoria de Relações Públicas	60
			+ HT327	Teoria e Técnicas de Relações Públicas	60

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Continuação da Resolução n° 60/00

fls. 16

HT486	Planejamento de Relações Públicas	120	HT313	Planejamento de Comunicação Estratégica	60
			+ HT358	Tópicos Especiais em Relações Públicas VIII	60
HT228	Relações Públicas Governamentais	60	HT314	Comunicação Pública	60
HT245	Técnicas de Administração em Relações Públicas	90	HT315	Administração Aplicada às relações Públicas	60
			HT344	Técnicas de Relações Públicas IV	30
HS407	Cultura Popular e de Massa no Brasil	90	HS407	Cultura Popular e de Massa no Brasil	90
HT246	Pesquisa de Opinião Pública	90	HT316	Teoria de Opinião Pública	60
			HT325	Pesquisa de Opinião Pública	30
HT247	Assessoria de Relações Públicas	90	HT317	Técnicas de Comunicação Aproximativa	45
			HT348	Técnicas de Relações Públicas VIII	60
HT088	Foto Institucional	60	HT020	Técnicas Fotográficas	30
			HT320	Foto Institucional I	45
HT223	Redação em Relações Públicas I	60	HT321	Redação Institucional I	60
HT244	Redação em Relações Públicas III	75	HT323	Redação Institucional III	60
HT484	Técnicas de Comunicação Dirigida	120	HT324	Planejamento Gráfico e Editorial em Relações Públicas	45
			HT347	Técnicas de Relações Públicas VII	60
HT485	Técnicas de Difusão em Relações Públicas	120	HT326	Mídias Eletrônicas em Relações Públicas	60
			HT021	Técnicas Básicas de Meios Impressos	30
			HT343	Técnicas de Relações Públicas III	30
HT483	Ética e Legislação de Relações Públicas	120	HT390	Ética e Legislação de Relações Públicas	60
			HT351	Tópicos Especiais em Relações Públicas I	60
HT219	Psicossociologia da Publicidade e Propaganda	120	HT271	Psicologia do Consumidor	30
			HT278	Promoção de Vendas e Merchandising	30
HT224	Redação em Relações Públicas II	60	HT322	Redação Institucional II	60
HA473	História da Arte I	60	HA473	História da Arte I	60
HA508	Cinema I	90	HA508	Cinema I	90
HL429	Semiótica e Comunicação A	60	HL429	Semiótica e Comunicação A	60
HP062	Psicologia Social III	60	HP062	Psicologia Social III	60
HT467	Sistemas de Comunicação	120	HT467	Sistemas de Comunicação	120
HE049	Língua Inglesa Instrumental I	60	HE049	Língua Inglesa Instrumental I	60
HE050	Língua Inglesa Instrumental II	60	HE050	Língua Inglesa Instrumental II	60
HE063	Língua Italiana Instrumental I	60	HE063	Língua Italiana Instrumental I	60
HE064	Língua Italiana Instrumental II	60	HE064	Língua Italiana Instrumental II	60
HE020	Língua Espanhola Instrumental I	60	HE020	Língua Espanhola Instrumental I	60
HE021	Língua Espanhola Instrumental II	60	HE021	Língua Espanhola Instrumental II	60
HE007	Língua Alemã Instrumental I	30	HE007	Língua Alemã Instrumental I	60
HE008	Língua Alemã Instrumental II	60	HE008	Língua Alemã Instrumental II	60
HE036	Língua Francesa Instrumental I	60	HE036	Língua Francesa Instrumental I	60
HE037	Língua Francesa Instrumental II	60	HE037	Língua Francesa Instrumental II	60
BE047	Educação Física	30	BE047	Educação Física	30
	Sem equivalência		HT022	Laboratório Fotográfico I	45
	Sem equivalência		HT023	Laboratório Fotográfico II	45
	Sem equivalência		HT024	Laboratório Fotográfico III	45
	Sem equivalência		HT031	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação I	60
	Sem equivalência		HT032	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação II	60

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução nº 60/00

fls. 17

Sem equivalência	HT033	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação III	60
Sem equivalência	HT034	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IV	60
Sem equivalência	HT036	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VI	30
Sem equivalência	HT037	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VII	30
Sem equivalência	HT038	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VIII	30
Sem equivalência	HT039	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IX	30
Sem equivalência	HT044	Técnicas Avançadas em Novas Mídias	60
Sem equivalência	HT045	Técnicas Avançadas de Rádio	60
Sem equivalência	HT030	Comunicação e Mercado	60
Sem equivalência	HT047	Técnicas Avançadas de Televisão	60
Sem equivalência	HT048	Comunicação e Política	60
Sem equivalência	HT049	Comunicação e Gênero	30
Sem equivalência	HT050	Tópicos Especiais em Comunicação e Tecnologia	60
Sem equivalência	HT051	Tópicos Especiais em Comunicação, Sociedade e Cultura	30
Sem equivalência	HT052	Comunicação e Cultura	60
Sem equivalência	HT053	Comunicação e Saúde	30
Sem equivalência	HT054	Comunicação e História	30
Sem equivalência	HT055	Tópicos Especiais em Comunicação e Linguagem	60
Sem equivalência	HT056	Comunicação e Educação	60
Sem equivalência	HT091	Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento I	60
Sem equivalência	HT093	Comunicação Popular e Alternativa	60
Sem equivalência	HT094	Comunicação e Arte	30
Sem equivalência	HT095	Análise do Discurso	30
Sem equivalência	HT096	Teoria da Interpretação	30
Sem equivalência	HT097	História do Cinema	60
Sem equivalência	HT098	Cinema I	60
Sem equivalência	HT099	Cinema II	60
Sem equivalência	HT105	Laboratório Avançado de Radiojornalismo I	60
Sem equivalência	HT106	Laboratório Avançado de Radiojornalismo II	60
Sem equivalência	HT107	Laboratório avançado de Telejornalismo I	60
Sem equivalência	HT108	Laboratório avançado de Telejornalismo II	60
Sem equivalência	HT111	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo I	60
Sem equivalência	HT112	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo II	60
Sem equivalência	HT114	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo IV	30
Sem equivalência	HT126	Documentário Audiovisual I	60
Sem equivalência	HT127	Documentário Audiovisual II	60
Sem equivalência	HT128	Produção de Audiovisual	60
Sem equivalência	HT130	Administração de Empresas Jornalísticas	60
Sem equivalência	HT131	Assessoria de Imprensa I	60
Sem equivalência	HT132	Assessoria de Imprensa II	60
Sem equivalência	HT142	Telejornalismo II	60
Sem equivalência	HT143	Telejornalismo III	60
Sem equivalência	HT149	Telejornalismo I	60
Sem equivalência	HT152	Jornalismo Impresso Avançado II	60
Sem equivalência	HT161	Jornalismo Investigativo I	60
Sem equivalência	HT162	Jornalismo Investigativo II	60
Sem equivalência	HT163	Radiojornalismo Avançado III	60

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n° 60/00

fls. 18

Sem equivalência	HT164	Redação Jornalística IV	60
Sem equivalência	HT165	Redação Jornalística V	60
Sem equivalência	HT166	Redação Jornalística VI	60
Sem equivalência	HT167	Redação Jornalística VII	60
Sem equivalência	HT168	Redação Jornalística VIII	60
Sem equivalência	HT169	Radiojornalismo Avançado I	60
Sem equivalência	HT171	Jornalismo Especializado I	60
Sem equivalência	HT172	Jornalismo Especializado II	60
Sem equivalência	HT173	Jornalismo Especializado III	60
Sem equivalência	HT174	Jornalismo Especializado IV	60
Sem equivalência	HT175	Jornalismo Especializado V	30
Sem equivalência	HT176	Jornalismo Especializado VI	30
Sem equivalência	HT177	Jornalismo Especializado VII	30
Sem equivalência	HT178	Jornalismo Especializado VIII	30
Sem equivalência	HT180	Fotodocumentarismo I	60
Sem equivalência	HT181	Fotodocumentarismo II	60
Sem equivalência	HT182	Fotojornalismo II	60
Sem equivalência	HT183	Fotojornalismo III	60
Sem equivalência	HT184	Fotojornalismo IV	60
Sem equivalência	HT185	Teledocumentarismo II	60
Sem equivalência	HT186	Radiojornalismo Avançado II	60
Sem equivalência	HT264	Produção Publicitária em Audio II	30
Sem equivalência	HT265	Produção Publicitária em TV e Cinema II	30
Sem equivalência	HT266	Pesquisa de Marketing	30
Sem equivalência	HT275	História do Desenho Gráfico	30
Sem equivalência	HT277	Criatividade em Planejamento	30
Sem equivalência	HT279	Administração em Publicidade e Propaganda	30
Sem equivalência	HT287	Introdução ao Desenho de Produtos Multimídia	30
Sem equivalência	HT288	Programação de Veiculação	30
Sem equivalência	HT293	Tópicos Especiais em Marketing I	30
Sem equivalência	HT294	Tópicos Especiais em Marketing II	30
Sem equivalência	HT318	Tópicos Especiais de Comunicação Pública	30
Sem equivalência	HT319	Tópicos Especiais em Estudos Organizacionais	60
Sem equivalência	HT330	Comunicação Empresarial	60
Sem equivalência	HT331	Comunicação e Marketing	60
Sem equivalência	HT333	Comportamento humano nas Organizações	60
Sem equivalência	HT341	Técnicas de Relações Públicas I	30
Sem equivalência	HT342	Técnicas de Relações Públicas II	30
Sem equivalência	HT345	Técnicas de Relações Públicas V	60
Sem equivalência	HT346	Técnicas de Relações Públicas VI	60
Sem equivalência	HT352	Tópicos Especiais em Relações Públicas II	60
Sem equivalência	HT353	Tópicos Especiais em Relações Públicas III	60
Sem equivalência	HT354	Tópicos Especiais em Relações Públicas IV	60
Sem equivalência	HT355	Tópicos Especiais em Relações Públicas V	60
Sem equivalência	HT356	Tópicos Especiais em Relações Públicas VI	60
Sem equivalência	HT357	Tópicos Especiais em Relações Públicas VII	60
Sem equivalência	HT401	Laboratório Avançado de Jornalismo Impresso	120
Sem equivalência	HT402	Laboratório Avançado de Fotojornalismo	120

RESOLUÇÃO Nº 04/00 - CEPE

Fixa o Currículo Pleno do Curso de Comunicação Social, Habilitações em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, órgão normativo, consultivo e deliberativo da Administração Superior, no uso de suas atribuições conferidas pelo Artigo 21 do Estatuto da

RESOLVE:

Art. 1º - O Currículo Pleno do Curso de Comunicação Social, Habilitações em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, é constituído das seguintes disciplinas, práticas profissionais e atividades complementares:

A. FORMAÇÃO GERAL Comum às habilitações

Teoria da Comunicação I
Teoria da Comunicação II
Comunicação e Linguagem
Comunicação, Sociedade e Cultura
Comunicação e Tecnologia
História Social dos Meios de Comunicação
Metodologia de Pesquisa
Comunicação Integrada
Teoria do Conhecimento
Técnicas Fotográficas
Filosofia para Ciências Humanas
História Contemporânea III
Língua Portuguesa I
Sociologia Geral III
Técnicas Básicas de TV

B. FORMAÇÃO ESPECÍFICA Habilitação Jornalismo

Técnicas Básicas de Meios Impressos
Técnicas Básicas de Rádio
Ética e Legislação do Jornalismo
Teoria do Jornalismo
Planejamento e Produção Editorial
Planejamento e Produção Gráfica
Redação e Produção em Radiojornalismo
Redação e Produção em Telejornalismo
Redação Jornalística I
Redação Jornalística II
Redação Jornalística III
Fotojornalismo
Laboratório de Jornalismo Impresso
Laboratório de Radiojornalismo
Laboratório de Telejornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I
Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo II

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n° 04/00

fls. 02

C. FORMAÇÃO ESPECÍFICA
Habilitação Relações Públicas

Técnicas Básicas de Meios Impressos
 Técnicas Básicas de Rádio
 Administração Aplicada à Relações Públicas
 Comunicação Pública
 Ética e Legislação de Relações Públicas
 Introdução à Relações Públicas
 Planejamento de Comunicação Estratégica
 Teoria de Opinião Pública
 Teoria de Relações Públicas I
 Técnicas de Comunicação Aproximativa
 Foto Institucional I
 Mídias Eletrônicas em Relações Públicas
 Planejamento Gráfico e Editorial em Relações Públicas
 Redação Institucional I
 Redação Institucional II
 Redação Institucional III
 Teoria e Técnica de Relações Públicas
 Pesquisa de Opinião Pública
 Estágio Supervisionado em Relações Públicas
 Trabalho de Conclusão do Curso em Relações Públicas I
 Trabalho de Conclusão do Curso em Relações Públicas II

D. FORMAÇÃO ESPECÍFICA
Habilitação Publicidade e Propaganda

Elaboração de Planos de Marketing
 Ética e Legislação da Publicidade e Propaganda
 Introdução a Publicidade e Propaganda
 Introdução ao Marketing
 Planejamento em Comunicação
 Programação Visual I
 Psicologia do Consumidor
 Criação Publicitária I
 Criação Publicitária II
 Fotografia Publicitária
 Produção Publicitária em Áudio I
 Produção Publicitária em TV e Cinema I
 Programação Visual II
 Redação Publicitária I
 Redação Publicitária II
 Técnicas de Veiculação
 Estágio Supervisionado em Publicidade e Propaganda
 Trabalho de Conclusão do Curso em Publicidade e Propaganda I
 Trabalho de Conclusão do Curso em Publicidade e Propaganda II

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n.º 04/00

E. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR OPTATIVA
Comum à todas as Habilitações

Habilitação em Jornalismo 1020 horas dentre
 Habilitação em Relações Públicas 975 horas dentre
 Habilitação em Publicidade e Propaganda 900 dentre

Laboratório Fotográfico I
 Laboratório Fotográfico II
 Laboratório Fotográfico III
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação I
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação II
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação III
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IV
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação V
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VI
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VII
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VIII
 Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IX
 Técnicas Avançadas em Novas Mídias
 Técnicas Avançadas em Rádio
 Comunicação e Mercado
 Técnicas Avançadas de Televisão
 Comunicação e Política
 Comunicação e Género
 Tópicos Especiais em Comunicação e Tecnologia
 Tópicos Especiais em Comunicação, Sociedade e Cultura
 Comunicação e Cultura
 Comunicação e Saúde
 Comunicação e História
 Tópicos Especiais em Comunicação e Linguagem
 Comunicação e Educação
 Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento I
 Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento II
 Comunicação Popular e Alternativa
 Comunicação e Arte
 Análise do Discurso
 Teoria da Interpretação
 História do Cinema
 Cinema I
 Cinema II
 Laboratório Avançado de Radiojornalismo I
 Laboratório Avançado de Radiojornalismo II
 Laboratório Avançado de Telejornalismo I
 Laboratório Avançado de Telejornalismo II
 Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo I
 Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo II
 Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo III
 Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo IV
 Documentário Audiovisual I
 Documentário Audiovisual II
 Produção de Audiovisual
 Administração de Empresas Jornalísticas
 Assessoria de Imprensa I
 Assessoria de Imprensa II
 Telejornalismo II
 Telejornalismo III
 Telejornalismo I
 Jornalismo Impresso Avançado I

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
•Continuação da Resolução n.º 04/00

Jornalismo Impresso Avançado II
Jornalismo Investigativo I
Jornalismo Investigativo II
Radiojornalismo Avançado III
Redação Jornalística IV
Redação Jornalística V
Redação Jornalística VI
Redação Jornalística VII
Redação Jornalística VIII
Radiojornalismo Avançado I
Jornalismo Especializado I
Jornalismo Especializado II
Jornalismo Especializado III
Jornalismo Especializado IV
Jornalismo Especializado V
Jornalismo Especializado VI
Jornalismo Especializado VII
Jornalismo Especializado VIII
Fotodocumentarismo I
Fotodocumentarismo II
Fotojornalismo II
Fotojornalismo III
Fotojornalismo IV
Teledocumentarismo II
Radiojornalismo Avançado II
Produção Publicitária em Áudio II
Produção Publicitária em TV e Cinema II
Pesquisa de Marketing
História de Desenho Gráfico
Publicidade e Sociedade
Criatividade em Planeamento
Promoção de Vendas e Merchandising
Administração em Publicidade e Propaganda
Introdução ao Desenho de Produtos Multimédia
Programação de Veiculação
Planeamento de Marketing e Comunicação
Tópicos Especiais em Marketing I
Tópicos Especiais em Marketing II
Tópicos Especiais em Marketing III
Tópicos Especiais de Comunicação Pública
Tópicos Especiais em Estudos Organizacionais
Comunicação Empresarial
Comunicação em Marketing
Tópicos Especiais de Pragmática da Comunicação
Comportamento Humano nas Organizações
Técnicas de Relações Públicas I
Técnicas de Relações Públicas II
Técnicas de Relações Públicas III
Técnicas de Relações Públicas IV
Técnicas de Relações Públicas V
Técnicas de Relações Públicas VI
Técnicas de Relações Públicas VII
Técnicas de Relações Públicas VIII
Tópicos Especiais de Relações Públicas I
Tópicos Especiais de Relações Públicas II
Tópicos Especiais de Relações Públicas III
Tópicos Especiais de Relações Públicas IV
Tópicos Especiais de Relações Públicas V

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n.º 04/00

fls. 05

Tópicos Especiais de Relações Públicas VI
 Tópicos Especiais de Relações Públicas VII
 Tópicos Especiais de Relações Públicas VIII
 Técnica de Mercadologia em Publicidade e Propaganda
 Laboratório Avançado de Jornalismo Impresso
 Laboratório Avançado de Fotojornalismo
 História do Brasil VI
 Língua Portuguesa G
 Sociologia da Comunicação
 Comunicação Comparada
 Preparação e Revisão de Textos
 Comunicação Especializada
 Redação Publicitária III
 Estatística III
 Cultura Popular e de Massa no Brasil
 História da Arte I
 Cinema I
 Semiótica e Comunicação A
 Psicologia Social III
 Sistema de Comunicação
 Língua Inglesa Instrumental I
 Língua Inglesa Instrumental II
 Língua Italiana Instrumental I
 Língua Italiana Instrumental II
 Língua Espanhola Instrumental I
 Língua Espanhola Instrumental II
 Língua Alemã Instrumental I
 Língua Alemã Instrumental II
 Língua Francesa Instrumental I
 Língua Francesa Instrumental II
 Educação Física

Art. 2º - Além das disciplinas optativas listadas na presente Resolução, também serão consideradas optativas as disciplinas cursadas dentre os seguintes Departamentos:

- Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação
- Departamento de Direito Público
- Departamento de Administração Geral e Aplicada
- Departamento de Contabilidade
- Departamento de Economia
- Departamento de Artes
- Departamento de Antropologia
- Departamento de Ciências e Gestão da Informação
- Departamento de Ciências Sociais
- Departamento de Filosofia
- Departamento de História
- Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
- Departamento de Lingüística Letras Clássicas e Vernáculas
- Departamento de Psicologia
- Departamento de Informática

Art. 3º - Para integralizar a carga horária de optativas destinada para cada Habilitação, poderá o aluno cursar disciplinas eletivas até o máximo de 240 horas.

Art. 4º - O aluno deverá cursar, ainda, 240 horas de atividades acadêmicas complementares, conforme normatização e orientação da Coordenação do Curso.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução nº 04/00

fls. 06

Art. 5º - O Currículo Pleno do Curso de Comunicação Social, Habilitações em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, não poderá ocorrer em mais de 06 (seis) anos, sendo sua duração média de 04 (quatro) anos, obedecendo as seguintes cargas horárias:

Habilitação Jornalismo

Disciplinas	Teórica	Prática	Total
Formação Geral	570	60	630
Formação Específica	360	690	1050
Formação Complementar Optativa/eletiva	-	-	1020
Atividades Acadêmicas Complementares	-	-	240
Total Geral			2940

Habilitação Relações Públicas

Disciplinas	Teórica	Prática	Total
Formação Geral	570	60	630
Formação Específica	585	450	1035
Formação Complementar Optativa/eletiva	-	-	975
Atividades Acadêmicas Complementares	-	-	240
Estágio	-	-	60
Total Geral			2940

Habilitação Publicidade e Propaganda

Disciplinas	Teórica	Prática	Total
Formação Geral	570	60	630
Formação Específica	480	390	870
Formação Complementar Optativa/eletiva	-	-	900
Atividades Acadêmicas Complementares	-	-	240
Estágio	-	-	60
Total Geral			2700

Art. 6º - Fica instituída a figura de professor orientador acadêmico.

§1º - Todos os professores efetivos serão orientadores acadêmicos.

§2º - O orientador acadêmico terá como tarefa ajudar os alunos a direcionar sua formação, concentrando esforços em áreas específicas e compondo seu currículo.

§3º - Os orientadores serão designados pelo Colegiado do Curso.

Art. 7º - Os alunos do Currículo Pleno anterior terão o direito de optarem pela presente Resolução desde que não ultrapassem o limite máximo de tempo para a conclusão do curso, ou seja 06 (seis) anos.

PARÁGRAFO ÚNICO: A opção pela presente Resolução dos prováveis formandos no ano de 2000, deverá ser autorizada pela Coordenação do Curso

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO - ~~SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA~~
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Continuação da Resolução n.º 04/00

fls. 07

- Art. 8º - Acompanha a presente resolução a Periodização recomendada para todas as Habilitações do Curso (ANEXO I) e o Plano de Adaptação Curricular (ANEXO II).
- Art. 9º - Fica estabelecido, em caráter transitório que os alunos das Habilitações Jornalismo e Relações Públicas que optarem pelo novo currículo, deverão cumprir 120 horas de atividades complementares.
- Art. 10 - Esta resolução entrará em vigor no ano letivo de 2000, revogando-se as disposições em contrário

Sala das Sessões, 15 de fevereiro de 2000



Presidente

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Continuação da Resolução n° 04/00

fls. 08

ANEXO I - PERIODIZAÇÃO RECOMENDADA
Habilitação Jornalismo

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.	PRÉ-REQ.
		AT	AP	EST	TOT		
1º semestre							
HH105	História Contemporânea III	04	00	00	04	04	---
HT016	História Social dos Meios de Comunicação	04	00	00	04	04	---
HT020	Técnicas Fotográficas	00	02	00	02	01	---
HT021	Técnicas Básicas de Meios Impressos	00	02	00	02	01	---
HL201	Língua Portuguesa I	04	00	00	04	04	---
HT110	Teoria do Jornalismo	04	00	00	04	04	---
	Total				20		
2º semestre							
HT011	Teoria da Comunicação I	02	00	00	02	02	---
HT018	Comunicação Integrada	02	00	00	02	02	---
HT041	Técnicas Básicas de TV	00	02	00	02	01	---
HF146	Filosofia para Ciências Humanas	04	00	00	04	04	---
HT121	Redação Jornalística I	02	02	00	04	03	---
HC060	Sociologia Geral III	04	00	00	04	04	---
	Total				18		
3º semestre							
HT012	Teoria da Comunicação II	02	00	00	02	02	---
HT040	Técnicas Básicas de Rádio	00	02	00	02	01	---
HT122	Redação Jornalística II	02	02	00	04	03	---
HT124	Planejamento e Produção Editorial	02	02	00	04	03	---
HT400	Laboratório de Jornalismo Impresso	00	04	00	04	04	---
	Total				16		
4º semestre							
HT120	Fotojornalismo	02	04	00	06	04	---
HT125	Planejamento e Produção Gráfica	02	02	00	04	03	---
HT140	Redação e Produção em Radiojornalismo	02	02	00	04	03	---
HT400	Laboratório de Jornalismo Impresso	00	04	00	04	04	---
	Total				18		
5º semestre							
HT013	Comunicação e Linguagem	02	00	00	02	02	---
HT019	Teoria do Conhecimento	02	00	00	02	02	---
HT103	Laboratório de Radiojornalismo	00	04	00	04	02	---
HT141	Redação e Produção em Telejornalismo	02	02	00	04	03	---
	Total				12		
6º semestre							
HT014	Comunicação Sociedade e Cultura	04	00	00	04	04	---
HT104	Laboratório de Telejornalismo	00	04	00	04	04	---
HT017	Metodologia de Pesquisa	02	00	00	02	02	---
HT123	Redação Jornalística III	02	02	00	04	03	---
	Total				14		
7º semestre							
HT015	Comunicação e Tecnologia	02	00	00	02	02	---
HT101	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I	00	04	00	04	02	---
	Total				06		
8º semestre							
HT102	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo II	00	04	00	04	04	---
HT190	Ética e Legislação do Jornalismo	04	00	00	04	04	---
	Total				08		

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n° 04/00

fls. 09

ANEXO I - PERIODIZAÇÃO RECOMENDADA
 Habilitação Relações Públicas

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.	PRÉ-REQ.
		AT	AP	EST	TOT		
1º semestre							
HH105	História Contemporânea III	04	00	00	04	04	—
HT016	História Social dos Meios de Comunicação	04	00	00	04	04	—
HT020	Técnicas Fotográficas	00	02	00	02	01	—
HT021	Técnicas Básicas de Meios Impressos	00	02	00	02	01	—
HL201	Língua Portuguesa I	04	00	00	04	04	—
HT310	Introdução à Relações Públicas	02	00	00	02	02	—
	Total				18		
2º semestre							
HT011	Teoria da Comunicação I	02	00	00	02	02	—
HT018	Comunicação Integrada	02	00	00	02	02	—
HT041	Técnicas Básicas de TV	00	02	00	02	01	—
HF146	Filosofia para Ciências Humanas	04	00	00	04	04	—
HC060	Sociologia Geral III	04	00	00	04	04	—
HT311	Teoria de Relações Públicas	04	00	00	04	04	—
HT320	Foto Institucional I	01	02	00	03	02	—
	Total				21		
3º semestre							
HT313	Planejamento de Comunicação Estratégica	04	00	00	04	04	—
HT324	Planejamento Gráfico e Editorial em Relações Públicas	01	02	00	03	02	—
HT040	Técnicas Básicas de Rádio	00	02	00	02	01	—
HT012	Teoria da Comunicação II	02	00	00	02	02	—
HT327	Teoria e Técnicas de Relações Públicas	02	02	00	04	03	—
	Total				15		
4º semestre							
HT315	Administração Aplicada às Relações Públicas	02	02	00	04	03	—
HT317	Técnicas de Comunicação Aproximativa	03	00	00	03	03	—
HT321	Redação Institucional I	02	02	00	04	03	—
	Total				11		
5º semestre							
HT013	Comunicação e Linguagem	02	00	00	02	02	—
HT019	Teoria do Conhecimento	02	00	00	02	02	—
HT314	Comunicação Pública	04	00	00	04	04	—
HT316	Teoria de Opinião Pública	04	00	00	04	04	—
HT322	Redação Institucional II	02	02	00	04	03	—
	Total				16		
6º semestre							
HT014	Comunicação Sociedade e Cultura	04	00	00	04	04	—
HT017	Metodologia de Pesquisa	02	00	00	02	02	—
HT323	Redação Institucional III	02	02	00	04	03	—
HT325	Pesquisa de Opinião Pública	00	02	00	02	02	—
HT326	Mídias Eletrônicas em Relações Públicas	02	02	00	04	03	—
	Total				16		
7º semestre							
HT015	Comunicação e Tecnologia	02	00	00	02	02	—
HT300	Estágio Supervisionado em Relações Públicas	01	00	03	04	02	—
HT301	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas I	00	04	00	04	04	—
	Total				10		
8º semestre							
HT302	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas II	00	04	00	04	02	—
HT390	Ética e Legislação de Relações Públicas	04	00	00	04	04	—
	Total				08		

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n.º 04/00

fls. 10

ANEXO I - PERIODIZAÇÃO RECOMENDADA
 Habilitação Publicidade e Propaganda

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.	PRÉ-REQ.
		AT	AP	EST	TOT		
1º semestre							
HH105	História Contemporânea III	04	00	00	04	04	—
HT016	História Social dos Meios de Comunicação	04	00	00	04	04	—
HT270	Introdução à Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	02	—
HL201	Língua Portuguesa I	04	00	00	04	04	—
HT271	Psicologia do Consumidor	02	00	00	02	02	—
HT020	Técnicas Fotográficas	00	02	00	02	01	—
	Total				18		
2º semestre							
HC060	Sociologia Geral III	04	00	00	04	04	—
HF146	Filosofia para Ciências Humanas	04	00	00	04	04	—
HT011	Teoria da Comunicação I	02	00	00	02	02	—
HT018	Comunicação Integrada	02	00	00	02	02	—
HT041	Técnicas Básicas de TV	00	02	00	02	01	—
HT272	Introdução ao Marketing	02	00	00	02	02	—
	Total				16		
3º semestre							
HT012	Teoria da Comunicação II	02	00	00	02	02	—
HT261	Criação Publicitária I	02	02	00	04	03	HT271
HT281	Redação Publicitária I	02	02	00	04	03	—
HT283	Programação Visual I	04	00	00	04	04	—
	Total				14		
4º semestre							
HT273	Elaboração de Planos de Marketing	02	00	00	02	02	HT272
HT262	Criação Publicitária II	02	02	00	04	03	HT261
HT282	Redação Publicitária II	02	02	00	04	03	HT281
HT284	Programação Visual II	02	02	00	04	03	HT283
HT285	Produção Publicitária em TV e Cinema I	02	02	00	04	03	—
	Total				18		
5º semestre							
HT013	Comunicação e Linguagem	02	00	00	02	02	—
HT019	Teoria do Conhecimento	02	00	00	02	02	—
HT263	Técnicas de Veiculação	02	02	00	04	03	—
HT274	Planejamento em Comunicação	02	00	00	02	02	HT273
HT286	Produção Publicitária em Áudio I	00	02	00	02	01	—
	Total				12		
6º semestre							
HT014	Comunicação Sociedade e Cultura	04	00	00	04	04	—
HT017	Metodologia de Pesquisa	02	00	00	02	02	—
HT200	Estágio Supervisionado em Publicidade e Propaganda	01	00	03	04	02	—
HT267	Fotografia Publicitária II	02	02	00	04	03	—
	Total				14		
7º semestre							
HT015	Comunicação e Tecnologia	02	00	00	02	02	—
HT291	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda I	00	04	00	04	02	HT270+HT271+ HT272+HT261+ HT283+HT281+ HT262+HT282+ HT284+HT285+ HT273+HT274+ HT286+HT263+ HT260
	Total				06		
8º semestre							
HT290	Ética e Legislação da Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	02	—
HT292	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda II	00	04	00	04	02	HT291
	Total				06		

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução nº 04/00

fls. 11

ELENCO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS
 Comum à todas as Habilitações

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.H. SEMANAL				CRÉD.
		AT	AP	EST	TOT	
HT022	Laboratório Fotográfico I	01	02	00	03	02
HT023	Laboratório Fotográfico II	01	02	00	03	02
HT024	Laboratório Fotográfico III	01	02	00	03	02
HT031	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação I	04	00	00	04	04
HT032	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação II	04	00	00	04	04
HT033	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação III	04	00	00	04	04
HT034	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IV	04	00	00	04	04
HT035	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação V	02	00	00	02	02
HT036	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VI	02	00	00	02	02
HT037	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VII	02	00	00	02	02
HT038	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VIII	02	00	00	02	02
HT039	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IX	02	00	00	02	02
HT044	Técnicas Avançadas em Novas Mídias	02	02	00	04	03
HT045	Técnicas Avançadas de Rádio	02	02	00	04	03
HT030	Comunicação e Mercado	04	00	00	04	04
HT047	Técnicas Avançadas de Televisão	02	02	00	04	03
HT048	Comunicação e Política	02	00	00	02	02
HT049	Comunicação e Gênero	02	00	00	02	02
HT050	Tópicos Especiais em Comunicação e Tecnologia	04	00	00	04	04
HT051	Tópicos Especiais em Comunicação, Sociedade e Cultura	02	00	00	02	02
HT052	Comunicação e Cultura	04	00	00	04	04
HT053	Comunicação e Saúde	02	00	00	02	02
HT054	Comunicação e História	02	00	00	02	02
HT055	Tópicos Especiais em Comunicação e Linguagem	04	00	00	04	04
HT056	Comunicação e Educação	04	00	00	04	04
HT091	Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento I	04	00	00	04	04
HT092	Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento II	02	00	00	02	02
HT093	Comunicação Popular e Alternativa	04	00	00	04	04
HT094	Comunicação e Arte	02	00	00	02	02
HT095	Análise do Discurso	02	00	00	02	02
HT096	Teoria da Interpretação	02	00	00	02	02
HT097	História do Cinema	04	00	00	04	04
HT098	Cinema I	04	00	00	04	04
HT099	Cinema II	04	00	00	04	04
HT105	Laboratório Avançado de Radiojornalismo I	00	04	00	04	02
HT106	Laboratório Avançado de Radiojornalismo II	00	04	00	04	02
HT107	Laboratório avançado de Telejornalismo I	00	04	00	04	02
HT108	Laboratório avançado de Telejornalismo II	00	04	00	04	02
HT111	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo I	04	00	00	04	04
HT112	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo II	04	00	00	04	04
HT113	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo III	02	00	00	02	02
HT114	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo IV	02	00	00	02	02
HT126	Documentário Audiovisual I	02	02	00	04	03
HT127	Documentário Audiovisual II	02	02	00	04	03
HT128	Produção de Audiovisual	02	02	00	04	03
HT130	Administração de Empresas Jornalísticas	04	00	00	04	04
HT131	Assessoria de Imprensa I	04	00	00	04	04
HT132	Assessoria de Imprensa II	04	00	00	04	04
HT142	Telejornalismo II	02	02	00	04	03
HT143	Telejornalismo III	02	02	00	04	03
HT149	Telejornalismo I	02	02	00	04	03

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução nº 04/00

fls. 12

HT151	Jornalismo Impresso Avançado I	04	00	00	04	04
HT152	Jornalismo Impresso Avançado II	04	00	00	04	04
HT161	Jornalismo Investigativo I	02	02	00	04	03
HT162	Jornalismo Investigativo II	02	02	00	04	03
HT163	Radiojornalismo Avançado III	02	02	00	04	03
HT164	Redação Jornalística IV	02	02	00	04	03
HT165	Redação Jornalística V	02	02	00	04	03
HT166	Redação Jornalística VI	02	02	00	04	03
HT167	Redação Jornalística VII	02	02	00	04	03
HT168	Redação Jornalística VIII	02	02	00	04	03
HT169	Radiojornalismo Avançado I	02	02	00	04	03
HT171	Jornalismo Especializado I	04	00	00	04	04
HT172	Jornalismo Especializado II	04	00	00	04	04
HT173	Jornalismo Especializado III	04	00	00	04	04
HT174	Jornalismo Especializado IV	04	00	00	04	04
HT175	Jornalismo Especializado V	02	00	00	02	02
HT176	Jornalismo Especializado VI	02	00	00	02	02
HT177	Jornalismo Especializado VII	02	00	00	02	02
HT178	Jornalismo Especializado VIII	02	00	00	02	02
HT180	Fotodocumentarismo I	02	02	00	04	03
HT181	Fotodocumentarismo II	02	02	00	04	03
HT182	Fotojornalismo II	02	02	00	04	03
HT183	Fotojornalismo III	02	02	00	04	03
HT184	Fotojornalismo IV	02	02	00	04	03
HT185	Teledocumentarismo II	02	02	00	04	03
HT186	Radiojornalismo Avançado II	02	02	00	04	03
HT264	Produção Publicitária em Áudio II	00	02	00	02	01
HT265	Produção Publicitária em TV e Cinema II	00	02	00	02	01
HT266	Pesquisa de Marketing	00	02	00	02	01
HT275	História do Desenho Gráfico	02	00	00	02	02
HT276	Publicidade e Sociedade	02	00	00	02	02
HT277	Criatividade em Planejamento	02	00	00	02	02
HT278	Promoção de Vendas e Merchandising	02	00	00	02	02
HT279	Administração em Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	02
HT287	Introdução ao Desenho de Produtos Multimídia	00	02	00	02	01
HT288	Programação de Veiculação	00	02	00	02	01
HT289	Planejamento de Marketing e Comunicação	02	00	00	02	02
HT293	Tópicos Especiais em Marketing I	02	00	00	02	02
HT294	Tópicos Especiais em Marketing II	02	00	00	02	02
HT295	Tópicos Especiais em Marketing III	02	00	00	02	02
HT318	Tópicos Especiais de Comunicação Pública	02	00	00	02	02
HT319	Tópicos Especiais em Estudos Organizacionais	04	00	00	04	04
HT330	Comunicação Empresarial	04	00	00	04	04
HT331	Comunicação e Marketing	04	00	00	04	04
HT332	Tópicos Especiais de Pragmática da Comunicação	04	00	00	04	04
HT333	Comportamento humano nas Organizações	04	00	00	04	04
HT341	Técnicas de Relações Públicas I	00	02	00	02	01
HT342	Técnicas de Relações Públicas II	00	02	00	02	01
HT343	Técnicas de Relações Públicas III	00	02	00	02	01
HT344	Técnicas de Relações Públicas IV	00	02	00	02	01
HT345	Técnicas de Relações Públicas V	02	02	00	04	03
HT346	Técnicas de Relações Públicas VI	02	02	00	04	03
HT347	Técnicas de Relações Públicas VII	02	02	00	04	03
HT348	Técnicas de Relações Públicas VIII	02	02	00	04	03
HT351	Tópicos Especiais em Relações Públicas I	04	00	00	04	04
HT352	Tópicos Especiais em Relações Públicas II	04	00	00	04	04

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução nº 04/00

fls. 13

HT353	Tópicos Especiais em Relações Públicas III	04	00	00	04	04
HT354	Tópicos Especiais em Relações Públicas IV	04	00	00	04	04
HT355	Tópicos Especiais em Relações Públicas V	04	00	00	04	04
HT356	Tópicos Especiais em Relações Públicas VI	04	00	00	04	04
HT357	Tópicos Especiais em Relações Públicas VII	04	00	00	04	04
HT358	Tópicos Especiais em Relações Públicas VIII	04	00	00	04	04
HT401	Laboratório Avançado de Jornalismo Impresso	00	04	00	04	04
HT402	Laboratório Avançado de Fotojornalismo	00	04	00	04	04
HT477	Técnica de Mercadologia em Publicidade e Propaganda	02	00	00	02	04
HH044	História do Brasil VI	04	00	00	04	04
HL435	Língua Portuguesa G	02	02	00	04	06
HC464	Sociologia da Comunicação	02	00	00	02	04
HT465	Comunicação Comparada	04	00	00	04	08
HT208	Comunicação Especializada	02	02	00	04	03
HT491	Preparação e Revisão de Textos	00	04	00	04	04
HT214	Redação Publicitária III	00	04	00	04	02
CE401	Estatística III	02	00	00	02	04
HS407	Cultura Popular e de Massa no Brasil	03	00	00	03	06
HA473	História da Arte I	02	00	00	02	04
HA508	Cinema I	01	02	00	03	04
HL429	Semiótica e Comunicação A	02	00	00	02	04
HP062	Psicologia Social III	02	02	00	04	03
HT467	Sistemas de Comunicação	04	00	00	04	08
HE049	Língua Inglesa Instrumental I	00	04	00	04	02
HE050	Língua Inglesa Instrumental II	00	04	00	04	02
HE063	Língua Italiana Instrumental I	00	04	00	04	02
HE064	Língua Italiana Instrumental II	00	04	00	04	02
HE020	Língua Espanhola Instrumental I	00	04	00	04	02
HE021	Língua Espanhola Instrumental II	00	04	00	04	02
HE007	Língua Alemã Instrumental I	00	04	00	04	02
HE008	Língua Alemã Instrumental II	00	04	00	04	02
HE036	Língua Francesa Instrumental I	00	04	00	04	02
HE037	Língua Francesa Instrumental II	00	04	00	04	02
BE047	Educação Física	00	02	00	02	01

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Continuação da Resolução n° 04/00

fls. 14

ANEXO II – PLANO DE ADAPTAÇÃO CURRICULAR

Cód.	Res - 32/00-CEP + 40/97-CEPE	C.H.	Cód.	Res. / 2000-CEPE	C.H.
HL401	Língua Portuguesa A	120	HL201 +	Língua Portuguesa I	60
			HT332	Tópicos Especiais de Pragmática da Comunicação	60
HC402	Sociologia	60	HC060	Sociologia Geral III	60
HT492	História da Comunicação	90	HT016	História Social dos Meios de Comunicação	60
			+		
			HT035	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação V	30
HC463	Realidade Sócio-económica e Política Brasileira	60	HT014	Comunicação, Sociedade e Cultura	60
HT403	Teoria da Comunicação	120	HT011	Teoria da Comunicação I	30
			+		
			HT012	Teoria da Comunicação II	30
			+		
			HT013	Comunicação e Linguagem	30
			+		
			HT015	Comunicação e Tecnologia	30
HH044	História do Brasil VI	60	HH044	História do Brasil VI	60
HL435	Língua Portuguesa G	120	HL435	Língua Portuguesa G	120
HC464	Sociologia da Comunicação	60	HC464	Sociologia da Comunicação	60
HT404	Introdução às Técnicas dos Meios de Comunicação	60	HT040	Técnicas Básicas de Rádio	30
			+		
			HT041	Técnicas Básicas de TV	30
HT465	Comunicação Comparada	120	HT465	Comunicação Comparada	120
HH045	História do Brasil VII	60	HH105	História Contemporânea III	60
HT466	Teoria e Método de Pesquisa	90	HT017	Metodologia de Pesquisa	30
			+		
			HT019	Teoria do Conhecimento	30
			+		
			HT092	Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento II	30
HT491	Preparação e Revisão de Textos	120	HT491	Preparação e Revisão de Textos	120
HF409	Introdução à Filosofia A	60	HF146	Filosofia para Ciências Humanas	60
HT201	Redação e Expressão Oral I	60	HT121	Redação Jornalística I	60
HT202	Redação e Expressão Oral II	60	HT122	Redação Jornalística II	60
HT203	Redação e Expressão Oral III	60	HT123	Redação Jornalística III	60
HT493	Técnicas de Entrevista e Reportagem	90	HT400	Laboratório de Jornalismo Impresso	120
HT471	Produção e Edição Jornalística	120	HT124	Planejamento e Produção Editorial	60
			+		
			HT151	Jornalismo Impresso Avançado I	60
HT473	Fotojornalismo	120	HT020	Técnicas Fotográficas	30
			+		
			HT120	Fotojornalismo	90
HT208	Comunicação Especializada	60	HT208	Comunicação Especializada	60
HT490	Planejamento Gráfico e Diagramação	120	HT021	Técnicas Básicas de Meios Impressos	30
			+		
			HT125	Planejamento e Produção Gráfica	60
			+		
			HT113	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo III	30
HT494	Ética e Legislação do Jornalismo	60	HT190	Ética e Legislação do Jornalismo	60
HT234	Telejornalismo	120	HT141	Redação e Produção em Telejornalismo	60
			+		
			HT104	Laboratório de Telejornalismo	60
HT235	Radiojornalismo	120	HT140	Redação e Produção em Radiojornalismo	60
			+		
			HT103	Laboratório de Radiojornalismo	60
HT470	Pesquisa Jornalística	60	HT110	Teoria do Jornalismo	60

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Continuação da Resolução nº04/00

fls. 15

HT236	Projeto Experimental em Jornalismo	90	HT101	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I	60
+			+		
HT237	Projeto Experimental em Telejornalismo	90	HT102	Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I	60
+					
HT238	Projeto Experimental em Radiojornalismo	90			
HT475	Introdução à Publicidade e Propaganda	60	HT270	Introdução à Publicidade e Propaganda	30
			+		
			HT276	Publicidade e Sociedade	30
HT214	Redação Publicitária III	60	HT214	Redação Publicitária III	60
HT497	Criação Publicitária	120	HT261	Criação Publicitária I	60
			+		
			HT262	Criação Publicitária II	60
HT496	Produção Gráfica em Publicidade e Propaganda	120	HT283	Programação Visual I	60
			+		
			HT284	Programação Visual II	60
HT480	Planejamento de Campanha	60	HT272	Introdução ao Marketing	30
			+		
			HT295	Tópicos Especiais em Marketing III	30
HT212	Redação Publicitária I	60	HT281	Redação Publicitária I	60
HT213	Redação Publicitária II	60	HT282	Redação Publicitária II	60
HT239	Produção Eletrônica em Publicidade e Propaganda	90	HT285	Produção Publicitária em TV e Cinema I	60
			+		
			HT286	Produção Publicitária em Audio I	30
HT476	Mídia (Veiculação Publicitária)	120	HT263	Técnicas de Veiculação	60
			+		
			HT477	Técnica de Mercadologia em Publicidade e Propaganda	60
HT240	Fotografia Publicitária	90	HT020	Técnicas Fotográficas	30
			+		
			HT267	Fotografia Publicitária II	60
HT241	Estágio Supervisionado em Agências de Publicidade e Propaganda	90	HT200	Estágio Supervisionado em Publicidade e Propaganda	60
HT498	Ética e Legislação Publicitária	60	HT290	Ética e Legislação em Publicidade e Propaganda	30
HT242	Projeto Experimental em Publicidade e Propaganda I	90	HT291	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda I	60
HT243	Projeto Experimental em Publicidade e Propaganda II	90	HT292	Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda II	60
CE401	Estatística III	60	CE401	Estatística III	60
HT216	Técnicas de Administração em Publicidade e Propaganda	60	HT216	Técnicas de Administração em Publicidade e Propaganda	60
HT495	Técnicas de Mercadologia em Publicidade e Propaganda	90	HT273	Elaboração de Planos de Marketing	30
			+		
			HT274	Planejamento e Comunicação	30
			+		
			HT289	Planejamento de Marketing e Comunicação	30
HT248	Treinamento Supervisionado em Instituições Públicas e Privadas	90	HT300	Estágio Supervisionado em Relações Públicas	60
HT249	Projeto Experimental em Relações Públicas I	90	HT301	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas I	60
HT250	Projeto Experimental em Relações Públicas II	90	HT302	Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas II	60
HT499	Técnicas de Relações Públicas	150	HT310	Introdução a Relações Públicas	30
			+		
			HT311	Teoria de Relações Públicas	60
			+		
			HT327	Teoria e Técnicas de Relações Públicas	60
HT486	Planejamento de Relações Públicas	120	HT313	Planejamento de Comunicação Estratégica	60
			+		
			HT358	Tópicos Especiais em Relações Públicas VIII	60
HT228	Relações Públicas Governamentais	60	HT314	Comunicação Pública	60

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Continuação da Resolução n.º 04/00

fls. 16

HT245	Técnicas de Administração em Relações Públicas	90	HT315 + HT344	Administração Aplicada às relações Públicas Técnicas de Relações Públicas IV	60 30
HS407	Cultura Popular e de Massa no Brasil	90	HS407	Cultura Popular e de Massa no Brasil	90
HT246	Pesquisa de Opinião Pública	90	HT316 + HT325	Teoria de Opinião Pública Pesquisa de Opinião Pública	60 30
HT247	Assessoria de Relações Públicas	90	HT317 + HT348	Técnicas de Comunicação Aproximativa Técnicas de Relações Públicas VIII	45 60
HT088	Foto Institucional	60	HT020 + HT320	Técnicas Fotográficas Foto Institucional I	30 45
HT223	Redação em Relações Públicas I	60	HT321	Redação Institucional I	60
HT244	Redação em Relações Públicas III	75	HT323	Redação Institucional III	60
HT484	Técnicas de Comunicação Dirigida	120	HT324 + HT347	Planejamento Gráfico e Editorial em Relações Públicas Técnicas de Relações Públicas VII	45 60
HT485	Técnicas de Difusão em Relações Públicas	120	HT326 + HT021 + HT343	Mídias Eletrônicas em Relações Públicas Técnicas Básicas de Meios Impressos Técnicas de Relações Públicas III	60 30 30
HT483	Ética e Legislação de Relações Públicas	120	HT390 + HT351	Ética e Legislação de Relações Públicas Tópicos Especiais em Relações Públicas I	60 60
HT219	Psicossociologia da Publicidade e Propaganda	120	HT271 + HT278	Psicologia do Consumidor Promoção de Vendas e Merchandising	30 30
HT224	Redação em Relações Públicas II	60	HT322	Redação Institucional II	60
HA473	História da Arte I	60	HA473	História da Arte I	60
HA508	Cinema I	90	HA508	Cinema I	90
HL429	Semiótica e Comunicação A	60	HL429	Semiótica e Comunicação A	60
HP062	Psicologia Social III	60	HP062	Psicologia Social III	60
HT467	Sistemas de Comunicação	120	HT467	Sistemas de Comunicação	120
HE049	Língua Inglesa Instrumental I	60	HE049	Língua Inglesa Instrumental I	60
HE050	Língua Inglesa Instrumental II	60	HE050	Língua Inglesa Instrumental II	60
HE063	Língua Italiana Instrumental I	60	HE063	Língua Italiana Instrumental I	60
HE064	Língua Italiana Instrumental II	60	HE064	Língua Italiana Instrumental II	60
HE020	Língua Espanhola Instrumental I	60	HE020	Língua Espanhola Instrumental I	60
HE021	Língua Espanhola Instrumental II	60	HE021	Língua Espanhola Instrumental II	60
HE007	Língua Alemã Instrumental I	60	HE007	Língua Alemã Instrumental I	60
HE008	Língua Alemã Instrumental II	60	HE008	Língua Alemã Instrumental II	60
HE036	Língua Francesa Instrumental I	60	HE036	Língua Francesa Instrumental I	60
HE037	Língua Francesa Instrumental II	60	HE037	Língua Francesa Instrumental II	60
BE047	Educação Física	30	BE047	Educação Física	30
	Sem equivalência		HT018	Comunicação Integrada	30
	Sem equivalência		HT022	Laboratório Fotográfico I	45
	Sem equivalência		HT023	Laboratório Fotográfico II	45
	Sem equivalência		HT024	Laboratório Fotográfico III	45
	Sem equivalência		HT031	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação I	60
	Sem equivalência		HT032	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação II	60
	Sem equivalência		HT033	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação III	60
	Sem equivalência		HT034	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IV	60
	Sem equivalência		HT036	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VI	30

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Continuação da Resolução n° 04/00

fls. 17

Sem equivalência	HT037	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VII	30
Sem equivalência	HT038	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação VIII	30
Sem equivalência	HT039	Tópicos Especiais em Teoria da Comunicação IX	30
Sem equivalência	HT044	Técnicas Avançadas em Novas Mídias	60
Sem equivalência	HT045	Técnicas Avançadas de Rádio	60
Sem equivalência	HT030	Comunicação e Mercado	60
Sem equivalência	HT047	Técnicas Avançadas de Televisão	60
Sem equivalência	HT048	Comunicação e Política	60
Sem equivalência	HT049	Comunicação e Gênero	30
Sem equivalência	HT050	Tópicos Especiais em Comunicação e Tecnologia	60
Sem equivalência	HT051	Tópicos Especiais em Comunicação, Sociedade e Cultura	30
Sem equivalência	HT052	Comunicação e Cultura	60
Sem equivalência	HT053	Comunicação e Saúde	30
Sem equivalência	HT054	Comunicação e História	30
Sem equivalência	HT055	Tópicos Especiais em Comunicação e Linguagem	60
Sem equivalência	HT056	Comunicação e Educação	60
Sem equivalência	HT091	Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento I	60
Sem equivalência	HT093	Comunicação Popular e Alternativa	60
Sem equivalência	HT094	Comunicação e Arte	30
Sem equivalência	HT095	Análise do Discurso	30
Sem equivalência	HT096	Teoria da Interpretação	30
Sem equivalência	HT097	História do Cinema	60
Sem equivalência	HT098	Cinema I	60
Sem equivalência	HT099	Cinema II	60
Sem equivalência	HT105	Laboratório Avançado de Radiojornalismo I	60
Sem equivalência	HT106	Laboratório Avançado de Radiojornalismo II	60
Sem equivalência	HT107	Laboratório avançado de Telejornalismo I	60
Sem equivalência	HT108	Laboratório avançado de Telejornalismo II	60
Sem equivalência	HT111	Tópicos Especiais em Teoria do jornalismo I	60
Sem equivalência	HT112	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo II	60
Sem equivalência	HT114	Tópicos Especiais em Teoria do Jornalismo IV	30
Sem equivalência	HT126	Documentário Audiovisual I	60
Sem equivalência	HT127	Documentário Audiovisual II	60
Sem equivalência	HT128	Produção de Audiovisual	60
Sem equivalência	HT130	Administração de Empresas Jornalísticas	60
Sem equivalência	HT131	Assessoria de Imprensa I	60
Sem equivalência	HT132	Assessoria de Imprensa II	60
Sem equivalência	HT142	Telejornalismo II	60
Sem equivalência	HT143	Telejornalismo III	60
Sem equivalência	HT149	Telejornalismo I	60
Sem equivalência	HT152	Jornalismo Impresso Avançado II	60
Sem equivalência	HT161	Jornalismo Investigativo I	60
Sem equivalência	HT162	Jornalismo Investigativo II	60
Sem equivalência	HT163	Radiojornalismo Avançado III	60
Sem equivalência	HT164	Redação Jornalística IV	60
Sem equivalência	HT165	Redação Jornalística V	60
Sem equivalência	HT166	Redação Jornalística VI	60
Sem equivalência	HT167	Redação Jornalística VII	60
Sem equivalência	HT168	Redação Jornalística VIII	60
Sem equivalência	HT169	Radiojornalismo Avançado I	60
Sem equivalência	HT171	Jornalismo Especializado I	60

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO -
 CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
 Continuação da Resolução n° 04/00

fls. 18

Sem equivalência	HT172	Jornalismo Especializado II	60
Sem equivalência	HT173	Jornalismo Especializado III	60
Sem equivalência	HT174	Jornalismo Especializado IV	60
Sem equivalência	HT175	Jornalismo Especializado V	30
Sem equivalência	HT176	Jornalismo Especializado VI	30
Sem equivalência	HT177	Jornalismo Especializado VII	30
Sem equivalência	HT178	Jornalismo Especializado VIII	30
Sem equivalência	HT180	Fotodocumentarismo I	60
Sem equivalência	HT181	Fotodocumentarismo II	60
Sem equivalência	HT182	Fotojornalismo II	60
Sem equivalência	HT183	Fotojornalismo III	50
Sem equivalência	HT184	Fotojornalismo IV	60
Sem equivalência	HT185	Teledocumentarismo II	60
Sem equivalência	HT186	Radiojornalismo Avançado II	60
Sem equivalência	HT264	Produção Publicitária em Audio II	30
Sem equivalência	HT265	Produção Publicitária em TV e Cinema II	30
Sem equivalência	HT266	Pesquisa de Marketing	30
Sem equivalência	HT275	História do Desenho Gráfico	30
Sem equivalência	HT277	Criatividade em Planejamento	30
Sem equivalência	HT279	Administração em Publicidade e Propaganda	30
Sem equivalência	HT287	Introdução ao Desenho de Produtos Multimídia	30
Sem equivalência	HT288	Programação de Veiculação	30
Sem equivalência	HT293	Tópicos Especiais em Marketing I	30
Sem equivalência	HT294	Tópicos Especiais em Marketing II	30
Sem equivalência	HT318	Tópicos Especiais de Comunicação Pública	30
Sem equivalência	HT319	Tópicos Especiais em Estudos Organizacionais	60
Sem equivalência	HT330	Comunicação Empresarial	60
Sem equivalência	HT331	Comunicação e Marketing	60
Sem equivalência	HT333	Comportamento humano nas Organizações	60
Sem equivalência	HT341	Técnicas de Relações Públicas I	30
Sem equivalência	HT342	Técnicas de Relações Públicas II	30
Sem equivalência	HT345	Técnicas de Relações Públicas V	60
Sem equivalência	HT346	Técnicas de Relações Públicas VI	60
Sem equivalência	HT352	Tópicos Especiais em Relações Públicas II	60
Sem equivalência	HT353	Tópicos Especiais em Relações Públicas III	60
Sem equivalência	HT354	Tópicos Especiais em Relações Públicas IV	60
Sem equivalência	HT355	Tópicos Especiais em Relações Públicas V	60
Sem equivalência	HT356	Tópicos Especiais em Relações Públicas VI	60
Sem equivalência	HT357	Tópicos Especiais em Relações Públicas VII	60
Sem equivalência	HT401	Laboratório Avançado de Jornalismo Impresso	120
Sem equivalência	HT402	Laboratório Avançado de Fotojornalismo	120

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo : Pioneira, 1999 (2ª ed.).
- ANDRÉ, M. **Etnografia e prática escolar**. Campinas: Papirus, 1999 (3ª ed.).
- APARICI, Roberto. *La educación para los medios en tiempos de neoliberalismo*. España, 1997?, 13pp.
- ARTUSO, Alysson Ramos. **O uso da hipermídia no ensino de física: possibilidades de uma aprendizagem significativa**. UFPR, Curitiba: dissertação de mestrado, 2006. Orientadora: Profª Drª Gláucia da Silva Brito.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Título original: *L'Analyse de Contenu* (Presses Universitaires de France, 1977). Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2004 - 3ª ed. 223pp.
- BAITELLO Júnior, Norval. **O corpo como mídia**. In: Cleide Riva Campelo Bastistuzo (Org.) *Cal(e)idoscorpos*. São Paulo: Annablume, 1997.
- _____. **A Mídia antes da Máquina**. In: JB ONLINE, CADERNO IDÉIAS. Sábado, 16 de outubro de 1999.
- BARROS, Antonio Texeira de; DUARTE, Jorge Antonio Menna; MARTINEZ, Regina Esteves (Org.). **Comunicação: discursos, práticas e tendências**. São Paulo : Rideel; Brasília : UniCEUB, 2001. 285 pp.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens**. Petrópolis : Vozes, 1983. 9ª ed. 120 pp.
- BOURDIEU, Pierre. **A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. Trad. de Aparecida Joly Gouveia. Original: *L'école conservatrice. Les inégalités devant l'école et la culture*. *Revue française de sociologie*, Paris, 7 (3), 1966, p. 325-347.

BRITO, Gláucia da Silva & PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias: um (re)pensar**. Curitiba: IbpeX, 2006.

____. **Educação, professor e novas tecnologias: em busca de uma conexão real**. Curitiba: Protex, 2003.

BUENO, Natália de Lima. **O Desafio da Formação do Educador para o Ensino Fundamental no Contexto da Educação Tecnológica**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Orientadora: Prof^a Dr^a Sônia Ana Charchut Leszczynski. Curitiba, 1999. 239pp.

BUENO, Natália de Lima & BRITO, Gláucia da Silva. **Comunicação e tecnologia: da limitação à delimitação nos cursos de comunicação social**. UTFPR, *in*: Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, Curitiba : UTFPR, 2005.

CALDAS, Graça. **Ensino de Comunicação no Brasil, panorama e perspectivas**. *In*: Retrato do ensino em comunicação no Brasil. Organizado Cicília Maria Krohling Peruzzo e Robson Bastos da Silva. São Paulo Taubaté: Intercom UNITAU, 2003, p. 15-27, Coleção Intercom de Comunicação, v. 16. Disponível em: [<http://hdl.handle.net/1904/8383>].

CALDAS, Graça; CAPRINO, Mônica. **Formação do jornalista e reforma curricular: a experiência da Metodista**. *In*: Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 23, n. 2, 2005, pp. 101-117.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. *In*: Teoria & Educação : Porto Alegre, nº 2, pp. 177-229, 1990.

COSTELLA, Antonio F. **Comunicação – do frito ao satélite: história dos meios de Comunicação**. 4ª ed. Campos do Jordão : Ed. Mantiqueira, 2001.

DEMO, Pedro. **Nova mídia e educação: incluir na sociedade do conhecimento**. UnB, 2005. Disponível no endereço [http://telecongresso.sesi.org.br/templates/capa/TextoBase_4Telecongresso.doc], em 18/06/2007.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2005. Título original: *The Idea of Culture*. Blackwell Publishing Ltd., Oxford, 2000.

FAPESP, Agência. **Tecnologia no Brasil ainda tem longo caminho a percorrer**. 10/08/2005. Endereço eletrônico: [<http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=010175050810>], acessado em 26/06/2007.

FÉDER, João. **A Universidade e a Comunicação**. Curitiba, 1982.

FERNANDÉZ, Raimundo Cuesta. **Sociogénesis de una disciplina escolar: la Historia**. Pomares-Corredor : Barcelona, 1997. 385pp.

FIOLHAIS, Carlos e TRINDADE, Jorge. **Física no computador: o computador como uma ferramenta no ensino e na aprendizagem das ciências físicas**. Ver. Brasileira de

Ensino de Física. São Paulo, vol. 25, n. 3, p. 259-272, sep. 2003. Endereço eletrônico: [<http://www.sbfisica.org.br/rbef>] e [http://pcsbfl.sbfisica.org.br/rbef/pdf/v25_259.pdf], acessado em 17/08/2007.

FRANCO, Maria L. P. Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2ª ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª ed., 23ª reimpressão, 1994.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo : Scipione, 2004.

GAMA, Ruy. **A tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

GAMBOA, Silvio Sánchez; SANTOS Filho, C. **Quantidade-Qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica**. In: Pesquisa Educacional: Quantidade-Qualidade. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002. v. 1. 111 p

GIL, Antonio Carlos. **Didática do ensino superior**. São Paulo : Atlas, 2006.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Trad. Atílio Brunetta.

HOLSTI, O. R. *Content analysis for the social sciences and humanities*. Reading, Mass., Addison-Wesley, 1969.

HOUAISS, Dicionário da língua portuguesa. “Tecnologia”. Portal Universo *On-line* (UOL), 2000. Disponível no endereço: [<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=tecnologia&stipe=k>], consultado em 10/08/2007.

JACQUINOT, Delaunay, Geneviève. (1995). *De la nécessité de rénover l'éducation aux médias*. Revue Communication, Vol.16, nº 1, pp. 19-35. Québec : Université Laval.

JC, **Jornal da Ciência**. 13 de maio de 1999 - No. 1277 - Notícias de C&T - Serviço da SBPC. Endereço eletrônico: [<http://www.ime.usp.br/~song/diretor/estagio-docencia-sbpc.html>], consultado em 17/01/2008.

_____. **Novas tecnologias, novas competências**. Tradução: Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. Publicação no Brasil no prelo *in*: Educar em Revista, Curitiba : Editora UFPR. Artigo inédito dando seguimento à comunicação no 8º Colóquio Brasil- França, do Instituto da Comunicação e Meios de comunicação social (Universidade Stendhal), os dias 29 e 30 de Setembro de 2006.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e à distância**. Campinas: Papirus, 2003.

- KENSKI, Vani Moreira. **O papel do professor na sociedade digital**. In: CASTRO, Amélia Domingues e CARVALHO, Anna Maria P. (Orgs.). *Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, pp. 95-106.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Trad. de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre : Artmed; Belo Horizonte : Ed. UFMG, 1999.
- LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002. 328pp.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 5ª Reimpressão: 2005. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000. Título original: *Cyberculture*. Éditions Odile Jacob, 1997.
- _____. **As tecnologias da inteligência**. Título original: *Les technologies de l'intelligence*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. 208p.
- LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 1985.
- _____. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. Trad. de Juarez Guimarães e Suzanne Felicie Léwy. 5ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU: 1986.
- LUNDRÉN, Ulf P. **Teoría del Currículum y Escolarización**. Madrid: Ediciones Morata, 1997 (1ª ed.: 1992).
- MACEK, Jakub. **Defining Cyberculture**. 2005. Disponível no endereço: [http://macek.czechian.net/defining_cyberculture.htm], consultado em 23/09/2007. Original tcheco disponível em *Média a realita* (editado por Binková, P. – Volek, J., Masaryk University Press, 2004). Tradução do original tcheco para inglês por Monika Metyková e Jakub Macek.
- MATTEDI, José Carlos. **Cronograma de implantação da TV digital prevê início das transmissões em dezembro de 2007**. Agência Brasil, 2006. Disponível no endereço [<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/10/10/materia.2006-10-10.1490371255/view>], em 20/06/2007.
- MARTINO, Luiz C.; HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2001.
- MEDEIROS, José Adelino; MEDEIROS, Lucília Atas. **O que é tecnologia**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MELO, José Marques de. **A Comunicação na pedagogia de Paulo Freire**. In: *Teorias da Comunicação na América Latina*. Petrópolis : Vozes, 1998, pp. 258-283.

- ____. **Identidade do campo da comunicação: estratégias para sair do gueto acadêmico.** *In:* Comunicação: discursos, práticas e tendências. BARROS, Antonio Texeira de; DUARTE, Jorge Antonio Menna; MARTINEZ, Regina Esteves (Org.). São Paulo : Rideel; Brasília : UniCEUB, 2001.
- McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem (*understanding media*).** São Paulo: Cutrix, 2005.
- TESTAMENTO de Alfred Nobel.** Paris, 27 de novembro de 1895. Disponível no endereço [http://www.nobelpreis.org/portugues]. Consultado em 04/02/2008.
- PATTON, M. Q. ***Qualitative evaluation and research methods.*** 2ª ed. Newbury Park: Sage Publications, 1990.
- PAVLÍK, John. **O impacto das novas tecnologias da informação na prática do jornalismo.** *In:* Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 23, nº 1, 2006, pp. 139-149.
- PERUZZO, C.M.K. Tópicos sobre o ensino de Comunicação no Brasil. *In:* **Retrato do ensino em Comunicação no Brasil.** Org.: PERUZZO, Cicília Maria Krohling e SILVA, Robson Bastos da. São Paulo, Taubaté : Intercom UNITAU, 2003. pp. 119-135. Coleção Intercom de Comunicação, v. 16. 85-88537-06-0.
- SANCHO, Juana María (Org.). **Para uma tecnologia educacional.** Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre : ArtMed, 1998.
- SANCHO, Juana María; HERNÁNDEZ, Fernando. **Tecnologias para transformar a educação.** Trad. De Valério Campos. Porto Alegre : Artmed, 2006.
- SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano : da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo : Paulus, 2003.
- SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, Currículo e Didática: problemas da unidade conteúdo/método no proceso pedagógico.** Campinas, SP : Autores Associados, 1994. (Coleção educação contemporânea)
- SILVA Jr, João dos Reis. **Novas faces da Educação Superior no Brasil.** 2ª ed. rev. Bragança Paulista : Cortez, USF-IFAN, 2001.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** Contato (Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Cultura), Brasília: Senado Federal, Gabinete do Senador Artur da Távola, ano 1, nº 2, jan./mar. 1999 (versão eletrônica: www.senado.gov.br/web/senador/tavola/tavola.htm)
- SOARES, Suely Galli. **Educação e comunicação : o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação : otimismo exacerbado e lucidez pedagógica.** São Paulo : Cortez, 2006.
- STIEGLER, B. ***La Technique et le Temps. La Faute d'Epiméthée.*** Paris: Galilée, 1994.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação: novas ferramentas**. São Paulo : Érica, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, Milton. **Para uma filosofia da tecnologia**. São Paulo: Editora Alfa Ômega Ltda., 1994.

VIEGAS, Waldyr. **Fundamentos lógicos da metodologia científica**. Brasília : Ed. UNB, 2007. 242pp.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília : Ed. UnB, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa : como ensinar**. Porto Alegre : ArtMed, 1998.